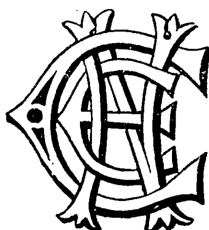
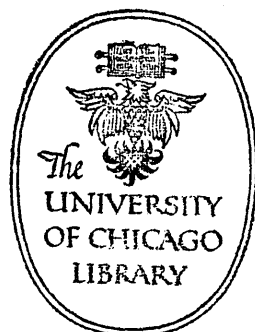
T. LINO D'ASSUMPÇÃO

FRADES E FREIRAS

(CHRONIQUETAS MONASTICAS)



LISBOA
Typ. da Companhia Nacional Editora
50, Largo do Conde Barão, 50
1893


The
UNIVERSITY
OF CHICAGO
LIBRARY

PROLOGO

Sinistro espectaculo o da morte da ultima freira de qualquer mosteiro! Emquanto ella agonisa, ao murmurio dos psalmos recitados de má vontade por um capellão mercenario, vão gemidos e lamentos, pelos corredores, das servas e pupillas que se vêem no limiar do desamparo, sem saberem o que será d'ellas no dia immediato ao do fallecimento da velhinha, que comsigo leva á cova a instituição que as albergava e lhes dava alimento; e cá fóra, adejam sem dó nem pejo dezenas de inconfessaveis cubiças, esperando, com ancia mal contida, que o dobrar funebre do unico sino que resta, annuncie a extincção do mosteiro.

Talvez seja para acirrarem essas cubiças, sempre d'alcatea, que as velhas monjas teimam em viver longos annos, impacientando as associações jesuiticas, os prelados diocesanos, os *Proprios Nacionaes*, e até algum colleccionador retardatario. Mal, porém, ellas exhalam o ultimo alento, todos abatem o vôo sobre o espolio n'uma lucta hedionda de quem mais apanha. A titulo de objectos reservados ao culto — que continua pobre e desprestigiado como até alli — os prelados levam todas as alfaias ricas, fazendo a sua ignorancia,

em materia de arte, com que muitas preciosidades — que não são de ouro ou prata — se escôem pela malha, para os museus nacionaes. Os jesuitas encontram sempre um governo que, se já anteriormente lhes não deu o edificio, lh'o dará para elles ahi introduzirem, com varios nomes, essas congregações de mulheres que, com habitos diversos sem sciencia nem consciencia, vão pervertendo o caracter e o espirito de nossas filhas, tornando-as doceis instrumentos das vontades, caprichos e fantasias, dos futuros directores espirituaes. Aos *Proprios Nacionaes* só lhes resta respigar na ceara que aquelles dois já emmedaram ou debulharam; e quando não são sufficientemente cuidadosos ou habeis, ainda o colleccionador lhes leva os restos da louça ou do mobiliario que as freiras não deram ou venderam emquanto vivas.

Para se chegar a este resultado não valeu a pena ao regimen liberal ter promulgado uma lei de restricção da liberdade de associação e da de consciencia, abolindo as ordens religiosas. A logica dos principios liberaes e das tendencias dos actuaes governos seria o restabelecimento da vida conventual e monastica para depois termos o direito de legalmente ir tomar contas ás legiões de homens e mulheres que se arregimentassem.

*

* *

Tenho observado que não ha nada que desperte a curiosidade mundana como o interior d'um mosteiro; quer a tradição local seja a d'uma stricta observancia das antigas regras, como foi, entre outros, o de Santa Martha, de Lisboa; quer as linguas viperinas

apregoem, mais ou menos adulterada, a fama de antigos escandalos, como aconteceu com o convento da Conceição, de Beja, aberto ao culto de todas as divindades pagãs, onde as vestaes, por mais d'uma vez, deixaram extinguir-se o fogo sagrado, sem que baixassem vivas á cova, em que expiavam culpas identicas as *Normas* druidas.

Verifico esta curiosidade, todas as vezes que funcções officiaes me levam a entrar nas clausuras já violadas, tal é sempre a quantidade de sollicitações que me são dirigidas para que consinta em levar na minha companhia algum d'esses curiosos de passadas instituições, hoje em ruinas. Nunca annui aos pedidos; não por intenção de ser desagradavel, mas por mero sentimento de delicadeza para com as senhoras, que quasi sempre ficam, depois de extincto o mosteiro, errando pelos corredores sombrios, ou chorando as incertezas do futuro no retiro de pobres cellas.

Em geral, os mosteiros, na actualidade, pouco teem que ver. São sempre os mesmos corredores sem luz, apezar das suas vastas janellas rasgadas nos topos; paredes longas forradas de alto a baixo de armarios, caixas e arcas de todos os feitios e tamanhos, onde residem milhões d'insectos, reduzindo a caruncho as resistentes madeiras; o mesmo abandono do antigo dormitorio; a mesma ruina nas casas humidas do capitulo; similhantes as arrumações heterogeneas nos refeitorios, onde outr'ora se reuniam centenas de freiras; identica a profusão de pequenos altares nos coros, de nichos pelos recantos, de velhos e negros quadros nos vãos das portas, em frente dos quaes bruxuleam fracas luzes em lampadas embaciadas ou lanternas cobertas de pó, que se não é o pó dos seculos,

é já com certeza o pó de muitos lustros; e tudo isto no ambiente d'um bafio humido. Não se encontram, na maioria dos casos, nem livros completos, nem quadros de valor, nem louças raras, porque o que havia de ha muito existe á venda por essas lojas de ferro velho, que a policia não incommoda, indagando da proveniencia das preciosidades expostas, ou a recato em casa dos colleccionadores, que estiveram nas boas graças das ultimas abbadessas. Das pupillas de vozes suavissimas, que fizeram outr'ora o encanto de peraltas, peralvilhos, franças e janotas, as que não sairam da clausura pela porta do casamento, ou saltaram pelo muro da cerca para o abysmo da vida airada, arrastam-se velhas e tropegas das cellas para o coro, e a custo, e sem firmeza nem brilho, as vozes fanhosas entoam uma tremula *Tota pulchra*, no fim de *completas*, e os dedos torcidos pela gotta mal acertam as notas do acompanhamento d'um *Tantum ergo*, no orgão empoeirado. Se uma ou outra, saudosa das passadas éras, em que sólo cantado por ella attrahia á egreja a flor da moda, ainda tinge o cabello com agua circassiana, o caso é raro, e a generalidade conforma se religiosamente com os cabellos brancos, alguns tão brancos como a touca que os contém.

Nas cercas anda perdida a agua; destruidos os canteiros; obstruidas as fontes; sequiosos os pomares; e a natureza começa a readquirir os seus fóros d'expansão silvestre.

Tudo é velhice e decrepitude; tudo attesta uma instituição que passou, e que debalde se pretende revivificar.

Apesar, porém, d'estas exterioridades de similhança no envelhecer, a vida intima varia em todos elles,

como com a mesma regra, outr'ora, o viver era dissimilhante; e nos ultimos tempos podemos considerar essa vida como um reflexo da da abbadessa, se é que esta, já de si, não era uma resultante dos vicios ou virtudes tradicionaes.

Com os documentos escriptos, com a tradição local e observação propria esboçarei a traços largos, mas tão fundos quanto possivel, embora o colorido seja ingenuo e primitivo, o que em alguns mosteiros foi em tempos que já lá vão, ou era ainda ha poucos dias a vida monastica. Com a mera citação dos factos veremos que muitas casas conventuaes não passavam de simples hospedarias ao divino, e que o que se extinguiu em Portugal não foram as ordens religiosas, porque de ha muito se tinham suicidado, desprezando a regra dos instituidores, pervertendo o espirito monastico que lhes dera origem e organisando-se á feição da egreja romana, cujo exemplo seguiram abandonando a communhão christã, como esta fez no dia em que o pobre bispo de Roma renegou de Christo intitulando-se: *Supremo Pontifice.*

UMA ABBADESSA ESQUARTEJADA

As ultimas monjas de S. Bento, de Evora, de ha muito que repousam na sua derradeira morada, e a egreja do mosteiro benedictino, uma das mais curiosas, pelos seus originalissimos azulejos, d'aquelle grande museu alemtejano de raridades archeologicas e artisticas, jaz fechada ao culto. Acabaram-se alli as orações e o excellente doce de laranja, especialidade da casa, havendo quem tenha mais saudades d'este do que das orações; porque o alludido doce fôra alli de uma manipulação especial, cujo segredo era transmittido com cuidados meticulosos de seculo para seculo, afim de se conservar em inexcedivel apuro.

Ainda existiam as ultimas freiras quando alli estive, e, como não entrasse no convento, contentei-me em examinar os azulejos da egreja, onde em bom mas anachronico desenho e composições de toque espirituoso, está contada a vida de S. Bernardo, esse asceta terrivel, para cuja prodigiosa e intolerante actividade o mundo fora tão pequeno como acanhada a clausura de *Clairvaux* onde elle abrigou pae, mãe, parentes e amigos.

Ainda um dia hei de contar essa vida, que tantas lagrimas e sangue fez derramar á humanidade, segundo o pintor dos azulejos que, em compensação, tanto nos faz rir.

A ida a S. Bento de Castris, a pé, por um dia de sol quente, nada tem de agradavel, visto que o caminho se desenvolve estreitamente por entre muros e vallados; mas, chegados que somos ao comoro sobre que assenta o edificio, damos por bem empregada a pequena fadiga, porque podemos desafogadamente gosar um dos mais extensos e variados panoramas do medio Alemtejo.

Proximo, á direita, agglomera-se Evora, apertada na sua dupla linha de eucalyptos escuros e sombrios, guardas funebres d'uma cidade branca, de telhados quasi sem ponto, como quem não tem que luctar com os gelos, e recordando terraços d'uma cidade do mediterraneo. No primeiro plano, em baixo, avulta o quadrilatero pesado do theatro, cuja architectura faz lembrar, applicavel ao architecto, um dictado portuguez em que figura um sapateiro e um rabecão. Mais além o espigão do telhado do convento de S. Francisco cobrindo as ogivas d'essa veneranda ruina dia a dia mais sulcada de rachas e carcomida. Lá no alto, dominando o enxame de casas, o zimborio e uma das torres azulejada da Sé, onde o sol põe brilhos de reflexos metallicos. No descimento do morro, para o norte, a torre de Sertorio, velho vestigio medieval, velando sobre as ruinas do solar dos Bastos, e servindo hoje, não de vigia contra as surprezas da campina, mas de atalaya registadora dos phenomenos athmosphericos; mudou de destino porque em vez de estender os olhos pela terra fóra tem que os elevar ao firmamento. Em vez de grossas pedras de arremesso, de caldeirões cheios de pez e resina que facilmente se podiam derreter e derramar em chammas sobre os assaltantes, pelos buracos dos machiculis, tem alli barometros, thermometros, pluvimetros e outros delicados instrumentos de previsão, para estudos meteorologicos; em vez da outrora sentinella vigilante, dia e noite melancolicamente encostada á lança, ou com anciedade preparando a bés-

ta, um guarda que alli sóbe duas vezes por dia a ler nos instrumentos a sua graduação e a verificar se o ceu está sem nuvens ou de que lado o vento as impelle. Depois a coma das azinheiras e pinheiros atravessada pelos zig-zags da arcaria do aqueducto; a frontaria da graciosa egreja da Cartuxa dos frades de S. Bruno, os ultimos que tiveram entrada n'estes reinos; a do Espinheiro, e os campos limitados pelas longas curvas da serra d'Ossa, d'um fundo cinzento e ennevoado; e lá além: primeiramente o castello de Evora-Monte, onde terminou o absolutismo real, e depois, mais á esquerda, Arrayolos e ao sul um fundo formado pelas serras de Portel, Vianna e Alcaçovas.

Confessemos que não póde haver panorama mais formoso pelo lado da extensão solemne, pela harmonia da tonalidade, pela transparencia da athmosphera e que depois de ter encantado o artista, se torna immensamente suggestivo pelo lado historico. Percorrendo-o com a vista podemos recordarnos desde os homens vivendo quasi como feras, entrando de rojo para essas antas de que se avistam vestigios, até os da convenção d'Evora-Monte, que marcaram, por meio d'uma assignatura extorquida pela força do vencedor, o fim d'uma era politica e o começo da que hoje vamos atravessando, e que mal se arrasta d'encontro a outra cujos rugidos sedentos já se ouvem ao longe. A civilisação romana com o que teve de mais elegante a sua arte inspirada dos gregos, e de força a sua industria da fortificação; a energia e ferocidade medieval tanto de reis como de povos, com a sua architectura tão ligeira como grosseiros eram os costumes; a delicadeza e rendilhados da renascença; as industrias pastoris lembrando nas alfaias os gostos e processos mouriscos, cujas intenções ainda hoje admiramos na parte decorativa de muitos artefactos caseiros, tudo vem ao nosso pensamento, com a recordação das grandes tragedias da historia real, ao passarmos

a vista sobre cada um dos monumentos que eriçam o sólo eborense. Collocada no centro da provincia do Alemtejo, Evora, conseguiu tornar-se o ponto convergente da actividade regia, e ao mesmo tempo o foco da enorme expansão da vida nacional, logrando conservar um cunho regional singular e fundamentalmente caracteristico.

Foi n'este local em que nos achámos, escrevendo á lapis estas linhas, dizem uns; foi mais abaixo, alli na meia encosta do nordeste, apontam outros, que existiu a torre onde o forasteiro criminoso Giraldo Giraldes, o *Sem Pavor*, — para se remir de antigos crimes de malfeitor de estrada que o traziam a monte,— entrou de surpreza alta noute, auxiliado por alguns companheiros, matou o vigia e seu filho, tomou a cidade aos mouros e a entregou a Affonso Henriques, o qual, reconhecido por tal bravura, lhe perdoou, e eternisou o feito mandando-o assignalar no brazão da cidade.

Conta-se que o primeiro bispo d'Evora, depois d'esta ter sido tomada aos mouros, passando por este sitio em certa noute, viu brilhar uma luz com esplendor sobrenatural — facto que prejudica um tanto a tradição da existencia da torre — e desde logo, d'accordo com D. Maria Ximenes, resolveu a instituição d'uma casa religiosa, pelos annos de 1159; e sendo assim, é muito possivel que fosse aqui que primeiramente, em Portugal, existiu um nucleo de benedictinas. Mais de um seculo depois, a instituição alargou-se, convertendo-se a ermida em egreja e augmentou-se o mosteiro. A egreja, porém, só foi consagrada em 1328.

Como todos os mosteiros de S. Bento, em que predomina a preoccupação de se imitar o isolamento monachal, havia aqui um sem numero de habitações, em que viviam para cima de duzentas pessoas, chegando-se a reunir em communidade oitenta freiras. Hoje, se d'estas se conserva pouca memoria, existem comtudo nas ruinas curiosos documentos

das obras que mandaram executar, n'essa mistura curiosa dos restos architectonicos dos differentes seculos e varios estylos das epochas em que se realisaram augmentos, reconstrucções e modificações. Alli se encontra desde o capitel do seculo XIII ou XIV, ao varandim de 1825, columnas, portaes, escadarias, janellas, pilastras, gárgulas, florões e aduellas das varias epocas intermedias. É do seculo XVII o refeitorio de ha muito sem uso, em cujo tecto se vê uma representação allegorica de antigos elementos cosmicos, dos mezes, estações, etc., etc.

Aproveito a opportunidade para uma observação. Todas as regras das ordens religiosas, inclusivè as monachaes, cujo fundamento é o isolamento do individuo, e o egoismo da sua propria salvação, mandavam que a comida fosse em commum, reconhecendo os instituidores que se não podia acabar em absoluto com a caracteristica social do homem. Devia haver dois momentos no dia em que todos se vissem; em que se sentisse a vida; em que todos participassem do mesmo goso, embora em silencio, e com o espirito attento á licção dos livros sagrados, que um d'elles era obrigado a estar lendo. Pois é esta sociabilidade da hora da comida, que nós, todos os dias ainda procuramos, que as freiras abandonam assim que pódem, estabelecendo a comida nas cellas e a cozinha particular de cada uma. O caso é curioso; mas, no meu entender, prova mais uma vez o predominio da carne. Degenerado o espirito da instituição, perdidas as tradições do silencio e do isolamento, podendo-se todas encontrar, conversar e discutir a qualquer hora e em qualquer local, era bom que a comida completasse a obra de desorganisação, e que fosse não um alimento indispensavel dado ao corpo em commum, mas um goso particular, em que cada uma procurasse para o seu paladar os prazeres que talvez não encontrasse no refeitorio da communidade.

Por sobre a porta da crasta venerava-se um quadro da *Annunciação*, finamente pintado em seis azulejos, que hoje se podem admirar no museu da bibliotheca d'esta cidade, onde existem emmoldurados.

Conta Fernão Lopes, que as moradoras d'este mosteiro tinham casa na cidade, aonde, ao tempo das guerras de D. João I, se recolhiam, por não se julgarem seguras em S. Bento; o que ainda assim de nada valeu á abbadessa D. Joanna Peres Ferreirim, que pagou com a vida uma pontinha de lingua mais comprida do que convinha em tempos mexidos, e a pecha de não ser genuinamente do partido do povo.

Foi o caso que, depois de tomado o castello da cidade pelo povo, em nome do mestre d'Aviz, e tendo partido os chefes da revolta para Lisboa, afim de se juntarem ás hostes do esperançoso heroe, a populaça ficou desenfreada, não obdecendo senão aos maus instinctos, que são innatos em todas as multidões, e praticando toda a sorte de desordens, desacatos e barbaridades. O que ha de selvagem no fundo de todas as turbas tinha irrompido, e a besta humana corria como fera pelas estreitas ruas de Evora, que atroava com seus gritos e ruidos d'armas.

Era lembrar-se um dos da corja clamar: *Vamos a Fuão matal-o e roubal-o!* e logo assim era feito, sem lhe valer nenhum dos grandes da cidade, posto que por elle se quizesse pôr.

A este tempo, como estava declarada a guerra entre Portugal e Hespanha, não guerra de rei contra rei, mas já de povo contra povo, de portuguez contra castelhano, as freiras refugiaram-se na cidade, e as chronicas contam que a abbadessa dissera: *Ex os bebados andam com suas bebedices, deixae-os vós que ainda elles mal hão de acabar por estas cousas que andam fazendo;* o que sabido dos amotinados, o seu chefe reconhecido, um tal Gonçalo Eannes Cabreira, exclamara:

— *Vamos matar a aleivosa da abbadessa que é parenta da rainha e sua criada.* Dito isto, demos a palavra a Fernão Lopes:

«E foram a logo buscar ás casas onde assim pousavam e não a acharam em ellas, que ella fôra ouvir missa com suas freiras á egreja cathedral d'esta cidade segundo havia em costume. Uma servidora da sua casa, quando viu que assim a buscavam, correu á pressa e foi á Sé dizer-lhe como a buscavam d'aquella maneira, e ella, com grão medo que houve d'elles a que defensão não esperava dever, leixou de ouvir missa e metteu-se no thesouro e tomou a copa em que vão a commungar e dizem que estava estonces o corpo de Deus consagrado, e tendo-a assim nas mãos abraçando-se com elle, os que a não acharam em casa foram na trigosamente buscar á Sé e em entrando todos com grandes brados de seu apellido que traziam *abite, abite*[1]. E como todos chegaram perguntaram por ella mostrando grande desejo de a achar, sairam estonces a elles Gonçalo Gonçalves que era d'ahi deão, e Mem Pires chantre e outros beneficiados para os desviarem da tenção que traziam e nunca tanto poderam dizer e prégar da parte de Deus e de Santa Maria, dizendo que lh'a leixassem por então e a não tirassem da egreja, que elles a teriam presa e bem guardada para se fazer d'ella direito. E se algum mal fizera ou dissera que nunca o fazer quizessem, nem isso mesmo as doridas preces d'ella poderam amansar a braveza d'aquelle sanhoso povo. Mas sem nenhuma reverencia do Senhor que nas mãos tinha, que os por então leixou usar do seu livre poder, por juizo a nós não conhecido, lhe tomaram o corpo das mãos e a tiraram fóra do thesouro: e levando-a assim antes que chegassem á porta da Sé, então lan-

[1] O sr. Gabriel Pereira propõe que se interpretem estas duas palavras pelo grito de *Aviz! Aviz!* interpretação muito plausivel para quem conhece a forma do *Z* nos velhos manuscriptos.

çou-se um d'elles a ella rijamente e levou-lhe o manto e as toucas fóra da cabeça e deixou-a em cabello sem outra cobertura. E indo mais adeante, antes que chegasse á porta principal lançou-se outro homem a ella e cortou-lhe as fraldas de todas as vestiduras, em tanto que lhe appareciam as pernas todas e parte dos vergonhosos membros. E assim a tiraram fóra da Sé deshonradamente e a levaram pela rua da Cellaria até á praça. Em aquelle logar lhe deu um d'elles uma cutilada pela cabeça de que caíu morta em terra e desde ahi os outros começaram de a cutilar por ella como lhe aprazia. E estonces a leixaram assim jazer na praça e foram comer e buscar outros desenfadamentos e cerca da noute vieram aquelles que a mataram e lançaram-lhe um baraço nos pés e levaram na até o Rocio, cerca do curral das vaccas e leixando alli aquelle deshonrado corpo: alguns que d'isso houveram sentido o tomaram de noute e sotterraram na Sé escondidamente, que d'outra guisa não eram ousados de o fazer de praça.»

Ha um chronista que affirma que os corajosos, que tiveram animo de dar sepultura sagrada ao ultrajado cadaver, foram os frades de S. Francisco, que o levaram para a sua casa do capitulo.

Afastemo-nos d'estas scenas selvagens, caracteristicas de uma épocha em que o povo não tinha senão o freio religioso para o conter nos seus impetos brutaes, e volvamos ao mosteiro, em épochas mais modernas, e penetremos de noite na sua cerca, uma das mais aprazíveis vivendas dos arredores de Evora.

Existiu n'esta cidade um feiticeiro, cujo nome a historia não conservou para a gente se acautellar com a geração, caso a prenda seja hereditaria, que, enraivecido com as madres, por motivos egualmente ignorados, resolvera envenenar as fontes donde ellas bebiam. Para isso penetrou na

cerca munido com a respectiva peçonha e preparava-se já para executar o maleficio, quando sentiu cairem-lhe nas costas duas bordoadas como de rijos cajados alemtejanos, que, manda a verdade que se diga, não são dos mais benignos quando se resolvem a entrar em acção. Quer reagir, mas não póde; as suas malasartes ficam sem effeito, as bordoadas succedem-se sem descanço, e taes e tantas que d'alli a pouco cahia por terra. Aos seus gritos acode gente, e encontrando-o inanime, o conduzem n'um carro para a cidade, como borracho á volta de romaria. Quando melhorou, já tinha perdido a vontade de envenenar as servas de Deus.

Estou vendo a anciedade do leitor em saber quem o desancou. É justo. Foram os santos patriarchas e abbades Bento e Bernardo, que em vez de passeiarem nos campos Elysios ou no monte Cassino, em Cluny ou nos coutos d'Alcobaça, alli vinham em as noites em que desciam do ceu á terra para tomar ar, e dar dois dedos de conversa livres da orchesta dos anjos e archanjos, das psalmodias de santas virgens e viuvas, e até dos canticos dos martyres e confessores. Enfastiava-os por certo aquella producção lyrica d'um Boito celeste. Passeiavam, pois, commentando, quem sabe, algum caso de Odivellas, quando foram surprehendidos por bulha de passos.

— Temos mouro na costa, diz S. Bento.

— Tambem, por cá? resmunga severo S. Bernardo.

— Escutemos, e nada de escandalo.

— Ai d'aquelle por quem o escandalo ao mundo vem; completa Bernardo, apertando significativamente o baculo.

Calaram-se e pozeram-se á espreita, e dando com o feiticeiro já prestes a lançar a peçonha na agua, applicaram-lhe a sova que durante longo tempo o teve em lençoes de vinho. De boa, pois, se livraram as madres, mercê dos rijos baculos dos seus patriarchas.

Contarei mais um milagre d'este convento.

Um dia appareceu lá dentro uma menina. Como? não se sabe; mas o certo é que appareceu, e dotada com duas linguas, como se uma já não fosse sufficiente para o uso e abuso do sexo fragil. Chamados medicos e entendidos, divergiram de opinião, como de costume, não só sobre a operação a fazer-se, como sobre qual das duas linguas se devia amputar. Na perplexidade e em ultimo recurso recorreu-se a S. Bento, que fez a operação do milagre, ou o milagre da operação, como escreveria um consciencioso chronista bernardo, e a menina achou-se, depois d'um certo numero de rezas e novenas apenas com uma lingua. O uso que d'ella fez com o andar dos tempos não consta das chronicas, nem o meu amigo Gabriel Pereira, que me poz na pista d'estes milagres, m'o quiz dizer; porque estou convencido que elle o sabe, como quem sabe tudo quanto tem succedido em Evora desde muito antes da épocha romana até os nossos dias. Que é opinião d'elle, que não foi só o mosteiro de S. Bento de Castris que teve o privilegio do apparecimento de creanças dentro da clausura. O que havia era mosteiros onde o caso representava uma raridade que causava horror; e outros, onde a piedade mais acostumada ás quedas humanas não soltava gritos.

No convento de Odivellas era frequente a sahida para banhos, para se evitar apparições d'aquella ordem. Entretanto conta-se que, em certa noite, foi tal o reboliço no convento, que a abbadessa, despertada do seu beatifico somno, mandou indagar o que era, e foi-lhe dito, entre espantos e benzidellas, que n'uma das cellas tinha apparecido uma creança recemnascida.

— É menina ou menino? perguntou ella.

— É um menino.

— Um menino! Jesus! É talvez o Menino Jesus!

E com este *mot de la fin* a espirituosa senhora, ordenou

que se não fizesse mais alarido, e deu ordem para que, com o maior segredo se fosse chamar uma profissional de cruzes á porta.

E, voltando-se para o outro lado, adormeceu sonhando, quem sabe, se com deliciosos peccados velhos, que são os melhores peccados d'este mundo.

Apenas a madre vigaria, uma velha rabugenta e que toda a sua vida fora feia a metter medo, é que resmungou lá de si para si; que havia occasiões em que os patriarchas deviam entrar no mosteiro e pôr em acção os cajados, como no caso do feiticeiro de Evora.

AS CLARISTAS DE BEJA

A fama que sempre teve o mosteiro da Conceição, em Beja, parece-me não corresponder realmente ao que devera ter sido, a julgar pelas ruinas que visitei. Das falladas grandezas — se é que existiram — só restam paredes denegridas, (em pleno Alemtejo!!) telhados caídos, eirados convertidos em matagaes, abobadilhas fendidas e uma egreja em adeantada ameaça de desabamento. Tudo isto, porém, nos tempos aureos de devoção freiratica, podia ter sido, senão grandioso, pelo menos grande; senão uma manifestação de arte, um producto da riqueza; mas nem isso! A egreja por fóra, excepção feita do entablamento terminado por um rendado gracioso, aberto na pedra, é uma pesada mole de cantaria escura, fechada em aboboda de angulo curvilineo, mas sem arcos ogivaes. Para esconder as pedras ou dar luzimento ao interior, foram as paredes revestidas de talha de madeira, dourada, mais apparatosa do que de bom gosto, e com altares, dos quaes apenas um se recommenda, por ser de mosaico marmoreo; especie de marchetado polychromo que os jesuitas introduziram entre nós, e que tanto lhes quadrava ao animo, por ser mais um trabalho de paciencia do que uma elevada concepção d'espirito artistico.

O templo, estreito e d'uma só nave, é cortado, a dois ter-

ços do seu comprimento, pelo côro em dois andares, com a frente fechada por um duplo gradeamento de malha miuda, no centro do qual, no pavimento inferior, se abre uma pequena porta de prata, por onde era ministrada a sagrada formula, em dias de communhão, afim de dar a paz e a tranquillidade ás peccadoras que, por altas horas da noite, davam entrada na clausura, pelas janellas mal gradeadas, aos alferes de cavallaria.

Não é isto para admirar, porque nos conventos muitas vezes existia a concomitancia dos dois amores; o divino e o humano; e tanto que nas *Cartas da Freira* ha reminiscencias dos extasis de Santa Thereza. Devo, porém, declarar que entre os livros *deixados* no convento pela ultima madre abbadessa não existiam as obras da mystica doutora, nem o livro do meu amigo Luciano Cordeiro. Quem sabe se a mesma mão que recentemente fez desapparecer do caderno das profissões umas poucas de folhas, não se alapardou com os livros cuja falta notei!

Nos annaes da vida alegre de freiras, Beja figura na tradição de par com Odivellas; e se aquellas tiveram menos visitas de reis, se elles não viveram dentro dos seus muros em sacrilega concubinagem com as madres trigueiras e travessas, em compensação não foram menos moderadas nos seus impetos amorosos a ponto de, passo a passo, chegarem a essa synthese do erotismo feminil nas apaixonadas expansões da lendaria Maria Anna d'Alcoforado, que se não é uma verdade historica, e um symptoma caracteristico.

Quem transpõe os humbraes da sombria portaria da rua dos Infantes, especie de atrio com frescos a zarcão, ocre e verde inglez, com roda pequena e carunchosa, e hoje que só quasi destinada ao serviço dos *morgados*, e ao canto, dando accesso ao locutorio, uma escada ingreme em frente á larga porta, por onde entravam as que nunca mais deviam

sair, encontra a mesma pobreza de arte do que pelo exterior, e uma flagrante ausencia de plano geral que tivesse presidido e ordenado a construcção do edificio.

Sem novello, ou desacompanhado de qualquer sobrevivente das antigas moradoras do mosteiro, todos se perderiam— e actualmente sem proveito algum, nem esperança de surpreza agradavel — n'aquelle labyrintho confuso, meandro, complicado de corredores, escadas, pateos, cubiculos, eirados e dormitorios, tudo cheio de hervas, tudo em ruinas ou quasi, que não despertam respeito nem suggerem idéa nenhuma do pittoresco, conjuncto ingrato á vista e que está pedindo prompta demolição em nome do aformoseamento da cidade e da pureza do seu ar, que os quintalejos e desvios immundos e cheios de lixo do mosteiro devem grandemente contaminar.

O camartello demolidor póde cair por alli ás cegas, que nada tem que poupar, nem que reservar, a não ser egreja... por ter sido considerada necessaria para o serviço do cabido!

E, comtudo essas freiras de que se contam pelos soalheiros alemtejanos tantas façanhas amorosas, tantas fugas movimentadas, inclusivè as da ultima abbadessa, que não quiz deixar perder a antiga fama do mosteiro, essas monjas que convertiam as vésperas de certas festividades religiosas em bacchanaes pagãs, de dentro dos altos muros fazendo sair ruidos atroadores do berreiro, que não conseguiam abafar os tambores, adufos, pandeiros e bombos, essas reclusas que ainda ultimamente passavam boa vida com chás nocturnos e galanterias mundanas, apezar de velhas e sem ter que dar ao mundo senão ossos angulosos e pelles encarquilhadas, tiveram uma instituição severa e uma regra — a de Santa Clara — apertada, cujo texto ainda conservavam magnificamente escripto em pergaminho, com illuminuras finissimas do seculo XVI, tendo desapparecido duas das principaes, que fo-

ram substituidas, uma por grosseira gouache, outra por uma pintura a oleo, graciosa e evidentemente do seculo XVIII, e que se póde vêr na Bibliotheca Nacionalde Lisboa, encadernado em velludo carmezim com fecharia de prata.

O que diria Santa Clara se visse a Regra do seu seraphico Patriarcha encerrada em velludos e lavores argentinos, ella, que pelo amor da pobreza absoluta e das mortificações perennes se atreveu a responder a Gregorio IX: «*Santo Padre, desidero essere assolta da' miei peccati e non gia dal seguir sempre la dottrina di Cristo*».

E já que fallo em livros, citarei entre os poucos existentes uma verdadeira preciosidade bibliographica, a *Vita Christi*, o primeiro livro impresso em Lisboa em 1495 pelos celebres impressores Nicolau de Saxonia e Valentim de Moravia, edição em pergaminho, unica que me conste existe hoje. Mas as pouco ledoras madres foram aproveitando algumas das folhas do precioso monumento para usos que não passaram ao conhecimento da posteridade... felizmente!

Nos primitivos tempos do mosteiro parece que a estreiteza da segunda ordem franciscana foi seguida á risca. A vida era em commum, separando-se as monjas umas das outras apenas quando a morte vinha abrir para alguma a escuridão do eterno claustro. Então as vivas estendiam o cadaver da defuncta sobre um tapete de fina lã e vivas côres, manufacturado por mãos mahometanas, e alli o levavam, amortalhado no habito preto e toucado alvo das claristas, entre psalmos, e talvez lagrimas, á ultima morada.

Se o antigo dormitorio não era a camarata da caserna, da casa do asylo ou dos nossos collegios *modelos*, pouco menos. Respeitava-se, porém, o pudor inherente á mulher. Ao longo de compridas salas, quasi sem luz, de tectos em tumba, — hoje apodrecidos e grosseiramente especados para não desabarem arrastando as paredes na queda, — corriam d'um

e outro lado grades de madeira, forradas de lona, divididas, contra as paredes com outras grades perpendiculares e de identico forro, constituindo cada divisão uma cella, sob o tecto commum, no respirar do mesmo ambiente. Depois, esta vida tão de todas, sem que nem nos momentos do repouso fosse absolutamente de cada uma, vida em que se não podia sequer expandir os suspiros da alma, sem despertar a soror visinha, e n'esta pensamentos de maguas fundas, ou ais escarninhos, foi sendo abandonada, e as filhas do Senhor começaram a estabelecer-se em *ses meubles*, occupando e construindo essa colmeia de cubiculos de todos os tamanhos e em todos os planos, com escadas, pateos, eirados e gelosias, onde por certo existiam esses moveis preciosos e loiças raras que o governo já não encontrou, mas que é de voz publica estarem cá por fóra adornando muitas salas e gabinetes de curiosos e colleccionadores que estiveram nas boas graças das velhas madres.

Depois acabou o refeitorio, cujo terreno fôra, e está, aforado por cento e cincoenta alqueires de trigo, e onde eram arrecadados os restos dos quatrocentos moios d'este cereal, que em tempo produziam as herdades do mosteiro, para sustento de mais de duzentas freiras e respectivo bando de pupillas e pessoal servente; e, por fim, o mosteiro, em vez de reproduzir a imagem do ceu, onde, banhados na luz etherea da Divindade, os predestinados vivem em intima communhão, começou a ser a genuina imagem cá da terra, senão a saleta do inferno. Alli cada freira vivia a seu modo, preparando uma bagagem de deliciosos peccados, que sem paragens pelo purgatorio, e sem as delongas da actual via ferrea, cuja velocidade vae de par com as carretas alemtejanas, fazia com que a alma désse entrada nas caldeiras de Pero Botelho muito antes que o cadaver, amortalhado no burel franciscano, resvalasse do tapete marroquino para a cova fria.

Quando S. Francisco instituiu as suas tres ordens, destinadas a dedicarem-se ao bem commum, em opposição com o egoismo monachal, que só tratava da propria salvação, mal pensava que das esteiras do primeiro capitulo geral, feito ao ar livre, se havia de chegar aos tapetes orientaes, e que as filhas portuguezas da sua segunda ordem se dedicariam demais á consolação dos peccadores. Elle diria, com o seu meigo sorriso de poeta inebriado n'esse seu adoravel pantheismo: «Isso agora é demais, filhas; amemos, sim, o Creador e as creaturas... mas fiquemos castos!» E frei Bartholomeu dos Martyres, outro mendicante, acrescentaria *in petto,* se o ouvisse: «E não podendo ser assim, sejam cautas!»

Na rapida visita pelo velho edificio e seus arruinados casarões, nada houve que nos detivesse mais tempo do que o preciso para um relancear de olhos, que os formosissimos azulejos, de grande variedade de desenhos e brilhantissimos esmaltes, que forram as paredes, e alguns até o chão, das principaes officinas d'aquella casa religiosa, e uma bem esculpida imagem de Nossa Senhora das Dôres, que existe n'uma maquineta d'um dos córos, creio que no de cima.

A casa do capitulo, com o seu Christo enorme, está servindo de arrecadação. Ultimamente, já ninguem ia puxar pela grossa corda, que da torre atravessa as abobadilhas até meio d'um corredor, para chamar a capitulo... não havia a quem chamar!

Os peritos da Academia das bellas artes recolheram no edificio [1] alguns azulejos dispersos, duas ou tres jarras de loiça antiga, que se recommendam mais pelo feitio bizarro do que pela qualidade da porcelana, um velho caixote desmantelado, por ter a *raridade artistica* de ser de ebano, e

[1] As pratas e objectos de valor achavam-se já no paço episcopal, e na repartição de fazenda, onde foi feita a escolha.

tres baculos abbaciaes de pau santo... porque tudo quanto de santo houve n'aquelle mosteiro creio que era de pau.

E se o leitor quer verificar a verdade das minhas asserções acompanhe-me durante uma hora, por um seculo da historia d'este mosteiro escripto pelas mãos insuspeitas dos mais conceituados franciscanos, e verá como a verdade fica aquem do que escrevo.

*

* *

Abrangem mais de um seculo os livros das visitações, actas e patentes d'este mosteiro, pois que vão dos fins do primeiro quartel do seculo XVIII para além do primeiro do seguinte.

Succediam-se os ministros provinciaes com as suas visitações ordinarias, repetiam-se as visitas extraordinarias, e constantemente se advertiam as mesmas faltas, se condemnavam as mesmas irregularidades e se erguia aterradora a ameaça da excommunhão maior contra os mesmos delictos. Tudo, porém, era em vão, e a mesma vida defeituosa, desregrada e anti-monastica se reproduzia de geração em geração, como se fôsse um mal hereditario na mesma familia, que se ia aggravando, como essas molestias inficciosas de que são victimas certos hospitaes, sem haver antisepsia que os purifique. O relaxamento chegara ao seu auge e a familia franciscana da Conceição, de Beja, nem sequer já o antigo habito conservava, tão adulterado o trazia com accomodações e atavios mundanos.

Ha quem acredite na predestinação, e a Igreja admitte a doutrina, por isso julgo o mal d'aquelle mosteiro fundamental, e as monjas como predestinadas á relaxação da regra, visto que nos tempos aureos da fundação foi preciso modificar a severidade dos preceitos de Santa Clara.

É sabido que El-rei D. Affonso V e seu irmão, o infante

D. Fernando, impetraram do papa Pio II o primeiro breve da fundação da Conceição de Beja, em 1459, para freiras capuchas; o qual veio commettido ao bispo d'Evora, para que o executasse e desse o habito proprio a Oussanda e suas companheiras, irmãs terceiras de S. Francisco, assistisse ás profissões e elegesse por abbadessa a mesma Oussanda, caso a achasse idonea para o cargo; mas morrendo esta *e não havendo quem quizesse seguir o seu bom exemplo e de suas companheiras e professar tão rigorosa pobreza*, os sobreditos doadores alcançaram de Paulo II outro breve de fundação para urbanas. Este novo breve, datado de Roma a 21 de dezembro de 1469, veio commettido ao arcebispo de Lisboa, por estar então em Roma o bispo d'Evora, com faculdade de lançar o habito e admittir á profissão não só as donzellas e virgens, mas tambem outras devotas e religiosas mulheres que tivessem vocação, e para eleger uma d'ellas por abbadessa. Accorda ao mosteiro todas as isenções, graças, favores, privilegios e indultos, concedidos pela Santa Sé aos outros mosteiros da observancia de Santa Clara; ordenando que ficasse debaixo da obediencia do provincial da observancia, livre e isento da jurisdicção de qualquer ordinario, e immediatamente sujeito ao papa.

Se a devoção dos fundadores fez com que este mosteiro fosse o primeiro que em Portugal e Hespanha se organisou de capuchas descalças, a estreiteza da regra, obrigando-o a passar para urbanas, fez com que elle fosse o primeiro que ficou debaixo da obediencia do provincial dos observantes. Não lhe valeu isto de nada, porque não foi o espirito de Antonio de Padua que animou as freiras; mas sim o do seu contendor Fr. Helias.

O leitor que pacientemente me acompanhar n'estas explorações pelos livros velhos, vae assistir á reconstituição do viver d'aquelle mosteiro, sem que eu tenha outro trabalho

mais do que coordenar o que escreveram dezenas de ministros provinciaes e de visitadores desde de 1722 a 1833.

Não encontrei no archivo monastico livros d'este genero anteriores áquella data; mas pelas referencias que logo nas actas se leem, facil é de deduzir que a norma da antiga vida se assimilhava á que estava sendo condemnada. A planta enraizou cedo e fructificou copiosamente, assim o prova frei José da Estrella, consultor do Santo Officio, examinador das ordens militares, theologo da Bulla de Santa Cruzada, secretario da provincia do Algarve e commissario visitador, que depois de lembrar que as freiras vivem na contumacia, sem emendarem as faltas accusadas pelos seus antecessores, lhes diz, simplesmente, o seguinte:

«...Conhecemos pela actual denuncia, que se nos fez n'esta visita, que sendo estas aquellas mesmas desordens, que tem incitado o religioso espirito de todos os prelados, para applicar os meios mais efficazes, que conduzissem a uma interna reforma o effeito das suas fadigas, tão longe de produzir nos animos de VV. RR. aquelle amor de observancia, que as constitue verdadeiramente esposas de Jesus Christo, tem sido um continuado e successivo desprezo das leis de Deus, da religião e dos prelados, dos sagrados canones e dos concilios, e ainda das *leis do Rei e da patria*, por esta causa amadas filhas do Senhor, ainda que a obrigação do nosso ministerio nos persuade imitar nossos antecessores na repetição das suas leis e no estabelecimento de novas actas, nos abstemos de similhante procedimento na consideração de que santas obediencias e excommunhões, que exaradas estão n'este livro, só teem produzido *uma refinada obstinação em suas consciencias*, e por evitar egualmente o *irrisorio desprezo* a que se expõe a auctoridade prelaticia, etc., etc».

Se o que vou escrevendo fosse um romance, o titulo d'este estudo devia ser: *O mosteiro excommungado*, tantas foram as excommunhões lançadas contra as freiras, que, sem se magoarem com tão temiveis penalidades, continuavam perseverando nas mesmas faltas, e taes que os visitadores, horrorisados pelo estado d'aquellas almas, lhes levantavam as excommunhões na esperança de conseguirem pela brandura o que não alcançavam pela severidade; mas uma e outra eram improficuas, e o mal só se extinguiu quando, ha poucos mezes, baixou á campa a ultima religiosa.

É de crer que recomece, porque o edificio, que não foi sanificado do mal que alli lhe inveteraram os seculos, já está outra vez convertido em viveiro de freiras.

As noviças

Os abusos começavam áinda quando as simples noviças contavam apenas doze annos, edade em que já podiam fazer promessas ságradas aos pés do altar. Se, porém, tinham entrado como educandas para o mosteiro, e realisado o pagamento de duzentos mil réis de patente, passavam a noviças sem que se praticassem para com ellas as ceremonias do lançamento do habito, que vestiam sem ser bento, cingindo um cordão não santificado, e sem responderem ás perguntas do ritual. Ao contrario do proloquio que reza: «que o habito não faz o monge» aquellas raparigas convertiam-se em monjas, quando o capricho ou as ordens paternas, lhes faziam envergar o habito. Vestiam-se de noviças, e estavam noviças!

Quanto ás que vinham de fóra, não entravam no noviciado senão alguns dias depois de chegarem ao mosteiro, a pretexto de se lhes mostrar este e de «outros desafogos mui alheios das que dão as costas ao mundo». Censurando esta irregula-

ridade o visitador escrevia: «ordenamos que na mesma hora em que entrarem na clausura, tendo-se com ellas praticado as ceremonias dos manuaes, na capella-mór, vão ao côro completar esta recepção do santo habito e logo sejam levadas para o noviciado».

Nas proximidades da profissão assaltava-as a preoccupação das festas que deviam anteceder e seguir a grande solemnidade. O chão do dormitorio cobria-se de ricas alcatifas; por toda a parte luzes, flores e perfumes, e em vez da concentração e do recolhimento d'alma, alaridos e folganças, que mais tinham de arraial profano do que de festividade religiosa. Este abuso foi prohibido centenares de vezes durante um seculo e foi repetido tantas vezes quantas foram as profissões que se realisaram.

Muitas das noviças só tomavam o habito quando professavam, usando até então dos seus vestidos profanos; recusando-se a viver no noviciado e aprendendo por fóra, de cella em cella o que deviam e o que não deviam fazer e saber. Assim, porém, que se achavam professas o seu primeiro cuidado era dispensarem-se de ir ao côro.

As que entravam para o mosteiro com Breve deviam pagar todos os annos, a titulo de pizo, dois quarteiros de trigo; e as que entravam como pupillas, com Patente, eram obrigadas a satisfazer, por uma só vez a quantia de duzentos mil réis. Este contracto nem sempre se cumpria, o que determinou um dos visitadores a pôr a meia ração e a meia tença todas quantas não tinham satisfeito integralmente os seus compromissos.

Como era moda entrarem para aquelle mosteiro fidalgas, ou quem como tal se suppunha, as noviças recusavam-se aos serviços baixos, em que a sua humildade podia ser provada, e mandavam-os fazer pelas criadas. Os visitadores revoltavam-se contra este abuso, contra esta reproducção, na clau-

sura das distincções mundanas, mas não conseguiam senão perder o feitio das reprimendas e o das excommunhões.

De taes noviças facil é de suppôr que religiosas vão surgir. Da chrysalida *soror* vão levantar as azas as mais extraordinarias *madres!*

As religiosas

Assignalaram-se as religiosas do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição pela sua desobediencia e indisciplina, pela grosseria das acções e desprezo de todas as conveniencias monasticas.

Em vão as abbadessas se queixavam de que não eram obedecidas, que o côro ficava deserto ás horas dos officios divinos, mas que em compensação se não guardava o silencio regral. Perdidos queixumes!

N'aquella reunião de mulheres tiradas em creanças do mundo pelos preconceitos do orgulho e vaidade das familias, mais do que pela vocação, não havia freio para os desmandos. A ultima abbadessa, que contava a sua vida aventurosa a quem a queria ouvir, dizia francamente: «Perdoaram-me, porque, se o não fizessem, eu fallaria e provaria que todas teem aqui sido tão boas como eu. Portanto nada de excepções!»

A primeira cousa que ellas desrespeitavam era a seriedade e compostura do habito, que a regra manda que seja a «tunica de panno humilde, e não as poderão forrar de pelles. A capa seja sempre de panno vil e grosseiro, sem ser franzida pelo pescoço, nem indecentemente comprida, e que sempre luza e resplandeça nos vestidos das irmãs a vileza, austeridade e pobreza na fórma, no preço e na côr. A corda, que serve de cinto ás irmãs, seja commûa e grosseira e fóra de toda a curiosidade. E quanto ao toucado da cabeça mandamos que todas as irmãs, assim a abbadessa como as mais professas, sejam toucadas sem alguma variedade, com toda o ho-

nestidade e religiosidade. E para que isto seja mais bem observado em todas as partes e conventos, mandamos que agenceiem e átem de tal modo o panninho, que a testa com ambas as faces e a barba seja coberta de tal maneira que em nenhum modo se possa ver o rosto todo, e os véos e panninhos que se mettem na cabeça, e ao redor do pescoço, sejam de tal modo concertados, que a cabeça peito, e hombros sejam pela maior parte cobertos».

Até aqui o que determinou a santa Matriarcha; d'aqui para deante as queixas dos visitadores.

Em vez de fazerem ao divino esposo o sacrificio dos cabellos, usavam-os compridos, seguros em a nuca por um grande pente ao modo antigo, e puxados, na frente, para fóra do toucado emmoldurando as frontes com cuidados bugres, que enfeitavam com flores ou polvilhavam á maneira da côrte. As saias traziam-n'as tão curtas que se lhes via os pés, calçados com garridos sapatos de velludo com fivellas de prata e tacões de madeira, que lhes realçavam o porte e lhes davam um andar empertigado dos *petitmaitres* Luiz XV; o que tudo era, no dizer de um grave censor: «signaes de querer agradar ao mundo, e quem intenta agradar ao mundo nunca póde ser bem visto aos olhos de Deus.» Os habitos traziam-os decotados, sem terem os hombros cobertos, e de caudas longuissimas, abuso que determinou a prescripção de os trazerem com o corte direito de hombro a hombro; e que as caudas nunca teriam mais que uma vara. Pois ainda assim, foi necessario ordenar, mas debalde que: «... devem mais abaixar as feições das toalhas, de sorte que lhes não appareça cabello; moderarem mais os alentos, subirem mais os habitos ao pescoço e descerem as toalhas em fórma que uma e outra cousa lhes cubra os hombros e pescoço; cortar as caudas, ficando só o que fôr necessario para a compostura...» Por baixo do habito apparecia a fimbria de saias de

côres vivas, de que um visitador mais economico que outro lhes consentiu o uso até estarem velhas; mas que, quando tivessem de as renovar, as fizessem de panno preto, roxo, azul ou côr de canella. Nas faces, que não empallideciam com os jejuns e penitencias, brilhavam os cosmeticos da moda, o carmim e os signaes, á maneira das mundanas cortezãs. Outro motivo de escandalo eram as mangas dos habitos que traziam largas e compridas, de molde a deixarem vêr os bordados e rendas dos punhos da camisa, que não eram de grosseira estamenha mas de finissimo linho de Hollanda. Sobre estes habitos, tão pouco franciscanos, conchegados ao corpo e justos ao espartilho que lhes dava seductor relevo ás formas, assentavam capas forradas, com vistas de seda e de pellucia! Para poderem usar joias ao pescoço inventaram trazel-as com relicarios; o que lhes foi prohibido «ainda mesmo que fosse o Santo Lenho».

Um padre mestre, que as visitou, exproba-lhes o vestuario nos seguintes termos: «...e as roupinhas que permittindo-se de baeta em seu principio para se pouparem aos incommodos do tempo, a relaxação as tem introduzido de lemistes forradas de metarios e brilhantes de diversas côres».

Se o defeito d'estas filhas de Santa Clara fôsse apenas a garridice, é elle tão peculiar na mulher, que com facilidade se desculparia; mas infelizmente outros e peiores estavam arreigados n'aquelles corações femeninos, e umas ás outras os transmittiam mais aggravados. Como as janellas não estavam vedadas, vinham para alli tocar e cantar publicamente, recebendo e correspondendo ás serenatas, «ao mesmo tempo que deviam no côro onde está Deus com os anjos, trocar as canções provocativas da ira do mesmo Senhor, pelos psalmos que são insenso espiritual». É retorcido o dizer do Padre Mestre, mas o viver das madres não era mais direito. É assim que as vemos ir mostrar-se para o mirante, n'esse mi-

rante hoje sem tecto e d'onde a Alcoforado via chegar o Chamilly; adoestarem-se mutuamente, descompondo-se e injuriando-se «com palavras indecorosas ainda ao estado secular»; e, como diz um santo varão a seu respeito: «valendo-se ou do fogo ou da espada da lingua, já que não podem chegar ao que pede a sua vontade». N'estas descomposturas não se contentavam de invectivas pessoaes, e na maioria dos casos a familia vinha á baila, ou como injuria alheia, ou como cousa de proprio engrandecimento, de desabafo orgulhoso de quem devia ser humilde, e ter entre irmãs a devida caridade.

E depois não era sómente o mal das desavenças, era tambem o escandalo de mandarem contar para fóra da clausura as proezas que lá dentro se realisavam; prova-o, entre outras a seguinte advertencia: «...como o que mais importa é o que se passa dentro do convento e se não conte fóra, por que d'esse contar se seguem gravissimos escandalos e má opinião das religiosas, e contra as que assim obram comminam as nossas leis gravissimas penas».

Outro visitador accusa-as de porcaria, censurando-lhes o fazerem despejos por toda a parte; e todos de andarem de rosto descoberto, embora entrassem homens na clausura, taes como medicos, cirurgiões, almocreves e trabalhadores. A lei ordenava que estes estranhos, fossem acompanhados por uma das mais conceituadas madres, geralmente a vigaria da casa, levando na frente uma outra tangendo uma campainha, para que todas se recolhessem e deixassem ermo o caminho, ou puxassem o véo para o rosto, caso não podessem retirar-se. Escusado será notar que o toque da campainha não afugentava ninguem, e que só servia para que toda a communidade n'aquelle momento tivesse que fazer fóra das cellas. Oh! curiosidade feminina, tu não és uma palavra vã, nem mesmo nos mosteiros de franciscanas!

Em 1725 foi-lhes prohibido servirem de madrinhas, e de se acomadrarem, inclusivè com as pessoas mais proximas em parentescos, bem como de testarem, «devendo, por morte, deixar tudo nas mãos da prelada a qual (se lhe parecer) poderá attender á alma e parentes da defunta.» Ás vezes os paes exigiam o dote das filhas que lá morriam; mas não os alcançavam, apezar das demandas em que se empenhavam. Entre outros exemplos cito o seguinte:

D. Violante de Sequeira, depois de professa, viveu sómente tres annos e onze mezes, e seus paes demandaram o convento para a restituição do dote, como herança da defunta. Julgado o pleito, perderam-no e foram condemnados nas custas.

Uma das causas das grandes brigas entre professas era a questão dos leitos. Parece que, sendo grande o numero de religiosas no seculo XVIII, era restricto o dos leitos, porque havia grande empenho em possuir o que vagava por morte de qualquer religiosa. Como a freira muitas vezes vendia o leito em vida, e as queixas eram constantes, os provinciaes ordenaram que o leito vago passasse a uso da freira mais antiga que o não tivesse, salvo se esta, tendo já sido contemplada, o tivesse vendido.

Em toda a parte se negoceia com tudo, Santo Deus! Se ellas até negociavam com o Breve para ter criadas, o qual, apesar de pessoal e intransmissivel, servia de umas para outras!

E já que toquei na questão das negociatas, direi que, para não negociarem com o trigo que pertencia para o sustento de cada uma, foram obrigadas a levantar do celleiro, até o fim d'abril, a parte que lhes pertencia; não se responsabilisando a communidade pelo que lá ficasse depois d'aquelle prazo, e o que lá era deixado propositalmente para auxiliar, por meio de valles passados e sorrateiramente resgatados, o negocio

dos celleiros particulares que existiam no mosteiro para transacções com extranhos.

As visitações de 1722 especificam como typo de negociante enclausurada soror Fernanda Maria dos Prazeres, que cobrava para si dez mil réis, que pertenciam á communidade, «dando quitação de como os cobra, o que é opposto totalmente ao voto de pobreza».

Como os cem mil réis, que cada religiosa pagava por occasião da sua profissão, nem sempre tinham um destino legal, e as abbadessas dispunham d'elles como bem lhes parecia, foram obrigadas, sob preceito de obediencia e pena de excommunhão, a pôl-os a juro perpetuamente, revertendo a renda para o mosteiro, e sem que dos juros podessem dispôr *nem a abbadessa nem os parentes da freira*, quando morta. Esta ordem é acompanhada do processo da escripturação que em taes casos se devia usar. Por esta occasião foram as abbadessas e as escrivãs obrigadas a prestar contas de tres em tres mezes. Uma das mais ingenuas restricções que encontro, é a que prohibe ás freiras, n'um regimem de suffragio universal, angariarem votos para os cargos monasticos. Decididamente os padres mestres visitadores fingiam não conhecer o coração humano. Como se elles tambem os não pedissem; como se então e hoje os não pedisse toda a gente; como se hão de pedir amanhã, salvo o caso em que os governos *determinem* que se dêem. Como era das freiras, que pelo processo do voto sahiam as abbadessas, não era para admirar que as eleitas fôssem do mesmo farello das eleitoras; e assim as preladas, além de não possuirem a precisa auctoridade moral para se fazerem respeitar, não convocavam os capitulos, que pelas constituições eram obrigadas a reunir, e não só não liam em todas as sextas feiras a Regra á communidade, como era seu dever, como não reuniam capitulo nos mezes de janeiro, maio e setembro, para as

leituras obrigatorias. Recebiam educandas sem Patente do provincial, e — talvez para não complicarem a escripturação — ficavam com os oito mil réis de piso, que cada uma devia pagar por anno. Em presença d'estas irregularidades não era para admirar que as religiosas as não respeitassem «e desattendessem com palavras desentoadas e indecentes,» no que eram acompanhadas pelas seculares, «que tinham a confiança de tratarem a dita prelada com menos decencia».

Disse, algumas linhas acima, que era prohibido comprar votos. Inutil prohibição. Pediam-se e compravam-se; promettiam-se beneficios particulares á custa dos haveres da communidade; e scenas tumultuosas nos corredores caracterisavam as proximidades da eleição abbacial. Felizmente que este acto só se realisava de tres em tres annos, salvo o caso, aliás raro, de deposição, ou, ainda mais raro, de resignação do cargo. Então o guardião de S. Francisco ía ao mosteiro exhortar as freiras, e, depois de cantada a missa do Espirito Santo, tocava a capitulo e, reunidas as religiosas no côro de baixo, o mesmo padre as absolvia *ad cautellam*, e por ordem das edades se dava começo á eleição. Varios padres mestres eram convidados para assistirem e formarem a mesa eleitoral.

Muitas vezes, como em 1732, 1741, 1770 e outros annos, era necessario correr tres escrutinios sem que nenhum desse resultado ou «coalhar votos» como então se lavrava na acta. No dia seguinte, portanto, procedia-se a nova eleição, e, caso ainda se não conseguisse obter maioria, o presidente do acto nomeava uma freira para abbadessa, que por vezes era a mais votada, embora sem maioria, e outras vezes alguma cujo nome nem sequer entrára na urna.

Eu, como nunca acreditei nas excellencias preconisadas do suffragio universal, e o tenho como uma brutalidade es-

magadora, approvo o ultimo processo da escolha; e a pratica mostrou que as abbadessas escolhidas tinham todas as virtudes e de menos os vicios das abbadessas eleitas. Além de que, é de crer que a eleição canonica não tivesse melhorado muito desde os tempos de fr. Alvaro Paes (1350), que declara que tal eleição «tornou-se diabolica; ha muitos na egreja que são eleitos pelo diabo e não por Deus: taes prelados não deviam pôr nos seus diplomas *eleitos pela graça de Deus; mas por mercê dos homens e colera de Deus!*»

As seculares

Vamos ver como as seculares do mosteiro não eram alli contidas por outros sentimentos, differentes dos das religiosas; não podendo nós averiguar se eram ellas que vinham perverter os habitos de santidade, que deviam existir no convento, ou se era este que tinha para com ellas effeitos de vinagreira.

Eram tres as classes de seculares alli existentes: as educandas, as decretadas ou recolhidas, e as moças, vivendo todas a seu modo, sem respeito pelas conveniencias religiosas ou domesticas, e, como as freiras, desprezando avisos e reprehensões dos padres visitadores.

As educandas, que como já disse podiam entrar aos doze annos, embora as houvesse de menor edade, usavam de todos os requintes do luxo, quando os haveres abastados de seus paes assim o permittiam; e d'ahi a indignação dos visitadores, ao saberem que dentro da clausura se tornavam notaveis, não por exercicios de penitencia que fizessem agourar futuros ornamentos da ordem, mas pelo uso de capotes de varias côres forrados de seda, arminhos e pellucia, e todos os demais arrebiques vistosos da moda; e por isso, olhando simultaneamente aos interesses espirituaes e á economia do-

mestica, ordenavam que em se acabando aquelles trajos diabolicos «de nenhuma maneira se lhes comprem outros, salvo de côr roxa ou preta; porém logo se tirarão os bordados que trazem, e os botões de prata massiça e só poderão gastar os botões que forem de prata ou ouro tecido». Usavam mais de vestidos abertos á franceza, cabellos enlaçados e empoados, levantando-se em grandes penteados, aventaes brancos, saias altas e sapatos profanos!

Era para horrorisar, era; mas o que haviam de fazer as raparigas, arrancadas á força aos seus brinquedos de creança e arremessadas, em pleno vigor da vida, á tumba claustral, quando as madres durazias eram o que nós já sabemos!

As decretadas vestiam galas de côres, usavam rendas, botões de ouro, fitas lavradas, sapatos com altos tacões, o que em vez de as levantar para o ceu lhes apressava o caminho para o inferno, convertendo os escuros corredores do mosteiro ou as baixas arcarias do claustro em arremedos dos salões de D. João V. Além d'isso, julgavam-se privilegiadas e não obedeciam á abbadessa; prohibiam as criadas de se empregarem nos serviços da communidade a que todas eram obrigadas, entre outros os da portaria; e de tal genio e educação as havia alli vivendo, por decreto ou patente, que em 1761 o visitador Fr. José da Estrella diz que, em pouco mais de um anno, *certa decretada* admittiu a seu serviço para mais de quatorze ou quinze criadas!

As criadas

D'estas amas que criadas ha a esperar? Aqui o escandalo refina e a indisciplina toca o seu auge; e da leitura das actas de visita fica-se convencido que eram ellas que governavam no convento, com a circumstancia aggravante de entrarem e sahirem, como e quando bem lhes convinha.

Era tal o procedimento d'estas servas... do diabo, que um visitador escrevia indignado: «... que não devem ter voz activa, gritam e amotinam o convento, de fórma que fóra d'elle se ouvem os gritos e alaridos que fazem». Da portaria faziam soalheiro de má lingua; abriam a porta e ou sahiam ou fallavam com quem lhes appetecia. Ás horas dos officios divinos iam e vinham ao côro, perturbando a solemnidade dos actos religiosos, indo para alli assistir ás festas e, contra toda a disciplina, cantarem quartettos. Por serem criadas d'esta ou d'aquella negavam-se ao serviço da portaria; iam dormir nos dormitorios das freiras; descompunham estas; e nas festas do Baptista e do Evangelista «cantavam cantigas *picantes*, dando occasião de discordias entre as religiosas, perturbando a paz entre ellas». Escusado será dizer que essas cantigas «provocavam desordens e escandalos» em que se envolviam religiosas, decretadas, noviças e criadas ! No trajo seguiam o exemplo das amas e vestiam roupinhas de côres, gravatas lavradas, lenços bordados, brincos de pedras encarnadas e grandes pentes; usavam de «drogas de côr de gente deshonesta» e foram prohibidas de fazerem vestidos cuja fazenda excedesse a doze vintens o covado. Por occasião das representações e do entrúdo mascaravam-se e assim vinham para a rua com gaudio enorme da população, que já contava com aquellas exhibições no seu programma de folias. Um padre mestre prohibe-as de sahir «em trajes menores».

Eram expulsas quando o ministro provincial sabia: — que tinham sahido para fóra da clausura, inclusivè da portaria; — que tinham desattendido a abbadessa ou outra qualquer pessoa do mosteiro; — que mantinham correspondencia illicita; — que eram encontradas a conversar da janella para a rua; — que sè não conformavam com o vestuario estabelecido. O que mitigava este rigor é que o provincial raras vezes era informado do que verdadeiramente se passava.

Em cada religiosa tinham as moças uma defensora... por causa propria. Além de tudo isto, eram enxovalhadas, e o poço e a cisterna era o logar escolhido por ellas para lançarem as immundicies. Não nos devemos, pois, admirar que a mais leve perturbação da saude publica se convertesse em epidemia dentro do mosteiro, que nunca foi poupado de nenhum dos flagellos que no correr dos seculos chegaram a Beja. A expulsão ou a passagem d'uma para outra ama, só tinha logar depois de ouvido o provincial, visto que não *deviam* entrar sem o seu consentimento, e tendo elle procedido ás necessarias informações. Mas, uma vez despedidas, nunca mais podiam ser readmittidas. É de crer que esta disposição fosse lettra morta, como muitas outras que pejam os respectivos livros, em maus rabiscos e peiores orthographias.

Causa admiração ver religiosas votadas á mortificação, noviças na aprendizagem d'uma vida contemplativa e de abnegação servidas por dezenas de criadas! Se o reparo é legitimo, parece que tambem o tinha sido o motivo que determinou esta profunda aberração das regras de S. Francisco e de Santa Clara, que sempre pensaram em servir a toda a gente e a Deus, sem suppôrem, sequer, que haviam de ter criados e escravos: porque por Breve datado de Roma, aos 4 de junho de 1419, o papa Innocencio VIII, attendendo á representação das religiosas, allegando que não comiam carne e por isso cahiam em gravissimas enfermidades, causadoras da morte de muitas, não só lhes concedeu para sempre o uso de carne, nos dias em que não fosse prohibido pelo direito ou pelo costume, mas tambem a faculdade de ter criadas, assim livres como escravas, que as servissem com licença do seu superior. Devo, porém observar que esta regra soffreu algumas excepções, e assim nos pergaminhos do convento encontrei um que contém um breve de Marcello Durazzo, nuncio apostolico em Lisboa, de 4 de

outubro de 1674, concedendo licença para entrarem para o mosteiro como educandas a Isabel e Catharina, filhas de Manuel da Fonseca, eborense, com, entre outras, as seguintes clausulas:— que não tivessem criadas;— que não usassem de pedras preciosas, nem de ouro, nem de vestidos de seda; — e que não sahissem do mosteiro, e no caso contrario que não fossem readmittidas, senão para serem freiras.

Profissões e dotes

O acto solemnissimo da profissão, aquelle em que se prende toda a vida aos tres votos de obediencia, pobreza e castidade e que só deveria ser feito por mulheres na plena posse de si proprias, senão desilludidas do mundo, pelo menos conhecedoras das forças da sua alma, do temperamento do seu caracter, era consentido aos deseseis annos de edade! Isto hoje parece uma d'essas monstruosidades inconcebiveis; mas nada mais certo do que esse sacrilego abuso da creança; não lhe admittindo os concilios a reconsideração, quando chegada á edade de pensar e de poder medir a altura do abysmo em que a maior parte das vezes era despenhada pelo egoismo, orgulho ou imbecilidade dos paes. E para se chegar a este resultado esteve reunido o concilio de Trento, onde por alguns homens de talento nas especialidades theologicas, se reuniram boas centenas de cretinos tonsurados incumbidos de transformarem completamente o christianismo n'isso que para ahi hoje existe, explorando a algibeira do proximo, em vez de ganhar almas para a bemaventurança eterna. Pois, como se esta determinação do concilio parecesse exagerada a alguns, as dominicanas podiam professar aos quatorze annos, e nos outros conventos não era para estranhar o uso de falsos attestados de baptismo para adeantar a edade. N'este convento da Conceição, a falcatrua era

de uso, e Luciano Cordeiro discute esta questão no seu livro *Soror Mariana*. Ora o que de mais importante havia para a realisação d'este acto era a escriptura de dote; era a conversão d'um acto religioso n'um contracto de dinheiro; era o instrumento no tabellião e o arrolamento de bens antecedendo a promessa solemne aos pés do altar; era o perjurio consentido de ir jurar pobreza absoluta quem momentos antes tinha posto a bom rendimento as tenças, quem tinha comprado a dinheiro de contado o direito de servir a Deus, seguindo a ordem d'uma religião de pobreza absoluta. Encontramos nos papeis que nos teem vindo ás mãos milhares de escripturas dotaes, não encontramos uma unica dispensa de dote para uma profissão! Parecia até que havia um requinte de depravação monastica em tomar mil precauções para que se realisasse um *excellente negocio;* e não se deixava professar ninguem sem que a abbadessa tivesse contado o bom dinheiro amoedado, e os letrados examinado as garantias hypothecarias para os juros das tenças.

Houve tempo em que a obrigação do dote era illudida, não entregando as familias das professas tudo quanto fora convencionado; mas em 1725 foi determinado que ninguem se admittisse a professar sem que préviamente tivesse feito entrega de cem mil réis «e isto não em penhores ou fazendas, mas em dinheiro». Imagine-se o leitor por um momento transportado ao empyreo, onde em espirito e communhão da Divindade christã vivem os fundadores e fundadoras das ordens: Bento o patriarcha dos abbades, Bernardo o restaurador dos benedictinos, e Francisco d'Assis o pobre dos pobres, cercado dos seus fieis observantes desde Santo Antonio até o ultimo dos *fratricelli*, e Domingos de Gusmão; e o nosso quasi selvagem S. Fructuoso, e Santa Clara, e Thereza de Jesus, e tantos outros para quem a pobreza foi uma religião, porque a professára Christo, e digam-me o que elles senti-

riam se lhes dissessem que batiam as virgens ás portas das casas da ordem, e que lh'as não abriam sem terem pago a esportula da entrada!

Decididamente, em 1834, o governo revolucionario do Porto já não extinguiu as ordens religiosas em Portugal!

Os dotes variavam muito nos respectivos contractos, passados entre os paes, parentes ou tutores das professadas, e o mosteiro. Figuram n'elles de todas as sommas, desde cento e cincoenta mil réis, até mil cruzados, o que fazia com que na mesma communidade houvesse freiras com posses para tres e quatro criadas, habitos de ricos estofos, joias valiosissimas e caprichos satisfeitos e outras que tinham de se contentar com o juro da tença e o caldeirão do mosteiro.

Além do dote, tinha que se pagar os gastos da entrada, que eram geralmente assim divididos:

10$000 réis para a cama da enfermaria;

10$000 réis para a entrada;

6$000 réis para duas arrobas de cera;

12$000 réis para comedoria em cada anno, emquanto não se realisava a profissão.

Tinham tambem de estipular uma tença de vinte mil réis annuaes.

Encontrei uma escriptura de mil cruzados de dote, em que os paes da religiosa se obrigavam a satisfazer o juro de vinte mil réis por anno, emquanto não entregassem o principal, e não fazendo o pagamento no tempo determinado, teriam então que pagar dois tostões por dia a quem os fosse cobrar. Este dote era composto das legitimas da mãe e avó da professanda.

Um dote de trezentos mil réis foi assim dividido; cem mil réis em dinheiro no acto da entrada; cento e cincoenta mil réis em um fôro de trinta alqueires de trigo; e os quarenta

mil réis restantes, com mais quarenta e cinco de despezas de entrada e propinas, no prazo de dois annos.

Além da deseguialdade da importancia dos dotes, existia a desegualdade pessoal, e assim havia dotes para christãs velhas e dotes para christãs novas, que nem mesmo debaixo do burel franciscano, e cingidas pelo mesmo cordão, podiam readquirir a egualdade humana! O dote das que não tiveram circumcidados na familia ficou estipulado em quatrocentos mil réis e cem mil réis para tença, podendo esta ficar na mão dos parentes, por hypotheca, mas boa hypotheca; e os das outras, d'aquellas cujos antepassados seguiram a religião mosaica, elevaram-se a seis centos mil réis, com cem mil réis de tença, que deviam ser entregues á communidade sem — fosse qual fosse o pretexto ou a hypotheca — poderem ficar na mão dos parentes. D'onde se prova que tanto com o céo, como com as freiras *on trouve des accommodements.*

Liquidada a parte commercial da profissão seguia-se outra egualmente contraria ao espirito da ordem. Era a festa mundana que as antecedia e seguia; eram os dormitorios armados com damascos, tapeçarias e flôres; era o chão alcatifado; era a profusão de luzes; eram os dôces e bebidas a esmo; e depois os berreiros, as algazarras, e as mesmas scenas de folia pagã das vesperas de S. João Baptista e S. João Evangelista.

Bem se vê que estamos n'um convento em pleno Alemtejo; n'essa provincia, d'onde nunca se extinguiu pela raiz o paganismo, que vemos rebentar em todas as manifestações da vida publica, quer acompanhemos os bandos de cegadoras ceifando trigos, quer assistamos ás profissões do convento da Conceição de Beja. Aqui tudo conservou um resaibo pagão que não houve regra que anniquilasse, nem lei que estirpasse integralmente.

Vimos que qualidade de gente entrava no mosteiro, e por

que processos entrava, e com que disposição de espirito envergava o habito; vejamos agora como vivia lá dentro e como cumpria as diversas obrigações da vida monastica, e até como depois de mortas as vivas lhes faziam os necrologios.

O côro

Pelo espirito da instituição monastica o côro deve ser o logar mais frequentado do convento, aquelle onde, em perenne contemplação mystica, as esposas de Christo teem de jazer em conversação com o divino amante. O côro da *Conceição* pouca concorrencia tinha, e se muitas religiosas frequentavam com assiduidade o de baixo, era mais para conversarem com quem estava na egreja do que para orarem. E como não oravam, por isso tantas vezes entravam em tentação!

Fr. Manuel de Nossa Senhora do Loreto, em fevereiro de 1762, prohibiu expressamente que se abrisse o côro de baixo, «senão emquanto se celebra a missa do Natal, pois só d'esta maneira se evitam as irreverencias que se fazem na egreja emquanto as religiosas cantam o officio divino». Não evitou cousa alguma, porque as grades do côro de baixo continuaram a ser o logar privilegiado da conversa com estranhos. Segundo outros visitadores, alli davam-se e recebiam-se pitadas; trocavam-se borrifos d'agua cheirosa; e tudo isto e muito mais se fazia apezar da excommunhão *ipso facto incurrenda*. Não incorriam, porém, em tal pena quando fallavam com bispos ou pessoa ecclesiastica de notoria distincção.

Em as noites do jubileu das quarenta horas, e em sabbado d'alleluia a conversa com os seculares assumia proporções escandalosas. Imagine-se duzentas mulheres entre grades, conversando, pitadeando, borrifando-se com a multidão dos conhecidos, parentes e adoradores e curiosos que enchiam a egreja! E depois era fatal a briga dentro e fóra

pela pequena porção da grade onde todos e todas desejariam chegar ao mesmo tempo; os empurrões pará se conquistar uma nesga de espaço; a tenacidade em o não abandonarem os que o tinham conseguido; as impaciencias, os dichotes, tudo emfim quanto concorria para tornar egreja e côro um antro de irreverencias. O côro convertera-se em espectaculo. Resava-se e cantava-se alli sem que, como era ordenado, se corressem as cortinas, estendendo-se esta ordem até quando alli se — realisava algum funeral. — Era assumpto indiscutivel que as coristas de boa voz, e até as de mau orgam, quando vinham cantar ao côro de baixo, não traziam véu, mas o rosto descoberto pintado e arrebicado ao sabor da moda franceza; os cabellos vinham altos, empoados e enlaçados com flôres, o trajo um mixto de monachal e profano que dava á cantora o aspecto de mascara!

Até 1725 cantavam-se no côro musicas em portuguez, sem que os prelados se lembrassem de lhes fazer opposição; d'essa epocha em deante foi prohibida toda e qualquer musica com letra nacional ou castelhana, salvo em a noite do Natal «em que se cantará só uma lettra ou villancico em cada nocturno, de modo que a dilação não faça o officio divino odioso, e por esta razão tambem se cantará uma só letra nas kalendas solemnes». Mas as freiras não se importaram com a prohibição, e em 1729, para se extirpar o mal pela raiz, foi revogada a tolerancia que se tinha concedido á festa do Natal.

Acabados os officios divinos as religiosas demoravam-se no côro, que convertiam em sala de palestra, o que foi censurado e prohibido por varias vezes. Servindo-me do estylo dos padres mestres visitadores, posso affiançar que o côro era logar de cantos mas ainda mais de encantos!

A portaria

Uma lucta improficua de perto de dois seculos, por parte dos visitadores contra as freiras, para que a portaria fosse uma verdadeira entrada de clausura, e não uma simples porta de quinta! E venceram as freiras! Avisos, admoestações, censuras acompanhadas de excommunhão, tudo foi baldado para trazer a porta regular ou regral, como outros escrevem, á tradição monastica.

Religiosas e seculares chegavam alli, e sem respeito pela madre porteira, ou com o seu consentimento, abriam a porta e fallavam com quem as procurava. Medico e outras pessoas entravam e sahiam sem as precauções do instituto; e até «o almocreve que vem do Algarve com seu filho, a pretexto de pesar amendoas, entrava para dentro do convento».

Um padre visitador farejou escandalo maximo no carregamento da lenha para o fogueira de S. João, que era acarretada de noite, e ordenou que aquelle serviço se fizesse de dia, e que assistisse a elle um frade, para não consentir que os moços entrassem para dentro do mosteiro!

Resa, porém, a tradição que o privilegio de ser moço da lenha era pago por bom dinheiro aos verdadeiros criados, que deixavam de a carregar, e ainda recebiam farta gorgeta. Tanto póde o amor... divino!

A portaria era pois o foco do soalheiro, a praça publica das descomposturas e o logar privilegiado para as brigas do pugilato!

E tambem porque é que a portaria havia de desmentir o resto do convento?

As janellas

Basta, para se fazer uma ideia exacta do prestimo das janellas n'este mosteiro, ler litteralmente e nas entrelinhas o

seguinte trecho do padre visitador fr. José da Estrella Fonseca, ministro provincial: « Somos sabedores do que as redes e rotulas da maior parte das janellas da clausura estão despregadas; o que além de outras consequencias que devemos tirar absurdas, nos infundem o justo temor de ficarem descompostas e indecentes, portanto recommendamos á R. M. Abbadessa que seja um dos seus primeiros intentos o mandar fortalecel-as, pregal-as e chumbal-as!»

Por ellas se fallava para a rua com quem passava e a toda a hora; a ellas assistiam as madres amorosas a serenatas nocturnas d'Almavivas lyricos; por ellas se deitavam cestos e alcofas em communicação com o exterior, á maneira do que fazem ainda hoje os presos nas cadeias provincianas.

Só calam os padres visitadores das que por alli sahiam e dos que por ellas entravam; conta-o, porém, a tradição, e dado o estado moral do mosteiro, é de crer que a tradição seja a verdadeira historia.

As grades

As grades n'este mosteiro serviam para tudo, inclusivè para moradia de hospedes de fóra da cidade. Quem tinha filha ou parenta na clausura julgava-se com direito a moradia e comedorias nas grades destinadas a locutorio; o que obrigou a ser estipulado, que o mesmo hospede não podesse assistir na grade mais de seis dias, podendo sim ir viver no hospicio dos confessores. Alli serviam-se jantares, davam-se festas de canto intimas, sem contar com as folias proprias dos abbadessados. Depois foram prohibidos os jantares, com excepção aos de fóra da cidade, e isto com a clausula de não sahir a comida pela portaria. Ficou apenas tolerado que «se servissem os pucaros d'agua que é de uso».

Houve tempo em que mesmo pelo dia fóra e entrando pela

noite as grades continuavam abertas, o que determinou que a abbadessa fosse obrigada a mandal-as fechar ás Ave Marias do meio dia, e que se reabrissem de inverno á uma da tarde e de verão ás duas, fechando-se antes da noite.

Para manter esta ordem, e conservar alguma regularidade no serviço, impoz-se como obrigação a um dos capellães que tivesse a chave exterior da grade em seu poder, e que só abrisse a porta quando recebesse recado especial da abbadessa.

Como um dos castigos era a privação da grade, umas pediam grade para as outras, o que foi constantemente prohibido e constantemente desattendido.

Dormitorios

«Que nos dormitorios, especialmente o chamado da regra, não durmam seculares de qualquer condição que sejam, mas que para as seculares se separe um, aonde residam e durmam com aquella decencia que é devida e pede a cautela religiosa; e assim mais que nos dormitorios se não façam cozinhas e comidas de fogo, por damno que resulta dos cheiros e perfumes.»

Esta monita de fr. Thomé de Santo Thomaz Gração, é datada de 20 de maio de 1778, e vem em apoio da indisciplina d'aquelle mosteiro.

Outro provincial prohibe de novo, que se façam alli comidas; outros que se distillem flores; outros que se deem sangrias «para o que fica reservado o dormitorio novo, destinado a enfermaria».

A clausura

No mosteiro não devia entrar gente estranha, fosse qual fosse a edade ou o sexo. Lettra morta foi esta disposição como muitas outras, e innumeras vezes foi verberado o abuso de, a titulo de criadas, irem as amigas das religiosas viver

em companhia d'estas; bem como de entrarem para lá, e lá viverem e dormirem creanças de ambos os sexos, algumas d'ellas maiores de sete annos.

Em 1510, D. Manuel concedeu que a abbadessa podesse escolher dois moços para o serviço do mosteiro; e que mais ninguem lá devia entrar. O que já dissemos quando tratámos da portaria, prova o contrario; o que a chronica conta de uma casa por debaixo do convento alugada para palheiro, prova ainda mais do que todas as cartas da Alcoforada, que é de crer... descesse ao tal palheiro.

Sacristia e egreja

As alfaias, algumas de certo valor artistico, que serviam na egreja, eram adquiridas ou por meio de dadivas, ou por uma verba que tinha a sua origem, como ja vimos, nas entradas das noviças e propinas das profissões.

Infelizmente nem sempre essas quantias tinham a sua legitima applicação, e as abbadessas dispunham d'ellas como bem entendiam; como dispunham em geral de todo o dinheiro que lhes vinha ás mãos, quer elle fosse do piso das educandas, que admittiam sem patente, e depois o sonegavam ao padre mestre provincial, apesar de terem a certeza que, pelo menos em cada novo provincial, ellas tinham um visitador; quer de negocios de trigos, quer emfim da verba especial das profissões.

Foi este estado de cousas que obrigou um provincial, o padre fr. Antonio da Purificação, o homem das minucias, o organisador methodico e cuidadoso a estabelecer a:

Arquinha das esmolas

da seguinta maneira:

«E visto ser uso antiquissimo do mosteiro, que tem força

de lei darem as noviças, que entram uma certa quantia para peça de sacristia, constando-nos que esta tal escolha não tem a devida applicação; mandamos á R. M. A. com pena de suspensão do seu officio por dois mezes, que dentro de quinze dias mande fazer uma proporcionada arquinha com fechadura de tres chaves, a qual arquinha esteja na casa das preladas, e das tres chaves terá uma a R. M. A., outra o R. P. Confessor e outra a madre mais digna; n'esta arquinha, pois, que para esse effeito será trazida a uma grade, em que da parte de fóra se ache o reverendo P. Confessor serão lançadas não só as sobreditas esmolas, mas quaesquer outras que se dêem para a sacristia ou egreja, não tendo n'ella a especial applicação de que já tratámos; e aqui se lançarão tambem, sem falta, os sete mil réis que deixaram os senhores infantes, e o producto do quarteiro de trigo, que deixou a soror Marianna da Cunha para a mesma egreja.»... «Aqui mesmo advertimos, haja dentro da mesma arquinha um livro, em que se assentem pela madre escrivã as esmolas que n'ella entrarem e sahirem, e cujos termos serão assignados pela mesma e pelos tres a quem acima determinamos a entrega das chaves.»

As rivalidades intestinas levavam as madres a negarem os paramentos ricos para certas festividades, que não eram da devoção das que os tinham a seu cargo.

Leio n'um visitador que as religiosas vinham á egreja vestir a imagem de Nossa Senhora da Conceição, pela roda da capella mór; e que elle entendeu do seu dever mandal-a estreitar em breve prazo, e prohibir as sahidas por alli... Seria esta prohibição por causa das entradas?

Não pude verificar se a ordem do estreitamento chegou a ser cumprida.

Assim tambem li n'outro visitador: «que ao padre sacristão fôra recommendado que trouxesse comsigo a chave da

grade, contigua á grade do côro de baixo, que está da parte de fóra, a qual não abriria em nenhuma occasião, salvo sómente para se administrarem sacramentos ás religiosas ou para qualquer outra acção puramente da egreja».

Não era por falta de cuidados que as incorrigiveis madres prevaricavam. Verdade é que em muitos d'estes casos se póde applicar o antigo rifão portuguez: Depois da casa roubada... chaves nas mãos do padre sacristão!

As discretas

Não consegui saber á justa quantas discretas havia no mosteiro; e chamava-se assim ás freiras mais conceituadas pela edade, saber, tino, ou virtudes. Nos documentos que me passaram pela mão, e não foram poucos, o numero das que conjunctamente com a abbadessa e escrivã os assigna vae de seis a quatorze. O que isto significa, para mim, é que, quando o numero das discretas chega ao seu maximum, é signal de que ha muitas velhas no mosteiro.

Festas e divertimentos

Realisavam-se no mosteiro duas especies de festividades: as da *Conceição, Patriarcha* e *Matriarcha, Natal, Ascenção* e outras que se podiam considerar como festas geraes, sem rivalidades devotas; e as de *S. João Baptista* e *S. João Evangelista*, que eram verdadeiras festas ruidosas e partidarias; porque tanto o Precursor como o Discipulo Amado tinham as suas devotas especiaes e predilectas que eram reciprocamente inimigas figadaes. Os dois santos, tanto o que veiu annunciar os caminhos do Senhor, como o que repousou adormecido no seu regaço, serviam de bandeiras de inimisades, malquerenças e odios; as suas diversas capellas eram

os centros partidarios, e quando uma parcialidade fazia a sua procissão, em que figuravam pendões com disticos insidiosos para a parte contraria, esta vingava-se retorquindo com dichotes inconvenientes e ditos grosseiros, que por vezes se approximavam do insulto, e não era para admirar que as mais exaltadas viessem ás mãos.

Em que parece todas estavam d'accordo, era em converterem as vesperas de festas em especie de bacchanaes ao divino, onde, ao som de pandeiros, tambores e adufos, se percorriam claustros, corredores e pateos n'uma algazarra de cannibaes, em volta da victima destinada ao banquete commum.

Os padres visitadores não se cançaram—infatigaveis escrevinhadores — durante mais de dois seculos, de stygmatisarem taes manifestações d'uma mal entendida religião, mas a insistencia das suas reprehensões é um argumento em pró da sua inutilidade.

Começaram por prohibir que lá entrassem homens, para levantar o mastro de S. João Baptista, o que não impediu que o mastro continuasse a ser tão grande, que só quatro ou mais homens o poderiam pôr a pino, tal o vimos cuidadosamente guardado n'uma caixa na casa que outr'ora serviu de refeitorio. Prohibiram que a freira que cada anno era mordoma da festa gastasse com ella o que tinha e o que não tinha; baldada admoestação, porque n'aquella communidade de vaidosas filhas de algo o orgulho ensurdecia-as e cegava-as. Por fim, em 1728, foi nomeada uma commissão que recebesse as esmolas e fizesse as festas; ficando a respectiva thesoureira prohibida de *negociar* com o dinheiro, não podendo fazer despeza superior a 4$800 réis sem o consentimento do provincial, e para as outras devia ouvir a abbadessa.

Os festejos foram limitados a quinze dias, sendo oito antes e oito depois.

Eram permittidas as fogueiras de S. João e a alvorada em que se percorria o mosteiro com ramos de alecrim; sendo-lhes, porém, prohibido vir em procissão com elles á portaria; e esta prohibição implicava a de se não abrir esta para dar espectaculo aos profanos curiosos.

Segundo vejo d'algumas admoestações, tanto por occasião d'estas festas, como na solemnidade do jubileo das quarenta horas, havia como que representações no templo, seguidas ou fazendo corpo com bailados. Quando as imagens dos santos festejados vinham do claustro para a egreja em procissão, escusado será dizer que os devotos pouco caso faziam do santo para apenas se occuparem na contemplação das *santinhas*.

Para complemento d'estas festas, e por occasião do carnaval—em que se jogava o entrudo com a brutalidade propria de taes épochas e sem servirem de correctivo as prescripções provinciaes, como hoje de pouco servem, no Chiado, os editaes do governador civil,—havia representações que debalde se recommendava «... que sejam sempre ao divino e de nenhuma maneira ao profano, sem que mudem as religiosas a fórma do habito, vestindo-se em trajes seculares, e maior acerto será em não haver similhantes representações para que por causa d'ellas se não falte ao côro»; ficando as que entravam nas festas prohibidas, n'esse dia, de apparecerem na grade a quem quer que fosse, inclusivè paes e mães, embora chegassem de fóra. Isto, porém, não evitava que, vestindo-se para as comedias, não fizessem gala em vir mostrar-se a estranhos.

E as comedias que se representavam deviam ser algumas das que lá encontrámos, taes como: *O tutor enganado*—*O divertimento das noites de inverno* — *O gallego lorpa* — *A mais heroica virtude ou a virtuosa Pamella* — *D. Floriano em Lisboa* — *Os velhos amantes* — *Raras astucias do amor*

— *Os malsins logrados* — *A mestra abelha* — *Os tres rivaes enganados* — e outras que formaram o antigo repertorio de cordel, do fim do seculo XVIII começo do XIX. Em resumo, as festas eram precedidas de «assuadas, motins, gritarias e descomposturas de vozes» ... «alaridos de tambores» e «instrumentos bellicos».

Os provinciaes chegavam a appellar para a colera do rei, e a ameaçarem com ella as religiosas para serem obedecidos. Dá d'isso fé o seguinte trecho d'uma patente especial de fr. Antonio dos Archanjos, ministro provincial em 1740:

«... constou agora na secretaria de Estado que não obstante tão repetidas prohibições ainda se pediam vestidos seculares para as taes representações, portanto se nos ordenou mandassemos patente aos nossos conventos da provincia, na qual intimassemos a VV. RR. que seria muito do desagrado de S. Magestade o não se observar n'este mosteiro o estatuto e actas da visita, que prohibiam o uso dos vestidos seculares nas taes representações, sob pena de cahirem na sua real indignação, assim como o experimentaram as freiras de santa Clara, de Lisboa oriental...»

Não era, porém, sómente por occasião d'estas festividades que as monjas de Beja se divertiam com estrondo e formulario mundano; durante o anno havia saraus e musicatas, que deixavam de ter caracter intimo, tornando-se quasi publicos, pela quantidade de estranhos que eram convidados a assistir, e a tomar parte.

Nada encontrei ácerca das festas dos abbadessados, mas são conhecidas de todos as folganças a que a posse da madre abbadessa dava logar, não só n'este mas em todos os outros mosteiros.

O que, valia, eram as disciplinas applicadas uma vez por semana, em castigo das folias de todo o anno; mas se ellas n'este ponto respeitavam tanto a regra, como em muitos outros

que temos examinado, é de crer que ás disciplinas fosse dado pouco uso.

Todas estas solemnidades eram acompanhadas com o *mimo* de um tostão a cada religiosa, ás noviças e moças da sacristia, enfermaria e cozinha; de dois tostões ás dignidades da casa, ou madres que tivessem exercido o cargo de preladas, e de tres á abbadessa.

Havia, porém, uma outra festa, na entrada do Advento, conhecida pela *funsão da matasão* dos porcos, que tinham de servir de alimento á communidade até o entrudo.

Occasiões houve, em que se mataram porcos para mais de duzentas pessoas! Feita a matança, eram contemplados com um quarto de porco cada um dos dois medicos da casa, os dois lettrados, o cirurgião, sangrador, ferrador e procurador... «os tres ultimos sempre são quartos de porco pequeno»; para os outros em media de tres arrobas!

Sobre a distribuição da fressura, banhas, manipulação de chouriços, conservação de lombinhos, ha um livro especial com especialissimas recommendações, mais seguidas por certo do que as dos provinciaes visitadores.

Por occasião da Paschoa da Ressurreição havia egual distribuição de quartos... mas de carneiros. Eram os cordeiros paschaes... com algumas arrobas de peso!

Nas ante-vesperas da Conceição, mandavam as freiras de comer aos presos da cadeia, sendo cada ração composta de um pão, um bolo, uma posta de bacalhau, e grãos com ervas, e, para todos, um alguidar d'azeitonas, ou cousa que o valesse. Este bando ia processionalmente, levando-o os padres confessores, o procurador, o comprador e os serventes. Ainda hoje os Terceiros franciscanos de Lisboa conservam este costume, levando, com decente compostura, no dia de Todos os Santos, o jantar aos presos do Limoeiro.

Até a ceremonia do *Lava-pés*, em quinta-feira maior, dava

motivo para modificações nas comidas. As religiosas que figuravam d'apostolos no lavamento dos pés recebia cada uma duas queijadas e duas talhadas de bolo de mel, ou cousa que o supprisse e uma duzia de laranjas da *xina*. «E no côro de baixo, na mesma funcção, ao tempo que a prelada acaba de lavar os pés a cada uma, lhe mette na mão um cravo, e preso ao mesmo um cruzado novo.»

Comidas

Houve tempo em que os monges dos desertos, os patriarchas das ordens, com pouco mais se alimentavam do que com o ar; e, por milagre, lá uma vez ou outra um corvo, uma pomba ou outro qualquér animal os mimoseava com um pedaço de pão, cuja proveniencia nunca se chegava a averiguar, mas é de crer que fôsse celeste. As claristas de Beja, que não estavam no deserto, nem eram matriarchas, e tinham as suas razões para não esperarem pelo manná do céo, tratavam de se alimentar com succulentos repastos e gordas consoadas, para terem forças para louvar a Deus, e energia para os sacrificios da Regra. Sobre o assumpto — comidas — existia no cartorio do mosteiro um velho livro manuscripto, minucioso e cheio de emendas, notas e observações prescrevendo não só o que se devia comer e beber por festas, como até de que maneira assados importantes e doces especiaes deviam ser feitos. E' um verdadeiro diurno culinario, tratando com egual cuidado do estomago e do paladar, e ao que parece mais manuseado e considerado de que os diurnos do côro, e mais seguido por certo, do que os livros das visitações.

Parece que já no seculo XVII a communidade, se ainda se reunia no refeitorio para as collações, como mandava a regra, creio que já muitas tinham a sua cozinha em separado, porque vejo ser-lhes permittido: trocar a sua ração de certos

generos por dinheiro, consentida a venda de trigo, e que por festas cada uma recebia para doces os competentes preparos. Epoca do anno havia, como o Advento por exemplo, em que *cada uma* ía buscar a sua ração de carne de porco para uso de sua cozinha até o entrudo. É d'estas disposições que eu collijo que a cozinha não era em commum, embora talvez o fosse o refeitorio, e vem corroborar esta minha maneira de vêr o estar determinado «que as noviças que não tivessem senão meia joia d'entrada recolhessem senão meia ração»; emquanto que os padres mestres e freiras dignitarias obtinham sempre ração dobrada e por vezes triplicada. Os estomagos eram aferidos pela hierarchia dos cargos; dónde se vê que não é moderna invenção o que se segue com os directores geraes e os amanuenses, com a differença que nos mosteiros partia-se do *quantum satis* para o superfluo, e na moderna burocracia descesse da magnificencia para a fome.

Do livrinho em questão, que quem quizer póde examinar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e cuja consulta é indispensavel para a historia domestica do seculo XVII, transcreverei algumas das disposições que me pareceram mais curiosas, e que produzem a evidencia de que, se pelos mosteiros se ía a caminho céo, esse caminho nem sempre era de espinhos, e podia facilmente ser abreviado por uma forte indigestão.

As freirinhas comiam carne duas vezes por semana «que seja fresca, recommenda um visitador, e pagando-se-lhe a dinheiro, seja sem dimiuição do preço porque se devia comprar; e que se use de caridade com as serventes na quaresma e nos dias de abstinencia, dando-se algum feijões e bacalhau».

Esta observação deixa suspeitar que as abbadessas faziam *economias* com o preço da carne, abstinencias com as barrigas das serviçaes.

Sobre o fornecimento de alimentos do convento, existe

um pergaminho datado de 1502, em que D. Manuel concede á communidade o privilegio de ser provida de carne, peixe, legumes e qualquer outro mantimento que estivesse almotaçado, antes de qualquer outra pessoa. Este privilegio foi confirmado por varios reis entre elles D. João III, D. Philippe, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Um santo visitador, verificando que se gastava muito com as noviças, de maneira que o tempo do noviciado, em vez de ser de penitencia e provações, era de regabofe, mandou: «que de nenhuma maneira se dê mais do que a ração de carne que é commum, algum prato de fruta com seu queijo, em um prato algum bocado de doce que seja de mel, e de nenhuma sorte aves de pennas, salvo se fôr em dias de festa...»

O padre mestre fr. José do Menino Jesus, lendo pelo mesmo breviario escreve: «Fazemos saber a VV. RR. que contando-nos os exorbitantes gastos e apparatos que n'esse mosteiro se fazem com os jantares e ceias das noviças, contra a pobreza religiosa que hão de professar, devendo nós acudir a este abuso, mandamos, com o perfeito formal da santa obediencia, a todas as religiosas do dito mosteiro, que teem ou d'aqui em diante tiverem noviças ou pupillas á sua conta, se evite similhantes excessos, no que terá cuidado a R. Madre Abbadessa debaixo do mesmo presente, não consentindo que os jantares passem de uma ração ordinaria, os de carne com seu arroz, e sendo tempo de fructa, com a sua fructa moderada, e da mesma fórma nos dias de peixe com a sua usual ração de peixe e esparregado, por se evitar toda a superfluidade, que mais tem apparencias de seculo que de religião...»

Outro visitador censura o abuso de se fazerem jantarinhos e petiscos em toda a parte, nos dormitorios, nas cellas e até nas janellas!

Tudo quanto deixamos transcripto vem em apoio do que acima disse das comidas em particular.

Tanto as festas religiosas como as profanas tinham o seu complemento na mesa; e quanto mais solemne era a festa, tanto mais abundante era o jantar e variada a consoada.

As festas de S. Francisco e da Conceição pódem servir de typo das magnificencias culinarias; em que eram particularmente contemplados o Padre Mestre Confessor e os quatro franciscanos, seus coadjutores.

A festa, como todas as de primeira classe, annunciava-se logo pelas vesperas solemnes, com um jantar aos padres, composto de: sopa de peixe, peixe frito, tres empadas ao Padre Mestre, e duas aos outros, ovos fritos em manteiga e assucar, caldo de grão, doces, tomates, letria doce e duas fructas. A' consoada esparregado, peixe frito e fructa. Dava-se mais ao Padre Mestre dois covilhetes e tres papelitos de doce.

Como preparo espiritual, confessemos, que tudo isto era talvez pesado de mais, e prova estomagos não affeitos ás abstinencias do jejum, mas excellentemente trenados nas lidas gastronomicas.

No dia da festa, as religiosas recebiam de extraordinario um arratel d'uvas, dois as dignitarias e tres a prelada. Os reverendos padres, no dia do heroe da penitencia tinham para o jantar: o Padre Mestre meia perua cosida, e os outros um quarto de perú cada um; caldo, marrã assada, coelho ensopado, e ao Padre Mestre mais um guisado de miolos, ou cousa que o supprisse, pratinhos de ovos reaes «sendo o do Padre Mestre sempre maiorsinho» e duas fructas!

Que singular maneira de comprehender a commemoração dos santos!

Uma disposição permanente, e com mais auctoridade que uma lei de concilio, manda que «... da marrã que se com-

pra para esta funcção depois de se tirar o que toca aos padres, na fórma que dito fica, se reparta o mais, «em primeiro logar á Senhora Abbadessa e á Madre Vigaria da Casa, e a todas as religiosas que já teem sido preladas, e a todas as mais officiaes maiores, e a cada uma se mande uma porção; e ás cinco moças que servem na provisoria e cozinha tambem se lhes dê um bocadinho a cada uma, e tambem se dê ás religiosas das contas».

Na festa da Conceição jantavam os padres: peixe em sopas, carne com arroz, ovos fritos em manteiga e assucar; e ao Padre Mestre mais dois assados, pratinhos d'ovos a todos «e áquelle, como sempre préga n'este dia, dar-se-lhe-ha de mais um prato de arratel, e junto com este dito prato lhe vae a moeda de ouro da esmola do sermão, e é dado a todos n'este dia duas fructas».

Meu Deus! meu Deus! que de cousas o Padre Mestre não diria pela tal moeda de ouro!

O entrudo tinha lista especial de pratos. No dia de *compadres* era de obrigação a perua e o perú, e á ceia dois pratos de carne e perdizes assadas. Na semana seguinte as *comadres* eram solemnisadas a gallinha, e á ceia carne «e um franguinho para o Padre Mestre». No *domingo gordo* repetia-se a lista da quinta feira de *compadres*, ampliada com um *extra* de ovos reaes. A segunda feira regulava-se pelo dia de *comadres*, e mais: letria doce. Na terça feira de entrudo, seguia-se o programma do domingo gordo, sendo os ovos substituidos por sonhos!... talvez os unicos da vida dos padres mestres.

E aqui teem os leitores um calendario de nova especie, que os santos instituidores da ordem nem sequer sonharam.

Cada freira recebia, por semana, uma talha d'agua. Em 1782 foi ordenado que se lhes desse duas, visto uma «ser cousa tão limitada, sendo tão necessaria».

Não encontrei indicação alguma ácerca da quantidade de vinho servida aos padres mestres, para acompanharem tão succulentas comidas. É de crer que isso ficasse á sua discrição.

E não ficava mal!

Limpeza

Pelo que ultimamente alli vi, e pelo que já temos lido, não parece que no mosteiro existisse uma severa tradição de aceio. É possivel que nos ultimos tempos a edade tivesse quebrantado, nas religiosas e suas criadas, o impeto caiador das alemtejanas. N'outros tempos sei que as servas faziam despejos de immundicies no poço e na cisterna; que se enxovalhavam as portas e os caminhos de qualquer desaffecta; e que o mosteiro distribuia por mez uma quarta de sabão a cada pessoa; apesar de lhe ser concedido o privilegio d'esse fabrico.

É verdade que eu já conheci um parocho d'uma freguezia de Lisboa, egresso franciscano, que fazia gala em trazer a dentuça immunda, e desculpava a porcaria allegando que S. Francisco nunca usára de escova de dentes; o que estou capacitado ser uma calumnia do padre prior. O padre mestre tinha tres arrateis de sabão por mez, e os outros, dois arrateis cada um.

Emfim, se elles e ellas se servissem do sabão, embora pouco, para se lavarem das iniquidades!...

Horas de silencio

Por causa da gritaria, que tomava proporções de rugidos selvagens, tanto de dia como de noite, foi ordenado, em 1725, que se tangesse o silencio de inverno ás oito horas e de verão ás nove; para o que se davam tres badaladas com o sino

grande tres vezes, e feito o dito signal eram obrigadas a recolherem-se todas as religiosas a seus leitos ou cellas, e as leigas da mesma fórma. Este silencio devia durar até á hora de prima sob pena de excommunhão.

As freiras, porém, continuavam excommungadas, mas não se calavam.

Cães

E que trabalho não davam os cães aos padres visitadores! Que de quartilhos de caparosa corrosiva elles não fizeram correr dos bicos das pennas de ganso sobre as folhas de papel almaço amarellado do livro das patentes!

Fr. José da Estrella Fonseca mandou ler na grade do côro de baixo á communidade alli reunida, por um dos capellães, e com assistencia do Padre Mestre Vigario o seguinte *ukase*: «Porquanto, chegando-nos a noticia que as religiosas d'esse nosso mosteiro introduziram no sagrado claustro *um grande numero de cães* machos e femêas, que só servem de perturbar o silencio, sem attenderem que lhes são prohibidos pelas nossas leis, e o que tantas vezes teem mandado os nossos antecessores, que se não consintam na clausura.»

Vê-se que se trata de peccado de reincidencia, além de outros que o Reverendo cala. Mas não se lembraria o Padre Mestre que foi um cão que carinhosamente lambeu S. Roque, santo de especial devoção dos franciscanos, e que isto os apontava aos cuidados das franciscanas?

Escusado é dizer que as religiosas se não separaram dos *tótós*, e por elles affrontavam as penas do inferno com uma coragem verdadeiramente admiravel. O provincial, por seu lado, tambem não affrouxou, e, vendo-se desobedecido, ordenou que no praso de quarenta e oito horas os «cachorrinhos e cachorrinhas» sahissem do convento. O resultado d'esta severa imposição foi que, tres annos depois, os animaes pro-

hibidos tinham-se por tal fórma reproduzido, que elle achou serem necessarios tres dias para limpar d'elles o mosteiro; vem, porém, o Padre Francisco dos Anjos, algum tempo depois, e concede licença para ficarem na clausura aquelles dos «cachorrinhos e cachorrinhas que servissem para remedio nas molestias das religiosas».

Era provavelmente o caso de S. Roque.

Confessores e prégadores

Foi sempre uma sinecura apetecivel entre frades o ser capellão ou confessor das freiras. Além da boa vida, da perua e da marrã com finos doces, de multiplicadas propinas em dinheiro, de mimos diarios, e da liberdade de viverem fóra da clausura, tinham, para lhes entreter os ocios diarios, a coscovilhice do confessionario.

Imagine-se um santo varão, a bem com a sua consciencia, almoçado com abundancia, á larga dentro do burel delgado e fresco no verão, pesado e quente no inverno, sentado na commoda cadeira de braços, encostado á mão, e attento ao segredar dos peccados que lhe cahiam no ouvido, coados pelas grades de crivo miudo! Que de curiosos *clichés* não tiraria um photographo collocado na frente do confessor; que de sorrisos maliciosos; que de enrugar severo da testa; que de chispas lubricas nos olhos; que de immobilisação anciosa pelo resto da confissão, que parece não poder sahir dos labios da confessada! E depois, a banalidade da absolvição terminada com uma benção e uma pitada!

Mas n'aquelle tempo ainda não havia photographos e os confessionarios eram quasi sempre escondidos na penumbra, para convidarem os penitentes ao recolhimento, e os confessores á abstracção de si proprios.

O disposto era que houvesse alli um Padre Mestre acoly-

tado por mais quatro franciscanos, o que não impedia que muitas vezes se não encontrasse um unico para administrar um sacramento!

Pois apesar do trabalho não ser de esfalfar, os santos varões recusavam-se a celebrar missa no mosteiro, quando alguma religiosa adoecia, e só o faziam a troco de doze vintens; caso feio que o commissario fr. José dos Seraphins qualificou de «desordenada ambição».

Antes d'isto já os visitadores diziam: que elles deviam servir de graça, sem nenhuma propina,— não lhes faltando as freiras com o necessario; dando-lhes o vestuario e calçadorias de que necessitassem «e dentro de seis mezes se darão para a cella de cada um duas cobertas de lã, e tanto d'estas como da mais roupa se fará inventario».

Não gosto da disposição do inventario; faz ella pairar sobre os reverendos confessores a suspeita de que elles poderiam pôr com dono ou dona a roupa que o mosteiro lhes dava para seu uso.

Embora as religiosas fossem obrigadas a confessar-se com elles; podiam tambem abrir a sua alma, mais ou menos maculada, a qualquer dos frades de S. Francisco, d'aquella cidade — maiores de quarenta annos,— e aos padres mestres — egualmente maiores de quarenta annos — que morassem no convento de Santo Antonio, ficando nulla a confissão feita a outro qualquer sacerdote.

Encontro, porém, o exemplo da Madre Jacintha de Azevedo, que obteve Breve para eleger como seu confessor extraordinario a Bernardo Maria Conti, presbitero cardeal do titulo de S. Bernardo, em 12 de fevereiro de 1723.

Pelo que se refere a prégadores, não levemos a mal o que se lê na patente do Padre Mestre Frei Manuel de Nossa Senhora do Loreto, datada de 14 de abril de 1763, e que é do theor seguinte: «Fazemos grande reparo no grande numero

de licenças que se nos tem pedido para prégarem nos nossos mosteiros prégadores seculares de outras santas religiões, sendo assim que nos parece que com mais razão deviam as nossas religiosas não privar as pobres communidades dos nossos religiosos da esmola onerosa com que as podesse soccorrer; mandamos pois ás reverendissimas madres abbadessas, que inda que lhes mostrem licença, de nenhuma sorte consintam que nos nossos mosteiros preguem prégadores alguns, de quem, com prudente fundamento, constar que n'elles teem alguma correspondencia illicita».

No fundo d'esta prohibição, de caracter geral, existia uma vingança de velhas rivalidades com os carmelitas da localidade. No dia em que as duas ordens vieram ás boas e entraram no terreno dos accordos, que os levou a plena reconciliação — se é que entre dois frades de ordens differentes podia haver uma paz leal — esta prohibição foi levantada, e as freiras da Conceição poderam deliciar-se e adormecer ao troar do chato gongorismo da época, sahido da bôcca de outros religiosos que não os franciscanos.

Et tout est bien, qui finit bien.

Castigos

Até aqui ainda não fiz senão o rol das maldades das moradoras do mosteiro, convém saber se ellas tinham ou não castigos. Tinham, mas a reincidencia faz-me suppôr que eram lettra morta. Indicarei as penas cuja ameaça estava constantemente pendente sobre as cabeças das culpadas:

reprehensão particular;

reprehensão deante das discretas;

confissão da culpa na presença da communidade por uma, duas ou tres vezes;

jejum a pão e agua;

privação da grade, e dos logares publicos do mosteiro, por tempo indeterminado ou limitado;

termo lavrado pela Madre Escrivã, assignado pela delinquente e tres discretas;

privação do voto;

prisão, que podia ser perpetua;

transferencia de mosteiro;

excommunhão menor;

excommunhão maior reservada ao guardião de S. Francisco.

Se a delinquente era prelada, ou exercia algum officio, podia ser privada do cargo temporariamente ou por todo o tempo do triennio, além das penas ecclesiasticas que lhes eram comminadas.

Mas os visitadores, assustados sériamente com as excommunhões maiores em que a communidade incorria a cada passo, e de medo que um bello dia toda ella cahisse no inferno, com os perus e os quartos de marrã, de vez em quando minoravam as penas ou absolviam aquellas que podessem ter incorrido em algumas, em compensação de exercicios piedosos, taes como os exarados no Breve de 3 de março de 1777, em que se concedeu á população do mosteiro absolvição geral, comtanto que se visitasse a capella, oratorio ou altar de S. João Evangelista — o que por certo não fizeram as devotas de S. João Baptista — e além d'isto indulgencia plenaria quatro vezes por anno a saber: na sexta feira de Paixão, no terceiro domingo de outubro, e em outros dois dias que a communidade elegesse e o ordinario approvasse. Era pôr em pratica o systema da brandura, mas foi tudo de balde e o grosso da casa continuou, com o seu viver irregular, escandalisando não só algumas santas e boas religiosas, que por força lá deviam viver no verdadeiro espirito de S. Francisco, mas até os seculares sinceramente

crentes na efficacia dos mosteiros, que elles julgavam instituidos para maior gloria de Deus e dos seus santos, por meio da piedade, do sacrificio e da abnegação!

Havia, porém, um motivo que fazia com que houvesse tão pouco respeito com as penalidades impostas pelos visitadores: entre as religiosas tinha curso a jurisprudencia de que as penas lançadas só tinham valor emquanto durava a jurisdicção de quem as lançava; e portanto esperavam sempre que acabasse o tempo do ministro provincial, para ficarem desde logo, *ipso facto*, livres e puras das terriveis excommunhões que elle vibrara sobre ellas. E como esta doutrina lhes fazia conta, e lhes tranquillisava a consciencia, continuavam peccando e transgredindo a regra, com a esperança da nova eleição.

Julgamentos

Em 25 d'abril de 1509, estando D. Manuel em Evora, concedeu ás freiras o privilegio de não poderem ser demandadas por cousa alguma, senão deante do juiz de fóra de Beja, e de poderem demandar quaesquer pessoas no mesmo tribunal.

D. Filippe, em 1596, confirmou este privilegio, a pedido da abbadessa, com a restricção de que esta, quando fôsse auctora, não podesse citar perante o juiz de fóra de Beja os seus devedores e contendores, que morassem fóra da correição de Beja e da ouvidoria de Campo d'Ourique.

As nossas madres usaram e abusaram d'esse privilegio, até que o nivelamento liberal as introduziu no direito commum, tendo tido préviamente o cuidado de lhes prohibir o direito d'associação, com o fim de se lhes apoderar dos bens, o que foi um crime contra a liberdade e o direito.

O voto de pobreza

Fr. Helias, o vigario de S. Francisco, o geral organisador da Ordem, o homem de vista clara que comprehendeu que todas as instituições cá d'este mundo não podem desenvolver-se e durar, se forem estabelecidas em principios *contra natura,* fez escola na Ordem, apesar do que d'elle disseram os primitivos intransigentes. Graças a elle e a seus discipulos, a phrase «pobreza franciscana» eram palavras sem sentido na maioria dos conventos e mosteiros.

Logo na sua fundação as rendas do mosteiro de Beja começaram por ser grandes e adquiriram uma importancia consideravel.

Em 1483, como todas as religiosas fôssem nobres, ou como taes se considerassem, allegaram que não podiam sustentar-se com as rendas que tinham e que então não excediam a quantia de quarenta e dois ducados camareiros [1] foi-lhe annexado, por Breve pontificio o rendimento da egreja de Bellas, na importancia de setenta d'aquelles ducados; reservando-se a congrua para sustentação d'um vigario perpetuo.

Mas já antes d'isto D. Affonso V, rogado por sua cunhada D. Brites, concedera a este mosteiro licença para adquirir bens profanos e seculares, que rendessem em cada anno cem mil réis, e para isso dispensou na lei do reino, não obstante o proposito que tinha feito de não accordar similhantes dispensas; e se o fez foi em memoria de seu irmão o infante D. Fernando, que começou, e não poude ultimar e estabelecer como desejava, este mosteiro; o respeito á infante que com muito zêlo tinha continuado a obra do marido, e o de-

[1] A Bulla a que se refere este assumpto tem *ducatus de camara* moeda pontificia cujo valor ainda não consegui fixar.

sejo de fazer um refugio para donzellas, que, como o convento era pobre e não tinha rendas para as sustentar, não podiam ter alli guarida. A mercê é datada de Arronches em 2 de maio de 1475. Declarando o rei ser contra a lei o adquirir a communidade bens ecclesiasticos, facilitou a encorporação, por Breves pontificios, de S. Salvador de Beja, Hospital da Santa Vera Cruz, de Beja, e as egrejas de Villa Ruiva, Villalva e Bellas.

D. Manuel confirmou a mercê do tio em 31 de Março de 1502.

Para os negocios do mosteiro havia nada menos de dois lettrados, auxiliados por um procurador. Quando se lembraria Santa Clara de ter advogados que lhe tratassem de demandas? Tinha a fé, e bastava lhe, que no dia da fome e miseria o comer entraria na clausura por milagre; mas as claristas de Beja bem sabiam que, se não fizessem hecatombes de porcos, pelas janellas lhes poderiam entrar demonios em fórma de officiaes de cavallaria, mas nunca pombas portadoras do celeste manná!

Já em outro logar me referi ás minudencias do dote, o que é mais um argumento contra a preconisada pobreza franciscana.

Parece que durante seculos os frades e freiras não fizeram senão amontoar elementos contrarios ás suas instituições, para com elles ser ateado o fogo que os destruiu.

Foi pena.

N'uma das actas leio: «Julgamos inconveniente, *por muitas rasões*, alugar-se uma casa que fica debaixo do mosteiro, e hoje (maio de 1729) se acha servindo de palheiro; pelo que mandamos á R. M. Abbadessa a faça despejar, e mandando tapar de pedra e cal a porta que tem para fóra da clausura, a recolha para dentro d'ella, applicando-a para despejos da communidade».

Eis uma diminuição de rendimento, que por certo se não fez em attenção á pobreza franciscana.

Hony soit qui mal y pense.

Enfermos

Já por occasião d'um estudo acerca dos jesuitas[1] tive ensejo de notar que, apesar da grande parte concedida á humanidade nas instituições da potentissima companhia, não havia alli para com os doentes aquella caridade e carinhos indispensaveis até nos hospitaes mercenarios. No mosteiro da Conceição de Beja, encontro outra imagem d'este quasi abandono.

O tratamento — affiançam os visitadores — era insufficiente e os remedios escassos. Para aquelle faltavam as religiosas, que se escusavam ao trabalho de assistirem a suas irmãs em Christo, quanto prostradas pela doença; para estes não havia dinheiro; e assim foi preciso obrigar as freiras a velar cada uma por sua vez á cabeceira dos enfermos, segundo a ordem d'uma tabella; e, quanto aos remedios, como havia muitas doentes e as «chimicas» eram caras, a abbadessa «dê medicamentos até á quantia de doze vintens e passando não será obrigada a dar mais a toda e qualquer religiosa que adoecer».

As reverendas madres eram mais generosas com peruas, marrãs e ovos fritos com assucar para os confessores.

Ha, porém, em 1782, um visitador menos cruel e que, por dó para com as doentes, ordena ás abbadessas que lhes assistam com os remedios necessarios; comtudo estas, apesar d'isto, não iam além dos doze vintens; e tanto assim que a ordem era repetida em 1790, com a observação devé-

[1] O CATHOLICISMO DA CORTE DO SERTÃO. Conf. cap. *Um collegio jesuitico no seculo XVI.* — *Paris, 1891, Guillard, Aillaud & C.ª*

ras triste «de que da falta d'esta caridade, umas *morriam* e outras *faziam dividas*, que depois não podiam pagar».

E levou aquelle adoravel S. Francisco a vida inteira a prégar e a cantar o amor do proximo!

O que se deduz d'esta selvageria para com os doentes, é que o mosteiro era uma simples hospedaria ao divino, onde cada qual era considerado, sustentado ou tratado nas doenças conforme os bens de fortuna que possuia! «Dize-me quanto tens, dir-te-hei quanto vales!» era o lemma que aquella gente tinha substituido na bandeira de Christo ao — «Amaevos uns aos outros.»

A falta de caridade era tão clamorosa, que um dos visitadores viu-se obrigado ao seguinte expediente:

«Sendo uma das cousas que nos tem causado o maior cuidado, e a que nos tem movido a maior compaixão a falta de assistencia e soccorros para com os enfermos, considerando nós por outra parte a impossibilidade da communidade para a execução de uma tal providencia, que deviamos dar em materia tão grave, conservando-se a exhibição dos medicamentos e dos dois tostões que até agora era costume dar-se a cada enferma o que inalteravelmente se continuava; reconhecendo nós a docilidade e caritativo animo das religiosas d'este mosteiro, e que podendo algumas dar certas esmolas serão mais agradaveis ao Senhor, as appliquem a suas irmãs enfermas, e querendo por outra parte que estas suas esmolas não tenham a liga da vaidade, determinamos que no côro de cima se ponha uma caixinha com uma pequena abertura por cima, presa com argolas e cadeado, cuja chave do cadeado estará na mão da reverendissima abbadessa e na dita caixinha haverá uma fechadura com tres chaves, das quaes terá uma a mesma reverendissima madre abbadessa, outra a reverendissima madre mais digna, outra a madre enfermeira. N'esta caixinha, pois, lançarão as religiosas as es

molas, que em Deus lhes parecer podem.» Na mesma caixa se deviam lançar as meias rações tiradas ás educandas e noviças que não tinham integralisado o dote.

No meio d'esta miseria não podiam tratar-se com outros medicos que não fossem os da casa, nem outros podiam entrar no mosteiro, salvo por occasião de junta em doença de perigo.

O edificio foi sempre victima das epidemias que se generalisavam na cidade, o que não admira, dadas as desastradas condições da sua construcção e disposições internas; mas na epidemia de 1796, tantos foram lá dentro os casos fataes, que as religiosas tiveram auctorisação para alugar uma quinta onde estabelecessem a enfermaria. Na auctorisação explana-se o provincial nos recatos religiosos com que as freiras deviam sahir e entrar; mas nada diz sobre as precauções hygienicas.

Em 1725 eram medicos do mosteiro Pedro Nunes e Pedro Dias. A quantas religiosas estes dois Pedros não abririam as portas do ceu com receitas e sangrias?

A morte

A morte vinha finalmente absolver todos os escandalos da vida; e quando o cadaver jazia entregue á mãe commum, debaixo d'uma lage no côro, na crasta, ou nos corredores aos pés d'algum altar, lavrava-se o termo d'obito, especie de certidão regeneradora onde invariavelmente se declarava que a finada «era religiosa de bom exemplo, muito devota d'este ou d'aquelle santo, e que morreu depois de receber todos os sacramentos». Grande numero d'ellas falleciam com signaes de predestinação. Os termos d'obito nunca declaram quaes elles fossem.

A partir, porém, de 1820, estes termos deixam de ser

elogios funebres, e passam a indicar simplesmente o nome da defunta e o local em que jaz sepultada!

Lendo-se o livro das mortas admira-se um mosteiro de santas, por cujas janellas nunca entrou a poeira d'um peccado venial sequer; folheando-se os dos visitadores, encontramo-nos no meio d'um inferno, fóco de todos os peccados mortaes, dignos de excommunhão maior! Convém, porém, dizer que os assentos d'obito eram lavrados pelas freiras, e os das visitações pelos frades, e que cada qual escrevia a historia como lhe fazia conta; ainda assim, tiradas as medias, eu dou mais pela veracidade dos padres provinciaes do que pela das madres escrivãs. E tão certos andavam os padres visitadores que as mortas precisavam de empenho para affrontarem as penas do purgatorio, que fr. Antonio da Purificação, ordenou que, além dos suffragios regulamentares, em todas as sextas feiras cada religiosa rezasse um rosario offerecido a Nossa Senhora por alma das defuntas. Resta saber como ellas cumpriam a ordem, e como Nossa Senhora receberia a offerta.

Synthese

Findou o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de Beja, mas ficou viva na memoria popular — repositorio, na maioria dos casos, da verdadeira historia — a tradição das aventuras amorosas de suas monjas, em favor das quaes os prelados portuguezes tiveram condescendencias absolutorias, que mais se podem classificar de verdadeiras cumplicidades.

A ultima d'estas aventuras, cuja recordação, por ser recente, se conserva mais viva, prestava-se a um verdadeiro romance, onde houvesse capitulos escriptos no genero pittoresco e movimentado dos de capa e espada, e não somenos outros de observação e analyse á maneira dos psychologos.

Não será, porém, nem uma nem outra cousa, o que vae ler-se, mas sim uma ligeira narrativa ao correr da penna, especie de noticia desenvolvida de qualquer gazeta, no dia em que a falta d'assumpto obriga a *fazer caso*.

N'esta narrativa, ou conto, conforme melhor lhe queiram chamar, encontra-se, como nos velhos romances: sangue, mortes e aleivosias; e, como é de uso correntio e proposital nos modernos contistas, o vicio ficando triumphante, e se não sem premio a virtude, é porque foi genero que nunca abundou n'aquella casa de Deus, como passo a provar. Nos apontamentos manuscriptos do incansavel e miudo investigador das cousas de Beja, o sr. Felix Caetano da Silva, no convento da Conceição figuram apenas como religiosas de virtude a madre soror Catharina d'Aragão, morta em 25 de abril de 1633, a madre soror Guiomar de Jesus, a madre Gracia de Jesus, e a madre Lucrecia de Mello; em quanto que o convento de Santa Clara, de gente plebea e não de sangue azul, tem entre outras as seguintes que viveram e morreram com grande opinião de virtude: D. Francisca da Silva, Maria de S. João, Anna de Abreu, D. Maria do Rosario, Violante Charroco, Ignez dos Anjos, Magdalena Moniz, Beatriz de S. Paulo, Branca do Rosario, Archangela de S. Miguel, Catharina dos Anjos, Marianna da Apresentação, fallecida em 1690, Ignez de S. Francisco, em 1690, Isabel da Annunciação, em 1690, Marianna do Sacramento, em 1691, Maria das Montanhas, em 1692, Catharina de Brito, em 1692, Magdalena do Sacramento, em 1694, D. Eufrazia Maria Bociano, em 1695, Catharina de S. Francisco, em 1695, Sezinanda Baptista, em 1696, Anna da Madre de Deus, em 1699, Anna da Trindade, em 1703, Maria da Columna, em 1702, Maria do Espirito Santo, em 1704, Catharina dos Seraphins, em 1706, Brites Maria das Chagas, em 1706, D. Francisca da Cruz, em 1707, Seraphina do Ceu, abbadessa, em 1709, Margari-

da do Sacramento, em 1715, Ignacia Maria, em 1717, D. Francisca Michaela da Graça, em 1724, Custodia do Sacramento, em 1734, Maria Narcisa de Santo Antonio, em 1736; sendo para notar que n'este convento a virtude durou até muito tarde, o que é deveras raro.

Vê-se, pois, que Santa Clara encontrou mais herdeiras do seu espirito nas pobres, que sahiam das casas do povo para lhe seguirem a regra, do que nas filhas dos fidalgos, que a primeira cousa em que tinham de pensar era que o dote fosse avultado; porque no mosteiro como cá fora «quanto tens, quanto vales».

Vamos ao nosso caso.

A heroina d'esta historieta foi a madre Maria Felizarda, que podemos considerar, sem lhe fazer injuria, como a mais completa e acabada antithese da Santa Matriarcha que devia servir-lhe de exemplo, e cujo testamento e regra, se alguma vez leu, foi na intenção de saber o que devia de praticar em contrario. Aos trinta annos — edade em que na mulher as paixões teem energias violentas, quasi selvagens, prazer todos os requintes da sensualidade, e o espirito já o sufficiente conhecimento da vida, para encontrar os mil expedientes necessarios para conseguir a saciedade no goso—resolveu abandonar o mosteiro, deixando com o habito a vida claustral, fazendo-se raptar por um dos seus dois adoradores de então, em quem ella se vingava do abandono a que a tinha votado o primeiro homem em que complacentemente puzera olhos peccaminosos.

Decidida a abandonar suas irmãs em Santa Clara, que pouco mais valeriam do que ella, decidiu egualmente salvar a honra do convento, e fazer acreditar aos padres mestres visitadores, porque a profanos já ellas não illudiam, que não fôra pela porta regral, que se evadira, mas sim por uma d'aquellas janellas, para onde durante dois seculos os mi-

nistros provinciaes levaram, improficuamente, reclamando rotulas pregadas e chumbadas!

A janella escolhida é a que do antigo palacio dos infantes, ao fundo, deita para uma estreita viela, onde um passadiço une o velho solar ao corpo do mosteiro.

Os apetrechos da fuga foram: uma corda e uma franga!

Vamos, porém, vêr o uso que ella fez d'estes dois auxiliares. Quem previsse a fuga imaginaria que, quando soror Felizarda se recolheu á cella, levaria tenções de preparar farnel para o caminho, ou viatico confortativo que, depois de assado, seria comido na primeira estalagem em que se fizesse alto, regado com o capitoso vinho de Borba.

Engano!

A franga foi degolada e todo o sangue cuidadosamente recolhido, não para engrossar o molho de futura cabidella, mas para com elle se besuntar a corda, que, depois de pendurada na janella, devia dar a conhecer, com as manchas vermelhas, que a fugitiva tinha ferido as mãos ao deixar-se escorregar até á rua. Perdeu-a no conceito publico o excesso da prova; porque em tanto sangue embebeu a corda que ninguem acreditou que tal quantidade sahisse das esfoladellas de mãos humanas... embora monasticas.

Pendurado, pois, o corpo de delicto, teve artes para se fazer abrir a porta regral, cujas chaves parece que essa noite não ficaram sob o travesseiro da madre abbadessa; e, disfarçada com trajes de homem, dirigiu-se para o local onde a esperava o amante preferido, já montado e com um cavallo á redea. E eil-os a caminho de Lisboa, anciosos por encontrarem a primeira estalagem onde descançassem.

Deixemos os dois cavalgando, como é de uso nos romances; deixemol-os, depois d'uma parca refeição, em amoroso colloquio, emquanto descançam da primeira galopada a mão baixa; tendo recommendado que assim que os cavallos esti-

vessem enxutos e limpos lhes dessem boa ração e os apparelhassem em seguida; e voltemos n'um pulo a Beja.

O galopar de dois cavallos, a horas mortas da noite, despertou a attenção do amante ludibriado, que, actuado por um vago presentimento da infelicidade que o feria, sahiu inconscientemente para a rua. Ha quem negue estes presentimentos, estas como visões d'alma; ha tambem outros que as estudam e procuram reunir os factos necessarios para poderem estabelecer as bases d'uma nova sciencia, e se este caso servir para os ultimos, para os telepaticos da escola ingleza, ahi lh'o deixo á disposição. A pezar seu, e como se um demonio cruel e traquina o fosse encaminhando, dirigiu-se para a estreita rua para onde deitava a tal janella, e sob a qual tantas vezes palestrara com Felizarda, resistindo esta sempre a dar-lhe por alli entrada ou a procurar ella a sahida.

O primeiro indicio que o sobresaltou foi a corda pendurada; agarrou-se a ella com um desespero que lhe avivou as innatas qualidades de simio, e trepou até o parapeito. A vidraça estava fechada. A fugitiva salvava a honra do convento, pendurando a corda e preservava a saude das suas irmãs, fechando a vidraça por causa das correntes d'ar.

Desceu, e no auge de um semi-delirio foi bater á porta da clausura, que encontrou tambem fechada; signal evidente de que alguma discreta dera volta á chave. Ninguem lhe respondeu. Mas havia uma voz que lhe zumbia aos ouvidos, que era Felisarda a fugitiva; e sem ter concertado um plano qualquer, dirigiu-se a casa, fez sellar um cavallo, revistou se estavam carregadas as pistolas dos coldres, metteu na algibeira tres ou quatro moedas de ouro e alguma prata, e partiu na pista dos fugitivos, que conjecturára seguiam pela estrada de Lisboa.

O que ia elle fazer? Não o sabia. O caminho quasi que o não via, tal era a nuvem de sangue que lhe obscurecia a vis-

ta; e com uma furia selvagem mettia as esporas na barriga do animal, que, levantando espessas nuvens de poeira, ia n'um galope doudo pela facha de estrada que se estendia pela planicie. Ao passar junto da estalagem, onde os dois fugitivos tinham feito a primeira etape da fuga, já estes se achavam a cavallo e dispunham-se a seguir viagem. Reconheceu-os, tomou-lhes a dianteira, e de pistola em punho, febril e violento, apostrophou em linguagem soez a prejura, que, tendo-lhe promettido que fugiria com elle, assim se lançava nos braços de outro.

Não soffreu o animo ao amante ditoso aquella brusca interrupção do começado idyllio, e correu sobre o provocador. Então brilharam simultaneamente duas pequenas chammas, soaram dois tiros; um dos cavallos correu em disparada, e em breve trecho o cavalleiro que o montava cahiu por terra. Qual d'elles cahiria morto? A noite era escura como breu. Felizarda, no que pensou immediatamente foi em aproveitar-se da escuridão e fugir, abandonar aquelle logar nefasto o mais depressa possivel, affastar-se d'essa aventura amorosa, que começava pela morte comica de uma franga e já contava o assassinato de um homem. E assim, a freira, passando-lhe pelo cerebro uma idéa genial disse para o sobrevivente, que indeciso, senão aterrado, não sabia que fazer:

— Agora não ha que remediar, fujamos.

— Talvez não esteja morto; disse o homem com um verdadeiro sentimento de remorso, mixto de compaixão.

— Não temos tempo para delongas. O estalajadeiro que já ahi vem, attrahido pelos tiros, que verique o que lhe aconteceu. Fujamos.

E já da porta da estalagem o estalajadeiro, acompanhado pelos criados se dirigia para elles.

— Fujamos, disse o assassino; agora és bem minha, visto que nos liga o laço do crime.

— E porque não o do amor?

E ambos partiram á redea solta pela estrada fóra.

Os cavallos estacaram ao chegar junto do ferido, cujo estertor agonisante causava horror; mas, esporeados, fizeram um esforço e lançaram-se para a frente.

O estalajadeiro reflectio se devia levar o ferido para casa, mas um dos criados objectou-lhe que era um asneira, d'onde lhe poderiam resultar alguns trabalhos, tanto mais que só tinham de carregar com um cadaver.

O bom homem annuiu, e todos elles rezando um *Padre Nosso* por alma do desgraçado, cujo estertor já tinha findado, recolheram-se á locanda.

Quem fugira com a freira, que não deseja perder os proventos da morte da franga? Quem vae cavalgando a seu lado, não como a oppressão constante do remorso, mas como um companheiro amoroso? E' o namorado ludibriado, o que encontrou a corda pendurada, e que não tivera a coragem precisa para com ella se enforcar!

Esta historieta podia ficar por aqui; mas para que se conheça o especial carinho com que a Providencia trata algumas das suas filhas claristas, é bom que se saiba o resto.

N'aquelle tempo, era geral a perturbação politica no paiz. Os odios estavam incendidos. Tropas e guerrilhas batiam-se a toda a hora; ás batalhas campaes ou regulares, seguiam-se escaramuças de embuscadas, e, a pretexto de singulares combates politicos, saciavam-se muitas vinganças particulares; portanto um cadaver a mais n'uma estrada não era cousa que admirasse, nem provocasse minuciosos inqueritos das auctoridades; não sendo a morte de um homem assumpto que impressionasse espiritos por de mais acabrunhados com as noticias diarias de hecatombes fratricidas.

Fallou-se no caso em Beja; alguem o approximou da fuga da freira, que não constou senão alguns dias depois; mas

não se foi mais além, e os dois amantes poderam chegar sãos e salvos a Lisboa, depois de uma viagem em que o archanjo dos amores sacrilegos — um dos precipitados já se sabe — parece que tomára a seu cargo defendel-os de todos os perigos. Consta que quando o guardião de S. Francisco soube do caso e relacionou os factos, em conversa com a abbadessa, terminára as suas considerações, não com uma citação evangelica ou dos Santos Padres; mas com o ditado popular que diz:

«Guardado está o bocado para quem o hade comer.»

E rindo, separaram-se os dois.

Durou tempo a lua de mel do assassino e da madre Felizarda. Depois elle começou a aborrecer-se d'aquella união que lhe recordava um crime, a cançar-se d'aquelle amor de mulher durazia, e poz ponto no idyllio.

Antes, porém, do abandono do amante, já os encantos da mulher tinham desapparecido, deixando os annos indeleveis vestigios da sua passagem tormentosa. Então ella ainda teve esperanças, ainda se recordou de um dictado portuguez, que diz: «que sempre se encontra um chinello velho para um pé doente»; mas o chinello já não appareceu, e, julgando não ter mais que dar ao diabo, voltou-se para Deus, que, na pessoa do patriarcha de Lisboa, a absolveu dos peccados e peccadilhos passados, e a mandou recolher — contricta e penitente — a um mosteiro da sua ordem em Portalegre. Alli se conservou até a morte da ultima freira; obteve licença para voltar ao mosteiro da Conceição, para onde se mudou conjunctamente com tudo quanto de valor poude encaixotar.

Ia velha, de rugas fundas, mas de temperamento ainda facil de incendiar-se, caso houvesse quem ferisse fogo, e, por isso, segundo reza a fama, se ella não teve adoradores por si, teve-os pelas preciosidades e objectos de valor que pos-

suia, e que dava em troca de verdadeiros sacrificios pessoaes, verificando-se com ella o velho dictado portuguez: «o que o berço dá a tumba o leva».

*

* *

O ecclesiastico que me contou esta veridica historia, sem comtudo me dizer outros nomes, nem entrar em pormenores, terminou dizendo-me:

— E para isto escreveu Santa Clara no seu testamento: «Rogo e admoesto em o Senhor Jesus Christo a todas as minhas irmãs que são e hão de ser, que sempre trabalhem de seguir o caminho da santa simplicidade, humildade, pobreza e pureza de santa vida!...»

Mas tranquillisem-se os amigos das claristas bejenses dos seculos XVII e XVIII, porque na ordem chronologia, ao arrepio dos tempos, as que as antecederam não foram melhores. Em meiados do seculo XIV falleceu bispo de Silves um franciscano chamado Alvaro Paes, que tendo precorrido a Europa e vivido largos annos em Roma, e sendo um dos mais extremos defensores da curia, diz dos frades e freiras do seu tempo o que Mafoma não disse do toucinho.

Um livro seu intitulado *De planctu Ecclesiae* põe bem a claro a vida clerical e monastica, não em todas as suas criminosas minucias, mas no que monges e outros religiosos teem de mais detestavel e inteiramente condemnavel. A ambição, o orgulho, o desejo infrene de dominar eram os *péchés mignons* dos religiosos, a par da ociosidade, do trato deshonesto entre frades e freiras, e de todos os vicios condemnados na sociedade leiga.

Não é só Alvaro Paes que põe os pontos nos ii a respeito da immoralidade e indisciplina dos mosteiros. Muitas bullas se referem á pouca observancia da clausura, e no fim do se-

culo XIII era vulgar morarem as freiras em casas de seculares e admittirem homens suspeitos dos conventos a dentro. Nas *Clementinas* encontram-se decisões do concilio de Vienna contra o luxo do vestuario e inobservancia da clausura.

Fernam Lopes conta que Martim Affonso de Sousa promettera que, se sahisse vivo da batalha d'Aljubarrota (1385), iria ter uma quarentena com a abbadessa de Rio Tinto, que era então sua amante.

O sr. Gama Barros resume assim, na sua *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, a torpissima aventura das freiras benedictinas de Recião, proximo de Lamego, «convento situado em valle profundo, em logar despovoado e pouco sadio». «Fica entre dois rios, que o cercam (refere um chronista) onde o ruido, e curso fugitivo das aguas desperta e excita a memoria da fragilidade d'esta vida; onde a solidão, e retiro do logar levanta e arrebata o espirito ás saudades do eterno»: «Diz-se que por muito tempo fora modelo de santidade; mas pelos annos de 1435 viviam apenas ahi tres mulheres, duas das quaes moças ainda, sem que possamos affiançar que todas tres eram realmente freiras professas. Uma das moças, Clara Fernandes, tinha sido obrigada por seu pae, o conde de Marialva, que vivia em Lamego, a entrar no mosteiro, sendo logo posta em nome d'abbadessa. Ahi vivera sempre como secular e entregue á mais completa devassidão, prostituindo-se com quem lhe aprazia, e especialmente com certo individuo de quem havia filhos. N'este desregramento era ella imitada pela companheira mais nova, Maria Rodrigues, que mantinha relações deshonestas com diversos, e designadamente com o abbade de Melcões de quem tinha filhos e filhas. A terceira era já velha. Por motivos que são desconhecidos, as duas companheiras disfarçadas em trajo de homem, tanta pancada lhe deram em certa noite com uma calça d'areia que, se-

gundo constava, morreu das contusões. Poz cobro a similhantes escandalos o bispo de Lamego, reduzindo o mosteiro a egreja secular, sem cura, em 29 de dezembro de 1435, e a 3 de janeiro seguinte fez doação d'elle á congregação dos conegos seculares de Villar de Frades, de que o mesmo prelado havia sido fundador. A Maria Rodrigues mandou-a para um convento benedictino, no arcebispado de Braga, onde parece ter ficado; mas a Clara Fernandes, não havendo casa de ordem nenhuma que a quizesse receber por sua dissolução e má vida, assignou-lhe uma pensão certa, impondo-lhe a condição de viver religiosamente. Não foi isto, porém, o que aconteceu. Clara perseverou nos mesmos costumes, sendo agora um guardião do convento de S. Francisco de Lamego o cumplice principal do seu criminoso procedimento; e buscando novas aventuras, partiu para Santarem e aqui tomou marido. Affirmam uns que se retirou depois para Lisboa, onde contrahiu segundas nupcias, sendo vivo o primeiro conjuge, que por isso a demandou e venceu, obtendo a posse dos bens patrimoniaes d'ella; outros, porém, não referem o segundo casamento, e dizem que, sendo accusada de ter assassinado o marido, reclamára o fôro ecclesiastico allegando a qualidade de abbadessa».

«O bispo de Lamego submettêra á confirmação do papa a sua sentença e a incorporação definitiva do mosteiro na congregação dos conegos. Viviam elles já desde alguns annos em Recião, quando Clara Fernandes tentou rehaver a posse do mosteiro, de que se dizia abbadessa instituida canonicamente, valendo-se da protecção dos condes de Marialva; e a tentativa sempre deu algum resultado, porque os padres entenderam necessario pedir a D. Affonso V que os segurasse dos condes, e, com effeito, expediu-se da côrte uma provisão que satisfez os requerentes. Socegados por este lado, veio a campo um novo protector de Clara Fernandes, o pre-

lado de Lamego, successor do que a expulsára de Recião, disputar aos conegos a posse do mosteiro; e d'esta vez acharam-se elles em maiores trabalhos, porque o bispo mandou-os encercerar no aljube, executando-se a ordem pela uma hora da noite, quando elles estavam nas matinas louvando a Deus. Ha quem diga que a pretendida abbadessa chegou ainda a voltar para o mosteiro; mas a congregação tendo-se aggravado do procedimento do bispo para o seu conservador apostolico, que era então o abbade de Alcobaça, obteve afinal sentença a favor e ficou pacificamente na posse de Recião.»

Velha historia

Foi n'este mosteiro que viveu D. Maria Anna de Alcoforada, presumida authora d'umas cartas, especie de secretario d'amantes, que foram muito lidas em França, na épocha em que era acolhido com especial favor nos salões litterarios, aquelle genero de epistoligraphia, e que ainda hoje são um problema para os que se occupam de litteraratura.

O sr. Luciano Cordeiro publicou já a segunda edição d'um excellente livro, destinado a esclarecer a biographia da authora, e provar serem de sua lavra as cartas da *freira portugueza*. Faltou-lhe, porém, a meu vêr uma prova essencial que seria ou uma carta original portuguez, ou cousa escripta n'esta nossa lingua, que justificasse o que se lê nas cartas. Infelizmente nenhum d'estes dois documentos foi encontrado nas longas pesquizas a que o meu amigo procedeu, e a questão ficou para os incredulos quasi no mesmo estado de incerteza em que se achava, antes da substanciosa publicação. Talvez, até, para me aproximar mais da verdade, o que d'ella encontrei escripto veio augmentar a incerteza de ser Mariana a redactora fogosa, commovida e apaixonada das famosas cartas.

Segundo informações, que tenho por *fide dignas*, Alexandre

Herculano, com o seu enorme saber e senso critico, examinou a questão e, servindo-me da expressão do meu informador que com elle conviveu: «nunca lhe achou furo» !

O que parece presumivel, é que de facto a nossa religiosa se apaixonasse pelo official francez, o que não era para admirar n'aquelle convento, e que a historia contada por elle, com a phantasia do conquistador viajado, servisse d'assumpto a escriptor, commensal d'algum salão frequentado por ambos, para as cartas que hoje conhecemos, e que o author fez tão francezas, que até lhes roubou a presumpção de poderem ser portuguezas.

Todos os elementos directos da discussão desappareceram, e a circumstancia de nas cartas se nomearem pessoas e casos de Beja não póde só por si provar a identidade do auctor. Á falta d'outras provas era necessario encontrar a individualidade d'este; mas esse, se foi portuguez, desappareceu, com a traducção para o francez, e muito mais com as traducções da traducção; portanto o problema ficou irreductivel, pelo que diz respeito á pessoa do auctor. Quanto á sua nacionalidade, as cartas só me convencem de que era francez.

Durante tres mezes, ou mais, que os trabalhos d'este livro me teem forçado ao sacrificio de não lêr senão escriptos de frades e freiras, comprehendidos entre fins do seculo XVI e começos do XIX, sendo a maioria d'elles dos seculos XVII e XVIII; pois, querendo fazer uma ultima experiencia, volvi, antes de escrever estas linhas, a lêr as *cartas da freira* e não houve meio de lhes dar a maternidade da madre bejense.

No decurso das minhas pesquisas, aconteceu-me verificar que sendo esta religiosa baptisada, admittida á profissão, eleita para cargos conventuaes, e até enterrada com o nome de Mariana, ella se obstinou emquanto viveu a assignar o seu nome da seguinte maneira: *Maria Anna Alcoforada.*

Seria a ignorancia da etymologia do seu nome e a devoção á Virgem e a sua Mãe que a levou a desdobrar um nome, que ella imaginava composto de dois? Os documentos que em seguida publicamos, o primeiro escripto todo por ella; o outro por sua irmã D. Peregrina Maria Alcoforada, justificam plenamente a anomalia, e provam ainda mais a superiodade da redacção d'esta ultima, que affirma, o meu amigo Luciano Cordeiro, «até sabia latim».

Digo Eu Dona Françisca Freire. Abb.ª deste Conv.º De nosa Sñra da Concepção; q. devo Ao Snr. João Nog.ª Camacho çento e quatorze mil e çem rs., por conta da escritura que fez ó conv.º sobre o conserto que ele fes de dar as mezinhas á Cumunidade; os quais çento e quatorze mil e çem rs; q. estãmos a dever, lhe conçino no tepo que se ade vençer na era de oytenta e tres; E por verdade lhe fasso a d.ta conçinação pasou este a escrivã do Conv.º; que asinamos e desanove de 8.bro de mil e seis sentos e oytenta e dois.

Dona Francisca Freire.

ABB.A

D. M.ª Anna Alcoforáda.

ESCRIVÃ.

Por esta por mim asignada e feita pella escrivã do Conv.to Donna peregrina M.ª Alcoforada digo eu D. brites francisca de noronha Abb.ª deste Real Conv.to de N. S. da Conceição de beja q. fasso meus bastantes procuradores ao Dr. Sebastião moura brabo e ao Dr. francisco Soares da Silva p.ª q. por nós e em nosso nome e deste dito Conven.to possão requerer toda a nossa iustissa em hua causa q. se move ao iuis e vriadores da V.ª da Sertã sobre taxare o sabam e p.ª efeito

da dita causa e tudo pertencente a ella damos poder aos ditos nossos procuradores com livre e g.^{al} administração e tudo por elles feito e requerido a bem da nossa iustissa averemos por firme e valiozo p.^{a} o que lhe damos todos os nossos poderes de direito conçedidos que hei aqui por expressos e declarados: 4 dez.^{bro} de 694.

D. Brites Fr.^{ca} de Nor.^{a}

ABB.^{A}

D. Mª Anna Alcoforada

VIG^{A} DA CASA

Dona fran^{ca} An^{ta} Per^{a}

Dona Joanna de S^{a}

D: peregrina Mª Alcoforada

ESCRIVA

Esta minha divergencia d'opinião em nada prejudica o trabalho do meu amigo Luciano Cordeiro, que, segundo o parecer d'um illustre academico, com este livro, amplamente documentado, «exgotou o assumpto».

Outro tanto eu já não consegui fazer em relação á historia moral e religiosa d'este famoso mosteiro, que fica ainda á espera do seu historiador.

O Mosteiro de Nossa Senhora da Graça

D'ABRANTES

A camisa da rainha e as pratas do Junot

Foi insignificante o espolio litterario arrecadado no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, de Abrantes.

A antiguidade da sua instituição, que sóbe ao ultimo quartel do seculo XIV, a mudança da regra dos conegos regulares de santo Agostinho, que primeiramente seguiram as monjas que o habitavam, quando fundado por D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda, para a do patriarcha S. Domingos—a mesma na essencia, mas modificada no instituto—fazia suppôr uma curiosa colheita de documentos e livros; a fazenda districtal que se apressou, sem o auxilio nem presença das auctoridades competentes, em recolher o que encontrou, apenas entregou ao Estado uns livros velhos e piedosos, mas sem valor litterario nem bibliographico, e dois documentos que, pela sua singularidade, merecem ser transcriptos. Um d'elles, principalmente, dá-nos uma feição particular da vida da realeza no meio do seculo XVI.

Lei-o o leitor:

Dona abadessa freiras e convento eu a Rainha vos envio muito saudar / com esta vos envio cincoenta cruzados d'esmola pelo trabalho que levais em me servir e pela boa vontade com que o fazeis, os quaes serão para ajuda das obras da casa; e posto que a esmola seja pequena a muito boa vontade com que a faço, e que tenho para todas vossas cousas deveis vos mais de estimar. / E quanto á obra minha que lá está para fazer, não é necessario encommendarvol-a, nem queria que vos desseis muita pressa na brevidade, para que podesse ser milhor feita, e como sei certo que será, / mas por que tenho necessidade da camisa que Pero Fernandes levou para amostra vos encomendo muito que ma envieis logo pelo portador d'esta. Pero Fernandes a fez em Lisboa a 26 dias de novembro de 1541.

Rainha

Para dona abbadessa freiras e convento do mosteiro de nossa Senhora da Graça, da Villa d'Abrantes.

Esta rainha, tão ciosa das suas camisas, é D. Catharina, a mulher de D. João III, e as obras a que ella se refere são as do novo edificio, construido no Rocio da antiga villa, para onde as recentes dominicanas se mudaram sete annos depois, em 1548.

Ensina-nos este documento que outr'ora tudo quanto dizia respeito á realeza era tratado em forma official e por meio d'um formulario, que a presente burocracia se não cança de estudar e imitar; quer se tratasse da magnificencia da rainha, quer da sua roupa branca, que parece não ter sido muita, pela necessidade que S. A. mostra ter da camisa que foi para amostra; ou então a camisa era por tal fórma preciosa, que a futura regente do reino a não queria perdida.

Em todo o caso o que parece certo é que S. A. dispunha com mais largueza de cruzados do que de camisas.

O outro documento trata tambem de camisas, mas da que nos foi arrancada com a pelle agarrada, pelas hostes napoleonicas.

Sujeito o paiz a uma contribuição de guerra—que a França mais tarde saberá quanto custa a pagar, quando tiver de a satisfazer com a manopola de ferro de Bismarck sobre o coração — conventos, mosteiros e egrejas foram obrigados a desfazer-se das suas preciosidades, enviando-as a Junot; que por seu lado tambem ia *impondo* uma contribuição individual e ensinando aos allemães, para mais tarde, o roubo das pendulas. S. Ex.ª contentou-se em roubar a Biblia dos Jeronymos, a qual, depois de trocada muita correspondencia diplomatica, nos foi restituida por Luiz Filippe, que a comprou á viuva do general por 80:000 francos. O exemplar existe hoje na Torre do Tombo.

O rei salvou a honra da França.

Eis como este convento concorreu para a contribuição:

Peso da prata da egreja das religiosas da Graça, da villa d'Abrantes.

Peças	Marcos	Onças	Oitavas
Castiçaes 6 com 30 peças.......	29	7	0
Thuribulo, naveta com colher ...	7	7	0
Lampadas 7 com as suas respectivas peças, que correspondem a cada uma cujas são 125 peças e pesavam................	83	1	0
	120	7	0

Pesou a prata que se remetteu para o ex.^mo sr. Junot, hoje 21 de março de 808:

Cento e vinte marcos e sete onças, que tudo somma em a quantia de cento quarenta e uma moedas e um tostão.

Fr. Antonio Gomes
Provedor

676$900 réis.

(Segue o reconhecimento).

Vê-se, pois, que Fr. Antonio quiz deixar um documento authenticado de que foi elle proprio quem pesou e entregou a prata ao Junot, e não lhe entregou mais nada, porque mais nada lhe foi pedido.

Abrantes não reagiu contra o invasor.

O general francez entrou alli a 24 de novembro, commandando um exercito cançado, descalço e quasi incapaz de combater. Mas a fama de que vinha precedido e a pusilanimidade dos abrantinos evitaram uma lucta cujas consequencias ninguem póde saber. O saque, além do das pratas dos conventos e egrejas estendeu-se aos sapatos e botas a que os soldados podiam deitar a mão. Agarravam-se os homens na rua e gritava-se-lhes: *La chaussure ou la vie,* e os abrantinos largavam immediatamente os butes, e assim, mais leves, fugiam a sete pés.

Quando o exercito se retirou, não havia na villa senão gente descalça, e os sapateiros philosophavam que *à quelque chose malheur est bon!*

A freira da Annunciada

Se, porém, os *Proprios Nacionaes* nada encontraram no velho e pouco valioso mosteiro, o historiador poderia recordar-se que alli se passou o epilogo d'um dos mais commoventes dramas do seculo XVI. Foi alli que a freira da Annunciada

Maria da Visitação[1] abandonada dos grandes que a perderam, considerada como refalsada hypocrita, terminou seus dias no meio da mais austera penitencia, e sendo então mais santa do que quando pretendeu que o mundo a venerasse como tal.

Durante muitos annos Maria da Visitação recebeu as homenagens destinadas áquellas que já subiram aos altares com a aureola das bemaventuradas. A côrte de Filippe I acreditava piamente que fôra ás suas orações, á imposição beatifica de suas mãos que a princeza Margarida d'Austria devera a vida. Esta princeza, logo depois de chegar a Lisboa, cahiu gravemente enferma, e exhaustos os conhecimentos medicos, perdidas todas as esperanças, só readquiriu a saude quando a freira d'Annunciada foi velar para a sua cabeceira. A pobre menina jazia prostrada sem dar accordo de si consumida e anniquilada por uma febre violenta; soror Maria entrou, beijou-a na fronte, impoz-lhe as mãos e pondo os olhos no ceu começou uma prece fervorosa, e desde esse momento renasceram, com o primeiro olhar de mortiço agradecimento da enferma, as esperanças de todos que a cercavam. A cura que não tinham conseguido as summidades medicas da épocha nem as mais peregrinas drogas, o milagre que não tinham feito os sacramentos administrados na vespera pelo arcebispo D. Jorge d'Almeida, tudo foi realisado pela freira santa!

Deus amava por tal sorte a sua dilecta filha que se fez pequeno para a fazer grande a ella!

Quando a princeza entrou em convalescença a freira foi

[1] Maria da Visitação chamou-se no mundo Maria de Menezes, foi filha de D. Fernando Lobo e de D. Branca de Menezes; neta, pelo pae, de Diogo Lobo, barão do Alvito, e pela mãe, de Antonio Telles de Menezes. O pae foi commendador de Rio Torto, senhor das Saboarias de Torres Vedras, Soure e Pombal, do conselho de D. João III e embaixador de Carlos V.

reconduzida ao seu mosteiro com honrarias taes e tal sequito que ninguem então na Europa podia vangloriar-se d'outro egual. Basta dizer, para se fazer idéa do prestito, que n'elle se incorporou Filippe II, a imperatriz d'Austria, o cardeal Alberto, e os principaes fidalgos portuguezes, hespanhoes e flamengos que constituiam a côrte magnificente, embora sombria, do *Demonio do Meio Dia.*

Pelas ruas estreitas da cidade, que foi preciso percorrer para vir dos Paços da Ribeira ao mosteiro ao fundo da rua de Santo Antão, mal podia transitar o coche de gala em que a monja ia sentada ao lado do potentissimo monarcha; e por entre as acclamações da multidão, que se prostrava de joelhos perante as duas magestades, e debaixo d'uma nuvem de flores que cahia das janellas, ornadas de grandes damas, ao som do estoirar das bombardas e do alegre repique de todos os sinos, foi levada ao seu mosteiro, onde em sua exaltação foi cantado um *Te Deum*, e prégado um panegyrico que em vida, debaixo d'uma catadupa de arrevezados tropos, a canonisava como santa.

Os dominicanos exultaram; tinham em mão os raios inquisitoriaes e na ordem uma santa, que podia ser intermedio valioso junto do monarcha mais poderoso da Europa. Era tempo, pois, de dar combate ao jesuitismo, cujo poder começava a desenvolver-se com tentaculos tão absorventes, que causava sombra a todas as outras religiões. Trataram pois os filhos de S. Domingos de intrigarem, ajudados por Maria da Visitação, para obterem que dois dos seus fossem nomeados confessores privativos: o padre fr. Luiz de Granada do rei, e fr. Luiz de Sotto Maior, do cardeal Alberto, então regente do reino de Portugal. Veriam depois os jesuitas, conseguido isto que fosse, se era apanagio perpetuo da sua ordem a direcção das consciencias regias em Portugal e em Hespanha!

A freira escreveu n'esse sentido á imperatriz irmã de D.

Filippe, e os jesuitas, mal souberam expedida a carta, julgaram a partida perdida. Tenho razões para suppôr que quem os trazia ao facto dos menores actos de soror Maria da Visitação era Brites da Madre de Deus, irmã do conde de Linhares, professa no mesmo mosteiro da Annunciada.

Os homens da Companhia, porém, profundos conhecedores do mundo e tanto como dos segredos do claustro, encontraram nas chagas da freira o lado vulneravel do seu credito, e fizeram correr pela cidade, em ditos anonymos, que taes chagas eram obra d'um impio fingimento. A guerra por elles declarada teve importantes alliados nos odios inveterados de religião contra religião, e nos ciumes do proprio mosteiro.

Contam as chronicas da épocha que o veneravel padre fr. João da Cruz, carmelita descalço, varão cuja santidade todos reconheciam, achando-se n'um capitulo geral em Lisboa, e tendo ido todos os padres visitar a prioresa da Annunciada, e instando com elle para que os acompanhasse, dissera a um religioso, que mais importuno se mostrára:

«O que quer que eu vá vêr? Uma embusteira? Esperem que, dentro em pouco, Nosso Senhor lhe descobrirá toda a maldade!»

O, por aquellas épochas, muito conhecido e conceituado padre Martins da Rosa, escrevendo a vida da condessa de Feria, relata que esta recebeu por grande fineza um panno com manchas de sangue das feridas da freira; e que estando doente, e pondo-lhe as monjas o panno na cabeça, ella o não poude supportar, e o sacudiu de si, dizendo que a atormentava muito.

Mas, houve uma visão, que trazida ao conhecimento do vulgo, ateou mais a suspeita do embuste. Quero referir-me á visão que teve a veneravel Anna de S. Bartholomeu, companheira que fôra de Santa Thereza de Jesus. Conta-a

da seguinte maneira o padre fr. Chrisostomo Henriques seu panegyrista:

«Não consentiu o Senhor que n'este particular fosse enganada sua santa serva Anna, á qual deu a entender a maldade que encobriam aquellas exteriores apparencias e o grande damno que resultava de hypocrisia tão dissimulada. Viu ella, uma noite, entre sonhos, que no mosteiro onde vivia aquella monja se levantava um grande vento, que d'elle sahia com impeto derribando tudo quanto encontrava, levantando nuvens de poeira com que cegava todos os homens, de modo que, sem poderem resistir, cahiam por terra, e só escapavam os que se arriscavam e acolhiam ás arvores que havia pelos campos. E deu-se-lhe a entender que eram estes ultimos os que, convertendo a Deus seus affectos, não se deixavam seduzir como os outros pela paixão ou affeição, nem davam credito ás vaidades e enganos d'aquella miseravel mulher, que com o vento da sua vã hypocrisia, orgulho e soberba, e com a poeira d'algumas virtudes fingidas, tinha cegado a maior parte da Europa.»

Tão intensas e directas eram já as accusações, que a 10 de fevereiro, fr. João de las Cuevas, confessor do regente, e fr. Gaspar d'Aveiro, confessor da freira, e o octogenario fr. Luiz de Granada, foram nomeados pelo geral dos dominicanos para procederem a um exame nas chagas da prioresa, que se realisou na grade do commungatorio a 10 de novembro de 1587, repetindo-se depois a 25 do mesmo mez, e outro final a 4 de dezembro, sempre com bons resultados para a accusada e maravilha dos examinadores. Mais crentes do que S. Thomé, viram, mas não apalparam as chagas, que resistiram a uma lavagem d'agua e a outra de sabão. E depois lá estava punindo por ella, a hysterica irmã de Christovam de Moura, a quem a santa livrára d'um tumor n'uma perna, que a impossibilitava de andar, pela simples imposição das

mãos, e por ordens terminantes para que se levantasse e andasse. *Surge et ambula!*

Abrindo um pequeno parenthese n'esta narrativa, direi que este mal de santidade estava então muito em voga, e Pedro Ribadeneira, o discipulo amado de Ignacio de Loyola, conta que estando na Italia, em Bolonha, uma freira, que era tida por santa, mostrava as mãos, as costas e os pés, chagados, gotejando-lhe por vezes sangue da cabeça, como se a tivesse trespassada por uma corôa d'espinhos; e por fim se reconheceu que era tudo burla. Na cidade de Camarino, perto de Nossa Senhora do Loreto, conta o mesmo jesuita, que estando elle n'esta santa casa, uma donzella recolhida e honesta inzonada por alguem, se fez a si propria chagas nos pés e nas mãos, fingindo que as tinha recebido do ceu, e o povo esteve persuadido da veracidade do prodigio, tanto que ordenando o bispo que a stygmatisada fosse recolhida a um mosteiro para se averiguar da verdade, correu risco de ser apedrejado por *querer perseguir a santa;* finalmente o embuste foi descoberto, a rapariga condemnada, e o auctor morto no meio de horriveis torturas. O mesmo padre commenta: «conto isto para que se saiba que não é cousa nova o que ultimamente vimos em Hespanha; embora pareça maravilha que a um mesmo tempo tenham apparecido tantas mulheres chagadas e enganadas em diversas partes, que parece que algum espirito de illusão anda solto e desenfreado, e que no povo ha muita disposição para ser enganado e illudido».

Emquanto se teciam contra Maria as intrigas de palacio e se urdia no claustro a rede em que seria envolvida, preparava D. Filippe II a armada, que chrismada com a alcunha de *Invencivel*, era por elle destinada a conquistar a Grã-Bretanha; e para que nada faltasse para o bom exito da empreza, determinou que o estandarte real, a cuja sombra seriam dados

os combates em prol da fé catholica, fosse benzido pela freira santa, em solemnidade tão pomposa como deslumbrante. E assim foi. Os jesuitas viram, e esperaram, e não esperaram debalde; porque quando a opinião já se achava preparada, eis que chega a Lisboa a noticia do naufragio e da derrota da *Invencivel* armada. Drack, auxiliado pelos elementos em furia, tinha destruido n'uma noite o sonho do sombrio Filippe. Mas o povo viu no desencadeado dos ventos a punição da sacrilega comedia da benção da bandeira pela freira hypocrita. Por entre os grupos de gente afflicta, onde se chorava a perda d'um filho, d'um irmão ou d'um amigo, erguiam-se vozes anonymas contra a benção que se convertera n'uma verdadeira maldição, e tão grande fôra o crime da freira que, Deus, para castigo e escarmento das embusteiras, protegera os herejes collocando-se ao seu lado.

E depois erguiam-se vozes de morte, que a turba repetia, gritos sediciosos contra a freira, que achavam echo medonho na multidão, que levada por esse impulso destruidor e mau, que é o da sua essencia, esquecendo-se de quando acclamava aquella mulher como santa, e lhe cobria de flores o carro que a levava triumphante, se dirigiu implacavel ao convento da Annunciada, para tomar contas á sua prioresa do collossal desastre da *Invencivel* armada. As auctoridades, porém, conseguiram sustar o movimento de violencia; mas não o da intriga. O que igualmente não conseguiram, foi que dia a dia não augmentasse a fama de hypocrisia da freira sacrilega, a ponto que, dois mezes depois da derrota da *Invencivel* armada, a 9 de agosto de 1588, foi escripta a primeira peça d'este importante processo, constando da denuncia feita por D. Joanna das Chagas da impostura da sua prioresa, redigida pelo padre Paulo de Pina e por ella confirmada.

Se o leitor quer ter a paciencia de me acompanhar nas paginas que se seguem, n'ellas encontrará um extracto fiel do

processo de Maria da Visitação, arrecadado na Torre do Tombo e ahi catalogado nos papeis da *Inquisição de Lisboa* com o n.º 11:894.

A denuncia a que acima me referi é dividida em cinco accusações vagas, a que servem de prova deseseis indicios, que são outros tantos artigos do libello de accusação, que passo a resumir pela ordem por que estão enunciados; e que de per si só, melhor do que as melhores declamações ou discussões, dão a medida do estado moral da sociedade portugueza no fim do seculo XVI.

1.º—Que gostando «de folgar e de se desenfadar com as outras moças da sua edade» subitamente começou a se mostrar espiritual, depois que entrou n'aquella casa uma servente por nome Catharina da Luz, que a fez logo pôr em invenções de se arrebatar. «Esta Catharina, segundo o dizer da denuncia» sonha as cousas antes de serem e as diz, e muitas vezes acontecem assim.

2.º—Que era ella quem lhe lavava os pés depois que appareceram chagados; bem como lhe cortava os cabellos. Que dias antes da prioresa apparecer com as chagas nas mãos ella o dissera; e que quando constou que se ia tirar devassa e inquirir dos milagres de Maria da Visitação, aquella veio com grande sentimento, como mulher fóra de si, dizer a uma ou duas serventes, que estavam no forno, estas palavras: «Somos perdidas e descobertas, que já se sabem as invenções da prioresa».

3.º—Que com o seu priorado entrou a relaxação na disciplina e que ella confessava que, por occasião da sua eleição para prioresa, vira S. Domingos que lhe dava uma cruz na mão, e que logo entendeu que a haviam de fazer prioresa.

4.º—Que muitos padres da sua ordem tinham como certo que as visões eram do demonio, por duvidarem muito da sua virtude.

5.º—Que a corôa lhe appareceu na cabeça logo depois da profissão; que é só na frente onde ella póde chegar, e que não são rasgões, mas sim como picadas d'alfinetes.

6.º—Que alguns dias antes da festa de S. Thomaz d'Aquino de 1584, disse que havia de receber do ceo uma mercê; — que as chagas das mãos umas vezes são maiores e outras mais pequenas; — umas vezes perto dos dedos, outras mais longe; — umas vezes mais claras outras mais vermelhas; o que tambem acontece com os pannos tintos de sangue que tira do lado, e que se julga serem preparados com tintas de pintores.

7.º—Que tendo o seu prelado duvidas da veracidade das chagas, ella se fez doente no dia marcado para a experiencia, e antes andava com «grandes estremos que não comia nem dormia».

8.º—Que declarou, por ordem de S. Domingos, que queria ser examinada pelo padre mestre fr. Luiz de Granada, e que n'esses dias cheirava a verniz, que não se podia parar junto d'ella; e que d'um armario, no canto do seu escriptorio, foram tiradas tintas eguaes em côr ás das chagas, e que ella fulminou excommunhão contra quem lh'as furtou.

9.º—Que tendo-lhe desapparecido as tintas, as foi pedir á madre Antonia das Chagas «que sabe pintar os Santos do *cerco* (?)» e as foi pôr na cella da madre Maria de S. Paulo, mulher simples e capaz de guardar um segredo por preceito de obediencia.

10.º—Que na quinta feira maior, celebrando na ceremonia do *Lava-pés*, lhe ficaram as chagas muito esbranquiçadas, e os punhos da camisa vermelhos como tintas a vermilhão, e como a madre Isabel de Santa Maria reparasse n'isso, d'alli para o futuro nunca mais lavou os pés ás freiras, senão com grandes pannos sobre as mãos que lhe cobrem as chagas.

11.º—Que o geral não fez experiencia nas chagas com o

sabão que tira os vernizes, como as freiras lhe pediram, e que fez uma lavagem *pro forma*.

12.º — Que as claridades que se vêem na sua cella são produzidas por um brazeiro que ella assopra.

13.º — Que os alevantes do chão são feitos pondo um chapim sobre o outro, e os pés sobre um pedaço de pau redondo, que foi encontrado no seu escriptorio.

14.º — Que depois de feitas as experiencias deu muito mau exemplo de si, pelas impaciencias em que vivia e queixas que fazia.

15.º — Que cada dia fica fechada muito tempo lavando e pintando as chagas.

16.º — «Que nunca lhe viram favorecer muito as virtudes da religião, nem consolar os afflictos, nem fazer em nada o officio e feito de santa; nem trata para seu governo a gente santa da casa, mas sua conversação ordinaria é com moças leves e de pouco lastro». «Recebe presentes de muito preço que não chegam á communidade, mas tudo lhe vae para a cella, onde ella os reparte pelos dominicanos, dando-os ao geral da ordem de muito preço, e tudo á custa do trabalho da casa». Estava pintada n'um quadro, a par de Magdalena, com as chagas nas mãos, e dizia que tinha visões, e que nos capitulos S. Domingos se vinha sentar junto d'ella.

Hoje lemos este libello sorrindo e quasi não chegamos a imaginar como homens de certa illustração podiam confundir uma chaga pintada com uma ferida que esphacelasse os tecidos; mas se n'aquella época a ignorancia era crassa em muitos assumptos, por isso mesmo era mais para temer, e uma accusação d'esta ordem era como um sopro de morte sobre uma fogueira da inquisição.

Depois, o padre Pina conta o modo como estas cousas se souberam na communidade, e descreve as criadas, primeiramente, e depois as freiras por turnos, indo espreitar as ope-

rações da prioreza, por um buraco que uma d'aquellas, Violante d'Abreu, fizera na porta da casa onde Maria da Visitação passou a dormir, depois que lhe furtaram as tintas da sua cella. A manhosa levantava-se cedo, avivava as chagas das mãos, e depois chamava a companheira para lhe assistir ao levantar e ajudar a vestir.

O requerimento ao cardeal para proceder contra a prioresa da Annunciada é assignado pelas madres Catharina dos Anjos, Isabel da Encarnação, Beatriz de Jesus, Maria do Presepio, Brites da Madre de Deus, Margarida de Santo Agostinho, Antonia da Cruz, Catharina de S. João, Maria das Chagas, Joanna das Chagas, Isabel de S. Domingos e Margarida de S. Paulo.

A altiva prioresa não se deu por vencida e antes travou ousadamente a lucta, suppondo que de novo sahiria victoriosa, e tratou de contradizer as suas accusadoras, justificando, com inimisades de claustro a denuncia que contra ella fôra feita. No processo depozeram mais de sessenta testemunhas, e d'ellas, apenas quatro freiras velhas foram em seu favor. Tantos annos ella obrigou aquellas mulheres a veneral-a na passagem, que, no dia em que se ergueram, foi para a derrubarem para sempre.

Ouvidas as testemunhas, foi ella chamada a 14 d'outubro, e renovou as declarações que mais adeante se verão no summario da sentença, declarando que nada mais tinha a dizer do que já dissera. Foi então que o severo tribunal a preveniu de que ia passar a fazer-lhe exame nas chagas. As experiencias foram minuciosas, e durante ellas Maria da Visitação conservou a esperança de illudir os seus juizes; mas assim que viu por terra o edificio de santidade em que tantos annos tinha trabalhado; quando sentiu cahir-lhe a mascara de bemaventurada, vendo na sua presença erguer-se ameaçadora a Egreja e terrivel a Inquisição, que tanto tem-

po ludibriára, cahiu inanimada, e quando voltou a si não foi possivel aos juizes arrancarem-lhe uma unica palavra, taes eram os soluços e as lagrimas que a affligiam; conseguindo apenas prometter que no dia seguinte faria a confissão plena das suas culpas.

Esta confissão durou todo o dia 15 d'outubro, 16 pela manhã e á tarde. Tres dias depois, a 19, foi intimado o provincial que a fizesse encarcerar na prisão do mosteiro, conservando-a incommunicavel até que lhe fósse lida a sentença. N'esta occasião o provincial examinou-lhe as mãos, que estavam limpas, como limpas já tinham sido vistas nos dias em que ella fez as confissões.

Com que diabolica alegria não lhe passariam pela porta do carcere as *irmãs* que fizeram o buraco na porta do seu quarto! E ella, descendo ao fundo do seu coração de mulher, como não sentiria todas as angustias da queda; como não luctaria contra todas as revoltas impotentes de vencida; e que lagrimas de desespero ao ver-se completamente abandonada pelos grandes potentados da terra e da sua ordem, ella que até ahi tinha feito confessores para os reis, que tinham como suprema honra o sental-a a seu lado, e saberem que ella os encommendava a Deus nas suas orações! E que agonia dolorosa, que acabrunhamento invencivel ao vêr-se ludibrio das ultimas escravas do convento, ella, que até alli domára as mais energicas vontades, e obrigára a curvar a cabeça, na sua passagem, ás fidalgas que usavam os mais orgulhosos nomes na clausura! Um simples desejo seu, o de continuar no priorado sem se sujeitar a nova eleição, obrigára Roma a infringir a constituição monastica, e a prorogar-lhe os poderes; agora as suas lagrimas, o espectaculo da sua fraqueza de mulher supplicante, não lhe conseguiam um simples olhar misericordioso dos ministros implacaveis! Era para tirar devéras a vontade de ser santa a outra qualquer; mas Maria

da Visitação não desistiu; e não o podendo ser por contrafacção, resolveu sel-o deveras, como veremos. A 2 de novembro veio ordem para ser transferida para o convento da Madre de Deus, o que se effectuou no dia seguinte, indo para alli acompanhada por uma senhora, escondida n'umas andas. Ainda, porém, a não deixaram socegada, porque nos dias 4 e 5 procederam a novos exames e lhe obrigaram a repetir a confissão.

No dia 15, perguntada se queria appellar, declara estar pelos autos, que a 16 foram feitos conclusos.

Esperou ainda até 6 de dezembro, em que, na grade do côro, em pleno capitulo da communidade, lhe foi lida a sentença, que, ampliada com um longo summario, foi publicada em Lisboa no dia da Conceição, e é do theor seguinte:

«Alberto Cardeal do titulo de Santa Cruz em Jerusalem, Archiduque d'Austria legado de latere, e Inquisidor geral n'estes Reinos, e senhorios de Portugal, etc.

Fazemos saber que nós tivemos informação, e nos foi denunciado, que os signaes das chagas das mãos, pés, e lado, e da corôa de espinhos, que tinha Maria da Visitação freira professa da ordem de S. Domingos, Prioresa do Mosteiro de Nossa Senhora da Annunciada d'esta cidade de Lisboa, não eram verdadeiros, miraculosos, nem dados por Deus, como communmente se cuidava, e ella dizia, antes eram pintados, fingidos e simulados. E nos foi requerido com muita instancia por muitas pessoas assim religiosas do dito mosteiro, como outras de fóra d'elle que mandassemos tomar verdadeira informação do caso e averiguar a verdade d'elle e assim dos arrebatamentos e alevantamentos do chão, resplandores e claridades que se viam na dita Maria da Visitação por se terem todas as ditas cousas por suspeitas, e fingidas por ella. E movidos nós com zelo da honra de Deus Nosso Senhor, e

para quietação das religiosas do dito mosteiro, entre as quaes havia duvidas, e diversos pareceres, conforme a nossa obrigação assentámos, que deviamos averiguar a verdade d'este caso, por a qualidade e importancia d'elle, e commetter as diligencias, que se houvessem de fazer, a pessoas de virtude, lettras, e experiencia, de que com razão podiamos ter confiança, para que perguntassem as testemunhas nomeadas na dita denunciação, e vissem os ditos signaes, e fizessem todas as experiencias, exames, e diligencias que lhes parecesse necessario para a verdade do caso ser bem sabida. Para o que passámos nossa commissão em forma ao muito prezado D. Miguel do Crato, Arcebispo d'esta cidade, e ao padre frei Agostinho electo Arcebispo de Braga, e ao doutor Paulo Affonso do concelho do estado d'El-rei meu senhor, e ao padre Jorge Serrão da companhia de Jesus, e ao licenciado Antonio de Mendonça, do conselho do dito senhor, todos tres deputados do conselho geral do santo officio d'estes Reinos, e ao padre frei João de las Cuevas da ordem de S. Domingos nosso confessor, como mais largamente se contém na dita commissão dada em nove de agosto d'este presente anno de oitenta e oito, dando-lhes ordem que nos fizessem particular relação, e dessem conta de tudo o que fossem fazendo: os quaes procedendo á execução do que lhes era por nós commettido perguntaram por testemunhas todas as religiosas do dito mosteiro e algumas das serventes. E por constar por muito numero d'ellas que as chagas eram fingidas, e as viram pintar com tintas á dita Maria da Visitação, estando recolhida em sua casa, em que fazia os negocios da communidade, na qual algumas vezes dormia, por um buraco que para este effeito se fez na porta da dita casa pelas suspeitas que havia: Mandámos que fossem feitas perguntas á dita Maria da Visitação para que com juramento declarasse a verdade de todas as ditas cousas, e das mais que resultavam dos

autos, fazendo-se-lhe primeiro as admoestações necessarias para bem da sua consciencia ao que foi satisfeito:

E ella respondeu que sendo de edade de nove para dez annos, entrára no dito mosteiro, e que aos dezesete fizera n'elle profissão, e que ao presente era de trinta e seis e que havia doze, ou treze, que tinha os signaes da corôa de espinhos na cabeça, os quaes lhe dera Nosso Senhor estando ella no côro affligida orando, apparecendo-lhe como uma corôa de espinhos muito grossos na cabeça, e que ella vendo-o assim, lhe pedira que lhe desse aquellas doze chagas porque as merecia por seus peccados; e que logo Nosso Senhor lhe pozera a dita corôa na cabeça e que dos espinhos lhe ficarão impressos os signaes com que então recebera muitas dores as quaes d'ahi por deante sentira todas as sextas feiras, posto que não tanto, como ao principio. Dizendo mais que tinha a chaga no lado esquerdo a recebera do mesmo Senhor, no anno de setenta e quatro, em uma quarta feira da semana santa, e antes de a receber, acabando de se confessar, estando no còro baixo rezando, e desejando de tomar o Santissimo Sacramento, não ousara de o pedir, por haver muita occupação na egreja, e estando com estes desejos, vira miraculosamente abrir-se por si o sacrario, onde estava o Santissimo Sacramento, e que d'elle sahira uma particula que viera pelo ar, rodeada de claridade, e se lhe mettera na boca, ficando a esse tempo o altar, e sacrario acompanhados de anjos muito alegres, o que tudo ella vira com seus olhos corporaes, e d'ahi se fôra ao côro alto ajudar á missa do dia, e no fim d'ella, ficando só, vira quasi em revelação Christo Nosso Senhor, com cinco raios de claridade muito resplandecentes, que lhe sahiam das cinco chagas e que o raio que procedia do lado era vermelho como sangue, e os mais eram resplandecentes e claros: E que com o raio vermelho fôra ferida no lado esquerdo com tão grande dôr que a fez esper-

tar, e acordando desapparecera a visão, ficando-lhe logo o lado aberto, e d'elle sahira muito sangue, a qual abertura lhe durara quinze dias continuos, sahindo sempre sangue d'ella, e cerrando-se-lhe a chaga ficara sómente no mesmo logar um signal vermelho, mas que depois que teve os signaes nas mãos, e pés, se lhe abria o lado todas as sextas feiras, e lançava sangue, e que segundo as dôres, que sentia lhe parecia, que a dita chaga era penetrante, e que sendo como era atravessada, pondo-lhe um panno em cima vinham n'elle cinco gottas de sangue a modo de cruz, e não sabia a causa d'isso, sendo a chaga prolongada, e sómente lhe parecia que era assim a vontade de Deus, e que algumas vezes quando o sangue era muito, sahia o panno que lhe punham na fórma da dita chaga. Dizendo mais que as chagas das mãos e pés lhe communicára Nosso Senhor no dia de S. Thomaz d'Aquino, em sete de março do anno de oitenta e quatro, e que acabando as matinas no côro recolhendo se ella á sua cella, se abraçára com a cruz, que ahi tinha, e estando quasi arrebatada ouvira uma voz muito suave, que a nomeou pelo seu proprio nome de Maria, e espertando vira com os seus olhos corporaes a Jesus Christo Nosso Senhor em fórma humana posto em uma cruz, muito formosa, acompanhado de S. Domingos, e que d'elle sahiam cinco raios muito resplandecentes com os quaes fôra ferida nas mãos, pés, e no lado segunda vez, e em todos estes cinco logares e nas palmas de feição ovada. E que nas quartas e sextas feiras, em que sentia maiores dores, eram mais vermelhas, que nos outros dias, e d'ellas lhe corria sangue quando lhe faziam força, tirando-lhe alguma cousa das mãos, ou ella a fazia a si mesma apertando-a com as mãos, ou dando alguns passos desacostumados, com o que lhe ficavam os pés escandalisados. E que os signaes dos cravos foram ao principio pequenos e depois maiores. Dizendo mais, que nove dias an-

tes do dito dia de S. Thomaz, depois de matinas, estando ella na sua cella, lhe apparecera Christo Nosso Senhor, em fórma humana, vestido de roupas resplandecentes, e lhe dissera que se apparelhasse para receber d'elle uma grande mercê no dito dia, não lhe declarando em particular que mercê havia de ser, e lhe mandou que fosse continua na oração, e tivesse profunda humildade abraçando se com a cruz, e que pedisse licença a seus superiores para commungar todos os ditos nove dias, e que elle lhes mandaria que lh'a dessem, a qual licença ella lhes pediu, e lh'a deram facilmente, e assim se confessára, e recebera o Santissimo Sacramento todos os ditos nove dias. Disse mais que tambem tivera arrebatamentos antes de ter as chagas, e os tinha depois de as ter, os quaes eram maiores nos dias das festas principaes, e todas as vezes que acabava de commungar, e quando se offerecia fallarem lhe em cousas de Deus e espirituaes, nos quaes tempos não usava dos sentidos nem via, nem ouvia, nem sentia cousa que lhe causasse dôr, antes tinha para si, que ficava com muitas dôres: E que juntamente lhe dera tambem os cravos, os quaes ella via, mas que as outras pessoas os não viram senão desde o dia de Santa Cruz, de setembro do dito anno em diante:

E que as ditas chagas das mãos não tiveram nunca alteração alguma, e foram sempre da mesma fórma, grandura, côr, e logar, sendo nas costas das mãos a modo de escudo, se lhe mettessem um prego pela carne o não sentiria, mas que se lhe mandavam por obediencia que despertasse, o fazia logo, e que não sabia a causa d'isso, mais que parecer-lhe que quem a tinha arrebatada, e preza, a soltava; e que n'este tempo, que assim estava arrebatada, lhe ficavam as partes superiores, como eram, o entendimento, a vontade, livres mas que estavam cheias de Deus, e que estes arrebatamentos, antes que fosse prelada, lhe duravam por espaço

de cinco ou seis horas, e depois, que o fôra, lhe duravam breve tempo; e assim se levantava do chão muitas vezes, o que não sentia quando logo se levantava, senão quando cahia no chão, porque então despertava; E que quando tinha estes alevantamentos na sua cella, estava abraçada com a cruz, e no côro quando acabava de commungar; e que tinha luzes, e claridades, que se n'ella viam, e resplandeciam sem saber d'onde lhe procediam, mais que cuidar, que da presença do Esposo, e que ella não via as ditas claridades, senão quando despertava, que era quando já se iam acabando, e que entendia estar o Esposo presente pelas mercês anteriores, que ao tal tempo recebia. Dizendo mais, que tinha algumas revelações e ás vezes que as tinha não estava accordada, nem usava dos sentidos, entre as quaes revelações uma d'ellas foi, que pedindo ella a Nosso Senhor fizesse mercê a um padre da sua ordem, que fôra seu confessor, e havia pouco que fallecera, de o livrar das penas do Purgatorio, d'ahi a quatro ou cinco dias, depois do seu fallecimento, estando recolhida na sua cella, e arrebatada ouvira interiormente uma voz, que lhe dissera que aquella manhã entrava a alma do dito religioso na gloria. E que ao tempo que aconteceu o alvoroço dos moradores da Ericeira, encommendando ella a Nosso Senhor as necessidades d'estes reinos, em um domingo antes da manhã, estando na sua sua cella arrebatada, vira em visão intellectual um anjo, com uma espada nua na mão com que queria executar um grande castigo n'este reino. E vendo em espirito a dita visão, pedira a Deus Nosso Senhor misericordia; e querendo impedir o castigo lançára mão á espada que o anjo tinha, e se ferira n'ella realmente, e despertára com a dôr da ferida, da qual lhe correra muito sangue, que ella enxugára com uma toalha. E disse mais que Nosso Senhor Jesus Christo lhe apparecera muitas vezes, antes de ter as chagas, e depois de as ter as mais d'ellas em

figura de homem de meia estatura, com vestiduras resplandecentes, e com a cruz e algumas vezes em figura de menino, e que fallava com elle, e as praticas que ambos tinham, eram conforme ás necessidades, que ella lhe representava, assim suas como de outras pessoas. E por sete ou oito vezes viera Christo Nosso Senhor rezar com ella o officio divino e no fim dos psalmos onde se diz *Gloria Patri, et Filio, e Spiritui Sancto*, ella em logar da palavra *filio,* dizia *tibi*, e por ser avisada por seus superiores, que não mudasse as palavras que a Igreja tinho approvado, a primeira vez que depois d'isso Nosso Senhor viera rezar com ella, dissera *Gloria Patri, et Filio*, e o Senhor olhara para ella, e lhe deitara sua benção, dizendo-lhe que assim queria, que obedecesse. Dizendo mais, que depois que por nosso mandado se começara a entender em suas cousas, vendo-se ella em trabalhos, pedira a Christo Nosso Senhor favor, e ajuda. E elle lhe apparecera com uma cruz visivelmente, estando ella acordada, e lhe dissera, que não temesse, porque poder tinha elle, para tirar da cruz, vida da morte, e gloria de opprobrios. E sendo perguntada em particular, se pintava os signaes das chagas das mãos e pés, com tinta vermelha, e os signaes dos cravos com tinta preta, e verniz, e se usava d'alguns artificios, e fingimentos, para se verem n'ella as claridades, que se viam, e nos alevantamentos corporaes do chão, por haver testemunhas de vista que assim o affirmavam, respondeu, que não era tal, nem sabia, que cousa era verniz, e que tinha fallado a verdade, em tudo o que tinha dito, e n'isso assentou sem embargo de ser amoestada com muita caridade, que descobrisse a verdade de todas estas cousas para descargo da consciencia, e para se lhe dar remedio conveniente ao estado de religiosa e salvação de sua alma. E que permanecendo em sua negação seria necessario fazer-se exame nos ditos signaes, para se averiguar a verdade d'elles por vista d'olhos.

E sendo-lhe outra vez dado juramento, respondeu o que já tinha dito, e que estava prestes para todos os exames, e experiencias que lhes quizessem fazer; O que tudo considerado pelos ditos nossos commissarios, tendo-nos feito d'isso relação, e como a dita Maria da Visitação, negava tudo o que por muito numero de testemunhas se provava claramente, lhes mandamos, que fizessem os exames necessarios para se saber a verdade. Pelo que aos quatorze dias do mez de outubro passado d'este presente anno, em uma sexta feira entre a uma, e duas horas depois do meio dia, que era o tempo em que ella dizia que lhe corria sangue do lado, foram ao dito mosteiro, e a mandaram vir ante si, e foi terceira vez amoestada que quizesse dizer a verdade; E por persistir em sua negação foram chamadas quatro religiosas do mesmo convento, pessoas de confiança, para com a honestidade devida se fazerem os exames, que se houvessem de fazer, e logo lhe foram vistos os signaes das mãos da parte de dentro e de fóra, e lhe foi posto sobre elles um pouco de sabão preto, o qual teve por espaço de meia hora, e acabado o dito espaço se lhe limparam as mãos com um panno de linho, e logo se tiraram os ditos signaes e ficaram desfeitos, e a carne onde estavam branca, como as outras partes das mãos, e sem signal algum. Pelo que constou claramemte, por vista de olhos, a todos os que estavam presentes, serem os ditos signaes das chagas pintados com tinta vermelha, e os cravos com tinta preta, fingidos, e simulados, e não miraculosos, nem dados por Deus. E assim lhe foi visto o signal da chaga que dizia ter no lado esquerdo, e não tinha chaga alguma, nem sangue e sómente um signal muito pequeno como de uma riscadura feita por artificio. E assim se lhe viu a cabeça e não se lhe acharam signaes de corôa de espinhos, como ella dizia que tinha, nem sangue algum. E por do dito exame constar tão claramente ser tudo fingido, e a dita Maria

da Visitação ficar muito turbada; e confusa, e mostrar muito sentimento de ser descoberta a verdade, se houve então por escusado verem-se-lhe os signaes dos pés e não se fez no dito dia mais diligencia com ella e sómente foi amoestada, que confessasse suas culpas, ao que respondeu que não estava para isso, e que outro dia o faria e responderia ao que lhe perguntassem.

E logo ao dia seguinte, que foram quinze do dito mez, sendo presentes no dito mosteiro os ditos nossos commissarios, foi a dita Maria da Visitação chamada, e sendo-lhe dado juramento em forma de direito, e âmoestada de tudo o que passava; Ella com muitas lagrimas, e mostras de arrependimento, se lançou aos pés de todos, e começou a confessar suas culpas, dizendo, que os signaes das mãos, pés e lado e da cabeça eram todos falsos, e pintados, e feitos por ella mesma, e que os alevantamentos, e claridades eram artificiaes, e os arrebatamentos fingidos. E que os primeiros signaes que fingira foram os da cabeça, havia quatorze annos, e que ella os fizera picando a cabeça com a ponta de um canivete ao redor ao modo de corôa. E que em todo este tempo não usara d'este artificio mais que cinco ou seis vezes porque não fazia os ditos buracos, senão quando cuidava e lhe parecia, que lhe podiam vêr a cabeça e que o dia antes do dito exame fora a derradeira vez que os fizera, por entender que se lhe havia de vêr a cabeça, os quaes signaes fizera por a terem por mulher de muito credito, e santidade; Confessou mais que o signal do lado ella o pintara e fingira a primeira vez haverá nove annos, pintando-o com tinta vermelha; E que quando entendera que os padres de sua ordem haviam de fazer exame com ella, e que lhe haviam de vêr o lado, abria com a ponta de um canivete aquella parte, que estava pintada, e outra vez fizera o mesmo quando esperava que o padre geral de sua ordem, que estava n'esta

cidade, lhe fizesse outra experiencia, e que a mesma abertura tornara a fazer terceira vez o dia d'antes, que por nosso mandado lhe foi feito o exame, esperando que se lhe havia de fazer. E confessou mais, que os pannos que mostrava, dizendo que os tirava do lado ás sextas feiras com cinco gottas de sangue em figura de cruz, ella os pintara por suas mãos, com sangue que tirava de si mesma, picando-se em um dedo; e d'estes pannos tinha feito alguns, e quando lh'os pediam, os punha no lado, fingindo que os punha limpos, e que sahiam d'elle com os ditos signaes, não sendo assim. E que do mesmo artificio usava em todos os exames que lhe foram feitos, porque posto que lhe pozeram outros pannos limpos, ella tivera tal modo que os apartara do lado, e puzera em seu logar os que para esse effeito levava pintados da sua cella. E que dando-lhe um mouro um panno com certo signal que lhe elle poz para que o não podesse trocar por outro, ella lh'o tomou, e fazendo que o punha no lado correu um pouco a cortina da grade onde estava, e tirou sangue de um dedo, e fez com elle os signaes no proprio panno que o Mouro lhe dera, e lh'o tornara a dar. Confessou mais, que os signaes vermelhos das mãos que tinha desde o dito dia de S. Thomaz, que vae em cinco annos, ella os pintava todos os dias pela manhã com tintas vermelhas desfeitas em agua, renovando-os cada dia, e algumas vezes de dois em dois dias, e que os signaes dos pés fazia sómente quando lhe parecia que lh'os podiam vér. E que o sangue com que os dias atraz em acabando de commungar tingira o rochete do arcebispo de Sorrento collector de sua Santidade, ella o tirara de sua propria mão, com a ponta de um canivete, fingindo, que lhe sahira das chagas das mãos. Confessou mais a dita Maria da Visitação, que os arrebatamentos, que tinha, eram fingidos, e não verdadeiros e que os lumes e claridades, que n'ella se viam estando na sua cella, abraçada com a cruz, e no côro

sem ella, tambem eram artificiaes, e sahiam de um fogareirinho pequeno, que tinha escondido com brazas acezas, as quaes assoprava dissimuladamente. E assim disse, que quando parecia, que estava levantada do chão, era por estar sobre os seus chapins, pondo um sobre outro, e algumas vezes se subira sobre um certo pau feitiço; que as revelações que dizia ter, realmente as não tinha, nem tivera nunca, e era falso, e inventado por ella, tudo o que tinha dito, e que o dizia por se acreditar, nem o que tinha dito a algumas pessoas, que vira em revelação um anjo tirar da batalha de Álcacere a El-Rei D. Sebastião que Deus tem, e leval-o além do rio, era verdade, antes falso, porque nunca tal vira, nem lhe fôra revelado. E que a veste vermelha que mostrava e dizia, que lh'a dera o esposo, eram uns retalhos de seda, que punha nas mangas, e nos peitos. E que o annel, que dizia que tinha, e lh'o dera tambem o esposo, nunca o teve, nem tal passou; e esta confissão que começou a fazer de suas culpas, foi continuando sempre com muitas lagrimas e mostras de arrependimento. E feita com ella esta sessão, d'ahi a dois dias, foi chamada á Mesa, e mandando-lhe que mostrasse as mãos, lhe foram vistas segunda vez, e constou não ter n'ellas signaes alguns vermelhos, nem tão pouco os tinha nos pés, que lhe foram descobertos por duas religiosas, que para isso foram chamadas com o resguardo necessario, e decente, os quaes ellas viram, e o padre fr. João de las Cuevas nosso confessor, estando presente o secretario do conselho geral, como se mostra pelo termo que d'isso se fez nos autos, assignado por todos, e n'esta segunda sessão, confessou a dita Maria da Visitação, que quando a principio pintára as chagas das mãos não pintára os signaes dos cravos n'ellas, e por depois entender que não havia chagas sem cravos então os pintara com tinta preta de escrever, ao principio pequenos e depois maiores. Dizendo mais, que o que

tinha dito, que a particula do Santissimo Sacramento se lhe viera metter na bôcca, era falso, nem vira anjos no altar, nem Christo Nosso Senhor lhe apparecera alguma hora, em figura de homem, nem de menino, nem rezára com ella as horas canonicas, nem vira Nossa Senhora, nem S. Domingos, nem a Magdalena, nem outros santos alguns como tinha publicado; declarando outro sim na materia das revelações e milagres, que diziam que ella tinha e fazia, que verdade era, que dizia algumas cousas, que estavam por vir, mas que se sahiam certas, erâ acaso, e não por ella as saber, ou lhe serem reveladas; e se alguns enfermos recebiam saude com o que ella lhes dizia, ou fazia, seria pelo nome de Jesus, que ella nomeava e pela fé e devoção, que as ditas pessoas teriam em Nosso Senhor, e não por merecimentos d'ella. E que tambem era verdade, que os padres de sua ordem lhe fizeram por quatro vezes experiencia nos signaes das chagas, e na primeira lhe lavaram as mãos com agua sómente, e por não ser com sabão se não despintaram, e que a segunda experiencia fez o padre geral, pondo-lhe um pouco de sabão, mas por menos espaço do que convinha por ella fingir, que se agastava muito, e tinha grandes dôres, pelo que se compadeceu d'ella, e lh'o tirou logo, e que na terceira vez, não lhe lavaram as mãos e sómente lhe puzeram um panno limpo no lado, e sahiram n'elle cinco gottas de sangue, em duas ou tres dobras, mas não era o proprio panno que lhe pozeram, senão outro que ella antes tinha pintado, e escondido no seio, como tinha confessado que fazia; na cabeça lhe puzeram outro panno, que sahiu com uma gotta de sangue de uma ferida pequena que ella tinha feito com a ponta do um canivete. E que a quarta vez lhe viram sómente o lado, e lhe pozeram n'elle um panno, e ella lhe tornou a dar outro com os cinco signaes como costuma dar, e tirado o panno os ditos padres lhe viram o lado com sangue, o que se causava por

ella o ter rasgado com um canivete havia tres ou quatro dias, esperando que lh'o quizessem ver quando lhe lavou as mãos o padre geral, e creara n'elle uma pustella, a qual ella tirara a esse tempo, e correndo-lhe d'ella o sangue o limpou por sua propria mão com um lenço, duas vezes, e o deu aos ditos padres. E que estas foram as razões porque os ditos padres cahiram no fingimento de suas chagas quando lhe fizeram os exames. E disse mais, que havia quatro annos, que se confessava e commungava todos os dias, e que não confessava estes fingimentos e simulações, e posto que lhe ficavam escrupulos, e remordimentos de consciencia de os não confessar, esperava em Nosso Senhor que lhe daria algum remedio para se salvar. E sendo-lhe feita pergunta, que a movera a fazer tantos fingimentos e enganos, e usar de tantas invenções, e cautelas para os encobrir, respondeu, que o fizera sómente por desejos de a terem por mulher santa; mas que nunca se ajudára do poder do demonio, nem elle lhe apparecera, nem tivera com elle communicação, nem pacto tacito, nem expresso, nem fizera, nem dissera cousa alguma, em seu nome. E estando os autos n'estes termos, e feitas as ditas diligencias, e vistas as confissões da dita Maria da Visitação, nos pareceu bem, por alguns justos respeitos, que ella devia ser tirada do dito mosteiro da Annunciada, e levada para o da Madre de Deus, que está fóra dos muros d'esta cidade, de freiras da ordem de S. Francisco, onde a mandamos recolher, e estando lá, se fizeram ainda com ella algumas sessões, para mais descargo de sua consciencia. E sendo-lhe entre outras cousas perguntado, o que a movera a esperar que se lhe fizesse exame nos signaes das chagas, devendo de entender que se lhe deviam de tirar facilmente, como tinha visto, respondeu, que não cuidava que se fizesse o exame com tanta diligencia. E que tambem por vergonha deixára de dizer a verdade antes de ser convencida. E por

ter para si, que não havia testemunhas, que a vissem pintar as chagas, posto que o suspeitava. E que tinha dito a verdade em tudo e nos pedia, que a despachassemos em final, como nos parecesse pelos autos, que estavam feitos, os quaes havia por judiciaes, porque estava muito arrependida de suas culpas, e as confessaria publicamente, sendo-lhe mandado, e que usassemos com ella de misericordia. E considerado tudo o acima dito, e a qualidade e importancia do negocio, acordamos dar n'elle determinação final, com parecer e conselho de pessoas de lettras, virtude e experiencia; e assim nomeámos por nossos accessores, e conselheiros, as pessoas acima nomeadas a que tinhamos commettido as diligencias, e exames feitos n'este caso. E assim mais ao reverendissimo D. Manuel de Quadros, bispo da Guarda, do conselho d'El-Rei meu senhor, e aos Inquisidores Diogo de Sousa, e Lopo Soares d'Albergaria, e ao padre fr. Diogo Ramires Provincial da ordem de S. Domingos d'estes reinos, aos quaes todos, para com mais deliberação, nos poderem dar seus pareceres mandámos que vissem primeiro todos os autos d'este processo, como de feito os viram. E aos dezesete dias do mez de novembro proximo passado, os mandámos todos vir perante nós, onde se tornaram a ler os autos das perguntas, que se fizeram á dita Maria da Visitação, e assim os exames e diligencias, e suas confissões assim as que fez no dito mosteiro da Annunciada, como depois, no da Madre de Deus. E ouvidos os votos, e pareceres de todas as ditas pessoas, tendo sómente a Nosso Senhor deante dos olhos, pronunciamos a sentença seguinte:

CHRISTI NOMINE INVOCATO

Vistos os autos d'este processo, denunciações que nos foram feitas, ditas das testemunhas que foram perguntadas, e perguntas feitas a Maria da Visitação, prioreza, os exames e

diligencias, que com ella se fizeram, e suas confissões, e como por tudo consta claramente, os signaes das chagas das mãos, pés e da corôa de espinhos da cabeça, que mostrava e dizia que eram miraculosos, e lhe foram dados por Christo Nosso Senhor, serem falsos, fingidos, simulados e feitos por ella mesma, e as chagas pintadas com tintas e verniz: E bem assim os arrebatamentos e levantamentos do chão, claridades, etc., resplandores que n'ella se viam, serem todos fingidos, e ordenados por ella, por artificio e invenção sua. E o que lhe dizia, que lhe apparecera Nosso Senhor Jesus Christo, e fallára com ella, e o vira com seus olhos corporaes, e assim a Nossa Senhora, e S. Domingos, e a Magdalena, ser tudo falso, como tambem foi o que disse: que a particula do Santissimo Sacramento se lhe viera dos acrario metter na bôcca, e todas as mais revelações e visões, que dizia que tinha, o que tudo visto e considerado com o mais, que dos autos se mostra, e a qualidade do caso, e culpas que commetteu em grande offensa de Nosso Senhor e de suas santas chagas e da egreja catholica, enganando os fieis christãos com seus fingimentos, afim de ser tida por santa, e por tal venerada, pelo que merecia ser mui gravemente castigada. Havendo porém respeito ás mostras, que deu de arrependimento, e de conhecimento de suas culpas, e a não constar, que em alguma das sobreditas cousas se ajudasse do demonio, nem com elle tivesse pacto expresso, ou tacito, nem outra comunicação : Condemnamos a dita Maria da Visitação em privação do cargo de prioreza do dito mosteiro d'Annunciada, e de voz activa e passiva, para que perpetuamente não possa servir cargo algum na religião, ainda que seja dos que se não provêem por eleição. E que lhe seja tirado o veo preto da profissão, e perca sua antiguidade, para que sempre seja precedida de todas as religiosas do mosteiro onde estiver. E a condemnamos em carcere perpetuo, em um mos-

teiro de religiosas de sua ordem, fóra d'esta cidade de Lisboa, que por nós lhe será nomeado, o qual carcere terá em sua cella, ou casa que lhe será assignada, da qual não sahira senão a ouvir a missa do dia. E ás quartas e sextas feiras de cada semana ao capitulo, para n'elle receber sua disciplina, que durará emquanto se disser um psalmo de *miserere mei Deus,* e os mesmos dias jejuará a pão e agua e comerá no refeitorio em terra, fazendo á entrada e sahida, as prostrações acostumadas na ordem, para que passem as outras religiosas por cima d'ella, e o remanescente do seu comer se não misturará com o das outras. E não receberá cartas, nem visitações de fóra por si, nem por interpostas pessoas, nem fallará com mais religiosas, que com aquellas, que a prioreza lhe nomear e lhe forem necessarias para sua consolação. E havendo respeito ao tempo, que indevidamente commungou, tomando o Santissimo Sacramento, mandamos, que os primeiros cinco annos de sua reclusão e carcere, o não receba, senão pelas Paschoas, da Resurreição, Pentecoste e Natal, etc., vindo no dito tempo alqum jubileu geral do Santo Padre, ou estando em artigo de morte. E passados os ditos cinco annos, poderá commungar sómente as vezes, que conforme as suas Constituições commungam as outras religiosas de sua ordem. E assim mandamos que um retrato da dita Maria da Visitação, em que está pintada com as chagas, no capitulo do dito mosteiro d'Annunciada se tire e apague, de maneira que pareça, que nunca alli esteve e que o mesmo se faça em todas as partes onde estiver o seu retrato com as chagas e se recolherão todos os livros e papeis, que d'ella tratam assim impressos, como de mão, e os autos que se fizeram dos milagres, que se cuidava que fazia, e se entreguem no Santo Officio. E os pannos das chagas, e cruzes que dava, com os mesmos signaes, e quaesquer outras peças suas que dava como reliquias, e nos logares onde não residir a

Inquisição, se entregarão aos prelados, ou ás pessoas que elles para isso deputarem, para o que se passarão as provisões necessarias. Dada em Lisboa aos sete dias do mez de dezembro de MDLXXXVIII. Matheus Pereira a sobscreveu.

(a) O Cardeal,
Arcebispo de Lisboa.
Bispo da Guarda.
Fr. Agostinho, electo de Braga.
Paulo Affonso.
Antonio de Mendonça.
Jorge Sarrão.
Diogo de Sousa.
Fr. João de las Cuevas.
Lopo Soares d'Albergaria.
Padre Diogo Ramires.

Logo depois, a dez, sahiu para Abrantes acompanhada de João de Saldanha e de sua mulher D. Lourença de Tavora.

A guerra contra ella não cessou; fizeram correr noticia de em Santarem affirmara que recebera as chagas; e do processo a que esse boato deu causa, vê-se que muita gente, não ousando affirmar e existencia dos stygmas miraculosos, tambem não se atrevia a negal-a.

Chegada a Abrantes começou a viver tão conformada com os rigores da sentença, tão concentrada em Deus que causava a admiração do mosteiro. Ainda assim se instaurou novo processo na Inquisição de Lisboa, porque do mosteiro da Annunciada sahira a insinuação que a ex-prioreza fôra feiticeira; e em março de 1589 foram perguntadas as freiras sobre o caso; e apenas uma declarou que estando vago o priorado vira no côro, por cima da cadeira da prioreza, um demonio negro em figura de homem com o vestido comprido; depois que Maria da Visitação foi eleita, tornou o mesmo demonio a apparecer sobre a cabeça d'esta. Como a visão foi

singular, embora communicada a muitas pessoas, o processo não proseguiu.

Continuando na sua vida de resignação e expiação, sem uma queixa, sem quebrantamento das austeridades impostas e indo-se-lhe a saude a pouco e pouco enfraquecendo, as suas companheiras de clausura, e ella tambem, pediram algum allivio na penalidade; e assim fôram obtendo varias commutações: em vinte e cinco de junho de 1591 foi dispensada do carcere; a tres d'abril de 1592, por parecer de dois do mesmo mez, foi alliviada dos jejuns e prostrações; em dezembro de 1594, as freiras acham-na tão fraca e doente que supplicam ao rei que a redima do resto da pena, conseguindo que a tres de fevereiro do anno seguinte seja dispensada da disciplina, que os sobejos da sua comida se misturem com os da communidade, e que possa fallar com as outras religiosas; até que emfim, a tres de março de 1603, foi absolvida do resto da penalidade, volvendo a ter véo preto, a contar-se-lhe a antiguidade e a ficar apta para todos os cargos.

Tem agora cincoenta e um annos, dos quaes quinze de expiação, e dez de santidade fingida. Então a inquisição cancella o processo, e sobre ella nada mais nos diz, nem eu o sei.

Quem sabe se no calendario catholico não falta o seu nome entre os das grandes penitentes a quem as lagrimas absolveram e a resignação sanctificaram!

Já estava escripto este capitulo quando tive conhecimento do livro de Camillo Castello Branco, em que elle tratou do mesmo assumpto, com aquella proficiencia litteraria que é o encanto dos que o lêem, e o desespero dos que escrevem. Depois de ter lido as paginas do mestre teria inutilisado estas minhas, se ellas não contivessem muitos dados historicos que o grande escriptor ou desprezou por não caberem no quadro restricto em que resumiu o assumpto, ou por que não teve d'elles conhecimento, não tendo consultado as fontes originaes.

Dito isto, sempre recommendarei aos que desejarem ler a historia da *frei-*

ra que *fazia chagas* n'aquelle portuguez vernaculo e ao mesmo tempo malleavel que todos admiramos, que se não confunde com algum outro, que escapa pela sua individualidade ao martyrio da imitação, que comprem o volume intitulado *Virtudes antigas*; porque livros d'estes teem a dupla vantagem de ensinarem muito, e de fazerem esquecer anteriores leituras.

E' por isto que eu colloco esta nota no fim do capitulo.

O MOSTEIRO DA AVE MARIA

D. Manoel foi um grande edificador de conventos e mosteiros, e quem o duvide que leia Damião de Goes e lá encontrará uma lista de edificações capaz de fazer inveja ao mais prodigo dos imperadores romanos ou consul ambicioso; e a posteridade tem que lhe agradecer o desbarate dos dinheiros publicos em nome dos Jeronymos.

O mosteiro, cuja extincção me abrio as portas, foi obra do venturoso monarcha, ajuntando-lhe os antiquissimos mosteiros de S. Christovam do Rio Tinto, S. Salvador de Villa Cova de Sandim, S. Salvador de Tuias e Santa Maria Maior de Tarouquella, com todos os fóros, prazos, beneficios e privilegios, como o provam as centenas de pergaminhos, muitos do seculo XIII, hoje recolhidos aos archivos do estado, e entre os quaes se encontram alguns curiosissimos, tanto para o estudo de usos e costumes medievaes entre nós, como para conhecimento da linguagem e sua phonetica, bem evidente nos escriptos em romance de então.

Conta o chronista do mosteiro, dando a caso como milagroso, que a primitiva idéa de D. Manuel, fôra a de entregar a nova casa religiosa ás freiras da ordem de S. Domingos; mas que advertido interiormente de que o não devia fazer, mas sim abril-o ás filhas de S. Bento, assim o resolveu e executou. Não rezam os chronistas que contas d'esta transferencia lhe tomou S. Domingos lá no céo, porque, segundo

certas crenças — que não é mau avivar nos tempos do neo-catholicismo e de tendencias mysticas que vão correndo — os santos, na bemaventurança, teem os mesmos rancores e ciumes que os homens cá na terra; e tanto assim que já ouvi a um prégador contar do pulpito a seguinte anecdota, e por isso eu a reproduzo em duas pennadas. S. Benedicto, na qualidade de preto, é um santo muito festejado na roça da provincia de S. Paulo, no Brazil, e a sua devoção tem rivalidades com a do Divino Espirito Santo. Prégando d'aquelle illustre pretinho, de quem nada ou quasi nada os livros rezam, e que provalmente foi inventado por uma alma boa e generosa, para dar animo ao preto e santificar a escravidão, contava um orador: que sendo pedido a uma fazendeira um bolo para cada uma d'aquellas festas, ella fez o do Espirito Santo, maior, mais dôce, mais alourado e lustroso de tosta do que o de S. Benedicto, e tanto bastou para ficar immediatamente entrevada, até que contricta e arrependida, mandou fazer para o negrinho um bolo que deixou a perder de vista todos que fôram dados para o *Divino*. Mas tudo me leva a crer que S. Domingos, que tambem apanhou bolo grande do venturoso monarcha, não tinha o espirito tão acanhado, como S. Benedicto, que no céo tudo se passou a bem, e que D. Manuel foi alli recebido com honras eguaes áquellas com que enviou a embaixada a Leão X... ou então a intervenção pontificia lá em cima de nada vale.

A obra do edificio começou em junho de 1528; e a reunião dos quatro outros mosteiros annexados só se realisou sete annos depois. Eis como uma das preladas, a que depois me referirei, descreve a scena:

«Dia, mez e anno em que a senhora abbadessa D. Maria de Mello, com as mais religiosas tomou posse d'este convento:

«Dia de Reis, seis de janeiro de 1535 pelas oito da manhã d'aquelle alegre dia, vieram chegando a religiosa prelada a sr.ª D. Maria de Mello, com as religiosas de Tarouquella e Foz Tua a que logo se juntaram as de Sandim, e abraçando-se umas a outras, banhadas todas em lagrimas, prostrando se aos pés de sua nova prelada pediam a santa benção, áquella que sendo destinada para prelada de tantas, na sua estimação, de todas se confessava inutil serva. Teve recado o sr. bispo D. Pedro da Costa, que com o clero e as religiões, em companhia do senado da camara e mais justiças, com toda a nobreza e povo, em solemne procissão as foram esperar á praia da Ribeira, d'onde, fazendo ala as religiões as trouxeram a este convento. N'este tempo estava a prioreza do nosso mosteiro do Rio Tinto esperando fóra da porta dos Carros, com todas as mais religiosas que a procissão chegasse. Chegada que foi a esta rua veio entregar a prelada suas subditas áquella que Deus havia escolhido para pastora d'aquelle escolhido rebanho. Oh! ceus! que encontro tanto para visto! oh! encontro tanto para invejado! oh! obdiencia tanto para seguida! oh! exemplo tanto para imitar! Quem visse as tres preladas priorezas lançadas aos pés de uma nova eleita! E quando aquellas religiosas, assim nos annos como nos habitos, encostadas a seus bordões, amortalhadas em uma grossa cogula, cobertas com um véo negro, fiado com suas mãos, trazendo ao pescoço e nas mãos as cruzes e imagens de Christo Senhor Nosso, e da Virgem Maria Senhora Nossa, e dos santos de que eram devotas, não eram as peças ricas no custo, mas muito preciosas na devoção. As religiosas de menos edade seguiam o exemplo de suas maiores, e juntas umas com as outras, cantando hymnos e psalmos, foram entrando por este mosteiro dentro, aonde as estava esperando o veador do piedoso monarcha (D. João III) que n'uma salva de prata tinha as chaves do convento, e n'outra dourada esta-

vam as Bullas apostolicas (do Papa Paulo III) das uniões e provisões, pelas quaes constam as amplas doações que o serenissimo rei D. Manuel, nosso fundador, deu a este seu real convento, concedendo-lhe todos os privilegios e isenções, que os senhores reis seus antecessores haviam concedido aos quatro mosteiros, como das provisões largamente consta. Feita a entrega, presentes as justiças, se passaram os instrumentos necessarios, e tomou o sr. bispo posse da jurisdicção espiritual d'este convento, confirmando-lhe o seu capellão, o qual devia ser pessoa muito auctorisada para esta nova fundação. Fechadas as portas do convento, foi aquelle santo rebanho logo para o côro cantar horas menores cistercenses, acabadas as horas, se cantou a missa do Sacramento, houve sermão, não nos consta quem prégasse, por sem duvida temos seria o sr. bispo; nem menos podemos deixar de imaginar que as senhoras d'esta cidade mandassem ás novas hospedas e religiosas estrangeiras os mimos que sua piedade lhes administrasse.»

Mais ao deante fallarei d'esta religiosa como escriptora, embora, pela amostra que deixo transladada, já o leitor possa apreciar que, para mulher e mulher escriptora do penultimo quartel do seculo XVII, não era muito prolixa, empregando a palavra propria e evocando da tradição um esboço de quadro verdadeiro, onde, contra o desastrado costume da épocha, não existem as grandes amplificações rethoricas, nem commentarios mysticos lardeados de citações biblicas.

Parece que no mosteiro houve suas duvidas sobre a data exacta da sua fundação, porque em maio de 1776 a dona abbadessa D. Angelica Maria requereu á Torre do Tombo copia do decreto da fundação «em 1517 ou 1518» e não se encontrou, apesar das apostillas de recomendação com que o requerimento voltou á requerente; d'onde se prova que o uso e abuso do empenho, nas regiões burocraticas, já vem

do tempo de el-rei nosso amo e senhor, e que não é invenção liberal.

Em 10 de outubro de 1783 um grande incendio reduziu a ruinas a egreja, coros e suas dependencias. Antes, porém, do incendio já da obra manuelina pouco devia existir na sua primitiva pureza; porque no decorrer constante de dois seculos, mesmo ainda na vespera do sinistro, alli se fizeram augmentos e modificações, talhados ao sabor artistico das madres abbadessas generosas e amigas de deixarem o seu nome assignalado, por trabalho importante na historia do mosteiro, e talvez até na chronica da ordem. Além d'isso os architectos e artifices dos seculos XVII e XVIII não se preoccupavam em continuar a obra dos seus antecessores no mesmo espirito d'aquelles; e no que faziam de novo, e mesmo no que concertavam, punham de parte o primitivo estylo; tanto mais para desprezar, tendo-o alguns como barbaro, quanto era profunda a adulteração dos espiritos pelas tendencias d'um classico amaneirado e piegas, complicado e mesquinho, implantado pelos jesuitas. Depois o estylo manuelino, como tudo quanto é a expressão d'uma transição, não teve convictos, e sem convicção não ha arte na sua precisa accepção.

Hoje, escapado ao incendio e daé pocha monarchica, só alli existe o claustro, sem decoração alguma e uma porta ogival que actualmente dá entrada da crastra para o ante-côro de baixo, e talvez um velho tumulo que serve de deposito de cal de caiar!

Em meados do seculo XVII já a capella-mór tinha sido augmentada; sendo feita de novo alli por 1700, no segundo triennio de D. Victoria Maria da Cunha, que tambem construiu novamente as officinas que lhe estavam annexas. D. Victoria, para apaziguar brigas intestinas, foi obrigada a pedir a demissão, que o diocesano lhe concedeu, encarre-

gando-a, porém, de continuar com a direcção dos trabalhos. Não logrou, comtudo, vêr-lhes o fim, e foi a abbadessa que lhe succedeu, D. Maria de Moura Ayral, quem lhes poz termo, com as douraduras que mandou executar.

Em 1620 a abbadessa D. Violante Botelho mandou forrar d'azulejo a egreja, construir por cima da porta local para os orgãos, fazer claustros, varandas, dormitorios, casa do capitulo, e collocar um pulpito na egreja, trabalhado em pedra que mandou buscar a Lisboa.

Vinte annos depois, Ignez Mesquita forrou o côro de cima, «no mesmo estylo da egreja,» e fez uma escada de pedra que communica a varanda com o claustro. Mais tarde, no primeiro quartel do seculo XVIII, D. Antonia de Noronha, mandou construir a portaria, locutorios, casa da prelada, sala livre, mirante e frontispicio da egreja. Imagine o leitor o que seria aquelle mosteiro, na vespera do incendio, tendo passado sem fiscalisação pelas mãos das abbadessas e dos mestres d'obras dos seculos XVII e XVIII. O incendio, pois, talvez destruisse cousas ricas, mas não fez desapparecer nada bom, por certo.

Este sinistro obrigou a communidade a gastar quantia superior a setenta contos de réis, alguns d'elles levantados aos juros *modicos* de 5 a 8 %.

Cautelosos, os agiotas tripeiros de todos os seculos!

A egreja que substituiu a antiga se é vasta, clara, com galerias nos dois andares, que a cingem partindo dos coros, e permittindo o uso de todas as tribunas; se no corte transversal se observa uma boa distribuição dos impuchos e uma engenhosa disposição das abobodas, é na sua parte decorativa, principalmente no exterior, sem elegancia de linhas, nem aproveitamento logico do effeito pesado do granito, e mais um triste documento de que os architectos portuguezes raras vezes, souberam introduzir convenientemente o granito na or-

denação dos edificios. Em todas as egrejas do Porto se não encontra uma unica em que esta pedra, que o tempo ennegrece oxidando-a, concorra para um conjuncto harmonico, recortando-se quasi sempre cruamente sobre fundos caiados, ou, peior do que isso, sobre superficies pintalgadas de azulejos lustrosos. Nem todos os estylos se pódem executar com os mesmos materiaes, e todos elles, antigos ou modernos, tiveram o fundamento da sua existencia e o incitamento do seu progresso na qualidade do material que os artistas geniaes e creadores tiveram ao alcance de mão. Ora nas regiões graniticas de Portugal, nunca floresceu esse creador que soubesse dar á rija e sombria pedra o seu verdadeiro destino, e os imitadores desenhistas tendo pretendido domal-a—a ella que é dura, pesada, granulosa, com reflexos brilhantes de mica, que se oppõe á nitidez das linhas, refractaria aos lavores delicados—não teem feito senão desfeiar todas as obras em que a teem empregado, esquecendo-se que mezes depois de assentes, granitos e gneiss, ficam com as arestas rombas e dentadas, que o seu tom pardacento e ingrato prejudica o claro escuro do grande classicismo; e que as sarapintadellas negras do feldspato lesam os brincados do *rococo*. Ha um unico estylo, a que o granito se presta, e que ainda assim não é um estylo, mas a brutalisação do classico; quero referir-me ao que entre nós se conhece com o nome de romão. Por essas aldeias fóra ainda se encontram restos d'estes exemplares e são curiosissimos.

As dependencias do mosteiro são grandes, mas sem grandeza; a egreja d'uma só nave é florida como os oradores do seculo XVIII, que tinham a particularidade de prégarem duas horas seguidas, sem que, por acaso, da floresta das estações — verdadeira *selva escura* —, das concordancias biblicas, e commentarios dos Santos Padres, ligado tudo por encadeados retorcidos de phrases gongoricas, luzisse uma idéa sequer.

Em volta da crasta, sem primores architectonicos, sem aformoseamentos de jardins, e apenas com uma fonte ao centro, onde hoje se lavam os taboleiros do doce, e as gaiolas de dezenas de papagaios, que habitam as cellas das meninas do côro, ha em baixo, no pavimento terreo, o antigo refeitorio, de ha muitos annos abandonado, escuro e humido, a capella dos mortos, outras de menos importancia e um oratorio dedicado á Santissima Trindade, a cujo respeito se conserva no mosteiro uma lenda muito parecida com a que acompanha a conversão de Santo Agostinho.

Passeiava na praia o douto manicheu, quando o distrahiu da sua concentração philosophica a insistencia com que uma creança andava trazendo agua nas conchas das mãos e a vinha vasar n'uma cova, que préviamente fizera. Agostinho, admirado da pertinacia do rapazito que, emquanto chegava com uma gotta d agua, via se sumira a que tinha trazido, perguntou-lhe o que estava fazendo.

— Quero vasar o mar para esta cova!

— Pois não vês que isso é impossivel?

— Mais impossivel será tu comprehenderes o mysterio da Santissima Trindade, em que andas pensando!

E dizendo isto desappareceu.

Com o quadro representando o mysterio, que Agostinho não comprehendeu, deu-se um facto quasi parecido.

Uma freira de vida santa e mortificação constante, desejava possuir um painel representando aquelle mysterio. Á primeira vista parece um disparate o que a santa madre desejava; mas o que é um mysterio, senão um diparate consagrado? E depois, desde muitos seculos que a iconographia christã encontrou meio de representar pelo pincel ou pela esculptura o que o subtil bispo de Hippona nunca conseguira comprehender, segundo lhe affirmou o portentoso menino da praia.

Chamados todos os pintores do Porto e pedidos que fizessem esboços, por mais esforços de phantasia que empregassem, nenhum conseguia contentar a devota. Uma noite ella sonhára o *seu quadro*. Vira-o resplandecente de vivas côres e brilhantes dourados, ao fundo d'um oratorio illuminado por uma luz celeste, que lhe fazia realçar os tons e dar vulto aos pannejamentos. Explicava-o, porém, aos pintores e elles não a comprehendiam, e como ella não tinha o poder da evocação da pythonisa biblica, que fazia surgir os espectros na presença de Saul aterrado, contentava-se em viver em espirito com a sonhada representação do seu mysterio predilecto, cujas figuras hirtas e hieraticas nunca se apagavam de sua alma.

Um dia, acabada que foi a nôa, vieram prevenil-a de que na portaria se achava um rapaz, que ninguem conhecia, e que se dizia encarregado de lhe mostrar um quadro da Santissima Trindade. Desceu pressurosa acompanhada das irmãs que encontrava, e qual não foi o seu espanto e o de todas quando, descoberta a tela, se verificou que ella continha a pintura, tantas vezes sonhada e só agora realisada. [1]

Estes contentamentos são d'aquelles de que o nosso Camões tão acertadamente disse em dois maus versos:

Melhor é experimental-o, que julgal-o
Mas julgue-o quem não póde experimental-o

[1] Na Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade, no tom. II pag. 214, descrevendo-se a egreja das Trinas do Mocambo, em Lisboa, e referindo-se ao segundo altar da parte do Evangelho, chamado do *Bom Pastor*, escreve as seguintes linhas fr. Jeronymo de S. José, o chronista da Provincia de Portugal, que são como que a segunda via do milagre da Santissima Trindade, do mosteiro da Ave Maria:

«Clausuradas as nossas primitivas religiosas, vivendo satisfeitas com a sua pobreza, unicamente as desconsolava, não terem na sua egreja um retrato do seu adoravel Esposo crucificado, nem sufficientes meios, para o mandarem fazer como desejavam. Attendendo o mesmo Esposo dulcissimo aos seus ar-

Á nossa direita a figura solemne, barbada e magestatica do Padre Eterno, de vestes talares, como um imperador do santo imperio, ou rei merovingio; á esquerda Christo, de carnes magras que cobrem um esqueleto auguloso, e entre ambos, pairando de azas abertas, o Espirito Santo, na figura symbolica da pomba, mensageira da vida nova, segundo os crentes, interpretação graciosa dos cultos phallicos, segundo outros. Se aos meus olhos, um pouco educados nas bellezas da arte e nos segredos do *processo*, o quadro nada vale, e creio mesmo, por maior que fosse a minha crença n'aquelle mysterio, que nunca o sonharia d'aquella maneira; aos olhos mysticos da devota benedictina elle tinha scintilações divinaes, e, no auge da alegria, na commoção devota que se approximava do extase, demorou-se em consoladora contemplação. As horas correram, e as varias luzes do dia illuminaram a tela por todos os lados, e ella alli extatica, na doce beatitude do sonho realisado. Não a quizeram interromper d'aquelle suavissimo devaneio; quando, porém, ella fez um esforço para volver á vida real, para se certificar que não estava de novo empolgada pelo seu sonho, procurou-se o pequeno, afim de se ajustar preço, mas já ninguem o viu, nem nunca mais se tornou a ver.

A tela fôra brochada no céo por mãos de anjos, pouco adeantados na arte e simples moedores de tintas de Fr. Angelico de Fiezole, cujo estylo ignoravam, cuja uncção não

dentes desejos permittiu, que apparecessem na portaria tres sujeitos de gentil presença com esta veneravel imagem, inquirindo se acaso queriam comprar-lhe o feitio. Agradou a Santa Imagem pela perfeição, mas não o preço por excessivo. Resolveram ficasse na sua mão, que elles a seu tempo voltariam, e que não haveria muita duvida no contracto. Passaram dilatados mezes sem apparecerem, e são passados 133 annos (1794) desde o tempo da fundação em que isto succedeu, sem que se procurasse. Collocou-se o mesmo Senhor no côro antigo, d'onde veio trasladado para este logar, julgando-se ser destino do ceu, mandar a estas candidas cordeirinhas o seu vigilante Pastor, por cujo titulo ficou venerado».

possuiam, e cuja ingenuidade lhes era desconhecida; e trazido á terra por um rapazote, que, a julgar pelas dimensões do quadro, era por força e pela força algum filho do gigante S. Christovam.

Era evidente o milagre, justo seria accommodar o quadro com honras especiaes. Para esse fim mandou-se construir um oratorio na galeria inferior do claustro, onde foi collocado com as piedosas homenagens que o assumpto merecia. Ergueu-se o altar a que o quadro ficou servindo de retabulo, e o todo ficou fechado com uma vidraça.

Correram os annos, veio o terrivel incendio que destruiu a igreja, e poupou aquelle oratorio; e — maravilha! — todo o fumo produzido pela combustão, toda a poeira das estrondosas derrocadas, e toda a que durante as obras se levantava em turbilhões suffocantes, não conseguiram empanar o brilho das tintas, annuviar as suas côres, joeirar sobre a tela a mais tenue camada de pó. Quando se pensou em o limpar da poeira, terminadas as obras, ficou pura, alva e limpa a toalha de linho que sobre elle se passou! E ainda hoje esse milagre se continúa, conforme me affiançou o padre capellão do convento, que me contou a historia, entremeiando-lhe, pitadas, e mystycos arregalares de olhos; historia que eu acreditei, sem tentar ver o milagre com o meu impuro lenço d'assoar; tanto mais que ha alli uma velha creada, encarregada de verificar diariamente se o quadro conserva a antiga virtude, e que me corroborou a affirmação do muito reverendo confessor. — Todos os dias lhe passo a toalha, diz ella, e todos os dias vem limpa!

E, demais, eu não gosto de desmentir ninguem, nem de pôr em duvida as crenças alheias. Ainda me lembro o que me aconteceu, ha já alguns annos, em Santarem.

Realisava-se alli a festa solemne do Santo Milagre; e no fim do *Te Deum,* foi dada a beijar a custodia que encerra a

amphora com a sagrada formula, que, como se sabe, fôra irreverentemente, por conselho d'uma feiticeira judia, deixada de engulir por uma mulher que levava má vida com o marido e guardada n'um logar profano, para com ella se realisarem uns feitiços que trariam a paz ao lar, e revelada pela noute fóra a sua existencia por musicas celestiaes e clarões divinos.

N'aquelle anno, o sacerdote encarregado da ceremonia, fez uma explicação demorada do caso extraordinario e, dirigindo-se a mim, perguntou-me á queima roupa, — como quem sabia que eu já tinha sacristado nos meus tempos ainda de mais rapaz, e que podia contar commigo como *compadre*, — se eu não via a hostia cortada de raios de sangue?

O terrivel scepticismo já tinha morto em mim as mais vividas flôres da fé, murchado todas as crenças, e eu não via senão com os olhos da carne, e esses só descobriam a muito custo uma mancha escura dentro d'uma pequena amphora de vidro quasi opaco, e ia a dizer o que na realidade via, quando reparei que á minha volta se perfilavam varios devotos, que por certo viam com os olhos d'alma o que não conseguia vêr com os dois que a terra hade comer, se algum corvo m'os não tirar antes, e que armados de tremendos cacetes me zurziriam o herectico costado, se eu não visse como elles, E confessei que via tudo quanto o sacerdote, com sorriso manso de vehaco satisfeito me indicava.

Sahi d'alli suando, e comprehendendo perfeitamente pela minha affirmativa, a negação de S. Pedro, no pretório de Caifás.

Devo, porém, declarar que alguem a quem no convento interroguei ácerca da qualidade repulsiva da poeira que tem o quadro da Trindade, me não negou o milagre, mas com um suspiro me disse: — A verdade é que a fé já não é a mesma! D'onde conclui que augmentavam os roes da roupa, e

que o quadro começa a enxovalhar os pannos do pó. Nos velhos livros do mosteiro, onde li assentos de muitos milagres, nada encontrei a respeito d'este, e apenas no elogio da abbadessa D. Anna d'Almeida, entre as obras que fez, se nota que mandou «collocar o quadro da Santissima Trindade, que fica no frontispicio».

Entrando no côro de baixo, onde em bancadas de magnifica madeira, elegantemente trabalhadas, podiam têr assento noventa monjas, vi, do lado do evangelho, dentro do vão de um altar o corpo ou por outra, os ossos de santa Colomba, com as phalanges, carpos, metacarpos das mãos e os tarsos e metatarsos dos pés encerrados em luvas de rede de prata, e disfarçada a hediondez da caveira por meio de uma mascara de cera, de livida pallidez, simulando o rosto sereno de uma mulher surprehendida pelo eterno somno da morte, morte tranquilla como sóe ser a dos justos, que não deixa uma contracção nem um espasmo. Conta-se que uma das religiosas empregára durante muitos annos os maiores esforços e as mais valiosas influencias para conseguir de Roma aquelle precioso cadaver. Parece que cançada de esperar n'este mundo foi ter com a sua santa predilecta lá no céo, porque no dia em que chegaram ao mosteiro os despojos mortaes da bemaventurada Colomba, e entravam n'aquelle mesmo côro onde lhe estava reservado um altar, rezavam as freiras o officio de finados ao redor da alcatifa estendida no chão, e onde a freira sua devota ia ser levada á sepultura.

Quem fôra aquella santa Colomba, não m'o souberam dizer no convento, nem o meu velho *Flos sanctorum* m'o diz. Quanto a informações do Larousse, o leitor que as tome, se estiver disposto para isso.

N'este mesmo côro existe uma mesa de talha dourada com todos os caracteristicos do trabalho do seculo XVIII. Não vale nada, mas a gente do mosteiro considera-a uma maravilha.

Outr'ora, no primitivo côro, no que foi destruido pelo incendio, o seu principal enfeite era o rosario estendido pela cornija, tendo cada conta «o tamanho d'uma laranja».

Subindo ao segundo plano do claustro, precorre-se uma larga galeria onde vão dar as portas das cozinhas e de muitas dependencias do mosteiro.

A vida mosnastica deixando de ser commum tinha-se concentrado no côro, e nas cellas, onde cada qual vivia insulada, talvez mais em conformidade com o espirito do fundador; e, então cada uma tinha a sua cozinha propria. Apesar de ainda existirem vinte e cinco pessoas no mosteiro a solidão era grande e o silencio completo; apenas um ou outro gato passava correndo e assustado de me vêr errar pelos corredores sombrios e desnivelados, ou os papagaios, que se empoleiram ao sol, berravam despertados pelos ruidos da rua.

Outr'ora o movimento caseiro devia affluir a este claustro e respectivas galerias, e, apesar do silencio recommendado pelo patriarcha na sua Regra, é de crer que fôsse alli o soalheiro das criadas, ou *encostadas* porque era este o nome que as serviçaes tinham no mosteiro, perdendo os seus nomes de baptismo para serem tratadas pelo das terras de suas naturalidades, ou apellido da ama.

Como o mosteiro ainda possuia rendas importantes nunca faltou o azeite ás lamparinas dos nichos dos corredores, e na capella mór ainda a lampada conservava sete luzes de dia e de noute, e, até não ha muito, ainda ficavam acesas, durante a noute, oitenta luzes, que occupavam duas *encostadas* no seu preparo e conservação.

Os corredores são escuros e silenciosos. Longas fileiras de ennegrecidos armarios defrontam com as portas baixas, desniveladas e deseguaes das cellas. Aqui e alli enfumados paineis, Christos chagados, e por toda a parte nichos com o patriarcha e um grande e detestavel quadro com o S. Bento do

silencio, recomendando o mutismo e a concentração do espirito.

N'esta atmosphera de perfumes d'incenso, mesclados com os das rosas e madresilvas, que uma brisa morna envia da cerca, n'este meio silencioso, de passos abafados, n'estes corredores cheios de capellinhas, de Christos esqualidos, de santos resplandecentes de dourados, de relicarios, de lampadas crepitantes, até eu corria risco, senão de ser crente, pelo menos, de me tornar devoto.

É n'este meio que se comprehende a devoção feminina, fazendo convergir todas as prendas da mulher para o ornato do culto; e por isso se encontra em todos os altares toalhas de linho com rendas, bordados de ouro nas vestimentas dos santos, adornados com a infantilidade com que as creanças vestem bonecas; flôres artificiaes de côres vivas, inconscientes ornamentações do *boudoir*, tornando complicado, effeminado e pequeno um culto que devia ser tão simples como severo e grande!

Não será pois para admirar que nas *encostadas*, onde é preciso um *quid* de vocação para alli viver, notasse physionomias em que havia o quer que fosse do susto antecipado das penas do inferno, um como que pasmo constante, e uns sorrisos tristes que não chegavam a suggerir a suspeita d'uma alegria!

Pobres mulheres, o que d'ellas será agora sem o *encosto* da clausura?

Não era por certo o desejo de casar que fez prodigalisar pelos nichos e altares as imagens dos santos casamenteiros de novos e velhos: o thaumaturgo e S. Gonçalo d'Amarante.

Ao fundo d'um dos corredores existe a chamada capella dos *Meninos, scilicet* Jesus, ricamente dotada de alfaias; e onde, para nada faltar e constituil-a em egreja em miniatura, até sineta tem para chamar á missa, por occasião do Natal. Era

destinada especialmente ao culto do *Menino Jesus*, cujas imagens abundam de todos os tamanhos pelos altares e nichos desde o *Menino* rochunchudo do presepio, de mãos estendidas e perninha no ar, até outros maiores, mas não menos gordinhos, vestidos de grande gala, em attitude de quem lança uma benção pontifical.

O que ha de notavel n'esta profusão de *Meninos* é a extravagancia dos vestuarios, que parece ter exgotado a phantasia das religiosas, inventando cada qual o vestido mais desairoso e incongruente.

Seria um estudo curioso o do vestuario das imagens, fóra sempre de qualquer symbolismo religioso e quasi sempre determinado pela moda que passou.

A arte christã nunca se preoccupou com a propriedade do trajo dos seus personagens. E actualmente é que os pintores estão procurando representar os heroes do christianismo no meio em que elles viveram e vestidos segundo a sua qualidade ou posição; e, ou porque a longa tradição nos tenha fixado uma idéa errada, ou por que falte a convicção ao artista, os actuaes quadros religiosos não têem o dom de nos commoverem ou dominarem. Outr'ora *Deus* e a *Virgem*, trajavam vestes reaes ou imperiaes nos tempos bysantinos; com a influencia da renascença passaram a vestir largas tunicas, lançando aos hombros mantos que faziam largos pannejamentos inspirados da esculptura grega ou em pregas quasi symetricas productos do estudo da estatuaria romana. Monjes, bispos e frades tinham na idade media subido aos altares adornados com o vestuario prescripto pela himaciologia ecclesiastica, de córte rude na esculptura, de linhas angulosas na pintura. É ao seculo XVII que eu julgo que se deve a grande generalisação da roca e de se vestirem os santos com vestidos feitos com estofos da moda.

Devo, porém, justificar este seculo de ser o inventor d'es-

ta decoração por meio de estofos, embora o não absolva da culpa do abuso.

Nos mais afastados tempos da historia religiosa de Portugal, encontramos imagens feitas de roca e *vestidas*, sendo entre outras e mais notaveis as seguintes: — de *Nossa Senhora da Pombinha,* que se venerava na Sé de Lisboa e que resa a tradição já se achava n'esta cidade, quando D. Affonso Henriques a tomou aos mouros; — a de *Nossa Senhora do Vencimento,* com quem D. Nuno Alvares Pereira se pegou na vespera da batalha d'Aljubarrota, e a quem depois dedicou o convento do Carmo, hoje em ruinas; — a de *Nossa Senhora da Saude*, da Mouraria, mandada fazer por occasião da peste grande de 1569. Era tambem de roca a devota imagem de *Nossa Senhora da Victoria*, da Caldearia, que existia n'uma ermida junto ao Poço do Chão, na freguezia de S. Nicolau, e attribuia-se-lhe uma existencia talvez anterior ao primeiro quartel do seculo XVI. N'este mosteiro da *Ave Maria*, encontramos em meiados do seculo XVII bastantes donativos para vestidos de imagem de *Nossa Senhora do Rosario*, que é de crer existisse já desde o meiado do primeiro quartel d'este seculo. Então apoderou-se da devoção e das côrtes o mesmo delirio dos brocados luxuosos, e espalhou-se como uma epidemia a raiva de *vestir* todos os santos e santas, convertendo-se os altares em exposições das mais monstruosas aberrações do gosto e da seriedade religiosa. Cobriram-se com sedas e damascos os mais aperfeiçoados *estofados* do seculo XVI, occultaram-se sob cogulas de panno as mais severas esculpturas medievaes, e os mais graciosos modelados da renascença, e nem as imagens grosseiras e toscas, levantadas da pedra mais por escopros do que por cinzeis, escaparam á senha vestimenteira.

Podia citar varios exemplos symptomaticos d'esta epidemia que lavrou e vae lavrando pelo culto; mas limitar-

me-hei a um unico, que será como que a synthese de todos.

Na historica e curiosissima Sé de Evora, a meio da egreja existe a capella da *Annunciação*. As imagens de *Nossa Senhora* e do *Anjo* que a sauda são de pedra, de esculptura grosseira e antiquissima, e das que nos primitivos tempos se veneravam no chão, e não em altar como hoje; pois nem essas escaparam de ser cobertas com vestimentas mais ou menos ricas, mas completamente disparatadas.

A *Senhora* tinha um dos braços estendidos, e o outro chegado ao peito, na attitude de quem diz: «*Fiat voluntas tua*», e esta posição impedia que se cobrisse este ultimo braço. Do que se havia de lembrar o devoto vestimenteiro que teve a peregrina idea de mandar fazer altar e vestuario para as duas imagens? De arranjar um braço de pau que, sobreposto ao de pedra permittia que a senhora tivesse á vista dois braços vestidos, emquanto realmente possuia apenas tres; isto é, um de menos do que devia ter o inventor da mascarada.

Parece que foi isto que deu origem a que os *blagueurs* de Evora, dadas as physionomias das duas imagens, imaginassem entre ellas o seguinte dialogo:

O ANJO — Muito parvo ha n'esta terra!

A SENHORA — É de pasmar!

Que o seculos XVI dentro das suas tendencias luxuosas e brilhantes, não é menos culpado da aberração do sentimento religioso na esculptura religiosa! Se pelo lado da arte se presta mais attenção á natureza humana, se na modelação se procura accentuar o sentimento mystico com a expressão quer da physionomia quer da postura, o ouro espalhado profusamente nos estofados, em que serve de fundo a pintura, e os agaloados nas fimbrias dos habitos e mantos, tirou todo o caracter ás imagens. E nada mais incoherente do que vêr um S. Francisco d'Assis, um Santo Antonio de Padua, de ha-

bitos dourados e debruados com riquissimos galões, ou um S. Jeronymo ou Santo Antão com as esteiras tramadas em fio de ouro!

O sentimento christão, substituido pelos interesses catholicos-romanos, estava completamente obliterado, e assim successivamente de perversão em perversão se chegou até ao seculo XVIII, que fabricou Christos de *biscuit* de Sevres e *Virgens* de louça de *Saxe*, que serviam de adorno aos *boudoirs* suspeitos.

O complemento d'esta degradação religiosa, a phase culminante da obliteração da seriedade christã é o que actualmente se pratica em França e na Allemanha, com o consentimento dos ordinarios, que tanto n'um como n'outro paiz se occupam de preferencia com o que é de uso chamar-se a politica da egreja, do que com a disciplina da religião. Com a invenção dos *sacrés cœurs* chegou-se á profanação de se collocarem nos altares imagens de *Christo* e *Sua Mãe*, de barbas e cabellos dourados, olhos azues, labios carminados, posturas d'um romantismo effeminado e indigno da severa comprehensão dos personagens, expondo visceras douradas! Uma iconographia d'esta ordem dá a medida dos sentimentos de quem a consente, e da intenção sacrilega de quem a pratica, que assim explora um mysticismo verdadeiramente *fim de seculo*, mais enervante e degradante do que o paganismo sacrificando á Venus de Milo, ao Jupiter, de Phidias ou a qualquer Apollo da escola de Pratixeles. A arte christã produziu, até á renascença, imagens modeladas dentro do seu espirito, e a rigida *imaginerie* dos templos conhecidos por gothicos assim o attesta; mas depois, como já dissemos, e não nos cançamos de repetir, perdeu-se a intenção religiosa cujo cyclo é fechado no seculo XV por Masanio, Mantegna e Frei Angelico. Depois, até para os grandes artistas a religião começou a ser mina inexgotavel de assumptos anecdoticos e

não a fonte suggestiva da inspiração. Ganhou a arte por certo, mas perdeu a religião. Desde que as *Pietà* passaram a ser pretextos de estudos anatomicos, desde que as *madonas* eram retratos das amantes dos pintores, e as *bodas* um banquete d'amigos, estava fechada a era da arte religiosa, e estabelecida a corrente progressiva da arte naturalista; os artistas para seu bem liam o grande livro da natureza de preferencia ao *Flos sanctorum,* tendo tido o cuidado de fecharem n'alma o livro das ineffaveis emoções.

Objectar-me-hão que os bysantinos pintavam ou esculpiam sobre fundos de ouro. É certo; mas entre esses a religião andava tão intimamente ligada com a politica, que os seus imperadores sabiam mais theologia e pugnavam mais pela pureza do dogma do que os proprios papas; dando mais importancia ás subtilezas d'um schisma do que á adminstracção do imperio, pelejando com mais denodo, nas ruas ou nas encruzilhadas, para impedir o desenvolvimento d'uma idéa heretica, do que nas ravinas alpestres ou nos campos razos para evitarem as invasões dos barbaros. Perca-se o imperio, mas salve-se o *Credo!*

Portanto a arte desenvolvida n'esse meio tinha fatalmente de dar á iconographia a mesma riqueza e esplendor de que eram revestidos os trajos imperiaes; e assim o *Padre Eterno* será figurado como qualquer Justiniano, mais rico se é possivel, e a *Virgem* trajará os mesmos brocados matizados a pedrarias multicores, imitados da tunica e manto d'uma Theodora devassa. Mas já não é o mesmo sentimento que faz com que no seculo do grande Rei, as *Virgens* se vistam á moda de madame de Maintenon, e as *santas religiosas* tenham a feição compungida d'uma Lavallière desprezada; que os *santos mendicantes* tenham habitos de seda franjados de espiguilha de ouro; que para vestir *Meninos Jesus*, se sollicitem os restos dos brocados dos vestidos das damas ricas, ou das

comicas de nomeada; e ainda muito menos o que determina essa scena ridicula, que todos os annos presenciamos na egreja da Graça, onde umas senhoras, aliás respeitabilissimas, vão vestir a imagem do *Senhor dos Passos*, com roupas brancas finissimas e não sei mesmo se com camisola de *crepe santé*. No dia seguinte a venerada imagem é levada em procissão, trajando tunica de seda, com pregas seguras a alfinetes, corda de seda ao pescoço, com borlas de torçal, cruz envernizada, e, para cumulo da irreverencia, contrastando com umas barbas entalhadas na madeira, um chinó luzidio de cabello negro!

É por isto que estas e outras imagens nada dizem á nossa alma, emquanto muito fallam ao nosso espirito os santos dos nichos das egrejas ogivaes, mal desenhados, grosseiramente desbastados, mas respirando a intenção religiosa por todos os póros das suas pedras carcomidas e musgosas!

Feita esta prelecção, cá para commigo, no corredor que conduz á capella dos *Meninos*, e depois de notar como a clausura, a partir de 34, começou a ser devassada pelos fundos das casas da rua de Santo Antonio, que até então não tinham licença para abrir janellas para a cerca do mosteiro, depois de reparar como esta se achava abandonada, e diminuida pelo bocado que o governo, pela ancia de não esperar, comprou para a construcção d'esse novo disparate ferro-viario, que se vae chamar a estação central do Porto, e que custosa e brilhante symetria fará com a sua congenere de Lisboa, segui para o côro de cima; mas antes fui visitar o quarto onde morreu a ultima abbadessa, visto se encontrar no meu caminho, e a senhora que me acompanhava, e d'ella recebera o ultimo suspiro, se prestar a abrir-me as portas da casa d'onde sahira o cadaver, e onde mais ninguem desde então tinha entrado.

A ultima abbadessa

Vi-lhe o retrato. Atravez das lentes dos oculos faiscava um raio de luz firme dos olhos vivos, e os labios entreabriam-se cortados por um sorriso fino, que devia ser terrivel nos momentos colericos da prelada. Fôra corpolenta, mas aos oitenta e tres annos tinha as fórmas franzinas; porém, segundo me informaram, conservava-se ligeira, e, encostada á sua bengala preta de castão de moleta, e ponteira forrada de flanella,—para que a não sentissem, ou não perturbasse o silencio monastico, — percorria todo o mosteiro investigando do asseio, arrumação e disciplina.

Se os abbades benedictinos, esquecidos da aspereza da vida recommendada pelo seu fundador, converteram as abbadias, e especialmente as suas cellas, em moradas luxosas, depois de terem sido verdadeiras praças de guerra, a ultima dona abbadessa do mosteiro da *Ave Maria*, do Porto, vivia n'um quarto quasi pobre, cujo limiar transpuz debaixo da impressão d'uma curiosidade commovida.

Era a primeira pessoa que alli entrava depois que o cadaver fôra transportado para o côro debaixo, onde em roda do catafalco se lhe fizeram pomposas exequias, como se fôra presente o corpo d'um bispo.

Emquanto se abriam as portas e destrancavam as janellas para entrar a luz, perguntava de mim para mim o que seria a habitação da ultima das representantes do patriarcha de todos os monges, como na hierarchia monastica é designado S. Bento. Aos monges recommendava elle, nos principios da ordem, que deviam deitar-se vestidos cingidos com as suas correias, mas sem as facas ao lado, «porque acaso dormindo não se firam entre sonhos»; devendo haver candeia acesa no dormitorio. Se a regra servia para as monjas, o quarto da abbadessa pouco devia ter. Só depois verifiquei que, não

tendo S. Bento instituido ordèm para mulheres, os seus successores applicaram-lhes as regras feitas para os homens, tendo o cuidado de mudarem os substantivos e seus concordantes para o feminino; donde resultam, por vezes, disposições mais do que extravagantes, como esta das facas. Felizmente para as monjas o rigor primitivo foi bastante modificado, permittindo-se-lhes dormirem em separado, cada qual na sua cella, usando de enxergão de palha, de um par de lençoes de estamenha ou de lã, de uma fronha de lã com seu travesseiro de panno de linho. Ás de cincoenta annos para cima se permittiam colchões de lã; as de sessenta annos e enfermas podiam usar de lençoes de linho, mas nunca de cobertores de seda nem de sobre-céo.

Abriu-se uma janella. A luz entrou a jorro; uma claridade intensa de sol de junho, em dia de atmosphera limpida. Senti um grande allivio, e mais ainda, quando, corrida a vidraça, a aragem diminuiu o cheiro dos desinfectantes, que é de uso collocar por hygiene e devoção nas camaras mortuarias.

As janellas, que abrem por cima da portaria, olhando para o largo mais concorrido do Porto, já não teem rotulas, embora ainda sejam gradeadas, dão luz a duas cellas pequenas, que foram convertidas n'uma só, por meio d'um arco, que substituiu a parede divisoria. Lá no canto, ao fundo, uma cama de nogueira á franceza, sem roupa; commodas com oratorios, um sofá de velho estofo, sobre que estavam ainda esquecidas quatro velas da encommendação; algumas cadeiras; dois consoles; uma banquinha de costura, e pelas paredes quadros de piedade, em gravura ou photographia, e um a oleo, do santo patriarcha. Por cima das mesas livros d'orações, contas, e a um canto a bengala em que já fallei. Um quarto andar burguez de gente pouco abastada, sem nenhum caracteristico abbacial, sem esse *quid* de devoto que costumam ter os aposentos das octogenarias piedosas; mas

devo notar que a velha benedictina, que cinco ou seis dias antes fallecera, era mais uma severa e honrada administradora do que uma beata. Vendo-se a simplicidade d'aquelle aposento, não se imagina que em dias de grandes solemnidades a abbadessa, que alli morava, arrastaria pelos corredores a longa cauda da sua tunica negra, longa de muitos covados; que as mangas largas do seu habito roçariam pelo chão, e que de baculo de prata em punho, como qualquer bispo, ella se encaminharia ao sólio por entre as alas das freiras e pupillas, reverentemente curvadas na sua passagem. Pelas apparencias do quarto, o que se podia suppôr era a existencia d'uma boa velhinha, arranjada e cuidadosa, aspirando entre duas *Ave-Marias* d'um rosario a tradicional pitada, e largando o lenço vermelho, para continuar recortes de papel de côres ou enganchar malhas de *crochet*.

Durante o dia occupava-se sem descanço da administração da casa, com cuidados meticulosos e honradez inexcedivel, e dormia a noite tranquilla, tendo as chaves do convento debaixo do travesseiro. Por mais de uma vez, olhando para as dezenas de pessoas que por sua morte iam ficar ao abandono, teve impetos bons de lhes dar alguma cousa dos contos de réis que tinha em seu poder, e que o Estado herdou; mas esse mesmo pensamento ella o affastava como criminoso, repetindo que era administradora e não a senhora dos bens dados á sua guarda. Em contraposição a esta senhora, lembro-me de outra abbadessa, a que já me referi, que tinha o cynismo de dizer, quando distribuia os bens do mosteiro aos capellães, aos medicos, aos advogados e até aos amantes:

«Se outros hão de roubar, vou eu roubando!»

Uma unica preciosidade sahiu do mosteiro e com sua auctorisação: foi o baculo rico. Eis, approximadamente, como as cousas se passaram.

Por occasião do cerco do Porto, o mosteiro, privado do rendimento dos seus fóros, e soffrendo ainda os sacrificios da reconstrucção da egreja, das contribuições de guerra e de defeza, soffria bastantes privações. A communidade recorreu á casa Ferreirinha da Regoa, que abonou as quantias precisas sobre hypotheca do baculo rico; e as lampadas tiveram azeite, comida as mezas e ministros os altares. Tempos depois, o baculo veio para o uso monastico, por não querer revendel-o o novo possuidor, com a condição de que voltaria ao seu poder, assim que se extinguisse o mosteiro. A velha abbadessa cumpriu a clausula do emprestimo; e, vendo-se adeantada em annos e aggravada nos achaques, temendo uma surpreza da morte, como virgem prudente, enviou o baculo ao seu legitimo comprador. Foi pena, porque a casa Ferreirinha da Regoa não precisa d'aquelle bastão abbacial para lhe augmentar a opulencia, e o museu nacional poderia ter adquirido um objecto, quem sabe, de grande valor artistico.

Esta velha freira, rigorosa administradora e rispida prelada, adorava as creanças. Não existia canto de gaveta ou armario que lhe pertencesse, onde não houvesse depositos de brinquedos, destinados ás suas visitas infantis. Ao contrario das mulheres privadas dos gosos ineffaveis da maternidade pela natureza, pelos votos religiosos, ou por falta de comprehensão do seu mais importante dever social, que conservam sempre no imo d'alma um fermento de odio para tudo quanto ri, brinca, faz alarido e se expande, que teem caricias d'um exagero contrafeito, no fundo das quaes, como nas dos felinos, se encontra mal encoberto o aguçado da garra, aquella boa senhora, como Christo, seu esposo mystico, chamava a si as creanças, comprazia-se com as suas travessuras, e se no espolio do mosteiro ella deixou umas poucas de dezenas de contos para o governo, paramentos e livros ricos

para o prelado; se as bibliothecas e archivos herdaram alguns volumes e quantidade enorme de curiosos pergaminhos, as creanças, se alguem se lembrar de repartir os brinquedos dispersos pelos seus moveis, tambem terão a sua parte no espolio, e os seus alaridos alegres serão as mais agradaveis exequias que poderá ter desejado aquella ultima das benedictinas!

Continuação da visita

Ouvira muitas vezes fallar em cilicios e disciplinas, mas como nunca tinha visto nem uns nem outras, quasi que já começava a crer que ambas as cousas fossem simples recordações de muito alongados tempos. N'este passeio pelo convento da *Ave Maria*, n'um armario, em frente ao corredor por onde se sahe do quarto da abbadessa, e que servia de bibliotheca, encontrei dois saccos encerrando aquelles instrumentos de mortificação monachal.

As disciplinas consistem n'uma especie de chicotes, sem cabo, com bastantes pontas, umas todas de corrente de arame, outras de corda, e algumas de corda com as pontas de vergalho presas por argolas d'arame. As constituições marcavam que durante o tempo d'um *Miserere* com a antiphona *Ne reminisceris*, em certos dias e festividades, se applicaria a disciplina conventualmente. Cada qual se fustigava, e é de crer que a força dos chicotadas estivesse na razão directa da crença e da perturbação da consciencia; mas o mais provavel é que fossem as mais innocentes as que mais se castigassem.

Os cilicios eram um encadeado de arame, tendo cada annel um ou dois bicos, que se collocava no grosso do braço, na coxa ou na cintura. Eram elles os grandes protectores da castidade, cuja guarda, apesar da clausura, não era das cou-

sas mais faceis, pela facilidade da queda a que todas andavam sujeitas.

O padre mestre Gabriel Talbot, explicando a regra de S. Bento ás religiosas, alarga-se mais do que é conveniente — pelo menos assim me parece — a este respeito. São d'elle as indicações do que as religiosas se devem de abster: «... assim de pensamento como de palavra, e de obra, como de desejos torpes, deleitação morosa, pensamentos lascivos, tocamentos deshonestos, vistas provocativas, osculos e todos os mais actos que possam offender a virtude da castidade; e com isto está dito o que se póde dizer com decencia d'esta materia em lingua vulgar...»

Imaginem o que não diria o padre mestre se escrevesse em latim! Ainda assim não resistiu em citar ás reverendas madres que a «santidade de Clemente VIII mandou com rigoroso preceito a todas as religiosas, que nenhuma tivesse cãesinhos, ou como se chamam, cães de estrado, ou de os trazer no collo, pelos grandes inconvenientes e perigos que trazem comsigo». E depois segue-se um rol enorme das cousas prohibidas ás religiosas terminando da maneira seguinte:

«Não menos perigosas, damnosas e culpaveis são as amizades particulares das religiosas entre si, e com as pessoas seculares do convento, e me não explico mais, entenda cada uma o que quero dizer.»

O diabo é se ellas o entendiam!

Voltando á esquerda, subimos alguns degraus e entramos no côro. É espaçoso, inundado de luz, e com bancadas eguaes ás do côro debaixo, para noventa religiosas. Ao centro uma bella estante e sobre ella grossos livros de cantochão, em pergaminho, com illuminuras d'uma arte já no ultimo periodo da decadencia, mandados fazer no seculo XVII. N'esta estante ha umas gavetas onde se achavam os unicos livros profanos que existiam no mosteiro!

Outr'ora as festas eram celebradas com musica de capella, e além do orgão, e realejos, ainda em uso alli no seculo XVII, havia harpas e rabecões. Mais modernamente os rabecões desdobraram-se em violoncellos, e creio que as harpas foram substituidas por violino e violeta.

No armario das musicas, entre muitos trechos ecclesiasticos de auctores portuenses, encontrei alguns de musica italiana do fim do seculo XVIII, que provavelmente era executada por occasião dos abbadessados, ou festas solemnes; uma das musicas profanas chamou-me a attenção e não resisto ao desejo de a desrcever.

Depois da capa, e enquadrado n'uma cercadura a côres, fazendo lembrar estuques da baixa do principio do seculo, vem o titulo assim disposto:

Aria
Ai meu bem desfallecido
offerecida
á Ex.ma Senhora
D. Maria Amalia

por seu criado
Francisco Guedes.

Diz-me o coração que este Francisco Guedes foi o auctor da musica, dos versos e dos desenhos — um artista complexo como os da Renascença; e além d'isso pedaço d'asno. Seguese depois uma pagina com um esguio ramo feito de dois simples amores perfeitos e dois galhos de fuchsia symetricos, tudo atado por um laço vermelho com pintas amarellas.

Entra depois a musica, caprichosamente escripta á penna, com uma longa introducção, em que a mão direita e mão esquerda andam em saltos successivos invadindo uma os do-

minios da outra; depois o piano cala-se, e entra a voz em recitativo:

Ai! meu bem desfallecido,
Mal te posso adeus dizer.

E cala-se a voz, para deixar de novo começar o pianista a brilhar, até que a voz termina o recitativo, d'esta vez sustentado por simples accordes:

A teus pés perdido o alento,
Adeus Marcia eu vou morrer.
A teus pés perdido o alento,
Adeus Marcia eu vou morrer.

Não morre tal; faz exactamente como o *Trovador*, e depois d'uma nova introducção entra no *andante* expressivo:

Se tens da vida e da morte,
Se tens da vida e da morte,
Marcia, a chave em teu poder,
Marcia, a chave em teu poder,
Se feixas da vida a porta,
Adeus Marcia, eu vou morrer.
Adeus Marcia, eu vou morrer.

O maestro nota que este ultimo *adeus* é *ad libitum*. Tudo é permittido a quem vae morrer. Mas o poeta-musico não morre assim, e passa, depois da inevitavel suspensão, ao *allegro moderato*. Não tem que ver, é um lyrico á maneira rossinista. Temos os competentes harpejos, e depois:

Veloz fama pelo mundo,
Vae teu nome escurecer,
Vae teu nome escurecer,
Vae teu nome escurecer,
Vae teu nome escurecer!

Toma a respiração em quatro compassos e tres quartos, e continua :

D'ingrata o nome receia,
Adeus Marcia, eu vou morrer.
D'ingrata o nome receia,
Adeus Marcia, eu vou morrer.
Adeus Marcia, eu vou morrer.
D'ingrata o nome receia,
Adeus Marcia, eu vou morrer.
Veloz fama pelo mundo,
Vae teu nome escurecer.
Vae teu nome escurecer.
Vae teu nome escurecer.
Vae teu nome escurecer.
D'ingrata o nome receia,
Adeus Marcia, eu vou morrer.
D'ingrata o nome receia,
Adeus Marcia, eu vou morrer.
Eu vou morrer...

E mais oito como este !

Que pena para arte que este verso se não realisasse; e que severas contas tomaram Deus e o patriarcha S. Bento á abbadessa que taes cantigas consentia, guardadas com as ladainhas e as missas solemnes !

Depois da musica, uma pagina com um ramo composto de um botão de rosa, uma tulipa e flôres desconhecidas enlaçadas por uma fita amarella e verde.

Percorrendo a galeria do côro, cheia de altares onde os santos se agglomeram, e onde apenas encontrei digno de menção, uma *Pietá* de harmonico colorido e expressão verdadeira, pintada em cobre dentro de uma moldura de prata lavrada [1], fui dar á tribuna da capella-mór, onde vi, que sobre

[1] Consta-me que este quadrinho foi posto em leilão e comprado por 70$000; graças a ter-lhe um curioso escripto o nome de Raphael n'um dos cantos!! E houve quem tomasse a brincadeira a sério !

o livro da matriarcha Santa Escholastica estava um a carta dobrada, não a pude lêr: mas lembrei-me logo de quão grande era, e é ainda, em roda dos mosteiros, a tribu dos Franciscos Guedes.

Na sahida examinei o altar de S. José, onde se acha uma senhora de Lourdes, de gesso, com o conhecido distico *Je suis l'Immaculée Conception,* phrase que devia ser um testemunho evidente da falsidade da apparição; porque se *Maria* apparecesse e fallasse, podia dizer que tinha concebido sem macula, mas nunca que ella era a *Conceição immaculada.* Este engano dos inventores de milagres, faz lembrar aquelle philosopho que um dia se lembrou de perguntar porque era que Apollo, o deus da poesia, quando se expressava pela boca da pythonisa, — que até alli fallava em verso, — o fazia em versos detestaveis.

Foi desde então que a adivinha começou a fallar em prosa.

Sobre este altar, dedicado ao que o catholicismo tem de mais puro, existia uma caixa de phosphoros de cera, destinados a accender a lampada, e que tinha estampada d'um lado a Schneider, vestida de *Grã-duqueza,* e do outro uma cancanista, na attitude de bater com a ponta do pé na ponta do nariz.

Os extremos tocam-se!

O Livro da fundação

Quasi tres seculos de producção e rejuvenescimento litterario e artistico por tal fórma exgotaram as forças productivas e creadoras da humanidade, que no seculo XVII, depois do enthusiasmo vivificante, produzido pelas obras assombrosas dos seus antepassados, a encontramos n'um periodo de decadencia, que toca o seu auge no seculo seguinte, o qual se póde considerar como de transição preparatoria para outras

formulas de arte mais duradouras, mais adequadas a marcarem éra na historia. Esta decadencia consegue ser disfarçada em França pelo esplendor da litteratura e por uma tentativa de nacionalisação das artes com Lesueur na pintura, Sarazin na esculptura, Debrosse e Mansart na architectura. Em Hespanha, no meio do mais assombroso desastre politico e social, ainda se salvam pintores como Velasquez, Ribera e Murillo, tres corypheus de tres differentes escolas, e Calderon de la Barca no theatro, com dois ou tres satellites de ordem inferior. Em Portugal o esforço creador e productivo na arte pouco deixou nos seculos xv e xvi, e os nomes do Grão Vasco, de Gil Vicente ou Camões, não foram sufficientes para suggerir, por entre as perseguições inquisitoriaes, ensino fanatico e vexames da dominação hespanhola, esses espiritos creadores que marcam época nos annaes d'um povo, e fundam escola. E não só não creámos cousa alguma, como nem soubemos sustentar o pouco que nos vinha da tradição. Os compendios de historia universal, coordenados pelo systema de mappas, ainda inscrevem acções memoraveis, escriptores notaveis nos respectivos capitulos d'este seculo: mas d'essas acções e d'esses escriptores pouca ou quasi nenhuma memoria existe na alma popular. Em França, com o auge do absolutismo real coincidiu o maximo esplendor litterario; entre nós a chispa do genio brilha apenas com os *Luziadas*, já na escuridão das angustias nacionaes, e tão intenso foi esse brilho, que mais tenebrosa faz parecer a noite que se lhe seguiu.

A Luiz de Camões, succedem-se os seus imitadores, os acastelhanados sem genio nem talento, os adaptadores de uma litteratura classica sem afins com o nosso temperamento, por entre os quaes apenas scintilla a prosa elegante e o conceito original e espirituoso de D. Francisco Manuel de Mello, e uns e outros versos a custo joeirados de entre os milhões

que então se escreveram. Na arte da palavra tudo emmudeceu, para só se ouvirem os arrazoados escolasticos dos prégadores, que tratam de apurar e levar ao requinte os defeitos do padre Antonio Vieira, o mestre do pulpito de então, sem assignalarem nenhuma das suas boas qualidades.

«A falta de participação de Portugal, no movimento estrangeiro scientifico do seculo XVII, escreve o sr. dr. Theophilo Braga, fez com que a actividade intellectual se dispendesse em um exercicio disparatado de rethorica, que viciou tudo, a linguagem, o poesia, o theatro, a historia e a propria eloquencia do pulpito.» Effectivamente o movimento estrangeiro não chegou até nós. Parece que os Pyreneos, onde se achavam de vedetas a Inquisição e os Jesuitas, se converteram em muralha da China, a que os nossos rios e serras serviam de obras de defeza complementares e os frades de cordão intellectual, para não nos deixarem chegar os echos dos sermões de Bossuet e Fenelon, as tragedias de Racine, mas não as comedias de Molière; para nos impedirem de conhecer os planos de Perrault, as obras de Goujon, os quadros de Poussin, afim de que no dia em que foi preciso edificar um convento, modelar uma estatua, expôr um bom quadro, tivessemos de ir pedir lá fóra que nos emprestassem artistas, que nos alugassem sabios para todas as nossas escolas, e até para commandar e disciplinar os nossos valentes soldados e leval-os á victoria, foram precisos officiaes estrangeiros, contractados conjunctamente com os cabelleireiros para o rei, alfaiates para os trajos da moda, e cozinheiros para a reforma da cozinha!

No meio d'esta noite escura, em que por um dia brilhou a cavalheirosa temeridade dos *quarenta* do primeiro de dezembro, não é para admirar que, muros a dentro d'um mosteiro, se não encontrem pennas exercitadas na arte de escrever, e, portanto, tudo quanto por lá houver, que não des-

cer muito abaixo da craveira geral, deve ser conhecido e estimado.

No *Livro da Fundação* encontro, entre outras, duas pennas exercitadas na arte de escrever: uma, a que inicia os trabalhos da historia do mosteiro e se recolhe á cella em 1669, outra, que, pelo meiado do seculo XVIII, reáta aquelles trabalhos, narrando a vida, morte, virtudes e excellencias das freiras que se tornaram notaveis.

Não entrarei em grandes analyses d'estas duas productoras litterarias; apenas apresentarei algum trechos seus, como modelos, e que o leitor apreciará ao sabor do seu temperamento litterario ou gosto artistico.

E são tanto mais para admirar estas duas chronistas, quanto não abundava a illustração, o que não se afiança por documentos litterarios directos, mas posso suspeitar pelas redacções de certos livros de contas e pelas assignaturas de muitas das freiras nas suas patentes de profissão, nas quaes se encontram nomes proprios escriptos das seguintes maneiras:— Lianor — Dulçe — Feliçia — Ana — Genuveva — Genobefa— Hyronima — Vinsensia — Clara da Sunção — Getrudes, etc., etc., etc.

A primeira escriptora foi Mariana Pinta, cujo triennio do abbadessado foi de 1667 a 1669, fallecendo a 5 de junho de 1680. Foi ella quem iniciou estes trabalhos de historia mystica, como já disse; e, depois de ter escripto o panegyrico das abbadessas, e o que com ellas aconteceu, quando chegou a sua vez escreveu o seu nome no alto da pagina, e deixou-a em branco, para que quem lhe succedesse a enchesse com os mesmos elogios que ella tinha prodigalisado a tantas outras. A pagina ficou em branco; e apenas lá pelo livro afóra se lê a seu respeito o seguinte:

«A religiosa D. Mariana Pinta foi abbadessa que governou com tanto acerto, que desempenhou parte das dividas do con-

vento, e como discreta que era, e entendida, foi dada á oração e muito lida nos livros espirituaes e assim inclinada á egreja d'este convento em que fez muitas obras; e era dotada de grandes virtudes e devotissima do Nascimento do Menino Jesus, e por sua conta corria, havia muitos annos, o gasto do presepio e seu adorno, e por seus muitos annos veio a enfermar, mas sempre em perfeito juizo, com que pediu todos os sacramentos, e falleceu da vida presente em cinco do mez de junho do anno de mil seiscentos e oitenta, e foi sepultada no capitulo como as mais abbadessas.»

Lida esta certidão d'obito, vejamos as que ella passou a outras; o que disse da instituição, e como o disse e ficaremos convencidos que D. Mariana Pinta podia figurar no elencho dos escriptores do seculo XVII, levando a alguns a vantagem da sobriedade do estylo e clareza da dicção.

Depois do preambulo, entra em materia com as seguintes linhas, que são uma critica indirecta do estado moral da communidade no seu tempo:

«Governando a egreja de Deus, a Santidade do successor de Pedro, Clemente nono, sendo rei d'este Reino o serenissimo rei D. Affonso sexto, por cujos achaques lhe assiste no governo o serenissimo infante D. Pedro, e este anno de 1668, em que Nosso Senhor foi servido levantar a praga da guerra, que 28 annos padecemos (justo castigo das nossas culpas), agora pois logramos paz, nos pareceu amadas irmãs em Christo, fazer um memorial que se intitula: *Lembrança de mortas e espertador de vivas*, conhecendo as saudades que nos podem causar irmãs tão santas, tão religiosas, tão observantes; as quaes, piamente cremos, que com alampadas acesas, do oleo das boas obras, estão e estavam eternamente nas bodas com o divino esposo; e, para que não fiquemos de fóra, como pouco advertidas, nos valemos das mortas para que sirva de espertador, a nós, vivas.

«Oh! carissimas senhoras e irmãs, muito tempo ha que o chronista amante nos encommenda esta lembrança, dizendo que escrevessemos os bemaventurados que em Nosso Senhor morrem: *Beati mortui qui in Domino moriuntur*, tudo a fim de que lembradas das mortas, á sua imitação reformaremos as vidas, como o discipulo amado nos adverte: *Opera illorum secuntur illos*.

«Oh! senhoras, que bem empregado fôra nosso trabalho, que ditosa nossa occupação, se com este despertador, fossemos pelos dormitorios d'este convento; considerassemos sua real fundação; o caso que os serenissimos reis faziam d'elle, o ajuntamento de quatro conventos tão diversos nas naturezas, e tão unidos no amor de Deus, e perguntassemos a nós mesmas: que é d'esse tempo? aonde móra aquella santa pobreza? que é do continuo silencio? as matinas ás duas horas depois da meia noute? Aonde está a obediencia, aonde o soffrimento, as cogulas pobres, as alfaias toscas, toucados grosseiros, grades fechadas, cellas abertas, côro continuo, conversação com o céo?»

É genuinamente do seculo XVII tudo quanto acabamos de lêr, mas do que elle produziu de melhor. O movimento da imprecação final chega a ser severo.

No genero descriptivo já os nossos leitores conheceram das aptidões da madre Mariana Pinta, quando lhes contou o acto da reunião dos quatro conventos.

A vida, que nos tempos primitivos da fundação se levava no mosteiro, é minuciosamente narrada, e por esta narrativa podemos julgar qual o relaxamento e os abusos que alli se introduziram em pouco mais de um seculo de existencia.

Assim como o edificio necessitou de reparos fundamentaes, no volver de cem annos, assim os espiritos estavam d'elle precisados; mas duvido que lh'os dispensasse, sómente a

penna da saudosa abbadessa. Contando a vida da primeira abbadessa perpetua, D. Maria de Mello, diz:

«Em breves dias se compoz o toucado a um só uso; foi elle uma touca de linho grosso, com meio crespo e um repologo muito grosso junto ao rosto; os cabellos sempre cortados e coifa de estopa na cabeça; em muitas, camisa de estamenhá, outras de linho e de estopa os gibões. Os vestidos interiores eram de panno azul escuro e grosso; a granacha era a modo de roupão de rasca negro, com uma correia larga, com um escapulario largo pendente do pescoço; a cogula de grossa estamenha, as mangas não tão largas e com pouca fralda; nos pés sapatas pretas e pantufos serrados; os breviarios sem ouro; as contas sem fitas e, para que de uma vez digamos tudo, parecia n'aquella edade de ouro, uma filha d'este convento a mesma penitencia em corpo humano. O silencio era tão grande e continuo, que parecia este convento a cova de Subiaco (que tantos annos serviu de cella a nosso santo grande patriarcha). As grades só se permittiam, raras vezes, aos paes e mães das religiosas, as quaes viviam em tão estreita pobreza que as cellas se não fechavam; suas ricas laminas eram as que acima dissemos; os preciosos contadores eram aquelles toscos armarinhos que hoje nos servem do azeite; os pregados bahus para recolhimento das roupas, eram umas toscas estacas pregadas pelas paredes das varandas, d'onde penduravam as cogulas para os actos conventuaes, e para que aquellas mortalhas, sempre á vista, lhes fizesse suave tão austera vida; os leitos e mais ornatos d'elles, era uma tosca barra, com um xargão de palha e umas grossas cobertas; excepto as doentes e edosas ás quaes se permittia tivessem colchão e lençoes.

«As cadeiras de damasco ou veludo, as almofadas e alcatifas de seda em que estas nossas irmãs se assentavam, era um pobre tanho de palha, d'onde sentadas coziam e fiavam

para a egreja, e tão precatadas se viam no silencio, que sentadas a fiar, lançavam um panno no chão, para que, se acaso o fuso cahisse, não fizesse um minimo estrondo no dormitorio. Em todo este convento não mais do que cinco criadas para a cura das doentes edosas, todo o mais trabalho faziam as freiras, cujo comer era só o necessario, e não surpefluo. Comiam todas em refeitorio todas as manhãs e noites sem remissão mais que as doentes e entrevadas. Tangiam á mesa da ceia, ás sete horas, davam graças e rezavam *complecta*, que acabada sahiam em procissão do côro, rezando o psalmo de *miserere*, e postas todas de joelhos, ás portas de seus cubiculos, iam osculando a mão de sua virtuosa prelada, que passando lhes lançava sua santa benção; e chegando ao fim do dormitorio entoava a antiphona *Sepulto Domino*, e fazendo signal, todas se recolhiam nas pobres cellas, guardando-se tão inviolavel silencio, que se condemnava por crime grande o mais limitado suspiro, que n'uma d'ellas se desse. Ás duas horas depois da meia noite, sem dispensação alguma se tangia a matinas, a que todas as freiras iam, excepto as doentes e entrevadas, tudo cantado em tom devoto, e canto chão. Ás cinco da manhã tinham uma hora de oração mental, e das cinco da tarde até ás seis tinham outra hora, n'estas não faltava religiosa alguma, e as doentes e entrevadas a faziam no seu leito. A todos estes actos religiosos foi sempre a primeira a senhora abbadessa D. Maria de Mello, que, em quarenta annos que governou esta casa, nunca afrouxou um ponto d'este rigor, nem poz preceito que primeiro em si não observasse; e aonde se continuava tão observante religião, não temos que contar virtudes particulares em palestra tão geral.»

Este trecho tem, além da corrente simplicidade com que está escripto, o grande merecimento de nos traçar, no mesmo quadro, o viver monastico em dois differentes seculos,

expondo-nos o mobiliario usado na época da rigorosa observancia, e o que o substituiu, quando o relaxamento entrou no mosteiro.

E para terminar com D. Mariana Pinta, permitta-me o leitor transcrever mais um delicioso retrato da abbadessa D. Anna de Athayde.

«... tinha oito horas de oração mental repartidas entre manhã e tarde; e nem as obediencias de subdita nem as occupações de prelada foram bastantes para diminuir tarefa tão santissima; e menos sua delicada compleição foi estorvo para deixar de continuar os actos conventuaes, e sendo tres vezes abbadessa, nem só tres dias deixou de acompanhar seu rebanho. No côro era a primeira, na oração era a mais fervente, comsigo nas penitencias a mais rigorosa; em o silencio a mais calada; com lagrimas reprehendia; discreta aconselhava, e amorosa attrahia os corações das filhas que finamente amava.. »

Este trecho podia ser assignado sem desdouro por qualquer contemporaneo de D. Mariana Pinta, e até por muitos escriptores modernos.

Uma penna anonyma escreveu de outras veneraveis abbadessas e devotissimas senhoras; mas essa, que já estava eivada do palavriado ôco do seculo XVIII, não tem a simplicidade de D. Mariana, apesar de ser mais lettrada e mais lida em auctores profanos.

Darei da sua obra uma pequena amostra. Eis como ella começa a vida da abbadessa D. Victoria Maria da Cunha.

«Vistosa e deleitavel se ostentou sempre a republica de Flora, posta e disposta no jardim mais bello, servindo de admiravel recreação dos sentidos, e objectos da humana vista tanto a flôr que próvida fez brotar a natureza, como aquella que plantada trouxe a industria, para florecer fragrante, aonde não conhecesse aquella terra por patria, conciliando talvez

esta mais applausos por peregrina, que as mais flôres por naturaes».

Passemos adeante. É simplesmente intoleravel; tanto mais que eu desconfio que anda por aqui dedo de padre mestre, prégador notavel da épocha.

Entretanto, não resisto ao desejo de transcrever mais algumas linhas, que tanto á evidencia demonstram como o mau gosto litterario tinha entrado no mosteiro.

D. Victoria, de quem a auctora anonyma vem escrevendo a vida, morreu de repente, fulminada pela apoplexia aos pés da sua cama, sem ter recebido os Sacramentos. Este facto faz exclamar á sua panegyrista :

«Mas, oh! incomprehensiveis juizos da Divina Providencia ! E quem dissera que havia de acabar a vida em o chão a que era digna do solio? Que havia de occupar leito de taboas a que merecia throno de estrellas ? Que se havia de ver sem o soccorro da medicina a que com o seu exemplo introduziu tanto remedio? Que se havia de ver sem a consolação das amigas aquella que, sendo a consolação de todas, deixava a todas desconsoladas ? Que havia de faltar a administração dos Sacramentos á insigne ministradora dos divinos cultos ? E emfim quem dissera que se havia de ver cahida aos pés da fortuna aquella que poz em pé a religião.»

É o puro genero Duarte de Sá... ao divino !

Uma outra penna, egualmente anonyma, mas prudente e discreta, traçou em longas paginas a vida da madre Thereza de Jesus, onde por entre linhas e circumloquios de narrativa, se adivinha um d'esses romances intimos que surgem na vida d'uma mulher e que, por momentos, a tem suspensa á borda do despenhadeiro.

Os paes de Thereza de Jesus viviam desgostosos por não terem successão. Eram gente nobre do Porto, chamando-se elle Luiz da Silva Barbosa e ella Antonia Barbosa. Tomando

por medianeira no seu empenho a Nossa Senhora do Carmo, conseguiram ter uma filha, que immediatamente votaram ao claustro. Não se comprehende bem este desejo de ter uma filha para se privarem d'ella, encerrando-a viva n'um mosteiro silencioso e triste; mas o coração humano da gente religiosa tem reconditos inaccessiveis, que debalde tentaremos investigar. Nascida Thereza e consagrada a Deus, deu, ainda creança, entrada no convento onde, segundo a auctora anonyma da sua vida, «era tão ferverosa e diligente nas obrigações de noviça, que servia ás companheiras de exemplo, e ás religiosas de edificação». Passado o anno de noviciado professou «... e influia tanto agrado a sua presença, que no exterior parece se reuniam da alma as virtudes: graça no rosto, porque era formosa; pureza nas faces, porque era modesta; acautelada nos olhos, porque era sisuda; e prudente nas fallas, porque era callada».

Entre austera e affavel passou os primeiros annos de religiosa e os ultimos da transição da creança para a mulher, porque provavelmente professou aos dezeseis, mas se com o corpo se iam desenvolvendo as virtudes, como diz o manuscripto sobre que estou trabalhando, é de crer que o coração tambem se fosse abrindo ás aspirações da natureza, á necessidade de amar, e que o amor abstracto de Deus e seus santos o não satisfizesse completamente. Então nota-se n'ella como que o delirio da devoção incessante, sem descanço d'um minuto; o empenho de fazer não só o que era de sua obrigação, como serviços alheios, uma lucta vehemente para abafar uns impulsos que, a pezar seu, lhe perturbam a alma, e lhe roubam a paz interior.

As freiras que a cercam e observam não sabem bem explicar a modificação do caracter, as lagrimas sem causa, a tribulação constante da sua companheira, e attribuem ao demonio o que vêem, o qual «usando a sua astucia que é sug-

gerir umas creaturas, para que pervertam outras com seus malevolos e errados conselhos, d'estes foi combatida, e com persuasão quasi precipitada e posta em evidente risco de converter em amor profano toda a oblação que ao Divino tinha consagrado». A fórma do dizer é delicada, mas o fundo é claro; e mais claro se torna, quando a escriptora conta a victoria de Thereza contra o inimigo, a quem infligiu «uma vergonhosa retirada, vendo-a armada da humildade e proprio conhecimento do seu erro, retractando com valente resolução as erradas idéas a que como fraca e mal persuadida se expunha a commetter a Deus offensas, ás creaturas escandalo e a seus paes desgostos».

Felizmente a tempestade serenou, embora nunca mais se levantasse o sol da esperança na tenebrosa noite d'aquella existencia, e uma longa vida de silencio, concentração e prece veio absolver, aos olhos da communidade, um momento de fraqueza, e alguma mais demorada e amorosa vista coada pelas grades do locotorio. Se são authenticos os dizeres da madre Thereza de Jesus, que a sua biographa transcreve, como os encontrara na tradição oral do mosteiro, se é que ella propria os não ouviu, tinha a pobre desconfortada um temperamento litterario e sabia engrinaldar os seus discursos de conceitos mysticos, expressos n'uma linguagem elevada.

Quem tinha evidentemente esse temperamento era a escriptora, cujo nome não consegui encontrar, por mais diligencias que fizesse, visto que as prendas do espirito não constituiam dotes dignos de figurarem n'um necrologio escripto propositalmente para edificar as vocações religiosas. Estou convencido, porém, que escreveu nos fins do segundo quartel do seculo XVIII, senão já nos principios do terceiro, problema este que deixo á penetração de outros mais adextrados do que eu. Mas para prova do que disse das suas aptidões litterarias, consinta-me o leitor mais alguns trechos d'esta biographia,

especialmente alguns dos ultimos, em que o verso se vem misturar com a prosa e dar-lhe certo realce, e os conceitos proprios são acompanhados de citações estranhas, colhidas em o nosso Camões e n'um poeta hespanhol, que se me afigura Lope de Vega. Como, porém, não sou versado na litteratura visinha, de bom grado acceitarei a correcção, se ha engano na attribuição que faço a este poeta dos versos que adeante se vão ler.

A nossa freira está agonisante e então: «com que humildade e cordeal acceitação escutava os proveitosos desenganos que lhe dava o seu padre espiritual; com que terna devoção e com que devota ternura, invocando a Jesus levava a doçura d'este nome da bocca ao coração, achando só consolação nas doces jaculatorias com que fallava com Deus, sem mostrar que fazia caso de outra alguma consolação! Fatidica da sua morte e prognostica do seu fim, não a sobresaltava a noticia, porque a previu e preveniu á cautella; até que ultimamente, como vivia para morrer, veio a morrer como vivia, tendo aquella ditosa morte, de que sempre havia dado indicio a sua vida, verificando-se n'ella o que a outro intento cantou Camões concluindo o soneto 37:

> Que sempre deu a sua vida claro indicio
> De vir a merecer tão santa morte.

«Tão santa e feliz a teve que até no exterior era para invejada, porque não teve artigo, nem acção ou gesto que causasse algum horror; mas sim exhalando o espirito pacifico, ficando depois de morta formosa como era, e flexivel como viva; assim morreu e era justo que assim morresse, pois se ao viver teve sempre por mortal a vida, ao morrer achasse vital a morte, como notou um engenho castelhano:

Justo é tambien morir
Y que la vida despida
pues a tan alta partida
bien se le puede dizer
En la muerte está la vida.

D'onde se vê que no claustro já se não lia sómente o breviario em latim, ou o *Flos sanctorum* em portuguez.

Depois d'uma peroração, em que a erudição abafa a naturalidade do sentimento, defeito do seculo, termina assim:

É a vida mortal, que apetecemos
É a morte vital que ambicionamos
Arvore da qual fructo não colhemos
Atomo, cujo ser não divizamos.
É ave tão veloz que não podemos
Alcançal-a com a vista quando olhamos
Abysmo profundo, é agua e aurora
A qual no mesmo tempo em que ri chora.

Este é, em summa, o ser da humana vida,
De todos geralmente tão amada
Sendo sómente para aborrecida,
Porque tudo o que ha n'ella, é nada,
Verdugo de si propria é homicida,
Verdadeira dôr é, gloria sonhada,
De vida o nome tem, mas de tal sorte
Que realmente, mais que vida é morte.

Que nome se deve pôr no fim d'estas linhas? Ignoro-o. Por mais pesquizas que fizesse, como já disse, não encontrei no necrologio conventual, até além de meiado o seculo XVIII, nenhuma freira notavel em lettras, nas linhas que depois de mortas lhes dedicavam. Todas morrem com fama de santas; de todas se enumeram as dadivas religiosas, os achaques e as devoções particulares a diversos santos; mas sobre excellencias litterarias são mudas as orações funebres. É porém aberta uma excepção em favor da madre e sr.ª D.

Joanna Barreto, fallecida em 1733; de quem se diz: «Teve natural inclinação á licção dos livros, aproveitando-se dos espirituaes, pois recolhia d'elles fructo, e documentos para a virtude; e dos humanos para as noticias, fugindo d'estas no que era profano, porque só pretendia adquirir noticias do historico em que honestamente se divertia por natural sympathia que tinha com a licção. Não é incompativel com a virtude este exercicio, mas louvavel sim, porque evita o ocioso». Mas esta não foi por certo a escriptora cujo nome debalde procurei, porque esteve longos annos doente, com um estupor; e antes julgo que a mesma mão que tratou a vida de Thereza de Jesus, foi a que debuxou a physionomia monastica de D. Joanna Barreto.

Seria a escrivã d'esta? mas de quem ella fosse tambem não encontrei vestigios. Se um dia se escrever a historia das escriptoras portuguezas, desejarei que o seu auctor estude o *Livro da Fundação* d'este mosteiro, e d'esse trabalho, feito com mais vagar e proficiencia do que esta breve noticia, por certo brotará a luz que, n'estas linhas apressadas, debalde procurei accender.

Antes de fechar este capitulo desejo communicar ao leitor um outro romance intimo que se advinha, como aquelle, na fórma discreta do dizer encomiastico.

A heroina d'esta nova lucta contra a sociedade, senão contra desgostos intimos, é D. Francisca de Vilhena Manuel. Creou-se de pouca edade no mosteiro de Arouca, onde tinha parentas e irmãs professas, e d'onde sahiu para casar com seu primo João Brandão Freire. Foi feliz este enlace em que sua mãe tanto se empenhou? Esteve lavrando o virus que lhe fôra inoculado em Arouca? Não o sei; o que, porém, é certo, é que de accordo com D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, fugiu de casa, abandonou o marido e recolheu-se ao mosteiro da *Ave Maria*. Aquelle, assim que soube do abandono

15

em que ficara, empregou todos os esforços para reconquistar a mulher; mas não o conseguiu; mesmo porque não era facil fazer abrir as portas da clausura no seculo XVII. Separada do marido, entregou-se a exagerados exercicios de penitencia. Disciplinava-se a miudo; trazia junto á carne agudos cilicios; á meia noite ia para o côro rezar e já de lá não sahia senão de madrugada; e n'esta perseguição do proprio corpo chegou ao desmemoriamento total de tudo e de todos, tendo só memoria para rezas e orações ! !

Que completos estudos não teria a moral e a psychiatria que fazer por esses mosteiros fóra !

Noticias diversas

As rendas da communidade permittiam que em cada triennio as abbadessas dispendessem para cima de quarenta contos de réis; o que ainda no primeiro quartel do seculo XVIII se considerava uma quantia importante, por isso no mosteiro não se passava mal, e um cento de freiras, com a correspondente criadagem, absorviam em cada triennio o liquido de quarenta pipas de vinho maduro, comprado no Alto Douro, sem contar o fôro annual de dezeseis pipas e dezoito canadas de vinho verde. E não entrava aqui o vinho branco das missas, que era tanto, que uma das freiras encarregada de o fornecer, a meio da sua administração, fez uma somma para saber quanto *já se tinha* consumido até então! A casa da ordem dispendia, por anno, 7:200$000 réis. Com o que recebiam de propinas, com as rendas dos doces e com as teias que fiavam, juntavam ás vezes as religiosas sommas importantes, muitas das quaes empregadas em festividades religiosas ou objectos do culto. Lembro-me de ter visto que uma pobre conversa, que vivia á custa do convento, sem dote nem tença, de uma vez, deu 90$000 réis para o sepul-

chro de quinta feira maior! Quem sabe se não eram as economias de toda uma vida de trabalho!

Para que o leitor possa fazer idéa da maneira larga como alli se vivia, e dando ao dinheiro o valor que elle então tinha, vou copiar-lhe uma nota das propinas que eram distribuidas ás religiosas:

Comecemos pelos abbadessados, que sahiam tão caros ás escolhidas, como aos consules romanos a eleição, assim pois dava-se por esse motivo:

A cada freira, padres, capellães e feitores........	6$400
Aos lettrados, sollicitadores e compradores.......	2$200
A cada noviça e senhoras.................... .	2$400
Ás moças da ordem..........................	$240
Aos vice-reis (as mais velhas das officinas)........	$240
Ás moças das officinas..	$240
Á moça mais velha do pateo..................	$240
Ás outras.................................	$120
Ao carpinteiro, ortelão e rapazes da egreja.......	$120

Estas propinas sommadas, raro era importarem em menos de 500$000 réis.

Cada religiosa recebia de tres em tres annos 12$000 réis para um habito; e no fim de cada trienno, cada uma d'ellas 1$200 réis, como satisfação de laudemios. Pelas brôas, cada uma recebia outros 1$200 réis.

Pela festa dos Reis as propinas eram assim divididas:

Á abbadessa................................	2$880
Á prioreza.................................	1$920
A cada religiosa............................	$960
A cada noviça..............................	$480
A cada secular.............................	$480

Ao capellão-mór	1$200
Aos padres	$960
Aos feitores	$960
Aos lettrados	$960
Ao procurador	$960
Aos medicos	$960
Ao comprador	$960

Estas propinas sommavam sempre quantia pouco inferior a 200$000 réis.

Por occasião das festas dos patriarchas, as propinas excediam a 300$000 réis.

Em cada triennio recebiam de azeite:

a abbadessa 6 almudes,

a prioreza e capellão 5 almudes,

cada religiosa 2 almudes.

As musicas tinham direito a quatro gallinhas por anno, ou a 240 réis por gallinha, caso preferissem o dinheiro.

Havia mais propinas por festas notaveis, que não valia a pena estar escabichando nos livros das contas.

Comparando este convento do Porto com o de Beja, vê-se que n'aquelle todas as festividades são pretexto para razoaveis propinas, e que n'este as grandes festas, se tambem dão motivo a propinas, que orçam por 100 a 300 réis, em compensação promovem grandes comesainas.

É tambem para notar que no Porto os dotes nunca eram inferiores a um conto de réis, sendo na sua maioria de um conto e duzentos mil réis e d'ahi para cima, emquanto que em Beja raro era excederem de quinhentos a seiscentos mil réis.

As religiosas, além da ração ordinaria, recebiam annualmente 9$920 réis, em moeda, meio almude de azeite e uma arroba de carne de porco.

As trinta moças das officinas recebiam cada uma, por anno, 3$200 réis em dinheiro e sete broas de pão por semana «além de outras miudezas para o seu sustento».

Havia no convento uma gratificação annual conhecida pelo nome de *motenas*, que não consegui averiguar o que seria; mas pela sua differença todos os annos, e pela exiguidade de uns em comparação com outros, havendo annos em que descia a pouco mais de 80 réis e outros em que se distribuia 352 réis por freira, supponho ser o *pro rata* d'algum saldo de despeza fixa; uma especie de *exgotar a verba*, como hoje se usa nos orçamentos do estado. Decididamente não inventamos cousa alguma.

Em cada triennio a mestra de capella recebia 57$600 réis e a cantora-mór 14$000 réis.

Os negocios de emprestimos de dinheiro eram correntes, não só entre os individuos de fóra, como entre entidades ou communidades estranhas á ordem; entre freiras, e entre confrarias e particulares no mesmo convento. O juro variava entre 6 e 4 %. A irmandade dos clerigos, por exemplo, emprestou ao convento 6:000 crusados a 5 %. D. Anna Collecta 2:000$000 réis a 4 %, e Antonio Mello Pereira 5:928$000 réis tambem a 4 %, emprestimos estes realisados em 1798 para continuação das obras. Vem a pello dizer que estas obras, em resultado do incendio de 1783, comsumiram de 1784 a 1787: 22:439$415; e de 1787 a 1800, que parece que foi quando a nova egreja começou a preparar-se para o culto, foram d'alli tirados 3273 carros de entulho e do terreno em frente 1253 carros, o que tudo importou em 294$365 réis.

Lembro-me ter lido que pouco antes do incendio foi necessmandar fazer cadeados para segurar os castiçaes e sacras de prata da egreja, para não serem roubados, como a muitos d'estes objectos aconteceu.

Ditosos seculos em que os portuenses religiosos guarda-

vam, como reliquias, o producto das alfaias que empalmavam das egrejas dos conventos ricos.

*

É curiosa a seguinte lista dos fóros e dos preços por que os generos podiam ser resgatados:

2076 alqueires de trigo e uma quarta, a 500 réis.
2369 alqueires de pão segundo a 240.
573 gallinhas e um quarto a 240 réis.
169 frangos e uma franga a 40 réis.
2 capões, 2 perdizes e 1 e 1/2 cabrito tudo por 1$120 réis.
225 ovos a 4 réis.
120 varas de panno de linho a 200 réis.
50 alqueires de feijão a 300 réis.
145 arrateis de cera a 400 réis.
43 carneiros e meio a 400.
40 arrateis de presunto a 60 réis.
58 canadas e meia de manteiga a 400 réis.
7 almudes e meio de azeite a 2$400 réis.
26 canadas de mel a 240 réis.
16 pipas e 18 canadas de vinho verde a 4$800 réis.
80 arrateis de linho da terra a 240 réis.
122 mãos e meia de linho da terra a 50 réis.
13 carros de linho a 300 réis,
37 carros e meio de estrume a 100 réis.
12 falhas de palha paínça a 40 réis.
325 jeiras a 100 réis.

*

O custo das luminarias orçava por 30$000 réis por triennio; ha, porém, uns annos em que esta verba se eliminava, e a frontaria do convento ficava ás escuras. É que n'esses an-

nos o invasor assenhoreára-se do nosso paiz, e as benedictinos, partilhando do lucto geral, concentravam dentro dos seus muros as manifestações religiosas, e não partilhavam das alegrias decretados pelos generaes de Napoleão.

Não tinham dinheiro para azeite, porque fôra-lhes imposta uma contribuição extraordinaria de 15:105$225, paga em tres prestações, das quaes a primeira se realisou a 12 d'abril de 1808.

Em 29 de março de 1809, o desastre da ponte teve echo no claustro e solemnes exequias foram celebradas, acompanhadas de missas, pelas almas das victimas da entrada dos francezes, o que tudo custou 2$400 réis.

A abbadessa que esteve durante todo este tempo calamitoso á testa da communidade, servindo de 1805 a 1814, foi D. Anna Benedicta de Cordeiro. Depois a commissão de defeza impoz-lhe uma decima extraordinaria, que em 1810 foi de 1:666$660 e em 1811 de 94$080 réis.

Mais tarde, D. Pedro IV, em 1832, mandou que ellas pagassem 480 réis por dia ao vigario de Oliveira do Conde. E depois appareceu a lei prohibindo o renovamento monastico; e para que do mosteiro da *Ave Maria* nada reste, até se lhe decretou o arrazamento, para em seu logar se construir uma estação de caminho de ferro, que é um disparate technico e economico, projectado e levado a effeito, porque egual disparate se realisou em Lisboa.

OS MONGES RUFIÕES

«Senhor, mui dissolutos são os clerigos, frades e pessoas religiosas nos vossos reinos, assim no viver como em seus trajos, dando mau exemplo aos leigos que d'elles devem receber doutrina e boa educação; andam como rufiões e commettem outros muitos maleficios sem receio, porque sabem que não hão de haver penas. Seja vossa mercê de recommendardes a seus prelados que lhes ponham regra no seu viver e nos seus trajos e habitos; tragam as suas corôas grandes e o cabello curto de modo que lhes appareçam as orelhas, segundo a disposição do direito canonico; os seus vestidos sejam honestos; não tenham manchas, suas armas sejam lagrimas e orações, e tragam o breviario sob o braço; em rezar e dizer suas missas sejam mui honestos, e não ponham escandalo no povo, como fazem muitos; e por sua má vida os leigos não teem devoção de lhes pagar as dizimas, emquanto se viverem como devem, edificarão muitos leigos. E isto que se diz dos clerigos deve entender-se com frades, religiosos e religiosas, etc., etc.»

Isto diziam os burguezes ao rei, nas côrtes celebradas em Evora em 1481. Se tinham então razão os reclamantes, não o posso afiançar, mas que um seculo depois se podia provar cada um dos capitulos d'esta accusação com os monges do convento de S. Bento de Carquere é o que passo a demonstrar.

*

Não é muito sabido, pelo menos a historia das escolas não o conta, que o primeiro rei portuguez, o irrequieto e batalhador D. Affonso Henriques, nasceu com os dois pés pegados pelos calcanhares; assim o diz a tradicção, assim o attesta a lenda da fundação do convento de Carquere. Era grande o desconsolo do conde D. Henrique por ter um filho, e logo o primogenito, sem poder dar um passo, montar a cavallo, combater os inimigos da sua ambição, ser um heroe á maneira aggressiva e movimentada da época. Foi n'este transe afflictissimo que a Virgem appareceu a Egas Moniz, aio do infante aleijadinho, e lhe ordenou que fosse a Carquere, e que alli chegado cavasse um certo sitio, onde acharia os antigos alicerces d'uma egreja que outr'ora lhe fôra dedicada e uma imagem sua; que feita a escavação erguesse alli mesmo um altar onde collocaria a imagem, e que depois de uma noute em que ficasse velando em oração, pozesse o infante sobre o altar ao lado da imagem, e que elle alcançaria perfeita saude.

De Lamego a Carquere são tres leguas de caminho accidentado e pittoresco como todos os do Douro, que ainda hoje se andam a custo, subindo e descendo pelas estradas que do alto das portellas se precipitam no fundo de sombrios valles para de novo grimparem pela meia encosta banhada pela luz fortissima do sol. O que seria este caminho em 1099, época em que aconteceu o caso que vamos narrando? Não

se assustou por tão pouco o dedicado aio, e agarrando no menino se foi com elle a Carquere.

Alli chegados, conta um chronista agostiniano «fez Egas Moniz como lhe foi mandado pela Virgem Mãe, e o venturoso principe cobrou milagrosamente o uso dos seus membros, ficando solto e desimpedido, não só para dar saltos, mas tambem assaltos aos mouros, como fez este famoso principe com assombro do mundo, e destruição das armas mahometanas, libertando com eterna gloria as terras da corôa de Portugal do captivéiro em que estavam». O conde D. Henrique, agradeceu a protecção divina da seguinte fórma: «Em reconhecimento, pois, d'esta singular mercê, e em memoria de tão grande milagre, mandou o conde D. Henrique edificar n'aquelle logar de Carquere uma egreja e mosteiro, e o deu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, que alli perseveraram no serviço de Deus e de sua Mãe Santissima por muitas centenas de annos; a saber desde o anno de 1099, em que foi fundado, até 1561, em que foi unido ao collegio dos padres da Companhia de Coimbra; porque ainda que el-rei D. João III deu o dito mosteiro ao padre Simão no anno de 1541, comtudo parecendo a este veneravel padre que lhe convinha mais ter algum mosteiro em Lisboa para n'elle se recolher com seus companheiros, tratou de trocar o mosteiro de Carquere, que Sua Alteza lhe dera, pelo mosteiro de Santo Antão o Velho, do pé do Castello, da dita cidade de Lisboa, que era da ordem dos conegos regrantes de Santo Antão de França, e o tinha em commenda o bispo titular D. Ambrosio Pereira, nosso conego. Veio n'esta troca o bispo, e el-rei D. João III houve d'isso muita satisfação fazendo logo com o Nuncio Apostolico, Aluisio Lypomano, unisse á Companhia o dito mosteiro de Santo Antão.

«Tomando o bispo D. Ambrosio posse do priorado mór do mosteiro de santa Maria de Carquere, tratou de o reformar

no espiritual e temporal, e de consentimento do prior crasteiro, e mais conegos do mesmo mosteiro, mandou vir para esta reformação dois conegos do mosteiro de Santa Cruz, um dos quaes, que se chamava Dom Antonio Nogueira, fez o dito bispo thesoureiro, que era a seguir da dignidade dos ditos conegos do mosteiro de Carquere, e tanto se contentou da virtude e bom proceder do novo thesoureiro Dom Antonio Nogueira, que veio a renunciar n'elle o priorado mór do mesmo mosteiro de Carquere, para que o unisse á congregação dos seus conegos de Santa Cruz de Coimbra, havendo primeiro o mesmo bispo Dom Ambrosio licença, e consentimento de el-rei D. João III no anno de 1555, allegando para isso ver-se já mui velho, e que se queria recolher n'este ultimo quartel da vida no seu mosteiro de Grijó, onde tomára o habito de conego, para tratar só da sua alma, como fez.

«Governou o prior Dom Antonio Nogueira o seu mosteiro com grande satisfação dos conegos até o anno de 1560, em que falleceu em 14 de setembro, e tanto que se soube no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de sua morte, foi logo o padre prior geral Dom Basilio a tomar posse do dito mosteiro de Carquere para o unir á nossa congregação, como em sua vida o tinha ordenado el-rei D. João III, porém achou em Carquere ordem em contrario do infante cardeal D. Henrique, que governava o reino pelo principe Dom Sebastião; com o que d'alli se partiu o dito prior geral á côrte a requerer se cumprisse o que el-rei D. João III tinha ordenado e mandado por seu alvará que apresentou ao cardeal, que lh'o não quiz guardar nem lhe quiz deferir, por mais que allegou, dizendo, que aquelle mosteiro fora doado para sempre aos conegos regrantes pelo conde Dom Henrique seu fundador e que não era bem que outro principe do mesmo nome, como era elle cardeal, lh'o tirasse, e que el-rei D. João III o dera ao conego D. Antonio Nogueira com tal condição, que por

sua morte se unisse á congregação de Santa Cruz de Coimbra. Porém todos estes requerimentos aproveitaram pouco com o cardeal Dom Henrique, porque queria annexar o dito mosteiro ao collegio dos padres da Companhia de Coimbra, como fez no anno de 1561, por Breve do Papa Pio IV, que annexou só as rendas da mesa prioral, com condição que se não diminuisse o numero dos conegos para celebrarem os officios divinos no dito mosteiro. Mas depois o papa Gregorio XIII, sendo mal informado pelos padres da Companhia do procedimento dos conegos, os mandou extinguir e applicar tambem as rendas da mesa conventual ao mesmo collegio da Companhia no anno de 1576.» [1]

Isto foi o que escreveram os conegos regrantes; vejamos agora como a mesma historia é contada pelos padres jesuitas; e depois de lida uma e outra narrativa, admiremos a boa fé com que cada um dos chronistas tratava de puxar a braza para a sua sardinha.

Tem a palavra o padre Simão de Vasconcellos, historiador da Companhia de Jesus:

—«Vagou n'este comenos (1541) o mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, que antigamente foi de conegos regrantes da ordem de santo Agostinho; e como el-rei não esperava mais, que ter rendas, com que acudir ao novo collegio, que nos traçava (o de Coimbra), tanto que houve esta vacatura a deu logo ao P. M. Simão, para principio de dote, e fundação do dito seminario; o qual Sua Alteza com parecer do seu conselho, e do P. M. Simão, quiz fundar na cidade de Coimbra, para onde pouco antes tinha passado as escolas geraes, que estavam em Lisboa, instituindo n'aquella cidade, como no coração do reino, uma insigne universidade, florentissima em todo o genero de lettras e sciencias; da qual tem

[1] Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho pelo padre D. Nicolau de Santa Maria. L.ª 1667.

sahido doutores famosos prelados dignissimos, varões mui esclarecidos em religião e santidade, que foram e são a luz e governo d'estes reinos.»

Depois, relatando a milagrosa historia da cura de D. Affonso Henriques, termina com uma peta, que poderá ser piedosa para a memoria dos conegos de Carquere; mas que o processo, que adeante extractamos, destroe completamente: «...Em reconhecimento d'esta mercê, logo o conde D. Henrique (como tão agradecido e como quem sabia, que conforme á doutrina de S. J. Chrysostomo não ha melhor meio para conservar o beneficio, que a continua lembrança de o ter recebido) em memoria de tão grande milagre, e singular mercê, edificou alli aquelle mosteiro, e o deu aos conegos regrantes da ordem de santo Agostinho; o qual com o tempo, que tudo acaba, ficando deshabitado dos conegos, se veio a reduzir ou a presidencia de abbade ou a titulo de commendatario».

Temos n'estas paginas de uns e outros, embora de uma fórma velada, todos os topicos d'uma d'essas luctas tenazes e persistentes que os jesuitas travavam contra quem tentava embargar-lhes o passo nos bens que appeteciam. Esta lucta durou trinta e cinco annos, vindo a terminar pelo triumpho completo da Companhia, que n'este caso foi auxiliada pelo viver desregrado dos conegos de Carquere. Mas o que é curioso observar é que são os jesuitas que provocam a visitação de 1554, aliás necessaria, afim de ver se conseguem entrar desde logo na posse do convento; mas como o não consigam, tanto intrigam que, em 1561, obteem as rendas do priorado, e em 1576 as do mosteiro. Estavam senhores da praça e mais uma vez triumphantes dos seus poderosos rivaes, os conegos de Santa Cruz de Coimbra. Convém, porém, não esquecer, que cada victoria alcançada pela Companhia significa uma vergonha para a humanidade, pela estrategia empregada; e um opprobrio para a religião christã, que elles

conseguiram fazer, quasi que completamente, desapparecer de todas as almas em que dominaram.

Como seja um documento importantissimo do viver monastico a visitação ao mosteiro de S. Bento de Carquere, em 1554, e para que se não julgue que só nos mosteiros de mulheres se praticavam abusos, desprezos da regra, offensas a Deus e á sociedade, publicamos em seguida um desenvolvido extracto d'esse volumoso processo, que existe hoje, ou deve existir, no cartorio da Universidade de Coimbra, com o titulo de:

Livro das visitações antigas do mosteiro de Carquere. Visitação do padre Francisco Quaresma, bispo eleito de Ceuta.

Frei Francisco Quaresma, eleito do bispado de Ceuta e Tanger por el-rei nosso senhor, que ora por commissão do illustrissimo senhor e senhor Dom Henrique cardeal infante por mercê de Deus e da santa egreja de Roma arcebispo d'Evora, legado à latere n'estes reinos de Portugal, do nosso mui santo padre papa Julio III, tendo cargo da visitação assim no espiritual como no temporal do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, da ordem de conegos regrantes do bemaventurado santo Agostinho, do bispado de Lamego, faço saber a vós e a cada um de vós os visinhos e parochianos assim homens como mulheres, moços e moças freguezes do dito mosteiro e a outras quaesquer pessoas ecclesiasticas como seculares em como já sabeis e deveis saber que os santos padres allumiados pelo Espirito Santo em seus sagrados concilios santa e justamente ordenaram que todos os prelados e pastores da egreja por si, ou sendo legitimamente impedidos, por seus visitadores, fizessem escrutinio e visitação da vida e costumes de seus subditos e do estado das egrejas e de todo o mais dedicado ao culto divino, o qual todo fosse dirigido ao proveito da egreja e saude espiritual das almas, e porque o bem

das egrejas consiste em que estejam bem reparadas e adornadas de bons ministros, e a saude das almas consiste em que estejam em graça e caridade e mui alheias e apartadas dos vicios e peccados publicos e notorios dos quaes não sómente Deus Nosso Senhor se offende mas em o povo se segue grande escandalo, dando uns aos outros occasião e exemplo de peccar e viver mal, por causa do qual os peccados publicos communmente são e devem ser estimados por mais graves e muito mais perigosos, e em muito mais damno e detrimento da consciencia do prelado se dissimula e não faz toda a diligencia em os emendar e castigar, pelo qual assim por descargo da consciencia do dito senhor, como pelo que toca á saude espiritual de vossas almas e consciencias, em nome do dito senhor e por virtude da dita commissão eu vos admoesto, e em virtude da santa obediencia vos mando que todos e todas os que souberdes alguma cousa do abaixo conteudo, ou de outros quaesquer vicios e peccados publicos e manifestos os venhaes a dizer e denunciar a esta egreja:

primeiramente se sabeis que o prior crasteiro d'este mosteiro que tem cargo de cura serve bem seu officio e egreja:

se por sua negligencia falleceu alguma pessoa sem confissão ou sem algum dos sacramentos:

se deixa de ministrar os santos sacramentos de noite e de dia aos enfermos em suas necessidades todas as vezes que lhes são necessarios:

se não quiz ministrar algum dos santos sacramentos sem que lhe pagassem primeiro:

se vae visitar os enfermos, e se ensina a doutrina christã aos freguezes á estação, a saber: os dez mandamentos da lei de Deus, e os mandamentos da egreja, os sete peccados mortaes, as obras de misericordia, e todas as mais cousas necessarias á nossa salvação:

se o prior e os conegos celebram os officios divinos como

são obrigados e dizem as horas no côro em seus tempos e como devem:

se sabeis que algum d'elles recebesse ordens sacras antes da edade legitima, ou se as receberam ou celebraram estando excommungados, suspensos ou irregulares, ou se receberam as ordens ou beneficios por simonia:

isso mesmo digaes e declareis de suas vidas, costumes e conversações, e se dão de si bom exemplo de maneira que sejam luz e espelho do povo christão, a saber: se estão em alguns peccados publicos assim como jogadores, tratantes em mercadorias e arrendamentos, e em caças e outras cousas que se lhes prohibe de direito;

se são amancebados publicos ou teem em suas casas pessoas deshonestas e suspeitas, ou se têem conversação com mulheres deshonestas e dissolutas:

se andam de noite pelas portas ou pelos caminhos deshonestamente sem licença de seu prelado ou se andam cantando cantigas profanas, ou se os acham fóra do mosteiro fallando com mulheres suspeitosas:

se sabeis que algum d'ellas tenha fama de hereje, e que não sinta bem das cousas de nossa santa fé, ou que publicamente blasfemasse ou arrenegasse de Deus, e de Nossa Senhora, ou de algum santo, e se tem alguma arte de feitiçaria ou se são agoureiros, encantadores, ou usam de alguma ligadura, encantamento, ou esconjuro, ou encommendam os gados e outras cousas perdidas usando de adivinhos, ou tenham livros superstíciosos e reprovados por direito:

se não dizem as missas, etc., de que os encarregam, se não cumprem os legados; se são usurarios e onzeneiros, se vendem mercadorias ou fazem negocios, se teem bens de mosteiros sem titulo ou com mau titulo, se não cuidam dos bens do mosteiro, se algum d'elles tem moveis, joias ou pa-

ramentos do mosteiro, ou dinheiro de petitorios e confrarias que pertençam ao mosteiro...

Pelo qual eu em seu nome e usando de seu poder, licença e commissão por esta presente admoesto, exhorto e mando a vós e a cada um de vós acima declarados que dentro de quinze dias primeiros seguintes, que começarão da publicação d'esta em deante, os quaes dias vos dou e assigno por tres canonicas admoestações, que o direito requer por termo peremptorio, que todos ou todas os que alguma cousa souberdes do acima conteudo, ou de outros quaesquer vicios e peccados publicos venhaes denunciar e manifestar a esta egreja e mosteiro onde se celebra a dita visitação para que visto o que assim disserdes e denunciardes se proveja como for serviço de Nosso Senhor Jesus Christo e descargo da consciencia do dito senhor, e bem e proveito da saude espiritual de nossas almas e consciencias, e se o contrario do que dito é fizerdes, e este meu mandado menos prezardes, passado o dito termo hei por repetidas aqui as ditas tres canonicas admoestações, e como em pessoas contumazes e revéis ponho e promulgo em vós e em cada um de vós sentença de excommunhão maior e desde agora para então vos excommungo em estes presentes escriptos, e por elles em testemunho de todo mandei passar esta minha carta por mim assignada, Francisco Fernandes, que por virtude da dita commissão tem cargo de escrivão da dita visitação, a fez no dito mosteiro em oito dias andados do mez de dezembro de 1554. — *(a)* Frei Francisco Quaresma.

Foi publicada esta carta de visitação aos 9 de dezembro de 1554, em domingo, publicamente, á estação, estando toda a freguezia junta no dito mosteiro, a qual, eu sobredito Francisco Fernandes escrivão da visitação, publiquei, e em testemunho da verdade assignei aqui.— *(a)* Francisco Fernandes.

Culpas do Dom Prior:

Em 10 de dezembro de 1554 Melchior de Sequeira, prior crasteiro do dito mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, testemunha da visitação, que o muito reverendo padre frei Francisco Quaresma fazia, ajuramentado aos santos evangelhos, e assim em razão da dita excommunhão que se denunciou disse: que dizia a verdade de tudo o que soubesse conforme ao conteudo na dita carta.

O prior crasteiro testemunha da visitação contra dom Ambrosio:

...disse que elle sabe e é notorio que o bispo Dom Ambrosio, dom prior d'esta casa, tem por mancebas duas mulheres, as quaes no tempo que as houve estavam em boa fama e de uma d'ellas houve um filho, que será de dois até tres annos, e porém que está agora apartado d'ellas e de sua conversação, e sabe elle, segundo voz e fama, que as ditas mulheres são primas, e com ellas teve conversação nas casas em que elle móra, que estão parede em meio com o dito mosteiro, e teve uma d'ellas dentro das mesmas casas por espaço de dois mezes, e a outra por espaço de um mez, as quaes depois iam e vinham quando elle queria, e a uma d'ellas emprazou um olival que era da lampada de Nossa Senhora e al não disse e do costume disse nihil. Francisco Fernandes o escrevi.

Gil Coelho, conego, testemunha da visitação contra Dom Ambrosio:

O mesmo a respeito das duas mulheres, do filho e do olival... e no anno em que elle testemunha foi sacristão rendeu o olival quatorze alqueires, e commumente rendia dez a doze, e o praso foi em seis canadas, sómente, o que parecia muito mal; e disse mais que não é para reger nem governar

mosteiro nem ter cargo publico, porque se os conegos vivem mal, é elle a principal causa, assim por dar mau exemplo de si e de sua vida, e por dissimular com os excessos dos conegos; em tanto que estando o prior crasteiro doente, elle Dom Prior mandou chamar uma mulher que elle mesmo prior crasteiro conversava e tinha por manceba, e de que tem filhos, paraque o curasse: e outrosim estando o dito prior doente em casa d'esta sobredita mulher, ia o Dom Prior visital-o e comia e bebia com elles. Outrosim, disse elle testemuha, que consentiu que uma mulher de que Diogo de Braga, conego, tem filhos, morasse em uma casa do mosteiro dentro da clausura, e vendo o dito Diogo de Braga que se escandalisava o povo d'ella alli viver, a fez lançar fóra da dita casa e o dito Dom Prior lhe fez então uma casa a um tiro de bésta do mosteiro. E al não disse.

Diogo de Braga, conego, contra Dom Ambrosio, prior:

Em 11 de dezembro: os mesmos factos... e uma das mulheres, foi uma sua tia d'ella, em cujo poder estava, que lh'a deu... que é verdade que dissimula muito com os vicios dos conegos.

Francisco Marques, conego, contra o Dom Prior D. Ambrosio:

Os mesmos factos... e a camara em que estavam está em cima da sacristia do mosteiro, que já serviu de capella, e é sagrada. Contou mais que fugindo-lhe um dia a moça, elle fôra correndo até dois tiros de bésta fóra do mosteiro, e a tomou com os moços que levava, e a tornou a trazer para casa, o que foi publico e escandaloso pela edade e dignidade... que depois teve uma moça de Paiva, que fallava da janella com os conegos, isto nas mesmas casas do mosteiro. A respeito das duas primas, disse que se affirmava publica-

mente que elle as chrismára a ambas. E que ordenou de epistola a Antonio Coelho, filho do prior crasteiro, não tendo mais de 13 para 14 annos; e o ordenou de diacono aos 15 para 16, sem licença apostolica nem dispensação. Tambem ordenou Gaspar Coelho, conego, de subdiacono sem saber ler sómente as vesperas, ao qual manda dar ração inteira de tudo, vindo um padre de fóra dizer as missas de sua obrigação.

Diogo Coelho, conego, contra o Dom Prior:

(13 de dezembro.) Confirma os factos declarados, diz que muitas vezes ouvira os padres queixarem-se das mulheres, por andarem por cima da sacristia e cahia muita sujidade e pó sobre os paramentos.

Luiz Annes, juiz do concelho de Rezende, contra D. Ambrosio D. Prior:

(15 de dezembro.) Sabe o caso das mancebas... outrosim disse que governa muito mal o mosteiro e cargo, assim no espiritual como no temporal; mas segundo fama e elle testemunha sabe, a causa é por não poder com os conegos, assim por serem todos uns, muito apparentados na terra e concelho, e muito poderosos, como por ser muito velho pobre e despossado, e segundo entende seria muito serviço de Deus tirarem-lhe o cargo; al não disse.

Luiz Annes, juiz, contra Melchior de Sequeira, prior crasteiro:

(15 de dezembro.) O prior crasteiro teve por muitos annos uma manceba e a conversava como marido com sua mulher, e tem d'ella filhos e filhas, e um filho é conego n'este mosteiro o qual com favor de seu pae é tão desasocegado e perverso que não ha na freguezia quem possa com elle, e tanto que hontem, que foram 14, viu elle testemunha bradar um

João de Sá aqui d'el-rei sobre elle, que o espancava, e não ousou depois queixar-se d'elle por se temer de outra peior. Que a primeira manceba que teve era tão ousada com o favor d'elle, que no logar e terra não cabia pessoa alguma com ella, e deshonrava todas as mulheres assim casadas como solteiras, e homens, sem que por isso ninguem ousasse queixar-se, por não ter a quem, porque todas as justiças são da parte d'elle dito prior; e depois da morte d'esta houve duas moças de muito pouca edade, e de uma d'ellas tem uma menina que nasceu agora ha poucos dias. Disse mais que quando o bispo de Lamego vem ou manda visitar, ninguem ousa fallar n'elle, antes se calam, e se deixam andar excommungados, e assim disse a testemunha que por um dos annos passados o pôrem na visitação, disse publicamente, na egreja, fazendo a estação da missa, que os cornudos o puzeram na visitação e que lhes havia de quebrar um pau nas cabeças, e que ainda que lhes pesasse havia de dormir com casadas e com solteiras, o que escandalisou muito o povo; mas ninguem ousou fallar, antes calaram todos, e isto com favor que tem de Balthasar Sequeira seu irmão, que é muito poderoso n'este concelho. E que nunca ensina a doutrina, por que é idiota, e occupa-se mais de grangearias e cousas do mundo.

João Gonçalves, testemunha da visitação, contra Melchior de Sequeira, prior crasteiro:

(17 de dezembro.) João Gonçalves, freguez d'este mosteiro... disse em geral, por ser publico e notorio, que todos os conegos d'este mosteiro desde o maior até ó mais moço são amancebados, e teem filhos e filhas, e andam de noite, e são mui dissolutos e deshonestos em seu viver, e parecem mais rascões que frades, e que são muito poderosos, e por serem taes, e parentes uns dos outros, são muito ousados, e fazem muitas dissensões e insultos, de que ha autos de devassas, e

deshonram muitas mulheres, filhas de homens honrados, que estão para honra e casamento, o que fazem cada dia, e sem embargo d'isso os paes d'ellas são forçados a calar-se e soffrer seu improperio e deshonra, com medo de lhes fazerem peior; porque os ditos conegos são todos irmãos, tios, sobrinhos uns dos outros e toda a terra é sua, assim no espiritual como no temporal; affirma os factos acontecidos com Melchior, dizendo mais que é fama que as duas moças são suas filhas espirituaes.

Estevam Leitão, contra Melchior de Sequeira:

Confirma os factos contados, que é muito soberbo e que ninguem cabe com elle. Confirma tambem o insulto publico na missa.

Diogo Lopes Rezende, contra o prior crasteiro:

Os mesmos casos, e lhe ouviu elle testemunha dizer gabando-se e gloriando-se muito d'isso, que teria dado a sua mãe sessenta ou setenta nóras.

Diogo de Braga, conego, contra Melchior Sequeira, prior crasteiro:

... e em vida da primeira mulher as mais das noites dormia fóra do mosteiro, e muitas vezes aconteceu que, buscando-o de noite para ir confessar ou ministrar os sacramentos, o não encontravam.

Dom Ambrosio, contra o prior crasteiro:

... que ao Melchior pertence a cura in solidum de toda a freguezia, e a governança e regimento do côro, mas nunca reside nem está no mosteiro, nem dorme n'elle, e por os mais dos conegos serem seus sobrinhos e parentes, e com seu favor se sahem fóra de noite e de dia, e se estes excessos não

castigou nunca, foi por se não atrever, por que é muito poderoso, e todos são primos e sobrinhos uns dos outros.

Domingos Fernandes, contra o prior crasteiro:

(17 de dezembro.)... a qual manceba era n'esta terra, com o favor d'elle, como rainha, e deshonrava a mulheres casadas e ameaçava, e elles punham em effeito sua intenção, em tanto que por causa d'ella o dito prior com seu filho Antonio Coelho, conego, se foram á porta d'elle testemunha, de noute, e o injuriaram chamando-lhe muitos nomes feios e a sua mulher por aleivosa, dizendo que sahisse elle testemunha fóra, e não ousou de sahir nem depois queixar-se, com medo da morte, e isto foi publico e notorio, porque acudiu toda a visinhança. Disse mais o dito prior, depois da morte d'esta mulher, que haverá bem nove mezes que o demo a levou, houve outras duas moças de pouca edade, segundo dizem suas filhas espirituaes, e não póde ser menos pois tem cargo de cura ha muitos annos; outrosim disse que nenhum homem da freguezia ousa mandar filha nem criada fóra de casa, ao menos fóra de vista de gente, com medo d'elle e dos outros conegos, tão ociosos e dissolutos são.

Francisco Gonçalves dos Passos, contra o prior crasteiro:

... que Melchior de Sequeira teve uma manceba por nome Maria Francisca a qual falleceu na quaresma passada, e era ella n'esta terra uma loba com que ninguem podia nem cabia... que é muito soberbo e ninguem póde com elle por que é muito rico, poderoso e apparentado.

Pedro Gonçalves dos Passos, contra o mesmo:

... que o prior crasteiro dissera um dia na egreja, fazenzendo estação, que os villões ruins e cornudos o puzeram na

visitação, e que elle saberia quaes eram, para lhes quebrar um pau nas cabeças.

O conego Diogo Braga, contra o conego Gil Coelho:

... que Gil Coelho tem manceba que conversa ha mais de vinte annos; tem filhos e filhas, e em casa d'ella come, bebe e dorme as mais das noites, como se fôra marido, sendo a casa mui proxima do mosteiro... é muito temerario e leve em jurar, e põe desnudadamente a bocca no santo sacramento... e que é notorio, por elle d'isso se gabar, que, sendo apresentado e confirmado na egreja da parochia de S. Diniz de Villa Real a vendeu por certo dinheiro, pelo que está excommungado, mas celebra, e que tem cortado madeira da matta do mosteiro, e por mais excommunhões que haja, não se lhe dá d'isso; nunca dorme no mosteiro, e ha devassas em que elle está culpado por certos debitos, furtos e cousas torpes e feias, e sendo sacristão sumiu-se um calix de prata, e attribuem-lhe o roubo.

Dom Ambrosio, Dom Prior, contra Gil Coelho:

... que vive torpemente... e tem infamado o convento com seus furtos, que n'elle e em outras partes tem feito; que tem manceba, filhos e filhas; está quasi sempre fóra do convento, não o tem castigado porque tem medo d'elle... e al não disse porque seria nunca acabar dizer d'elle e dos outros.

Francisco Marques, contra Gil Coelho:

Os factos referidos... e cura de feridas e enfermidades sem licença do Dom Prior, e jura e renega de Deus e dos santos.

Luiz Annes, contra o mesmo:

... tem uma manceba ha muitos annos... e tem outra

mulher que houve moça orphã e de boa fama, e tem d'ella um filho, e ainda a conversa, e peleja a outra cada dia com ella por ciumes... É muito revoltoso e ousado... quando vão injuriar ou espancar alguem, vão uns com os outros... de noite anda com espada e dardo, habito fóra... Elle com o conego Francisco Marques saltaram n'uma estrada com uma mulher que chamam a—freira,—e a espancaram e lhe arrancaram os cabellos das p. v., e isto por a pobre mulher se queixar de que Francisco Marques lhe deshonrára a filha.

Estevam Leitão, contra Gil Coelho:

Os factos mencionados, o espancamento da mulher... que todos os conegos vivem muito desnudadamente e todos teem filhos e filhas.. haverá no convento quarenta e tres filhos dos conegos, que muitas pessoas teem contado... que vão a feiras e romagens, e levantam ruidos indo todos armados.

Pedro Gonçalves, contra Gil Coelho:

A manceba chama-se Guiomar Francisca, irmã de Maria Francisca, manceba que foi do prior crasteiro.

Melchior de Sequeira, contra Diogo de Braga:

... que é verdade que tem muitos filhos e filhas na freguezia e fóra d'ella... e que Filippa Cardosa e Maria Pires, de ambas as quaes tem filhos, são suas primas no terceiro grau.

Gil Coelho, contra Diogo de Braga:

... que tem muitos filhos e filhas... e se serve d'elles em casa e fóra... que muitas vezes os conegos sahem sem as garnachas, que é o habito da sua ordem, e só com pellotes e capas, e com armas; poucas noites dormem no mosteiro... que não podia negar o que todo o mundo sabe.

Francisco Marques, contra o mesmo:

Os mesmos factos... costumava sahir sem habito, com capa, espada e bordão ferrado.

O bispo D. Ambrosio, contra o mesmo e outros conegos:

... que vivem como soldados, e homens sem rei nem lei... em tanto que Francisco Marques tomou um dia uma alabarda ou chuça para elle testemunha sendo seu prelado...

... Emprazam cousas que nunca se deram em prazo; e fazem taes contractos a seus parentes sem védoria, nem justo preço ou pensão, e se continuarem assim, hão de dar com o mosteiro em terra... o mosteiro é mais cova de ladrões que outra cousa.

Diogo Lopes de Rezende, contra Francisco Marques:

... que no dia da Senhora das Neves o viu com o conego Gaspar Coelho, ambos n'um grande arruido que armaram, e já antes de ir para a ermida o Gaspar Coelho disse a muitas pessoas:—hoje hade haver muito sangue em Nossa Senhora—e na batalha o viu com o habito no braço e um gorguz feito para remessar, e uma espada; e Francisco Marques com espada e bordão de ferro comprido... houve feridos... do ruido sahiu um homem com a mão cortada... Todos teem medo d'elles, principalmente os pobres; são muito brigosos, soberbos, poderosos, e parentes uns dos outros.

Gil Coelho, contra Diogo Coelho:

... Furtou o pão do celleiro do mosteiro, o rendeiro queixou-se, e foram a casa d'elle e acharam o furto; d'essa vez esteve oito dias no tronco. No anno passado roubaram a arca do sacramento e foi elle o culpado e pronunciado, a qual devassa está no tabellião do concelho. O dinheiro foi depois restituido por Cecilia Coelho, avó do dito conego.

Diogo de Braga contra o mesmo:

É verdade que é tão deshonesto e dissoluto em negocio de mulheres, que não se póde dar ninguem com elle... É jogador de cartas e grande taful, e joga a primeira, o trumpho, e outros jogos; e aconteceu ha poucos dias que jogando na matta perdeu o dinheiro, e jogou o habito e o capello e um missal, e perdeu tudo, e fez um conhecimento de pagar. Tem feito roubos na tulha e na arca.

Francisco Marques, contra o mesmo Diogo Coelho:

Teve os annos passados uma mulher onde ia publicamente de noite e de dia, e a conversava pelas estradas e pelas moitas como uma alimaria, sem attentar que o viam. Confirma os factos dos roubos e do jogo... e ha pouco perdeu o missal, a murça e o habito, e ficou despido, e sobre o jogo pelejou com o que lhe ganhou e andaram aos cabellos.

Luiz Annes, juiz, contra o mesmo Diogo Coelho:

...anda com duas mulheres uma tia da outra, e sendo elle testemunha mordomo do Santo Sacramento, achou roubada por duas vezes a arca das esmolas... a avó pagou por elle certo dinheiro.

Estevão Leitão, contra o mesmo:

...Sahindo ha dias a ver um seu campo, achou o Diogo Coelho abraçado com seu filho sobre cousas de jogo... e disse-lhe seu filho que jogaram ambos e além do dinheiro lhe ganhára o missal, o habito, a murça e o barrete, e elle bradava e apertava com elle que lhe fizesse jogo, e o dito seu filho dizia que não tinha sobre que jogar; elle testemunha fez com que seu filho lhe tornasse tudo e lh'o tornou, e Diogo Coelho lhe fez um conhecimento de dois cruzados.

João Pires dos Passos, contra o mesmo:

...tem uma manceba que é sua visinha, muitas vezes o vê de noite com armas, cantando cantigas profanas; joga muito, até pelos mattos; tem feito roubos.

O prior crasteiro, contra Gaspar Coelho:

...tem conversa com moça solteira chamada Felippa Cardosa... é brigoso e alvoroçado, e no arruido do dia da Senhora das Neves andava com a garnacha no braço e com um dardo.

Gil Coelho, contra o mesmo:

...tem manceba, é idiota e não sabe ler; é brigoso e alvoroçado...

Diogo de Braga, contra o mesmo:

...nem tem cama no mosteiro... é muito idiota, e perdoe Deus a D. Ambrosio que o ordenou de Epistola, porque nem sómente sabe ler.

Francisco Marques, contra o mesmo:

Os mesmos factos... e vae muitas vezes a além-Douro e outras partes com armas e sem habito, servindo muito mal a casa.

Gonçalo Luiz, contra o mesmo Gaspar Coelho:

...anda como rascão e soldado; disse que o vira algumas vezes trazer mulheres d'além-Douro, e as trazia para si e para Gonçalo Preto clerigo, que diz por elle as missas de sua obrigação... e que no dia da Senhora das Neves andava com uma espada comprida e gorguz, e a garnacha no braço.

Luiz Annes, juiz:

...que no tal arruido das Neves acudiu com a vara d'el-rei mas os conegos deram pouco por ella.

Diogo de Braga, contra Antonio Coelho: (á margem — *nunc vero Antonio d'Almeida).*

...tem manceba e filho; ordenou-se de Evangelho tendo quinze a desesois annos; diz Epistolas, etc., no altar com o pae. Ha pouco tempo espancou uma rapariga, moça encerrada, que está para honra, não estando o pae na terra, e lhe deu muitos couces, e bofetadas e arrepellou-a.

Gonçalo Luiz, contra o mesmo.

...viu-o muitas vezes com espada, bésta, e dardo, e que o prior pae do conego moço disse que se o pae da moça fallasse lhe fariam outro tanto ou peior.

A fol. 29. Ultimo termo de testemunha.

(A) Fr. Francisco Quaresma. Dia de S. Thomé, 22 de dezembro de 1554, acabou o visitador de tirar testemunhas, e cerrou-se a inquirição. Segue o inventario.

Depois as determinações do visitador, a fol. 32 v.

*

* *

Vê-se que n'este triste processo não ha paes por filhos nem filhos por paes, e que os mais faceis sentimentos de caridade estão completamente pervertidos em odios e malquerenças. Todos se compromettem, todos se intrigam, sem que d'ahi lhes venham attenuantes ás proprias culpas e fazem-n'o por estimulo de malvadez. Não ha um unico que tenha uma pala-

vra de desculpa e comiseração para com o seu confrade. Observa-se como que o delirio da denuncia, a febre de prejudicar e infamar quanto mais e melhor; parece que todos estão a soldo dos jesuitas para se anniquilarem mutuamente.

A visitação não deu pleno resultado. Entretanto retirou-se D. Ambrosio, e cinco annos depois, em 1559, o padre Antonio Nogueira, thesoureiro-mór da capella d'el-rei, feito D. Prior de Carquere, procedeu a nova visitação, tendo em seguida de proceder com energia. É escusado seguir as provas testemunhaes que repetem o que já sabemos. Vejamos os resultados.

Auto que o senhor dom prior do mosteiro de Carquere mandou fazer contra Belchior de Sequeira, prior crasteiro do dito mosteiro e Antonio d'Almeida e Francisco Marques conegos do mosteiro em 1560, em 16 de maio, em Lisboa nas pousadas do muito magnifico e muito reverendo senhor Dom Antonio Nogueira, dom prior do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, da Ordem de santo Agostinho, do bispado de Lamego e thesoureiro da capella d'el rei nosso senhor.

...que elle mandou chamar (os ditos conegos), que viessem a Lisboa perante elle para se livrarem das culpas que d'elles tinha e para reformação de muitas cousas... os quaes foram requeridos, segundo se continha em uma certidão que o dito prior lhes enviara por um moço d'estribeira d'el-rei, e que Belchior de Sequeira e Antonio d'Almeida vieram a Lisboa, e Francisco Marques não quizera vir a seus mandados, mostrando-se revel, contumaz e desobediente, mas os dois logo se foram e fugiram sem querer estar perante elle á obediencia e cumprimento de justiça, e querendo proceder mandou que se fizesse este auto e por elle perguntasse algumas testemunhas da fugida e desobediencia, e isto summariamente, para proceder contra elles á citação de editos. Eu João Lopes o escrevi.— *(a)* A.º Nogueira, dom prior.

Em 17 de maio de 1560, em Lisboa, nas casas de mim notario... compareceu Luiz Alvares, torneiro, morador n'esta cidade á porta da Cruz...: é verdade que Sequeira e Almeida conegos de Carquere pousaram com elle tres dias sómente, e não estiveram mais em Lisboa... e foram a casa do dom prior uma noite das tres e tornaram a dormir em casa d'elle e pela manhã lhe disseram que se iam metter no Aljube por mandado do dom prior, mas em vez de ir para o Aljube fugiram para sua terra sem licença.

Maria Fernandes, mulher de Luiz Alvares... uma das noites só vieram a ceiar já alta noite, vieram com uma tocha, e um homem com elles, e estiveram os tres em consulta, e ao outro dia pela manhã almoçaram e disseram que iam para o Aljube, e não podiam al fazer e sómente obedecer, e tomaram suas capas e espadas, e se despediram d'ella; e tanto que ella lhes viu levar espadas se espantou, porque para o Aljube não se levam espadas, e lhe pareceu aquillo outra cousa, e ao cabo do outro dia tornou a casa d'ella o homem que com elles fôra a noite passada, e lhe disse que os conegos se foram e quebraram obediencia.

...Visto como F. e T. conegos, levantaram a obediencia, fugiram e se foram sem licença, não querendo estar a cumprimento de justiça, passe carta para serem citados... e não os podendo citar o serão por editos que serão fixados nas portas do mosteiro.

Seguem instrumentos de citação, fixação das cartas e diligencias.

Pouco tempo depois, attesta o juiz do concelho de Rezende, que os conegos andavam alevantados e amoxados como homens homisiados... declarando que *quasi* que apanhou Francisco Marques.

Este *quasi* é symptomatico.

Pouco depois... andavam seis ou sete pessoas homisiadas

e armadas com muitas armas... alguem vira os conegos trazendo pelotes curtos, com béstas e ascumas em companhia do João Monteiro homisiado e outro homem tambem homisiado, que chamam o Judas... sempre de cinco a sete homens muito armados.

Segue libello, provarás, etc. Uma lamentação sobre o mosteiro de Carquere... tão antigo e com tantos milagres... a religião tão abatida e o culto divino diminuido... os maus exemplos...

Sentença... suspensão de ordens, privados dos canoniatos, presos em prisões apartadas pelo tempo que parecer bem, para corrigimento de suas vidas, e se tirar o escandalo.

Esta sentença foi publicada em 20 de julho de 1560.

Os criminosos não se conformaram, e não tendo para quem appellar, tal era o remordimento das consciencias, andaram a monte, indo continuar para os desvios das matas e encruzilhadas dos caminhos, a vida que levavam no mosteiro. Durou este viver errante e de continua perseguição por parte das justicas reaes tres annos, até que por fim, em 1563, Francisco Marques já estava no Aljube de Lamego; não se sabendo dos outros, á excepção do prior que voltou a Carquere, sem cargo algum, para cumprir penitencias, e Antonio d'Almeida que foi recolhido no mosteiro de Refoios do Lima, com meia porção de conezia.

E tudo isto se não teria dado, se o senhor rei D. Affonso Henriques não tivesse nascido «aleijado de ambos os pés (que tinha tolhidos e pegados de traz um do outro)».

As bilhinhas de Santa Martha

A egreja reza de Santa Martha, a austera irmã da amorosa Magdalena, a 29 de julho. O calor, de ha muito precursor da canicula, costuma converter Lisboa n'um brazeiro, e as nossas principaes aspirações são frescuras e sombras.

Acontecia, ha annos, alli por uns vinte dias antes d'aquella data, ver-se aqui e alli, seguindo vagorosos pelas ruas, alguns moços com pequenos cabazes guarnecidos de virentes ramos de romanzeira, matisados com o vermelho vibrante das suas flores, e no meio umas bilhinhas de barro poroso, fazendo advinhar a frescura da agua que continham. A bilha era acompanhada d'uma condecinha onde cuidadosamente, entre papeis recortados, se accommodavam algumas camadas de bolachas delgadas, de massa quebradiça, e d'um sabor suavissimo. Agua e bolachas, além da virtude que lhes podiam transmittir uma benção especial, tinham a de concorrerem para a celebração d'um culto sincero e decente na egreja do mosteiro de Santa Martha de Jesus, de freiras claristas, tão pobres como virtuosas, e que pediam uma esmola, dando-nos, no pino do calor, bolachas agradaveis e agua pura e fresca.

Se a tradição da pobreza absoluta ordenada e seguida por

Francisco d'Assis a Santa Clara se foi pouco a pouco perdendo, e franciscanos e claristas, que deviam ser pobrissimos, chegaram a ser millionarios, senhores e senhoras de prazos, fóros, terras, predios, padrões de juro real e ultimamente de inscripções d'assentamento, não se perdeu de todo a tradição d'essa sublime loucura, a ponto das freiras de Santa Martha, não viverem quasi exclusivamente senão do producto dos seus doces e dos lavores de suas mãos, do cultivo da horta na cêrca, recorrendo á caridade dos devotos, esmolando com as bilhas d'agua e a condeça das bolachas, minguados obulos que ellas offereciam aos seus santos protectores no perfume dos incensos e no som dos canticos sagrados.

Nos manuscriptos, recolhidos aos archivos do estado, encontra-se, n'um livro de pergaminho admiravelmente escripto em 1590, com lettra de caracter jesuitico, clara, aprumada e não destituida de elegancia, a

«*Regra e estatutos das religiosas observantes da Ordem de Santa Clara, reformados pelo papa Urbano, debaixo da qual vivem as freiras do mosteiro de Santa Martha de Lisboa, com os estatutos feitos pela madre soror Maria do Presepio fundadora e primeira abbadessa do mosteiro de Santa Martha de Jesus o qual edificou no anno da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Christo de M.D.XXXIII annos*».

O padre Balthasar Telles, o chronista da Companhia de Jesus, no reino de Portugal, destróe o merito da abbadessa, quando conta a fundação do mosteiro, e diz quem foi o auctor das constituições.

Ouçamol-o por uns minutos:

«...Acabada a peste grande no anno de 1569, representaram os padres d'esta casa ao piedosissimo rei D. Sebastião, como por causa do grande estrago, e desolação que a peste fez n'este reino, ficaram muitas donzellas nobres totalmente

desamparadas, sem paes, nem mães, nem remedio, porque tudo tinha abrazado o fogo da peste; que seria obra de grande serviço de Deus acudir a este notavel desamparo, ao que logo deferiu o muito piedoso Senhor, entregando-se este cuidado aos padres de S. Roque, por cuja industria se ampararam duzentas e tantas donzellas pobres, que se acharam como sahidas do naufragio da peste sem outra taboa a que se pegar, mais que o remedio que os padres lhes buscaram, dando dotes a umas com que se casavam e o sustento a outras que quizeram viver recolhidas.

«Cincoenta d'estas se retiraram em uma casa, ou ermida, que chamavam de Santa Martha, sacrificando-se livremente em perpetua clausura, como se fossem religiosas, procedendo com raro exemplo, e notavel penitencia, seguindo em tudo a direcção e governo dos nossos padres, e em especial do padre Antonio de Monserrate, homem de grande virtude, a quem as religiosas de Santa Martha teem eternas obrigações, o qual no tempo da peste ficou por vice-reitor no collegio de Santo Antão, e foi um dos mais fervorosos religiosos, que n'esta grande tormenta trabalharam, com muita edificação e honra da Companhia, conservando-lhe Deus a vida entre infinitos mortos, a que assistiu para ajudar a esta obra tão insigne do convento de Santa Martha; acabada a peste não acabou n'elle o cuidado e a caridade, com que acudia a estas recolhidas, que lhe estavam encommendadas, até que andando o tempo, e crescendo a fama do santo procedimento d'estas devotas recolhidas, no anno de 1583, representando o padre Pero da Fonseca provincial, e insigne proposito d'aquella casa, ao arcebispo de Lisboa D. Jorge d'Almeida, a grande gloria divina que seguiria d'aquelle recolhimento se reduzir em fórma de religião, no mesmo sitio em que estava, e debaixo do mesmo nome de Santa Martha, se impetrou por ordem do mesmo arcebispo o breve do Santo Padre Gregorio

decimo tercio e aos 5 dias de novembro do dito anno de 1583 se deu o ditoso principio áquelle bem afortunado convento, que pode avaliar por grande gloria sua ter taes dois instituidores, quaes foram o padre Antonio de Monserrate, e o padre Pero da Fonseca.

«Foram dentro primeiras fundadoras tres religiosas professas, que á petição do dito arcebispo vieram do convento de Santa Clara da villa de Santarem, a saber, a madre soror Maria do Presepio e duas sobrinhas suas, soror Izabel da Madre de Deus e soror Maria da Encarnação, illustres por sangue e illustrissimas por virtudes. Encarregou o arcebispo aos padres que lhes ordenassem estatutos e composessem o modo de vida; entregou-se este cuidado ao padre Francisco Marques da Companhia, e então preposito de S. Roque, o qual como tão visto em nossas constituições, lhes ordenou as suas pela fórma das nossas, de tal maneira que quem sabe as nossas regras e lê as de Santa Martha, pouca differença lhes acha em muitas cousas, ficando d'esta maneira estas santas religiosas devendo á Companhia seu mesmo instituto, imitando-o no que podem, nem só nas regras, mas tambem em o nome, chamando-se religiosas de Santa Martha de Jesus».

N'este pleito estou mais inclinado a acreditar Balthasar Telles do que Maria do Presepio. Quem lê as constituições reconhece ás primeiras linhas a obra d'um theologo casuistico, d'um jesuita descendo ás mais insignificantes minucias do arranjo da casa, e esse tradicional espirito organisador, pautado e methodico que representa a terceira modificação da famosa Companhia, com o generalato de Aquaviva. O auctor das instituições, d'esse enxerto aberto na grande e frondosa arvore franciscana, e que, contra a theoria do enxerto, antes participa do cavallo do que do rebento, compráz-se em analysar, decompondo-as nos seus mais infimos elementos

as faculdades affectivas da alma. Para nos convencermos bastaria ler o capitulo intitulado: «Regras para conhecer os movimentos da alma que diversos espiritos causam, para que os bons sómente se admitam e os maus se espidam», que é um modelo do genero; bem como os dois anteriores, em que elle discute «que cousa é a oração, materia d'ella e modo para se exercitar» e «mais particulares avisos para a oração». Se, porém, foi a Madre Maria do Presepio quem as redigiu, seremos obrigados, e sem favor, a inscrever mais este nome no catalogo dos nossos escriptores femininos, na secção dos theologos e apologistas; missão que deixo a outros mais abalisados e pacientes do que eu.

Como acima disse, nas mais pequenas imposições, se conhece n'estas regras o espirito jesuitico, e bem declarou Balthasar Telles que quem lê umas lê as outras.

Imaginemos que o delgado e meio falhado sino chama as freiras á sala do lavor, e que depois de ser ouvida a leitura do panegirico do santo, ou do Evangelho do dia, a abbadessa lhes dava licença para romperem o silencio e conversarem, e veremos o jesuita previdente determinando á *priori* as «cousas de que as religiosas, nos tempos que lhes é licito fallar devem tratar», e traçar-lhes o seguinte programma:

da vida de Christo;

da vida dos Santos;

das historias ecclesiasticas;

das historias da ordem, do bemaventurado S. Francisco e Santa Clara;

das cousas que ouviram nas prégações, e licção da mesa;

da boa ordem e costumes da religião;

do fructo que se tira da oração e fortificação;

do instituto d'esta ordem e especialmente d'esta casa, constituições, regras e avisos espirituaes d'ella;

das virtudes especialmente das que ás religiosas são mais proprias;

da morte, juizo, inferno e gloria;

das miserias do mundo;

dos juizos de Deus, manifestos e occultos;

dos perigos dos que tratam cousas do mundo;

da segurança maior dos que vivem em religião;

das virtudes e conversação das religiosas, especialmente das que já são fallecidas;

do Evangelho do dia e da festa presente;

finalmente d'aquellas cousas fallem, que a si sirvam para relaxação do animo, que juntamente causem espiritual edificação, e sempre com humildade e sem contenção nem rumor».

Mestres na arte de attrahir—e n'isso elles vão de par com S. Francisco—dão os melhores conselhos ás superiores para se fazerem amar; para serem verdadeiras pastoras, que concentrem em torno de si o rebanho, impedindo que por movimentos bruscos ou palavras asperas as ovelhas se trasmalhem; e por isso elles recommendam á abbadessa: «que não seja precipitada nem leve no fallar, mas moderadamente grave e aprazivel. E seu trato seja facil, claro alegre, chão e familiar». N'estas linhas, escriptas ha tres seculos, encontro o retrato perfeito da ultima abbadessa eleita, a Madre Soror Marianna Theodora da Conceição, fallecida em 14 de janeiro de 1872, mas que juntava a todos estas qualidades um singular perfume de distincta elegancia, um não sei que de velho fidalgo, que pouco a pouco se vae extinguindo mesmo nas raças fidalgas.

E digo-o, com magoa, eu que sou o que ha de mais fundamentalmente plebeu, e digo-o porque nunca me incommodou o trato e convivencia dos fidalgos velhos, dos que chãmente se perguntam pelo *seu homem*, *sua mulher e seus fi-*

lhos; e têm succedido mil vezes a inversa com os da minha egualha que perguntam quando se encontram; pela *esposa* e pelo *esposo* e pelos *meninos*.

Nas proprias prescripções hygienicas se conhece desde logo o dedo dos discipulos d'Aquaviva.

Emquanto nas outras religiões se impõe o martyrio do corpo como um caminho de salvação para a alma, o jesuita que escreveu as regras das claristas de Santa Martha, manda-lhes conservar a saude, para beneficio da propria alma; e ainda n'isso vae d'accordo com a intenção do penitente de Assis, que sempre reprovou a penitencia exagerada, e o martyrio constante.

Leiam-se os seguintes paragraphos da regra:

«Porque o exercicio corporal ajuda muito para a saude devem ter algum varrendo, lavando ou fazendo outras cousas de casa para esse effeito opportunas, nos tempos e pelo espaço que a abbadessa ordenar.

«Depois de comer por algum espaço não se deve permittir, emquanto fôr possivel, e as necessidades o soffrerem, exercicios corporaes violentos, nem espirituaes. Em algumas cousas leves, ainda que não muito necessarias, se poderia tolerar alguma occupação n'este tempo.

«Os exercicios mentaes se devem interromper com os exteriores e não tomar-se nem continuar-se com a medida de discrição.

«O tempo para dormir ordinario devem ser sete horas, que se contará da hora de se deitarem até á em que se levantarem, e tomar-se-ha um quarto de hora antes para se despir e deitar. Com algumas pessoas, por necessidades particulares, poderá a abbadessa dispensar.»

A seguinte admoestação é um codigo completo de devoção sensata:

«A afflição corporal se admitte que seja a que convém para

beneficio da alma, e não indiscreta, immoderada em abstinencias, vigilias, e outras penitencias exteriores e trabalhos que demoram e impedem maiores, e porque o proprio juizo, ou inclinação não engane, nenhuma fará d'isto senão o que pela abbadessa lhe fôr concedido, ou por seu confessor ordenado».

E como cumulo dos cuidados verdadeiramente jesuiticos a instituição das *escutadeiras*, á porta das grades, quando alguma freira alli ia fallar com pessoas das suas relações; e a seguinte advertencia para quando se procedesse á eleição de admissão de noviças no mosteiro: «... cada uma das madres tomará um papel d'aquelles pequenos e secretamente, *e ainda mudando a lettra,* para que não seja conhecida, escreva sim ou não».

Um outro jesuita, dos casuitiscos moraes, era capaz, sem grande dispendio de sillogysmos de encontrar n'esta indicação um incitamento á mentira.

Veja-se o cuidado com que, na litteratura religiosa existente no fim do seculo XVI, se escolhem os «livros accommodados ao uso da mestra de noviças»:

Meditações e confissões de Santo Agostinho.

Meditações de S. Bernardo.

Soliloquio de Santo Agostinho.

Tratado de S. Vicente da vida espiritual.

Os livros do padre fr. Luiz Granada.

Guia de peccadores e da oração.

As epistolas de Santa Catharina de Sena.

Mestre João d'Avila, sobre o verso: *Audi filia.*

E, já que fallo em livros, darei a relação dos que compunham a bibliotheca do mosteiro, no primeiro quartel do seculo XVII e que formam uma collecção razoavel e pouco vulgar, em taes instituições:

Seis partes da Vita Christi.

Quatro Flores sanctorum.
A Biblia.
As obras de frei Luiz de Granada.
Um livro do padre Francisco Ayres.
Tres partes do gradu spiritual.
Tres chronicas do padre S. Francisco, a primeira, segunda e quarta parte.
Quatro partes do abecedario.
Um livro da regra de santo Agostinho.
Um livro de santa Angela de Flungilio.
Um do padre Francisco Xavier.
Oratorio de religiosos.
Livro dos moraes de S. Gregorio.
Vitae patrorum.
As epistolas de santa Catharina de Sena.
O symbolo da fé (dois livros).
Os sermões de S. Bernardo.
Um livro do arcebispo D. Aleixo.
Um da instituição dos sacerdotes.
Um livro do padre Ignacio.
Um da historia bi-partida.
Um livro dos inimigos da alma.
Livro de peccadores.
Os caminhos para o céo.
Tres livros do amor de Deus.
Dois de Jorge da Silva.
Um livro do Montoya.
Dois livros da vaidade do mundo.
Silva espiritual.
Um livro do menino innocente.
Dois livros do Dicios.
O compendio da ordem.
Um livro da terra santa.

Um livro de Nossa Senhora da Luz.
Dois livros do santo frei Jacopone.
Um de frei Nicolau Fanetor.
Um livro do padre Ribadeneyra.
Um do padre Alonso Rodrigues.
Um do padre Luiz da Ponte.
Outro de D. Gonçalo da Silveira.
Um do beato Luiz Gonzaga.
Outro do padre Anchieta.
Um livro do Castissimo Romano.
Outro do bom estado religioso.
Um de Gregorio Lopes.
Um livro de frei Estevam da Purificação.
Os sermões do padre frei Luiz de Granada.
Instituições dos psalmos de David.
Flores de Marcos Murulo.
Considerações da vida de Christo.
Tratado da tribulação.
Um livro das meditações da paixão.
Um livro dos psalmos do real Propheta.
Primeira parte da Silva espiritual.
Tratado da vida espiritual.
Declaração da Bulla da Cruzada.
Um livro dos monotivos (?).
Um das memorias de Christo.
Um livro de varias considerações sobre os Evangelhos.
Um Evangeliorum.
Um Homiliario.
Cartas do padre Luiz Froes.
Um livro do padre Bartholomeu de Medina.
Dois livros do padre Avila.
Cruzeiro da terra santa.
Livro de S. Boaventura.

Livro de Vicente da Costa Mattos.
Outro de S. Nicolau.
Livro do padre frei João de Jesus.
Dialogo de frei Amador.
Ceremonial da missa.
Tratado de castidade.
Livro das reliquias de S. Roque.
Lucta espiritual.
Um livro que trata da Paixão.
Primeira parte dos trabalhos de Christo.
S. João Climaco.
Tres livros da historia ecclesiastica.
Regra de S. Bento.
Livro das calendas, em linguagem.
Livro dos privilegios da missa.
Um livro de S. João do Egypto.
Um livro do officio divino.
Um ceremonial romano.
Tres livros de passiduorum.
Um livro dos passos.
Um livro grande de cartas do Japão.
Outros livros pequenos tambem do Japão.
Um livro do thesoureiro mór e outros de Nossa Senhora do Egypto.
Outro livro de Marcos Murulo.
A terceira parte da chronica do N. Padre S. Francisco.

Em 1744 dá a madre Josepha Eugenia de Santa Clara a segunda parte da Mystica Cidade de Deus.

Em 1749 adquire-se a segunda parte do Flos Sanctorum novo.

E para terminar com as prescripções jesuiticas copiarei a: *Regra de quem tiver cuidado das gallinhas:*

«Far-se-ha uma casa com dois repartimentos, em que as

gallinhas tenham seus poleiros, e outro pequeno em que estejam os cestos, e ninhos em logar limpo, e terão estas casas buracos por onde possam entrar e sahir as gallinhas.

«E perto d'estas casas haja um quintal de paredes d'altura que as gallinhas não possam voar por cima.

«Todas as gallinhas serão entregues, a quem d'ellas tiver cuidados e haverá sempre vivas cento e vinte gallinhas para a communidade, e matando-se alguma d'estas por não pôr, ou por alguma necessidade pôr-se-hão outras em seu logar.

«Terá um livro, em que assente todas as gallinhas que receber, e assim todas as que der á enfermeira ou provisora por ordem da vigaria da casa.

«Receber da celleireira a limpadura e farelos e o mais por medida.

«Cento e vinte gallinhas còmem por dia dois alqueires repartidos em tres partes, pela manhã, e ao jantar menos, e depois, quando se recolherem, a outra parte egual á de pela manhã.

«Terá agua em abundancia, e em parte onde lhe não chova, e para pôrem bem não hão de passar de quatro annos, e se alguma adoecer a apartem das outras.

«Porá muita diligencia em haver muita creação, deitarão as gallinhas no principio de janeiro, porque os pintãos, que sahem então são móres, e estejam em logar quente onde lhes não dê o vento e hão de comer milho, até que possam comer outro grão mór.

«Todos os ovos dará á porteira primeira da roda ou a quem a abbadessa mandar para se darem á provisora.»

*

A primeira impressão que tive d'um convento foi a que em creança recebi, vivendo ao lado do mosteiro de Santa Martha, ajudando alli aos officios divinos, e sentindo não sei o que

de suavemente estranho ao presenciar tudo quanto se fazia n'aquella verdadeira casa de Deus. Depois, á maneira que a edade avançava e eu ia conhecendo mais mundo e mais conventos, maior veneração sentia por aquellas freirinhas, e mais saudosas estendia as vistas ao antigo convento de Santa Martha; e dos ouvidos, onde tem entrado o som de todas as operas produzidas desde Mozart a Massenet, nunca fugiu a recordação do dobrar d'aquella sineta, por milagre pendurada n'uma torre, que durante vinte annos ameaçou ruina, e que os rapazes do meu tempo me fizeram reparar que nas suas plangencias dizia aos que as ouviam: *não teem pão! não teem pão!*

E fallava verdade a sineta!

Eram pobres, pobrissimas as mulheres que lá conheci, e que pela ultima vez, quando ainda eram sete, se reuniram em communidade para a eleição de abbadessa. Depois veio a morte, e uma a uma as foi ceifando, até que ficou a madre soror Maria Luiza, uma mulher baixa, delgada, de physionomia viva e olhar tão expressivo como bondoso, que a 14 de fevereiro de 1872 lavrou, como escrivã, o termo de morte da abbadessa, e ficou ella sendo abbadessa. O seu termo d'obito que Maria do Carmo que a substituio, não soube ou não poude lavrar, não existe, e o d'esta foi lavrado fóra do convento, no livro parochial. Estava extincta a communidade.

Disse eu que eram pobres, mas com os seus trabalhos, com os seus bolos, com a hortaliça da cerca encontravam meios de sustentar as suas pupillas, para que no côro não cessassem os officios divinos; eram pobres e davam de graça e pelo amor de Deus habitação a uma dezena de velhas, ainda mais pobres do que ellas, que viviam á roda do convento, com a mesma fé com que os primitivos franciscanos se juntavam por milhares no capitulo geral das *esteiras*, sem cuidado de quem os havia de alimentar e fiados apenas na palavra do Evan-

gelho «que aquelle que dá pasto ás avesinhas não deixaria morrer de fome os seus servos; eram pobres, a ponto de nem sempre terem o necessario á mesa, mas nunca faltou a gotta de azeite para a lampada do sanctuario; eram velhas e tropegas e nunca deixaram de tanger o sino ás horas canonicas, nem deixaram de as rezar, e as suas tremulas vozes, encontravam dulcissimas vibrações ao cantarem, com profundo amor e devoção, no fim de completas, quando o sol obliquando dourava os esvaídos quadros da abbobada da egreja, o canto-chão inspirado da *Tota-Pulchra*.

O convento estava velho, a chuva entrava pelos telhados, o vento sul zunia-lhes pelos caixilhos, que apodrecidos deixavam cahir os vidros, e por isso nas noites frias de inverno as resignadas senhoras embrulhavam-se nos pobres habitos, em que já se achavam amortalhadas para descerem á sepultura, e na paz da consciencia adormeciam, esperando a hora para ellas amorosa do eterno somno. Quem sabe se nos seus sonhos ellas não viam as arcas repletas de trigo; cheias de azeite as talhas; vinho na adega para as missas; na sacristia muitas pratas para o serviço divino, e nos cofres dinheiro em ouro para se pagarem os esplendores das festas consagradas aos seus santos patriarchas, e á sua padroeira! O acordar era uma desillusão mitigada apenas pela fé.

Quando em 1834 falleceu D. Pedro IV, a imperatriz viuva recolheu-se ao palacio dos Condes de Redondo, e alli viveu, até que foi morar para o das Janellas Verdes, onde falleceu. Durante este periodo ella mandava abonar a cada moradora do convento um pão, não mais! Mas para o conquistarem tinham ellas que sujeitarem as suas horas canonicas ás do levantar da ex-soberana. Desejava esta todos os dias assistir á missa, mas como nem sempre se levantava a horas, o capellão tinha que esperar que S. M. chegasse á tribuna e as freiras esperavam egualmente no côro, para depois rezarem

nôa. O pobre velho paramentava-se, dirigia-se para o altar, e sentava-se nos degraus, até que a imperatriz D. Amelia apparecesse; então elle levantava-se, e recordando-se da phrase de Cicero a Catilina, dirigia-se á pouco pontual senhora e dizia-lhe: «Quando é que V. M. hade ter dó d'um pobre velho em jejum»? E começava a missa.

Era esta espera que a communidade vendia por um pão por cabeça. Depois a imperatriz mudou-se e, levando comsigo a esmola da missa, até esse beneficio desappareceu.

Ainda estou a vêr esse locutorio pequeno, fresco, onde nunca entrou o sol, azulejado até meia altura, e em cuja parede, de metro e meio de espessura se abria uma larga janella duplamente gradeada, e que servia como que de quadro ao recinto onde se achava a abbadessa e suas companheiras, enchendo as bilhinhas de agua benta tocada com a reliquia da santa — que é advogada das febres inficciosas,— enfeitando os cabazes com verduras, e acondicionando nas condeças de verga as bolachas que vinham quentes e perfumadas do forno monastico, sobre alvissimas toalhas de linho, em taboleiros de madeira. Aos cabazes e ás condeças juntava-se uma carta pedindo a esmola, e indicando as virtudes da offerta, e quando esta vinha, excedendo a 500 réis, que alegria que não brotava n'aquellas santas almas, esperançadas de poderem adornar a sua santa padroeira com mais duas velhinhas.

E que tormentos na approximação das festas, se o anno tinha corrido mal, e ellas se viram obrigadas a empenhar, para não morrerem de fome ou deixarem de ter missa, a lavanda de prata ou o calix rico! Que sacrificios para que S. Francisco e Santa Martha, nos dias das festividades, não dessem pela falta! E que intimo e mudo escabichar de si mesmas á procura do peccado individual ou collectivo que teria determinado aquelle castigo do aggravamento da habitual pobreza!

Assisti a tudo isso, ainda quasi creança, importando-me mais com as bolachas e a agua fresca, do que com a austeridade temperada de meiguice d'aquellas boas creaturas, e só hoje é que comprehendo os thesouros de crença e d'abnegação das ultimas tres senhoras que alli conheci!

E é pensando n'ellas que eu acho uma profanação—a que eu preferia o arrazamento—a hospedaria de masmarros que agora alli se montou; é pensando n'ellas que eu pergunto porque é que todas as freiras não foram como as de Santa Martha pobres e boas? Todos as amariam e os *Proprios nacionaes* não lhes teriam apetecido as apolices para fazerem a economia dos juros, e os conventos para os darem de presente ao zelo pharisaico e doutrina dissolvente das actuaes congregações religiosas! A recordação d'aquellas boas mulheres commove-me tanto como a vista d'uma pintura dos primitivos da Renascença, onde a grandeza da expressão vae de par com a simplicidade dos meios.

Mais acima de Santa Martha, havia o convento de Santa Joanna. Era rico de bens de fortuna; mas minguado nos da alma. Tinha rendimentos abastados, e tantos, que dos seus sobejos vivia o filho d'uma das suas madres; por tal signal um mariolão que fazia gala na origem sacrilega.

A mãe fôra boa musica, e vindo do seu convento a Lisboa para uso de banhos, tomou como professor um padre muito conhecido pelos seus conhecimentos de harmonia e contraponto.

O que elle lhe ensinou da arte de Pergoleze e Mozart, dos segredos da Pallestrina e do padre José Marques não sei; mas que lhe fez pulsar o coração n'um *alegro crescendo* é facto, e facto authenticado pelo nascimento d'aquelle filho da harmonia de duas almas.

Depois a mãe recolheu-se a Santa Joanna, onde a sua bella voz attrahia os amadores da musica. Era além d'isso opulen-

ta de fórmas e nada feia. Feliz ou infelizmente que isto não aconteceu no reinado de D. Diniz, alias ella teria requerido ao monarcha que lhe legitimasse o filho, a exemplo de muitas outras religiosas de então, embora o pae fôsse sacerdote.

Todos já lá estão, padre, madre e *higo;* e é de crer que S. Domingos tenha intercedido pelos dois primeiros a Deus. Quanto ao terceiro, se tem ido parar ao inferno, não lhe aconteceu senão o que era de justiça que lhe acontecesse.

Não quero fechar este capitulo de recordações de velhos tempos, sem transcrever o que em 1644, o chronista da Companhia de Jesus escrevia, no seu estylo retorcido, a respeito d'esta casa religiosa de Santa Martha:

«É este santo convento um dos mais exemplares d'este reino, é uma forte torre de David, aonde vivem seguras as filhas de Sião, arraial de Deus, alcaçar de soldadesca angelica, planta generosa do jardim da egreja, thesouro de perolas celestiaes, officinas de esposas consagradas a Christo, joia preciosissima da corôa das virgens, onde não entra o veneno das serpentes enganadoras, aprisco seguro de cordeirinhos innocentes, céo formoso de estrellas vivas, de anjos humanos e de seraphins encarnados, que taes verdadeiramente considero aquellas religiosas nas quaes vive a innocencia, floresce a pureza, reina a piedade, campeia a maior pobreza, resplandece a mais apertada mortificação, lustra a devoção e triumpham as mais solidas virtudes. Estão dedicadas estas religiosas á gloriosa virgem Martha de Jesus, e sabendo tomar d'esta sua padroeira o exercicio pratico da acção cuidadosa de Martha, tambem se aproveitam do ocio santo da contemplação retirada de Magdalena, de maneira que n'esta casa vemos a estas duas irmãs conformes, sem uma estar ociosa nem a outra queixosa.»

Quanto a mim, o chronista falseou. Ser tudo aquillo era im-

possivel; e comtudo ellas foram mais do que isso, sendo simplesmente umas boas mulheres; o que foi mais do que sufficiente para gloria sua e honra de Deus.

UM ESPOLIO BEM GUARDADO!

Em Setubal

Um dia, a repartição de fazenda do districto de Lisboa lembrou-se que estava extincto o convento de Nossa Senhora da Graça, da villa de Torrão, e assim o communicou a quem de direito, para a arrecadação do espolio litterario. Tanto bastou para que me mettesse ao caminho, e fosse na cata do tal mosteiro.

Se o leitor quer, já que me tem acompanhado até aqui, digne-se folhear mais estas paginas, só para vêr como andam as cousas por este santo paiz.

O Torrão a antiga villa alemtejana sobranceira ao Xarrama, fica a uns trinta e quatro kilometros para leste de Alcacer do Sal. Não se póde, portanto, dizer que fica no fim do mundo; mas parece-o pelas difficuldades que se topam para lá aportar. Chega a haver perigo de vida por um lado, perigo de assalto á mão armada por outro; porque se o vapor, que de Setubal sóbe até Alcacer nos colloca em risco de ir para o fundo, quando seguindo por agua; se vamos por terra, os salteadores a monte, que por vezes combinam sinistros

encontros em Palma, ameaçam de nos roubar a carteira e algo mais se fôr mister. Siga-me o leitor, se estiver disposto a viajar pelo Alemtejo, e verá que lhe não minto.

De Lisboa a Setubal a viagem faz-se com toda a pachorra, primeiramente em vapor, depois em caminho de ferro. Na guarita central, que serve de corpo nobre á estação do Barreiro, podia a governo mandar gravar em letras de cortiça — para aproveitar o tom local — o seguinte lemma: «De vagarinho se vae ao longe.» E mais devagar do que se anda no caminho de ferro de Sul e Sueste, só se andou, em tempos que lá vão, na famosa linha ferrea de Itú, na Provincia de S. Paulo, no Brazil. Ali o machinista ora descia para abrir uma porteira afim de dar passagem ao comboio, porteira que o guarda-freio tinha o cuidado de ir fechar, ora iam ambos forragear pelos mattos adjacentes, para trazerem lenha com que conservassem a pressão, quando o carvão de pedra acabava em meio da viagem. Dizia um má lingua, ao ouvir-me queixar da morosidade do serviço, que estava calculado que, n'esta linha, entre o signal de sahida dado pelo chefe e o arranque da locomotora, depois do apito do conductor e do silvo da machina, havia tempo sufficiente para se fazer um cigarro e leval-o até meio! Mas, devagar ou depressa, chega-se a Setubal, apenas com o grave incommodo de se ter atravessado o Tejo, supportando o concerto irritante d'um harmonium acompanhado a violão, que sem descanço executam, desde a vasa do Terreiro do Paço ás lamas do Barreiro, para martyrio dos viajantes, um repertorio que vae do *Misere do Trovador* ao *Haja folia á beira-mar*, com demoras jacobinas pela *Portugueza*. Aconselho a leitura d'algum livro dentro do comboio; porque a paizagem, de pinheiros por um lado e aguas baixas e lamacentas por outro, raro apresenta que encante a vista. Não ha nada que se pareça mais com um pinheiro do que outro pinheiro, e com um pinhal do que outro pinhal;

por isso a zona em que elles verdejam é monotona, triste e sem movimento. Vista a vôo de passaro tem os encantos da verdura aveludada com reflexos vibrantes; passada por debaixo produz uma sombra sem frescura e uma rijeza de linhas sem elegancia. O castello de Palmella domina, por vezes, a via ferrea e como que em torno d'elle giramos até chegar a Setubal.

A cidade, modernisada sem luxo, atravessa-se sem suggerir uma recordação do seu passado; que, segundo as chronicas, vae lá pela noite dos tempos afóra. Sympathiso pouco com as povoações que não souberam conservar os seus cabellos brancos e que, como velhos peraltas, se tingem impudentemente.

Mas a esperança de poder seguir desde logo para Alcacer do Sal, não me dá tempo para considerações, e sob um sol abrasador, sol de beira-mar em dia de trovoada eminente, que queima com mais crueldade que o intenso de julho, dirijo-me para o caes, pequeno embarcadouro, dominado pela muralha do quartel de caçadores 1, em cujo angulo se conserva ainda devotamente um nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Este nicho, que é de cantaria, termina na sua parte superior com uma corôa real, tambem de pedra. Que trabalhos não terão os futuros demolidores setubalenses quando, depois de destruirem a imagem, quizerem arrancar a corôa!

Era intuitivo que, desde que existe banhando a cidade um rio navegavel, houvesse n'elle um vapor que lhe sulcasse as aguas, aliás pouco cristalinas. Engano! O que alli existe é um chaveco velho, que só anda ao sabor da maré, e que serve de pretexto para o seu proprietario embolsar os contos de réis que o governo lhe dá como subsidio.

— E o vapor? pergunto eu, chegando á beira da agua. O vapor, responde-me um velho catraeiro, engelhado, tostado

pelo sol, e doente dos olhos, o vapor *ainda* hoje não appareceu: provavelmente não sahe senão á noute com a maré.

— E a que horas será isso?

— Lá para perto das sete.

Oito horas perdidas, pensava eu, maldizendo a inhabilidade nacional, que nem sequer sabe combinar horarios para aproveitamento do tempo, quando o velho marinheiro me pergunta com certo espanto na voz:

— E o senhor atreve-se a ir no vapor?

— Porque não! Não vae toda a gente? Não é esse o meio mais pratico de subir o rio?

— Mas é tambem o meio mais rapido de ir para os peixinhos, respondeu o velhote, engatando a resposta na pergunta.

— Porquê?

— Ora porquê? Porque o casco está a desfazer-se; a machina está velha e sahe-lhe o vapor por todos os lados; porque pára de hora a hora, e não tem força para safar o barco quando elle encalha, o que lhe acontece pelo menos tres vezes por viagem; porque umas vezes falta-lhe o carvão e o vapor é feito por meio de fachina... um inferno dos diabos!

Esta idéa de se fazer vapor a fachina, pareceu-me roubada ao machinista de Itú; mas pensei que o homem, por ser catraeiro, fallasse por despeitado, e tivesse bote para alugar. Perguntei-lhe se me queria ir levar a Alcacer. Recusou, bem como outros, allegando falta de vento e maré contraria.

Resignei-me a esperar a maré do vapor, pouco tranquillisado com a idéa de que o Sado me podia abrir para sempre o seio das suas aguas. Felizmente tenho um só herdeiro, e esse não precisa de testamento.

Os dobres dos sinos da egreja de S. Julião recordam-me que estou em dia de finados; e já que não fui visitar os

meus mortos, lembrei-me de ir visitar os alheios, pensando n'elles.

O cemiterio é lá em cima; domina a parte oriental da cidade, ella propria encerrada em colinas, eriçadas de restos d'antigas fortalezas e de velha casaria.

Pelas ruas, geralmente limpas, embora listadas pelas regueiras das aguas immundas, que por ellas escorrem, vão caminhando, mais em tom de folgança do que com ares de tristeza, pequenos grupos de familias trajando, tanto quanto possivel, de preto; mas sem prescindirem, ricos e pobres, de ostentar os ouros e joias dos dias de gala.

Sigamol-os.

Antes de penetrarmos no cemiterio temos que atravessar uma ala de pobres que, de fóra da porta e dentro d'esta, se conservam sentados, coscovilhando sobre cousas da vida alheia, e quasi sem estenderem a mão ao visitante. Fazem lembrar uma miseria social, de caracter simplesmente decorativo, e alli collocada pela camara municipal, como preparo d'espirito para as miserias humanas com que vamos topar.

O cemiterio é grande, mas já foi preciso augmental-o addicionando-lhe o morro que, extra-muros, lhe fica sobranceiro do lado do rio. A municipalidade não tem para com a ultima moradía dos seus mortos grandes cuidados ornamentaes. Murou o recinto, plantou algumas arvores, que deixou seccar, na maior parte, por falta de regas, trata de enterrar os cadaveres e pouco mais. Quando fez a ermida (1861), convidou o velho pintor Fonseca para lhe pintar o retabulo. O antigo professor realisou uma *Pietá*, inspirada em modelos classicos e com um colorido de quem ignora a sua funcção na expressão da assumpto. Sobre os joelhos da Virgem, cuja contracção physionomica é deveras dolorosa, repousa um cadaver que póde ser, quando muito, o d'um *marialva* assassina-

do com uma facada, mas nunca o de Christo, despregado da cruz. N'aquelle corpo inerte não se lêem nem os martyrios da longa paixão, d'essa serie de tormentos de alma e corpo, que vão da noite da ceia, desde a cruel confissão «um de vós me ha de trahir» até á culminancia do Calvario, onde com o *comsummatum est,* se terminou a tragedia; e muito menos um Deus, revestido de carne humana e envolvido nas trevas da morte. Anjos de tunicas multicores cercam os dois personagens, expondo nas pontas de roseos dedos os instrumentos dos martyrios, com ademanes de caixeiros de lojas de modas, procurando mirificar as novidades da estação. É um quadro d'um homem que desenha correctamente, que tem uma paleta variada, variada até de mais, que é um razoavel pintor, mas que está longe de ser um artistas dominado pelo assumpto e fazendo concorrer todos os processos da arte á concretisação da scena, e muito menos ainda á individualisação typica dos personagens. Adivinha-se com facilidade n'este quadro um artista que deve saber delinear gracilmente uma scena de amores bucolicos, pintar nymphas côr de rosa e satyros de pello sedoso, mas incapaz de se elevar ao drama christão, nem de paraphrasear na téla o sublime *Stabat mater*.

O povo concorria em grupos. Desde pela manhã que alguns trabalhadores se occupavam em renovar o monticulo de terra, similhando o vulto anguloso do caixão, que se eleva sobre a cova. Depois, sobre esta terra frescamente composta, espalhava-se saibro amarello, ornado com flôres e verdura, imitando um alegrete de jardim; os menos abastados, espalhavam desfolhadas petalas de velhas rosas. Um coval vi com as arestas avivadas e sobre o saibro claro um outro mais escuro fingindo os galões d'um caixão. Não fôra por certo o coveiro mercenario que tal fizera; mas, no cuidado com que a obra fôra levada a cabo, sentia-se a mão piedosa d'um so-

brevivente saudoso. Havia outros, dois ou tres, que tinham envolvido a terra em velhos pannos pretos de velludo bordados a ilhames, d'esses que os armadores penduram como cortinas nas paredes das egrejas

Se não fôssem as cruzes, as elevações sobre as covas far-me-hiam persuadir que estava n'um cemiterio musulmano, d'onde tivessem desapparecido os turbantes de sobre a cabeceira dos covaes. O cemiterio christão, symbolisando a unica egualdade d'este mundo, que é a da morte, deve ser raso e chão.

Em alguns covaes estão-se ainda collocando cruzes pintadas de novo, ou grades em fórma de berço, com ornamentos amarellos. Ha sepulturas em que a decoração perdeu toda a seriedade; e comtudo só quem ama os seus mortos é que pode comprehender essas aberrações do gosto, que são outras tantas manifestações d'uma saudade que, por mal educada, nem por isso deixa de ser profundamente sincera. Quem censurará a pobre mãe que sobre a sepultura do filho veio collocar os brinquedos que elle deixou cahir das mãos, quando ficou prostrado pela febre que lhe fechou os olhos abrindo-lhe a cova! E na cruz em cujos braços se penduraram reles bolas de vidro e ao sopé da qual se amontoaram marcas de *cotillon*, não haverá bastante misericordia para todas as boas intenções?

Covas vejo em que os vasos de flores já ficaram d'um anno para o outro. O sopro do tempo, porém, seccou de todo as plantas; como é provavel tenha seccado as lagrimas que nos primeiros dias as regaram.

Percorrendo o cemiterio, notei, sem aliás me admirar, que era maior o numero de sepulturas que o tempo tem ido pouco e pouco nivelando, das que a erva tem coberto, do que as cuidadas com amor e conservadas pela recordação saudosa. Para lá de vinte annos rarissimas são aquellas sobre que ca-

hiu uma petala velha de flôr, e se cahiu ia secca e não sentiu o orvalho d'uma lagrima a procurar reanimal-a. Tem uma excepção esta regra: e é quando a sepultura é d'um filho e a mãe ainda vive. São estas que nunca esquecem.

Junto a uma cova, onde ha flôres, uns cinco garotitos discutem com um d'elles, maltrapido, roto, miseravel, os enterros dos paes. O d'este fôra á valla embrulhado n'um lençol que lhe deram por caridade, emquanto que o que se vangloriava, vexando o outro, fôra *amortalhado* e para cova separada. E d'aqui uma vaia impiedosa, cruel ao pobre pequeno, cujo pae não deixou com que se lhe fazer o enterro!

Crescei, creanças, e sereis encantadores egualitarios. É d'esse pau que elles são feitos lá por Setubal... e por cá tambem.

Um sujeito vestido de preto, de livro e penna na mão, satisfeito de si e conscio da sua importancia, corre atarefado, mandando espetar novas cruzes e collocar corôas sobre as sepulturas, fazendo lembrar um contraregra que estivesse dispondo os ultimos reprégos d'uma grande scena, com o panno em cima. Cercado de grupos, que lhe perguntavam em que numero tal e tal estava enterrado, elle ia vendo o livro e respondendo. E com que alaridos galhofeiros não se ouvia o numero pedido, e em que ruidosa correria se não ia vêr a cova de ha muito desprezada...

A physionomia geral dos visitantes é simplesmente a da curiosidade. Cumprida a formalidade d'um *Padre Nosso,* sobre a campa do parente, o resto era passeio, no qual sem respeito, nem decencia se pisavam torpemente as sepulturas esquecidas para se ir admirar as que estavam enfeitadas e garridas.

Ao lado do cemiterio municipal existe o da Misericordia. O cuidado n'este não era maior do que n'aquelle. Era mais de meio dia, e ainda um trabalhador de enxada larga e cabo curto andava compondo os covaes mal e mal. Via-se perfei-

tamente que durante a anno estiveram as sepulturas completamente descuidadas, e que só á ultima hora a mesa se lembrára de lhes mandar fazer uma tal ou qual compostura, arrancando as ervas e avivando as extremas das ruas com tiras de chorão, apanhado de fresco, que depois de secco será talvez varrido, e sómente substituido por outro... para o anno!

Desci. Ao longo de viellas estreitas e humidas vim dar á praça de Bocage, e lastimei a coragem com que Setubal conserva alli um boneco stylita, que está pedindo prompta remoção. Lembraram-me os versos de Elmano:

Tremeu-me o coração, qual treme a folha,
Que os rapidos tufões agitam
Arrepio-me, e suo, e choro, e clamo:

—Tirem o estafermo da columna, e deixem ficar esta como pelourinho do esculptor!

Depois, no passeio que fiz pela cidade, notei a pertinacia com que as diversas municipalidades teem feito desapparecer os vestigios d'uma remota antiguidade. Nada existe que indique a permanencia civilisadora dos romanos; nada que atteste a dominação mourisca; rarissimos documentos da conquista christã! Nada ou quasi nada do passado, a não ser a estreiteza d'algumas das ruas, que descem até o rio, onde outr'ora as fechavam grossas portas, de que apenas hoje existem as cantarias.

Pelas cristas dos montes vêem-se restos de fortificações, mas grande parte d'elles já mascarados pelos casebres modernos, de telha de Marselha: á entrada da barra a torre do Outão, para onde se fez uma estrada que custou tanto ou mais do que a mesma torre. O que devia de existir tudo tem desapparecido com a invasão d'um modernismo sem caracter, ou por outra, com o caracter profundamente accentuado das cousas réles, que é em que os nossos mestres d'obras se teem

esmerado, e assim, á redea solta vão destruindo ou desprezando senão o que tinhamos de bom, pelo menos de proprio e nacional.

E agora revestidos de coragem, e com o *Credo* na bocca embarquemos, e vamos rio acima, a caminho de Alcacer do Sal.

Nas aguas do Sado

Ha cerca de oito annos, que a capitania do porto de Villa Nova de Portimão condemnou por incapaz um velho rebocador a vapor que alli fazia serviço. Alguem, então, tratou immediatamente de o comprar, e, entrando com elle no Sado, começou a navegação, *subsidiada,* do rio, como se tivesse empenho em fazer com que os peritos da Extremadura dessem um desmentido aos seus camaradas algarvios. Um simile, ao leitor, para comprehender esta especie de navegação. Imagine um cavallo estropeado, com espravões e pulmoeira, no estado de nem já sequer poder fazer o serviço de *sereno* na praça, e condemnado a arrastar esses pesados e sujos vehiculos que, a vintem e a trinta réis, carregam gente para a Graça ou para a Perna de Pau. Elle, o *misero*, lá vae emquanto póde, estimulado barbamente pelas chicotadas d'um cocheiro selvagem, com a respiração offegante e cavernosa, os olhos sahindo-lhe das orbitas, os jarretes tremulos, alagado em suor, subindo, subindo, com as ventas abertas, até que um dia estaca, fica por momentos hirto, e cahe redondamente, para nunca mais se levantar, deixando a carga a meio caminho. [1] Assim o chaveco avariado da carreira entre Alcacer do Sal e Setubal! N'elle o vapor esvai-se por todos os lados da caldeira, a machina tem movimentos convulsivos, paro-

[1] Admiro-me como a sociedade protectora dos animaes nunca se lembrou de autoar os passageiros que se aproveitam d'este barbaro meio de transporte!

xismos de rotações vertiginosas, que vão pouco a pouco abrandando, até chegarem, como o pulso dos cardiacos anemicos, na hora extrema, a quasi não serem sensiveis; e sempre, á impetuosidade febril d'um arranco, imaginamos que seja elle o ultimo e com elle tambem o nosso ultimo momento.

Podia o desgraçado barco ser velho, decrepito, e pouco seguro, mas ao menos, lembrando-se do seu destino, ser algo limpo, não d'uma limpeza brilhante de paquete transatlantico, mas d'uma comesinha limpeza de catraio cacilheiro. Pois nem isso. Imagine-se o chão d'uma ribeira de peixe em dia humido, e ter-se-ha uma idéa approximada do estado do convez; e á ré, sem um unico resguardo, um buraco onde uns apoz outros os passageiros concorrem para o que costuma ser a mais escondida das funcções physiologicas. Serradores, soldados e mulheres, em grupos, na mais immunda das promiscuidades, deitam-se por toda a parte, ao longo dos bancos, em cima dos cabos, sobre as pranchas do soalho, e assim vão dormindo embrulhados em mantas ou aquecendo-se pelo contacto, depois de uma hora de descantes eroticos, de conversas e ditos obscenos! Em baixo, á prôa, a camara allumiada por um candieiro de petroleo, que se balanceia ao sabor dos bordos do barco, espalhando mais fumo do que luz. Em frente d'um relogio, adeantado quasi uma hora, um barometro marcando o tempo fixo... porque de ha muito já não regula: e mandando esta caranguejola podre e immunda, um velho lobo do mar, que pragueja de minuto a minuto, bebe tizanas emolientes de quarto em quarto de hora, e todas as vezes que, por falta d'agua, a quilha do vapor roça e encalha na areia se vae deitar resmungando:

Tanto faz como tanto monta,
Quem eu quero não me quer;
Quem me quer não me faz conta!

O barco fica demorado até que a maré, enchendo, o safa, obrigando o commandante a levantar-se.

O ceu, côr de zinco oxidado, vae d'encontro á escuridão das aguas, que correm entre duas margens baixas, ornadas de arvoredo, cujas sombras se advinham atravez da opacidade do nevoeiro. Lá pela noite fóra começa a chover, e a pequena camara é invadida, tornando-se então insupportavel de calor e maus aromas. Um inferno a sete tostões por cabeça, com o subsidio mensal de 480$000 réis dados pelos cofres da nação. A viagem no verão deve ser menos penosa; e apenas tem o pequeno inconveniente das ferroadas dos mosquitos, que levantam inchaços como abcessos, e as sezões que duram... a vida que vão minando.

Já tinha soado meia noite, a hora dos espectros, quando por entre um pallido clarão da lua, fendendo uma neblina espessa, se avistaram, lá em cima, as ruinas dentadas que coroam as alturas da velha *Salacia imperatoria*.

Desembarquei. E depois de ter conseguido que me abrissem, a muito custo, a porta d'uma estalagem e de ter alcançado um colchão, n'elle me estendi vestido, embrulhado na capa, esperando pela manhã, para dar o meu passeio de investigação e reconhecimento.

Alcacer do Sal

Não sei bem porque, mas ao desembarcar em Alcacer do Sal, lembrei-me logo da cidade de Santos, no Brazil. Seria isso suggestão das aguas sujas, da ponte viscosa, das ruas estreitas e humidas? Não, sei; o certo é que tive essa impressão, como em tempo, depois de ter subido a serra do Cubatão e ao avistar a cidade de S. Paulo, tambem no Brazil, assente sobre o plató d'uma colina, com a sua casaria branca banhada de sol e os seus companarias dominando os

telhados escuros, me lembrei immediatamente, da nossa cidade de Evora. Problemas são estes de suggestão que não me proponho estudar.

Alcacer do Sal póde reduzir-se a uma rua torta, que se prolonga mudando de nome a cada cotovelo; sendo um dos seus trechos a infallivel *rua direita*. Em cima, no morro, por cujas meias encostas asperas sobem viellas estreitas, de casas baixas, destacam-se as ruinas d'um antigo convento, que mais parecem restos de velha fortificação, e torres e barbacans bellicas, esboroadas e corcomidas pelo tempo, cujo poder destruidor é auxiliado de noite pela humidade do rio, e de dia pela ardencia do sol.

Jă estamos no além Tejo, mas ainda assim não podemos considerar Alcacer do Sal como týpo alemtejano, tanto lhe falta a limpeza das habitações e o asseio dos moradores. As casas já são pequenas e baixas, escuras no interior como refugio á intensidade da luz que inunda a charneca; mas ainda não ostentam esse requinte de alvura, que é caracteristico do Alemtejo.

Não sei se por um sentimento tradicional, se para reagir contra o impulso do momento, Alcacer não se deixou arrastar pela corrente glorificadora de heroes africanistas desbaptisando as suas ruas para lhes dar nomes de cidadãos que mais ou menos exploraram o sertão africano. Longe d'ella o fazer, como Lisboa, que eliminou a memoria dos que a tomaram aos mouros, sob o commando de Affonso Henriques, para lhe substituir a qualidade de *martyres*, por que eram conhecidos, pelo nome do vencedor dos makololos. Alcacer conserva a sua tradição, e se a gente não sabe bem quem seja a *Maria da Cunha*, que dá o nome a uma das suas ruas, tambem não são geralmente muito conhecidos os feitos ultra-heroicos do sr. Alvaro Castellões, que, em todo o caso, devem ser melhores que os seus versos. Assim a vida alcaceriana

tem o indice dos seus capitulos nos nomes das ruas, taes como: travessa e calçada do *Almoxarife*, rua do *Conde*, calçada do *Paço*, rua das *Torres*, terreiro do *Lagar*, rua dos *Fórnos* etc., etc.

Quando alli cheguei, ainda estavam accesos os odios provocados pela ultima eleição para deputados, e d'isso davam prova as phrases escriptas pelas paredes, taes como: *Larga as botas 90 — Vaz ó cumicio? — O Santos diz que tira a commarca — O 90 perdeu por causa das botas*. Este 90 era realmente maltratado, e a historia das botas, que, dizem, foram umas *luvas* que elle recebeu para deixar de concorrer a uma licitação, era glozada em todos os termos e fazia a alegria da gente da villa. Que de jornalistas perdidos, nos criticos anonymos das esquinas!

A perspicacia de Hubner encontrou nas velhas muralhas d'Alcacer vestigios das civilisações que para alli passaram. Não ha nada como se ser sabio, para ver d'estas cousas. Ao meu amigo e illustre especialista dr. Leite de Vasconcellos deixo o cuidado de averiguar, na sua historia das religiões da Lusitania, se o nome de *Salacia*, dado á povoação, reconstruida pelos lusitanos, depois de saqueada e destruida pelos africanos do rei Bogud, tem por origem a abundancia de marinhas de sal que por lá existiam, ou se é o nome local da deusa Diana que tinha alli um templo.

Uma das digressões mais agradaveis é subir a meia encosta e, ao passo que se vae gosando o panorama da charneca, que limitam ondulações longinguas, ir caminhando para a antiga ermida do *Senhor Jesus dos Martyres*. No seculo XV, quando este templo foi construido, representava elle um typo architectonico perfeitamente caracterisado, não só no traçado dos arcos e abobadas, como no systema de construcção, em que não havia uma pedra que não tivesse a razão logica do seu emprego. Hoje, o que foi bom desappare-

ceu com os accrescentamentos modernos; que deviam ser destruidos afim de restituir á ermida a sua antiga fórma. Deus, que dizem ser um artista de gosto, applaudiria a destruição.

A imagem do Senhor Jesus, que se venera no camarim da capella-mór, tendo pintado no fundo uma Jerusalem de casa de jantar, com dois guerreiros romanos que mais parecem dois comparsas d'uma pyrrica carnavalesca, se acaso inspira devoção a alguem, será pelas recordações que suggere e não pela belleza ou severidade do artificio com que foi trabalhada. O corpo é um cepo quasi informe, onde deixou mais vestigios a enxó do carpinteiro do que a goiva do esculptor. Vendo aquelle calvario da arte, dá vontade de exclamar como Christo, lembrando-nos dos artistas que n'elle laboraram : «Perdoae-lhes, Senhor, que elles não sabem o que fazem !»

A sacristia é octogonal e abobodada, indo os arcos ogivaes, ou artezões, unir-se ao centro n'um feicho. Pelo interior da parede desenrosca-se escada de caracol que nos leva a um terraço d'onde se gosa vasto panorama, que o sol illuminava sem dó n'aquelle momento, fazendo brilhar as comas verdes dos pinheiros. N'uma das paredes existe uma lapide em gothico do seculo XV, na qual as curvas já se combinam com as rectas, para a formação dos caracteres e que diz : Aqui jas : a ossada : que a / charom : nos : fundamento / s : desta : capella : § : o mae / stre : dom : Garcia : prz : / por lhis : satisfazer : man / dou : que : § non tira cen : ende.

Da sacristia, passa-se á casa dos milagres, onde existe o tumulo de Diogo Pereira, morto em 1427, e que, diz a lapide foi grande e valente amigo de João I.

Nos gigantes exteriores apenas encontrei vestigios de quatro marcas differentes das cantarias e só duas na escada de caracol. Estes poucos signaes e a proximidade das pedras em que existem, augmentam a difficuldade da resolução d'este problema das marcas, que de ha muito estudo, e que me tem

levado a não acceitar como absolutamente exactas as conclusões do sr. Possidonio da Silva a tal respeito, como n'outro trabalho tentarei provar.

Na volta a Alcacer, a estalajadeira tinha servido o meu jantar a um outro hospede, e por feliz me dei em encontrar um copo de leite, que foi todo o meu banquete; para não ter que recorrer ás sardinhas assadas, como já fizera ao almoço.

É curioso, como em a nossa mais rica provincia se passa mal nas estalagens, e como a fome tortura a quem se não possa sujeitar ao regimen do chouriço com ovos e sardinha salpicada! Pois não é por falta de producção natural. Com razão diz F. M. DF. C. DC. D. T. EA na sua *Discripção* de Portugal:

«Muitos chamam a esta povoação celleiro de Portugal, por se avantajar ás outras na producção de muitas especies. Azeite é muito, castanha tem pouca. Da carne de porco creada com immensa bolota, que produzem azinhaes, e sobros, é a gorda muita, e gostosa, e da magra só tem estimação a chacinada, e de todo passa por commercio a outras partes; é de mau sabor a carne do gado de pello, e boa a do gado de lã, que é capaz para os melhores tecidos da sua especie, o centeio não eguala as grandes producções de cevada. A cera é muita; as fructas de caroço e pevide, que são delicadissimos em muitas comarcas, faltam nas outras por descuido dos seus habitadores, as hortaliças cozem com bom gosto e grandeza. Os lacticinios teem no reino a primazia, e os queijos por mimo, e commercio passão a outras provincias. Os legumes temporãos são mais que os serodios. O mel corresponde á cera. Melões e melancias em muita parte não teem consumo. O sal de Setubal, que é melhor da Europa, fórma um grande ramo do commercio do reino. O trigo eguala ao que produzem as mais provincias. O vinho, que os alemtejanos guardam em potes vidrados, podéra ser muito, e bom,

se o recolhessem em vasilhas proprias para conservar fortaleza a docura.

As caudelarias são mais numerosas, que nas outras provincias. A caça grossa é muita, e a miuda, rasteira, e volante farta Lisboa...»

A caminho do Torrão

O progresso e as eleições já levaram ao Alemtejo as largas estradas macadamisadas, mas ainda não introduziram n'ellas coupés, victorias ou caleches, continuando ainda a rodar, sem rivalidades, a incommoda e pesada carreta, sem molas, e coberta de cannicados protegidos por lona. Foi n'um d'estes vehiculos que, ora sentado, ora deitado, de lado ou de frente, ajoelhado ou encruzado á maneira oriental, percorri os trinta e quatro kilometros, que tantos são os que medeiam entre Alcacer do Sal e a villa do Torrão. Com que apetite eu olhei para uma velha traquitana, que desgraciosamente se dandinava, sustida por grossos correões, ligando dois jogos de rodas? Que inveja não tive d'uma carroça de molas armada em *char-à-bancs*, que me tomou a deanteira ao trote largo de dois machos tosquiados, luzidios e de orelha fita? Bem ou mal, foi seguindo essa longa e monotona estrada, apenas com a companhia dos marcos kilometricos, indicando-me quanto tinha andado e quanto me faltava ainda vencer de caminho. Raro se avista um *monte*, alvejando no centro d'um pinhal verde brilhante, e em toda aquella distancia uma unica fonte deixa correr um fio d'agua. Ás vezes bandos de perdizes levantam o vôo ruidoso e passam de um para o outro lado da estrada, sahindo do matto, para se tornar a esconder n'elle, ou coelho fugidio a atravessa, summindo-se por entre pedras. Aqui, e depois muito além, isolado canteiro, raspando por demais as hervas das bermas da

estrada; o encontro de pobres mulheres amarellas como cidras, indicando a intoxicação sezonatica, e sempre o silencio solemne da solidão, apenas perturbado pela guizeira da cabeçada do muar, obrigando o ruido persistente a attenção a fixal-o, a como sermos hypnotisados por elle e impedindo-nos de pensar em mais cousa alguma. Perguntei para que servia aquelle ruido constante, implacavel, irritante e o arrieiro respondeu-me que era: «para animar o animal». Anime-se pois o animal, que é quem vae puxando, embora isso desanime os que são puxados.

Os medronheiros estão com o fructo a sanzonar, o que os faz parecer, de longe tangerineiras em miniatura. São elles a unica mancha, que n'este momento destôa da tonalidade verde do campo; mas destoam com tal clamor, que fascinam a vista, sollicitam imperiosamente a attenção, e nos causam saudades, quando os vemos fundirem-se na opacidade longinqua do matto.

Um monumento em fórma de jazigo annuncia ao viajante, que alli perdera a vida o filho d'um rico lavrador. Dirigia-se elle a Alcacer do Sal, em companhia d'um criado, quando foi surprehendido pela tempestade. A trovoada era medonha, os trovões e relampagos succediam-se sem descanço. Não tendo onde acoutar-se o pobre rapaz caminhava transido de medo, quando estala um raio e o fulmina.

Outras cruzes existem pela estrada, indicando desastres ou crimes; mas são de mortos anonymos, cujas familias não tiveram meios para lhes erigirem cruzeiros commemorativos, mas que tiveram o merecimento de suscitar ao arrieiro a seguinte historieta:

Justiça divina

A meio d'um pinhal triste e sombrio, onde a custo e raras

vezes entravam os raios do sol, a velha estrada fazia uma curva e contra curva, ou por outra, um grande S tortuoso, seguindo por entre enormes rochedos negros e musgosos. Ainda ha pouco existiam alli duas cruzes fincadas na terra, face a face. Uma alterosa, feita de rija madeira e pintada para poder resistir aos ataques do tempo; a outra, pequena, rasteira da terra, de tabua delgada, que o tempo em breve atacou e quasi destruiu. As duas cruzes assignalam um duplo crime.

N'uma noite invernosa de fins de janeiro, caminhavam, com pressa de chegarem ao proximo povoado, dois individuos montados em ligeiros muares e cobertos de grossos capotes que a agua, batida com força, já ensopava. Eram amo e criado e voltavam d'uma feira onde aquelle fizera grandes transacções em gados. Souberam-no os ladrões e sahiram á estrada a salteal-o, e alli na encruzilhada, os dois cahiram das cavalgaduras, para nunca mais se levantarem, varados por duas balas disparadas quasi á queima roupa. No dia seguinte foram encontrados os cadaveres, despojados de tudo quanto possuiam de valor. Nunca se soube quem os matou e comprehende-se, porque se estava nas proximidades d'uma eleição geral, e portanto não fôra possivel ás auctoridades dispôrem de tempo e de agentes para dar busca aos criminosos; tanto mais que para a felicidade d'um paiz é indifferente que haja dois assassinos a mais e dois homens a menos, comtanto que haja um deputado ministerial; e a policia ou bem ha de percorrer os casaes cabalando, ou dar caça aos assassinos a monte.

Ainda os dois cadaveres não tinham baixado á cova, nem sobre o sitio onde foram encontrados se tinham erguido as cruzes commemorativas, que já as duas almas haviam dado entrada no Purgatorio, para onde as mandara a justiça, que em nome de Deus condemna lá em cima, para expurgarem

culpas que, se lhes impediam a entrada no céo, não as precipitavam no inferno.

Comtudo, parece inverosimil que um homem que passou um dia inteiro vendendo porcos, e que recolhia a casa com algum centos de libras nos bolsos, conseguisse escapar aos fogos eternos da caldeira de Pero Botelho! Mas o caso está averiguado e não merece duvidas; e sabe-se mais que a expiação nos tormentos transitorios lhe fora marcada em tantos annos de pena quantas as libras que trazia comsigo no momento da morte, remiveis, porém, cada um d'elles a *Padre-Nossos* dos transeuntes. A mesma sentença foi proferida contra o criado, mas relativa aos tostões. A alma do rapaz ficou satisfeita, e pela primeira vez na morte se regosijou de ter sido pobre na vida. No momento de ser assassinado tinha na algibeira quinze tostões, e por certo... com toda o certeza, em menos d'uma semana estariam rezados os seus quinze *Padre-Nossos*. E no meio da sua alegria — restos da antiga essencia humana — teve sincero dó do patrão, que comsigo tinha, no momento da morte, trezentas e oitenta libras, o que representava outros tantos *Padre-Nossos*. O que vale, é que o sitio do crime era de muita passagem. Em todo o caso era para ter commiseração; porque, quanto maior é a pena, tanto mais as almas perpassam oppressas, tristes e taciturnas por entre essas chammas que, se não torturam com a intensidade terrivel das do inferno, nem por isso deixam de queimar dolorosamente, parecendo tanto mais ardentes, quanto mais desejados são os refrigerios da bemaventurança. A maneira, porém, que n'este mundo se vão realisando os suffragios, assim as almas penadas se vão alegrando, tornando-se mais leves, tentando as azas immortaes para que, assim que esteja cumprida a sentença ou remida a pena, se álem n'um vôo tão ineffavel como rapido, ao remanso da eterna felicidade. Mais de um anno já vae passado, e ainda a alma do cria-

do jaz immersa em dôr, tendo, de ha muito, visto subir ao céo a de seu amo. Mas por muito purificada que vá estando a essencia immortal do homem, sempre no seu imo deve conservar um fermento de revolta, quando compara a facilidade com que se pagam trezentas e oitenta libras, e a difficuldade em satisfazer uns miseros quinze tostões!

Eis como as cousas se estavam passando cá n'este mundo.

O viandante crente, que avistava a cruz alterosa, começava logo a murmurar o *Padre-Nosso* salvador, e ainda o não tinha findado, quando passava ao lado da humilde cruz, em que de ordinario quasi nunca reparava; realisando-se o antigo proloquio: «dois pobres a uma porta, algum ha de ficar sem esmola»; e ficava sem ella o mais necessitado.

E assim no livro do *Deve* e *Ha-de Haver* das penas do purgatorio, já o lavrador tinha um enorme saldo de *Padre-Nossos,* emquanto o criado vê a conta ainda com um *deficit* de dez orações; e no caso presente estas eram pessoaes e intransmissiveis. Quanto ás orações avulso de christandade, em favor das almas do purgatorio, só no fim de cada seculo é que se distribue o *pro rata*, não havendo lei que permitta os adiantamentos, nem agiotas que rebatam.

E chorava e carpia-se a pobre alma, tanto mais que, sendo irrevogaveis os juizos de Deus, não podia esperar commutação de pena; mas se a *justiça* não podia revogar sentenças, a *misericordia* podia proporcionar ao misero os meios de suscitar os *Padre-Nossos*, que lhe faltavam para completa remissão; e n'este intento foi-lhe concedido descer á terra, afim de reanimar a devoção dos transeuntes.

Foi então que começou a correr fama que na encruzilhada do Pinhal appareciam almas do outro mundo, e o pavor e o calafrio inherente apoderaram-se dos povos visinhos. Se ao principio não foram acreditados os ditos das mulheres que de lá vinham correndo tranzidas de medo; a evidencia esta-

beleceu-se quando alguns valentes se resolveram, armados de bons cacetes, espingardas e fouces, a ir dar caça ao avejão. Mas, assim que, de longe, essa turba valorosa viu na sua frente, junto da cruz alta, uma fórma humana, recortada sobre a escuridão da noite, n'uma especie de nevoeiro luminoso, eis que os cacetes, espingardas e foices cahem das mãos, e os pés, como se tivessem azas, volvem se correndo para o povoado, onde os valentes chegaram esfalfados, pallidos, e jurando que nunca mais passariam pela encruzilhada.

E depois todos começaram a trilhar outro caminho, e em pouco tempo a encruzilhada deixou de servir ao transito, e as ervas crescendo cobriram totalmente a humilde cruz.

Era a condemnação eterna da pobre alma. Tão alegre descêra á terra na esperança de terminar o seu martyrio, quão triste se retirou, accusando-se de impericia, e temendo que no purgatorio tambem houvesse castigo para os tôlos... Para esses parece estar reservado o céo, e os bons bocados n'este mundo.

E taes foram os seus queixumes, tão maguados e sentidos, que o Supremo Juiz mandou indagar o que era.

Tremendo chegou a pobre alma e clamou:

— Senhor, quinze tostões tinha na minha algibeira, quando fui enviado, em resultado d'um crime, á Vossa presença, e ainda até hoje não encontrei almas bemfazejas que me remissem a pena.

— Conforma-te, e cumpre a sentença da eterna justiça. O dinheiro mancha as mais puras almas e tu tinhas quinze tostões comtigo.

— Mas,—murmura em voz surda o desgraçado—eram em notas!

— Em notas! sorri a *Suprema Bondade*, estás remido. Sóbe ao céo!

Em plenas ruinas

Aos tombos e ao solavancos consegui chegar ao almejado termo da minha viagem, como costumam dizer os principes de magica a penetrarem os humbraes do palacio encantado. Era ao cahir da noite, tendo sahido de Alcacer com o sol a pino. O fumo das lareiras já fugia pelos vãos dos telhados e uma claridade fria recortava em cinzento cru os perfis da casaria espalhada no cume d'uma eminencia e dominando a campina. A velha patria de Bernardim Ribeiro, é formada por estreitas ruas de casas baixas, que vão do convento de S. Francisco ao de Nossa Senhora da Graça, ficando-lhes de permeio a egreja parochial e o inacabado palacio dos Mexias, como pontos de referencia mais elevados e altaneiros. Grossas nuvens correm impellidas por um vento forte, obscurecendo por minutos a claridade da lua. As ruas estão desertas, fechadas as portas, e apenas se vê luz n'uma ou outra taberna, aqui na tenda ou mais além na botica. Faz frio e todos se teem acolhido ao fogo dos tóros d'azinho. Durante o caminho o arrieiro ou carreiro, ou mesmo cocheiro, como melhor se lhe deva chamar, disse-me que na estalagem onde elle me ia conduzir — a unica da povoação — encontraria *tudo* quanto quizesse para o jantar. Animado com esta confortativa esperança fui aguçando o appetite. Triste desillusão me esperava. O tudo reduzia-se a caldo de chibato com couves, ovos e pão. Bem sei que já se não morre de fome, mas d'aqui a *tudo* vae alguma distancia. Reconfortado o estomago, tratei de procurar o reverendo parocho, que era o depositario dos livros e manuscriptos que ia receber.

N'uma, menos que modesta, casa terrea onde nem sequer existe o confortavel, mas onde havia a alegria d'umas creanças brincando, fui recebido por um bom padre, um d'esses

conformados com a pobreza, que se promptificou, para eu não perder tempo, a levar-me logo ao convento. Tomou das chaves, munindo-se de vela e phosphoros, e seguimos rua abaixo até o largo, acanhado e mesquinho onde ainda existem as ruinas do que foi mosteiro de Nossa Senhora da Graça.

Brites Pinto, uma devota mulher do seculo XVI, possuia alli umas casas, que em 1560 transformou em recolhimento de mulheres pias e honestas. Trinta e nove annos depois, a infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel, tomou conta do recolhimento, ampliou-o e converteu-o em mosteiro de franciscanas reformadas da provincia do Algarve, que durou até 10 de setembro de 1882, dia em que se finou a ultima religiosa.

Ora, durante dez annos que o edificio e o seu conteudo esteve sob a guarda da fazenda nacional, deram-se alli as cousas mais extraordinarias e curiosas. Em fins de 1885 rebentou um motim de caracter socialista, originado n'uma questão de salarios. Foi preciso forças que protegessem a propriedade e vidas ameaçadas, e o governo mandou-as, ordenando que se aquartelassem no velho mosteiro. Repetindo-se novo aquartelamento em 1888. Entretanto os telhados abatiam; esboroavam-se as paredes; apodreciam os soalhos; entrava o vento e a chuva pelas janellas sem caixilhos; e os livros e manuscriptos, lançados a monte para um canto do côro, depois de rasgados e em parte destruidos ou sumidos pela soldadesca, de mistura com a caliça do tecto, com o pó, humidos e bolurentos convertiam-se n'um acervo de lixo, desfazendo-se ao mais pequeno toque! Aberto, n'uma estante, um antiphonario. Seria assim deixado pela ultima freira, ou teria servido á farça burlesca de soldados imitando frades para occuparem os ocios do destacamento? [1] A vela que nos

[1] Em documento official expuz as rasões, por que não tomei conta d'este espolio. Que severo livro se escreveria com os documentos officiaes... de que se não faz caso!

allumiava, a custo se conservava accesa; porque, se não era o vento que lhe soprava em cima, eram as corujas e morcegos que assustados levantavam o vôo pesado, adejando em torno de nós. Pelos claustros destelhados crescem as ervas; pelos corredores terreos mal se seguram os passos, tantas são as covas praticadas pelos ratos e toupeiras unicos moradores do convento. E a lua, ora descoberta e limpida, ora velada pelas nuvens, espalha a sua suave claridade sobre essas ruinas que o vento açouta, e cujo silencio um tanto ou quanto sinistro só é perturbado pelo esvoaçar ruidoso e pios agourentos das aves nocturnas.

E comtudo eu achava-me enleado pelo encanto do scenario; ia bem aquella hora e aquella luz, ás tão profanadas ruinas das opulencias religiosas do seculo XVI!

Entretanto o bom do padre lamentava-se que o tivessem constituido depositario d'um convento, que por varias vezes se transformou em quartel.

— Foi o mesmo, dizia elle, que darem-me a guardar um queijo n'um armario cheio de ratos.

— Mas o côro não estava fechado? perguntei eu.

— Estava, e eu com as chaves em casa, mas elles tiveram artes de alli se introduzirem, arrancando as grades d'um confessionario.

E terminava:

— Que lucro tirou o estado da extincção dos conventos? As arcas do thesouro não se encheram mais por isso, e por milhares de foreiros que chamaram seus aos terrenos aforados, ficaram morrendo de fome centenas de velhinhas que tinham amparo nos conventos.

E dizia outras cousas sensatas o velho prior; mas estava a sós commigo, e o vento uivando pelos claustros levava-lhe o echo das palavras.

O MOSTEIRO DO SALVADOR DE BRAGA

Miseria e ruinas! Eis a que está reduzido o velho mosteiro do *Campo da Vinha*, em Braga. É possivel que n'um dia de sol haja alli claustros cheios de luz, recantos fortemente illuminados, cellas claras e corredores com as sombras adelgaças, mas hoje [1] o dia de cerração fechada que nem sequer deixa adivinhar os montes, que ao longe circumdam a veiga acima da qual assenta a cidade, de chuva insistente tocada por lufadas rijas de vento sul, tudo alli é escuro, triste e humido. Os jardins são matagaes onde as ervas, que enchem os canteiros orlados de buxo, vergam ao peso da agua, e as camelias cahem uma a uma, meladas e desfolhadas; o piso, nas arcarias claustraes, está escorregadio; as pedras negras das paredes escorrem agua que vae humedecer os pranchões de castanho, escuros e lascados. Onde o chão era de tijolos estão estes gastos, desfeitos ou levantados; onde de lageas cobrindo sepulturas, eil-as quebradas e movendo-se ao mais leve desequilibrio, onde de terra ora reduzido a lameiro! E os vigamentos estão torcidos e carunchosos; especados e po-

[1] 20 de fevereiro de 1893.

dres os madeiramentos, e rotos os telhados; fendidas as cantarias; fóra da prumada e desnivelados os portaes; caixilhos sem vidros; crivos destruidos, e tudo no seu conjuncto e cada cousa de per si indicando o abandono das instituições, que foram condemnadas muito antes que cahissem em ruinas os edificios que as abrigavam.

A que foi casa do capitulo, e que apenas recebe luz por umas frestas altas, é hoje uma quasi pocilga. O refeitorio, um enorme pardieiro desguarnecido, com uma desconjuntada banca de taberna ao centro. As cellas cubiculos onde deve gelar-se o corpo e confranger-se a alma mais estoica. Os claustros são hoje arcarias desertas, galerias desabrigadas por onde o vento entra uivando sinistramente, e apenas a espaços se vê passar uma ou outra moça de tamancos ou pé no chão, enxovalhada e de saias curtas, carregando agua, ou vindo espreitar disfarçadamente que intrusos são os que percorrem o edificio.

Eis-me na cella onde se finou a ultima abbadessa. É d'uma pobreza franciscana, bem longe da proverbial opulencia das moradias abbaciaes benedictinas. Aqui tudo falta, inclusivè esses pequenos commodos e aconchegos indispensaveis a uma velhinha de oitenta annos, de ha muito feitos. Figure o leitor uma casa quadrada, de tectos baixos, cuja mobilia consta d'um leito, commoda e armario, tres ou quatro cadeiras, e por adornos unicos ordinarios panneis com santinhos lithographados a côres, pendurados a esmo pelas paredes, e terá o inventario completo da caiada moradia da dona abbadessa das benedictinas de Braga, herdeira de duas irmãs, que tambem alli falleceram.

Não ha nada que mais me punja, do que o espectaculo das ruinas sem tradição que as illumine e vivifique, sem uma impressão communicativa de arte, sem um minucia pelo menos, agradavel! Olhando para toda aquella vetustez andrajo-

sa, d'aspecto torpe, sente-se impetos de apressar a obra do tempo, e, confessemos, é sempre doloroso pensar n'uma sentença de morte, mesmo contra um casarão velho, principalmente quando elle assim mesmo ainda serve de asylo a vinte e cinco mulheres, umas a penderem para a cova, outras ainda na primavera da vida e para quem o mundo vae ter mais ciladas do que os muros do mosteiro. Não sou sentimental, mas na epocha de *direitos adquiridos* para funccionarios publicos, só por que foram por um ministro nomeados para um cargo, que o seu successor extinguiu, julgo que tambem as recolhidas dos conventos, chegadas ao fim da vida, deviam ter o direito adquirido de não irem esmolar de porta em porta, de não serem atiradas ás garras da miseria, porque emfim, diz-se para ahi que estamos no seculo da solidariedade humana.

Atravesso depois corredores, cuja unica cobertura é o telhado sem forro, marginado de cellas, feitas por grandes pranchões, caiados uns, em madeira outros, com tecto umas, sem elle diversas. Descendo, foi dar á sacristia, onde já estavam inventariados pela fazenda nacional uns paramentos sem valor e alfaias sem nada de artistico, e observei que n'aquella casa pequena, escura, baixa, nada havia de valor nem curioso. Não tem, como de costume roda, mas sim tres gavetões que correm atravez da parede, communicando-se assim com a sacristia da egreja. Gavetões grandes, mas baixos, por onde se passavam os paramentos, e tambem o almoço para o padre capellão, mas por onde este não poderia passar, embora quizesse. Verdade é que os houve capazes de passarem, como os camellos da parabola, pelo fundo de uma agulha.

E já que fallei no capellão, vem a proposito dizer que o que havia de bom, rico, ou bello no mosteiro, tudo desappareceu por instigações d'um velho frade, que, sendo um miguelista ferrenho, não reconhecia como legaes os decretos

do governo liberal, e animava as freiras, suas confessadas, a pôrem e dispôrem do que tinham, a seu bello prazer. É possivel que a jurisprudencia do padre capellão tivesse algo de justo, o mal foi que os museus perderam preciosidades que estrangeiros vieram comprar ás mãos dos adelos e dos amadores-adelos.

O mesmo abandono, a mesma pobreza nos córos, principalmente no de baixo, quasi sómente reservado para communhões. Em todo o edificio não se encontra um quadro, uma esculptura, um azulejo que mereça um olhar mais demorado. Parece que tudo quanto em Braga se produziu de mau, durante o correr de quasi tres seculos, foi para alli mandado, afim de converter aquelle mosteiro n'um museu de monstruosidades sacro-artisticas. Apenas merece rapida mensão o pulpito, pela composição da cupula, formada por um grupo de anjos, com certo movimento gracioso, e um armario, que se destaca um pouco dos outros alli existentes por ser pintado a vermelhão, com figuras douradas nas almofadas das gavetas, pretendendo imitar charão, mas sendo obra europea, do seculo XVIII. Entre as louças vulgares e ordinarissimas, compradas á medida das necessidades, apenas umas tres ou quatro travessas da India, já quebradas.

Nota caracteristica: como adorno a um altar, aonde existe um Christo pintado na cruz, dois papagaios de gesso! Até onde póde ir a devoção freiratica, bem como a influencia do meio, porque se não deve esquecer que Braga continúa a ser o centro mais concorrido e afamado do *brazileirismo* minhoto.

*

No espolio de livros e manuscriptos pouco se encontrou de valor. Nos livros nem merece a pena fallar. Com pequenas excepções, o que se encontra n'um convento, encontra-se em

todos. Os mesmos auctores devotos do seculo XVII, a mesma *Mystica cidade de Deus*, o mesmo *Hijo de David*, as mesmas obras de fr. Thomé das Chagas, os mesmos *Flos sanctorum*, etc., etc. Não é vulgar o encontro de chronicas da ordem. E é rarissimo, nem sei mesmo se ha exemplo, o encontro de um volume sequer de alguns dos nossos chronistas. Nos manuscriptos, os que havia mais importantes eram: — o livro das eleições das abbadessas, que começa em 25 de junho de 1678, e onde se encontra, em folha volante, a ultima provisão de nomeação a 28 de junho de 1884; — o livro do noviciado, que começa em 1691, sendo, porém, o primeiro assentamento de 6 de outubro de 1690. A ultima noviça que tomou véo foi Maria Luiza da Apresentação, em 3 de maio de 1833; declarou no termo que assignou que tomaria habito e professaria assim que o governo o consentisse; a ultima profissão foi a de Rita Carolina do Carmo, a 23 de maio de 1831.

O livro das sepulturas vae de 24 de janeiro de 1793, sendo realisado o ultimo enterramento no mosteiro a 16 de setembro de 1881. Este livro é como que a continuação de outro intitulado: *Memoria das religiosas que falleceram n'este convento do Salvador. Assim em Viturinho como n'esta cidade de Braga, conforme as que se acharam em um memorial antigo na era de 1642, e vae até 1750.* Aquelle primeiro livro traz o seguinte assentamento, que indica a existencia de uma santa no mosteiro:

«A madre Maria Suzana falleceu a 17 de janeiro ás 9 horas e meia da noite no anno de 1795, está sepultada na quarta sepultura, vindo da porta do claustro, no primeiro andame junto ao commungatorio, hade-se contar a primeira sepultura é a pedra estreita, a segunda pedra grande, a terceira, e na quarta é onde ella está. Pela sua boa, e exemplar vida, e virtude solida, foi pelo povo acclamada por santa, do que deu provas no extraordinaria flexibilidade e suave cheiro que de

si exhalava, estando sobre terra desde o sabbado ás 9 horas da noite que morreu, até segunda feira á noite, que se enterrou por mandado do arcebispo, que veio dentro do convento vêl-a, com o deão e outros. Era de Barcellos, parenta das Domingues, todas de fama santa. Veio para este convento na edade de tres annos e n'elle acabou na edade de 95 annos.»

Todos os outros assentamentos apenas trazem o nome da finada, a hora do fallecimento, e o local e andame da sepultura. A primeira morte que o segundo livro, acima citado, indica é a de D. Izabel da Silva, que foi regedora em Viturinho, e primeira abbadessa triennal em Braga, que deu a alma ao creador a 13 d'abril de 1614. Verifica-se depois que ha um espaço de tempo, que vae de 1750 a 1793, em que se ignora o nome das freiras que morreram e o local em que foram enterradas.

Existe mais o livro de numero das freiras, as quaes por breve de Clemente XI, de 1702, não podia exceder a cincoenta.

A historia d'este edificio abre com um acto de verdadeira opera comica.

Estamos em 1589, e na cadeira primacial de Braga senta-se, ha pouco mais de um anno, fr. Agostinho de Jesus Castro, religioso de muitas lettras, e creio que tambem de bastantes virtudes, e de tanta energia como paciencia, ou supprindo esta aquella. Soube elle que nas margens verdejantes do rio Lima existia um velho mosteiro de monjas benedictinas, cuja fama offendia a santidade da religião e os actos o decoro do claustro. Basta ler nas entrelinhas o que escreveu a este respeito o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, para darmos razão ao seu antecessor, quando pretendeu, e por fim obrigou, a fazer mudar para Braga as religiosas das margens do Lima. Assim se expressa o arcebispo: «Estava este mosteiro distante da villa de Ponte do Lima, posto que no termo d'ella, tão exposto a descortezias de maus homens, que cada

dia havia materia de queixas n'este particular». Mas as freiras parece que se davam bem com as *descortezias dos maus homens,* porque nem á mão de Deus Padre quizeram abandonar o mosteiro, o que o prelado só conseguiu quando empregou a força das armas, como já veremos.

Este mosteiro chamava-se de *Vitorino, Vitorinho* ou *Vulturinho das Donas*, e a sua existencia já era conhecida no reinado de D. Affonso Henriques, sendo então habitado por monjes de S. Bento, que entre este reinado e o seguinte o abandonaram, sem que a historia, as chronicas ou a tradição digam porque, e o cederam ás monjas, que já alli se encontram no reinado de D. Sancho I, como consta de documentos coevos. N'um livro manuscripto de apontamentos intimos e liturgicos, que existia no cartorio, coordenado por um *presbitero do habito de S. Paulo,* por mandado da abbadessa D. Thereza Bernarda de S. José, se dá como local primitivo da fundação d'este mosteiro a serra de Labruge, e o anno de 921; d'onde foi trasladado para Vitorinho. Diz mais o copilador, e o affirmam escriptores dignos de confiança, que fôra instituido em Basto, por Santa Senhorinha, ou por sua tia santa Godinha. Quanto ao motivo que determinou a mudança para Braga, cala-se. Não lhe seguirei o exemplo, mas sim o de D. Rodrigo.

Segundo o auctor da *Benedictina Luzitana*, o primitivo e verdadeiro nome do mosteiro foi *Vulturinho,* que vem derivado de *vultur,* abutre, e que, portanto, quer dizer: *mosteiro dos abutres*, cuja natural applicação ás freiras benedictinas, já porque vestissem de preto, já por muitas outras cousas, devéras imaginosas elle justifica com a auctoridade de Aristoteles, Plinio e outros chavões classicos gregos e latinos, provando com boa copia de citações que os negros abutres são as mais innocentes das aves, e podia acrescentar, que são tambem das mais uteis nos paizes onde as municipali-

dades confiam á sua voracidade pelas carnes putridas a limpeza das immundicies.

Fr. Agostinho aterrado, na sua consciencia de santo varão; com as cousas feias que se passavam em *Vulturinho* «deu-se por obrigado a trazer as religiosas d'elle para o povoado». Para isso, conta D. Rodrigo, «tratou com ellas, propondo-lhes os bens espirituaes e temporaes da mudança, as obrigações que tinham a sahir dos logares onde os riscos e perigos eram grandes, as commodidades nenhumas. Instando com estas e muitas outras razões, repetidas por varias vezes, em *doze annos* continuos, não poude alcançar senão de mui poucas que quizessem a mudança. Entretanto lhes ia apparelhando em Braga o convento a que deu o titulo de Salvador».

Effectivamente só em 1602 é que o novo edificio do *Campo da Vinha* ficou concluido, segunda reza a inscripção.

Salva nos, Salvator Mundi a
Victorino *Augustinus* trans
tulit Olim 1602
Straxit de Almeida Dona
Maria 1616.

Mas as monjas recalcitraram e oppuzeram tenaz resistencia. Acostumadas a doze annos de pedidos, embaixadas e supplicas do arcebispo, julgaram-n'o incapaz d'um acto de energia. Enganaram-se; e será ainda D. Rodrigo da Cunha que contará a expedição militar, afim de que o leitor não imagine que são da minha lavra os episodios a que vae assistir.

«E depois de ter o mosteiro em estado em que se podia habitar, partiu de Braga com grande acompanhamento para trazer comsigo as diversas religiosas: e porque entendeu que poderia haver resistencia, assim da parte d'ellas, como

de seculares poderosos, apostados a impedir a mudança, pediu ajuda do braço secular, e para este effeito mandou el-rei D. Philippe o Prudente um desembargador da cidade do Porto, e outras varias justiças, que executassem tudo, o que o arcebispo lhes ordenasse.

«Chegando o arcebispo com este acompanhamento a Vitorinho, as religiosas d'elle se vieram a defender ás portas da portaria, as quaes foi necessario quebrarem-se-lhes com machados, e o mesmo se fez ás portas de outra casa para onde se tinham retirado: o que visto, se recolheram dentro do côro e n'elle estiveram tres dias inteiros, sem em todos elles algumas das mais obstinadas quererem comer bocado. Porém, venceu-as a paciencia do arcebispo, que soffrendo em todo aquelle tempo as incommodidades do logar, e as sem razões das que não obedeciam, se não sahiu do convento, até que com castigo de uma ou duas, que mudou para outros mosteiros da mesma ordem, as tirou da sua antiga morada, trazendo-as com grande e honroso acompanhamento para o novo convento do Salvador da cidade de Braga, em que agora vivem, agradecidas á mercê que então receberam, e sentidas de a não saberem conhecer.»

Vencidas, entraram em o novo convento; mas com a mudança não se lhes extinguiram os instinctos batalhadores.

Alguns annos depois, em 1674, já passadas duas gerações de freiras, os conventos, em geral, tinham cahido em infima relaxação, e necessario foi prover de remedio prompto ao caso grave. Entre outras providencias tratou de fazer-se com que as grades dos locutorios fossem de tal sorte distantes, a exterior da interior, que, estendidos por ellas os braços, as mãos se não podessem tocar. O alvoroço foi grande em todo o reino; mas muito especialmente em Braga. Aqui as freiras dos conventos do *Salvador*, *Remedios* e *Conceição* formaram uma liga defensiva para obstarem, por todos os meios ao

seu alcance — tal qual como a *Liga liberal* dos tempos modernos, — a que se levasse a effeito o afastamento das grades, marcado pelos bispos ao minimo de oito palmos. Intimadas as abbadessas a cumprirem as ordens «puzeram-se em armas, arrancaram os crivos dos mirantes, e d'elles fizeram baluartes, d'onde com armas de fogo não deixavam chegar ás portas das egrejas, pessoa que lhes parecesse podia fixar ou ler papel algum». Vê-se por estas linhas d'um escriptor contemporaneo e frade benedictino ([1]) que, como acima disse, se não tinha de todo extincto no mosteiro a raça das monjas de *Vulturinho das Donas*. Do mesmo auctor, copiarei mais as seguintas linhas até onde ellas explicam o procedimento ulterior d'estas freiras.

«Apertadas diligencias fizeram muitas pessoas religiosas e de respeito em cada um dos mosteiros, para que as religiosas d'elles se capacitassem da gravidade da culpa e enormidade do excesso que tinham commettido, encarecendo-o muito: que o povo estava escandalisado da demasia com que se oppunham ás ordens do seu principe e de seu prelado, e com esta ser a verdade, não achavam acceitação porque a não recebia a gosto, empregado em ouvir o contrario, que muitos loucos lhes aconselhavam, adulando-as com o mesmo delicto, vestido de brio e valor. Comtudo as do mosteiro do Salvador, como de gente mais escolhida e reformada, cahiram na razão e deixando a protervia se resignaram na mão de S. A. e de seu prelado, renunciando á liga que tinham feito com os dois mosteiros. Levantaram-se-lhes as censuras, permittiu-se-lhes a communicação e uso religioso; e toda a gente mais auctorisada ia empenhada no socego e credito das filhas, irmãs e parentas, que no dito convento professam a regra do patriarcha de S. Bento, a cujo favor se attribuiu o successo».

[1] Fr. Alexandre da Paixão—Monstruosidades do Tempo e da Fortuna.

No livro das patentes encontra-se a copia d'uma circular regia, passada em Pedrouços a 25 de julho de 1762, recommendando aos bispos que as abbadessas «de nenhum modo consintam que religiosa alguma tenha illicito tracto por conversação ou escripto com pessoa alguma secular ou ecclesiastica de qualquer qualidade ou estado que seja» tendo como penalidade «privação de véo e ração e voz activa e passiva».

*

O edificio soffreu varias reparações, sendo a principal, e talvez a ultima importante, a de 1766, mandada fazer pela abbadessa D. Sebastiana Maria, que deixou o facto assignalado n'uma inscripção do côro de cima.

E já que estou no côro, aproveitarei para mostrar, como até nas mais insignificantes cousas andava perdido, ou adulterado, o espirito dos instituidores nos mosteiros. Quer saber o leitor que musicas se tocavam no orgão durante os officios divinos? vou dizer-lh'o:

Ouverture Camilla ou Diana abandonada; (conservo as orthographias para maior authenticidade); *Bella imago del Dei, Dueto nel Opera l'Semiramide, d'Rossini.* O velho maestro concorria para o brilhantismo do culto com mais o seguinte: *L'Ingano Felice, farsa*; *Aria Idreno ou Sonhos de Nino; Cavatina di Semiramide; Atto secondo, stretta del dueto di Semiramide; Simphonia nel Opera Bianca e Falièro; Barbeiro de Sevilha.* Mas se vos admiraes, ainda vereis mais, quando vos disser que umas das peças favoritas era a... *Maria cachuxa com variações.* Imagine-se o effeito religioso d'um prégador a encaminhar-se concentrado e ajoujado de trópos, metaphoras, citações e rapé para o pulpito, e sahir-lhe do orgão, saltitante e obscena a

Maria Cachucha, com quem dormes tu?
Durmo...

O resto... que o tocassem as reverendas madres.

Havia no repertorio do orgão uma peça de grande effeito, que devia attrahir enorme concorrencia á egreja, quando fôsse préviamente annunciada; era a *Batalha do Marengo Militar e Historica por B. Viguerie,* peça brilhante que, se se não coadunava com o espirito de S. Bento ou de santa Escolastica, estava d'accordo com as tradições de *Vulturinho.*

A grande symphonia abre com uma marcha, finda a qual, em *maestoso, manda o general as tropas.* Ouve-se o primeiro tiro de peça, que o auctor indica que se faça da seguinte maneira «estendendo parte do braço entre o cotovello e a juntura da mão, assim como as duas mãos inteiramente sobre as tres oitavas em baixo, para fazer soar indistinctamente todas as notas, cujo som se sustentará até que as mesmas vibrações estejam por si mesmas extinctas». Ficam ensinadas as meninas pianistas a darem tiros de peça.

Ao commando segue-se a *chamada de cornetas*, e pum! tiro de peça. O *ataque* é um alegro, com um ♭, e no meio *o inimigo recebe reforço*, em tom de dó menor; mas eis que *o corpo mandado por Dessaix carrega o inimigo á baioneta*, em quatro sustenidos e *all° assai:* acontecendo ser *o general ferido mortalmente.* É então que o *all°*, mudando para *vivace*, e o tom para quatro bemoes, *as tropas que elle mandava abrasadas em vingar a sua morte se precipitam em furor sobre a primeira linha inimiga*, o que feito, *o inimigo se junta com a segunda linha.* Esta ultima manobra é feita em simples accordes. Mas ouvidos, deve ser como se se estivesse vendo. É então que *as duas linhas reunidas carregam a seu turno os francezes;* carga que dura uns quinze compassos, até que, mudando o tom para um simples bemol, preparado por accorde da mão esquerda, *Heleman á frente da cavalaria franceza carrega o inimigo.* Ouve-se a mão direita fazer o *golpe das espadas*, ao mesmo tempo que a mão es-

querda faz os *golpes do cavalo*. Depois de trinta compassos de pancadaria o inimigo *é obrigado a fugir e é perseguido até S. Jacques*. Começam depois as *queixas dos feridos e agonisantes;* findas as quaes, as *trombetas annunciãó a victoria* e *coup de canon!* A victoria napoleonica é celebrada com tres allegros, sendo o segundo em *genero Egipçiaco*, e o terceiro em *Paço dobrado*, pondo remate á peça um ultimo tiro.

D'onde se prova que a musica de programma é de ha muito cultivada em Braga. *Nihil sub sole novum,* nem mesmo este livro todo feito acêrca de cousas já mortas.

FIM

NOTA

Na maioria das transcripções que fiz de antigos trechos, embora conservasse a syntaxe e prosodia dos originaes, modifiquei a orthographia, attendendo á indole d'este livro que não exige nas citações uma intransigencia diplomatica.

L. d' A.

INDICE

EMENDAS

Pag.	*Lin.*	*Onde se lê*	*Leia-se*
11	25	inspirada dos gregos	inspirada da dos gregos
12	13	e seu filho	e sua filha
23	7 e 8	meandro, complicado	meandro complicado
23	17	a não ser igreja	a não ser a igreja
29	5	actas	primeiras actas
49	16	o fogueira	a fogueira
50	2	sabedores do que	sabedores de que
60	16	descesse	desce-se
60	20	dimiuição	diminuição
61	16	contando-nos	constando-nos
63	32	visto uma « ser	visto « ser uma
66	15	a bem	de bem
73	17	dos enfermos	das enfermas
122	19	em Santarem	que em Santarem
125	19	dando a caso	dando o caso
129	23	edé pocha	e da epocha
131	31	*selva escura*	*selva oscura*
142	24	Que o seculos	Que o seculo
144	27	Mas já não é o mesmo	Mas já não é este o mesmo
155	1	Estavaum a	estava uma
158	10	algum trechos	alguns trechos
168	28	de meiado o seculo	de meiado do seculo
208	22	claro alegre,	claro, alegre,
217	24	velhinhas	velinhas
218	28	da Pallestrina	de Pallestrina
229	1	durante a anno	durante o anno
237	21	foi seguindo	fui seguindo
243	2	e ao solavancos	e aos solavancos
245	13	ás tão profanadas	a tão profanadas
247	6	mas hoje o dia,	mas hoje, dia

OBRAS DO MESMO AUTHOR

Narrativas do Brazil (1876-1880), 1 vol...........	600 réis
Mil e seiscentas leguas pelo Atlantico, 1 vol ...	500 „
Os Jesuitas — O Catholicismo do seculo XVI, 1 vol.	500 „
O Catholicismo da côrte ao Sertão, 1 vol...... ..	500 „
Fim de seculo (Historias do meu tempo) 1 vol...	600 „
Dois dramas { Os lazaros — 5 actos........ ..... / Eva — 4 actos .... }	600 „
A Patria na officina — Comedia n'um acto, 1 vol.	100 „



BX 2628 Lino
.L75 d'Assumpção,
Thomaz.
Frades e freiras